



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

GABRIELA SILVA MENESES

**O JORNALISTA NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS:
IDENTIDADE, IDEOLOGIAS E NEGOCIAÇÕES**

BRASÍLIA
2019



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

GABRIELA SILVA MENESES

**O JORNALISTA NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS:
IDENTIDADE, IDEOLOGIAS E NEGOCIAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de Mestra em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira

Área de Concentração: Comunicação e Informação

Linha de pesquisa: Jornalismo e Sociedade

BRASÍLIA
2019

GABRIELA SILVA MENESES

**O JORNALISTA NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS:
IDENTIDADE, IDEOLOGIAS E NEGOCIAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de Mestra em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira
Orientador – UnB

Profa. Dra. Dione Oliveira Moura
Examinadora – UnB

Profa. Dra. Isabel Siqueira Travancas
Examinadora – UFRJ

Prof. Dr. João José Azevedo Curvello
Membro suplente – UnB

Brasília, 6 de dezembro de 2019

*À vovó (in memoriam), que sempre foi incentivo e
inspiração de coragem em todos os meus projetos de
vida, e deixou este mundo logo no início desta
minha jornada acadêmica*

AGRADECIMENTOS

A admiração pelo jornalismo e pela universidade, apesar das crises recentes que atingem a ambos, fizeram-me chegar até aqui. Esse encantamento não diz respeito a um sentimento acrítico pela imagem daquilo que o jornalismo e a universidade representam na nossa sociedade. Tem relação com as interações que fui construindo com as pessoas ao longo desse tempo de experiência em ambos os espaços, desde quando era estudante de graduação, passando pelo trabalho em redação de jornal até a chegada ao setor de comunicação de uma universidade como concursada, e agora como estudante novamente em uma pós-graduação. É interessante perceber o quanto a interação com jornalistas, com outros profissionais que atuam nas universidades, com professores, com pesquisadores e com estudantes, apesar de todos os conflitos de diversas ordens próprios desses espaços, fizeram-me olhar de uma forma diferente para o mundo. E, considero eu, uma maneira melhor, mais humanizada, mais sensível, mais cheia de conhecimento e mais atenta às necessidades e à realidade do outro, que não necessariamente são iguais as minhas, e aos grandes problemas que atingem a humanidade.

Durante quase 20 meses dedicados a esta pesquisa, jornalismo e universidade se imbricaram neste caminho percorrido por mim, que foi árduo, constantemente desafiador, e, não posso esquecer de dizer, prazeroso também. Foi um trabalho árduo compreender o percurso de uma pesquisa acadêmica qualitativa, dedicar-me a leituras que foram me familiarizando com uma abordagem teórico-metodológica completamente nova para mim e fazer as escolhas necessárias para o andamento do trabalho. Foi desafiante desenvolver um estudo deixando de lado os pressupostos essencialistas que eu tinha da prática do jornalismo na universidade, embalado por uma conjuntura política brasileira de ataque às universidades e às boas práticas do fazer jornalístico. Apesar de tudo isso, posso dizer que esses meses foram extremamente prazerosos, de muitas leituras, novos conhecimentos, uma infinidade de páginas escritas e revisadas, pesquisa de campo, entrevistas e tantas outras incontáveis vivências que eu não seria possível descrever aqui.

Todo esse percurso também foi atravessado pelos bons encontros da vida. E, agora, com esta jornada chegando ao fim, chegou o momento de agradecer. Primeiramente, aqueles que tiveram relação mais acadêmica com o andamento deste trabalho.

Agradeço a todos os colegas jornalistas que trabalham nas universidades espalhadas pelo Brasil, em especial aqueles com quem eu tive contato durante esta pesquisa. Graças à participação de vocês, este estudo foi possível. Obrigada pela disponibilidade, pela paciência, pela atenção, pelo pronto atendimento, pelos diálogos e por compartilharem comigo e com a ciência um pouco da vivência diária de vocês nas instituições.

Esta pesquisa também não teria sido exequível sem as intervenções do meu orientador, Fábio Pereira, que se manteve presente e atento durante todo o andamento do trabalho. Obrigada pelas orientações, presenciais, via e-mail, Skype ou telefone; pelas sugestões de leituras que foram fundamentais para me apresentar a uma nova proposta teórica-metodológica; por me guiar na pesquisa de campo e nas entrevistas; por todo árduo e paciente trabalho de corrigir capítulo por capítulo; pelas dicas fundamentais sobre método indutivo e pesquisa qualitativa; pela firmeza e honestidade com que conduziu todo o processo. Obrigada, principalmente, por acreditar na minha proposta de estudo desde o início, quando eu mesma queria cansar e achar que não seria possível, e por me iniciar neste universo da investigação científica, contribuindo sobremaneira para minha formação como pesquisadora.

Agradeço também ao Fábio por outras vivências do mestrado, que não tiveram necessariamente relação com a pesquisa, como a participação em disciplinas ministradas por ele, oportunidade em que aprendi muito, e por me acolher como aluna de Ensino Orientado. Obrigada pela disposição e paciência em apresentar para mim toda a preparação de um semestre letivo e por tornar possível a minha experiência de dar aulas na graduação.

Agradeço às professoras Dione Moura e Isabel Travancas e ao professor Curvello por gentilmente aceitarem o convite de participar da minha banca de defesa. Sou grata pela paciência em ler todo o trabalho desenvolvido, num período próximo ao fim do semestre, geralmente tão cheio de atividades e obrigações. Um agradecimento especial a Isabel Travancas que mora no Rio de Janeiro e se dispôs a viajar para ministrar um curso de Etnografia para os estudantes e também participar presencialmente da banca. Sou grata também às pesquisadoras Liziane Guazina, Zélia Adghirni e Graça Monteiro por atenderem prontamente o pedido de participação na banca de qualificação e pelas orientações repassadas a mim naquele momento, que foram úteis no andamento do trabalho. Obrigada também às servidoras do Programa de Pós-Graduação em

Comunicação da UnB, Regina Oliveira e Carolina Calmon, pelas informações prestadas ao longo do mestrado e por conduzirem todos os processos burocráticos (qualificação, defesa e compensação de créditos) necessários à conclusão do curso.

Agradeço ainda ao professor de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), Ivan Satuf, por ter lido o primeiro projeto que enviei para concorrer à vaga no mestrado e feito correções e sugestões. Obrigada à colega de trabalho Geórgia Sousa, que me ajudou com a confecção de tabelas para a primeira versão do projeto, ainda no período da seleção.

Nesse caminho, outras pessoas contribuíram, de forma menos acadêmica, mas não menos importante, para a conclusão deste projeto. Agradeço, de forma especial, ao meu companheiro, Ivânio Azevedo. Como também é professor e pesquisador, acolheu este meu momento com toda paciência e compreensão. Obrigada por ter acompanhado de perto cada fase do estudo; por sempre acreditar em mim; pela parceria “acadêmica” - enquanto eu leio ou escrevo, você lê ou desenvolve suas pesquisas perto de mim e, ao mesmo tempo, me faz companhia -; pelo carinho, pelos sorrisos e pelo incentivo, entre uma leitura e outra, entre uma página e outra; e por ter encarado mudanças geográficas temporárias junto comigo, no decorrer do mestrado. Agradeço por ter me acalmado e me dado forças nos momentos de desânimo, ansiedade e preocupação. E também por comemorar comigo cada conquista deste caminho. Você se mostrou um companheiro admirável.

Sou grata ao meu pai, Cláudio Meneses, e à minha mãe, Margareth Meneses, por me ensinarem, desde cedo, que o estudo e o conhecimento são libertadores e capazes de transformar minha vida em vários aspectos; por se esforçarem para nunca deixar faltar amor e educação no nosso lar, apesar de todas as dificuldades de uma vida dedicada à criação de três filhas, sem tantas condições materiais; por me fazerem acreditar que eu sou capaz de dar um passo adiante e seguir em frente, mesmo que o caminho pareça adverso. Obrigada, em especial, à minha mãe pelo incentivo e pelo cuidado no decorrer desta pesquisa demonstrado em ligações, orações, visitas regadas à boa comida e palavras de apoio e carinho.

Agradeço a minhas irmãs, Érica Meneses e Bruna Meneses, pelo incentivo; pela companhia, apesar da distância geográfica; pelo carinho e pela torcida de sempre. A força, a determinação e a garra que vocês têm para enfrentar os desafios da vida me inspiraram muito durante todo esse processo.

Durante o tempo que vivi em Brasília, a vida foi bastante generosa comigo. Estive rodeada de pessoas que tornaram todo esse caminho mais alegre e cheio de sorrisos. Bia, Nana, Júlia, Luzo e Vicente, a experiência da pós-graduação não teria sido a mesma sem vocês na turma de 2018.1. Nossos cantinhos em Brasília, as noites sem fim, as discussões e ajudas acadêmicas pelo WhatsApp, as brigas, as experiências gastronômicas, a Copa do Mundo, as Eleições, as manifestações, a viagem para o Intercom, a companhia nos momentos de solidão, a ajuda na hora da necessidade, os encontros com tantas pessoas que passaram pelas nossas vidas, uma gravidez, uma bebê linda e um casamento... Foram tantas e intensas experiências que não seria possível descrever aqui. Meu muito obrigada aos cinco por tudo isso! Levo vocês e essas lembranças no meu coração. A gente se encontra mundo afora.

Agradeço também a outra colega da turma 2018.1 que se tornou uma amiga querida: Bruna Mastrella. Obrigada por dividir as alegrias das novas descobertas acadêmicas, as angústias da pesquisa, o mesmo orientador, uma viagem para a Chapada dos Veadeiros e um artigo na SBPJor. Agradeço também a companhia e os bons papos em todos os momentos que você esteve em Brasília e por todo apoio e incentivo mesmo a distância. Obrigada também aos demais colegas da turma 2018.1, especialmente aqueles da linha de Jornalismo e Sociedade, que compartilharam a maior parte das disciplinas comigo. Um agradecimento especial para Raylton, Mara e Guilherme Strozi, que sempre estiveram disponíveis para me ajudar com dicas acadêmicas ou com informações sobre a UnB.

Sou grata a todas as amigas que me receberam em Brasília, em especial a Larissa Lima, que foi minha companheira de redação no Ceará. Obrigada, Larissa, por abrir o seu lar para me receber durante a seleção e os primeiros dias de aula no mestrado e pela ótima recepção do Cristiano e do Oliver, em todo os momentos que precisei. Obrigada por todo apoio, por todo incentivo, pelas boas conversas de sempre. Agradeço também a companhia e o apoio das cearenses que tornaram Brasília mais familiar para mim: Helena, Cleisyane, Cris, Camila e Sarah. Mulheres fortes e inteligentes que muito me inspiraram nesse processo. Não poderia deixar de agradecer também à querida Laura, mexicana, que em uma rápida passagem pela UnB, tornou-se tão brasileira quanto todos nós. Obrigada pelos papos acadêmicos e pela boa amizade que construímos em Brasília.

Agradeço o apoio e a acolhida de outros dois cearenses que fizeram de Brasília um lugar mais familiar para mim: Giovanni Beviláqua e Evaldo Sampaio.

Agradeço ainda ao amigo Celestino, pela amizade, pela torcida, pelo incentivo e pelo apoio. O mestrado ainda nem acabou e ele já me desafia a enfrentar o doutorado. Obrigada também aos amigos Ericsson Coriolano e Patrick Almeida, pelo apoio e pela torcida à época da seleção. Obrigada por vibrarem comigo a cada fase aprovada.

Agradeço aos colegas da Diretoria de Comunicação (DCOM) da UFCA, pela paciência no período em que estive afastada.

Sou grata a todos os demais amigos e familiares que, de forma direta ou indireta, torceram, apoiaram e incentivaram este projeto. Agradeço, enfim, à Força Divina que me mantém viva, ilumina os meus passos e os meus pensamentos e nunca me deixa sozinha.

Depois de todo esse processo e pensando na conclusão deste trabalho, sinto que comecei a trilhar um novo caminho que, espero eu, possa prosseguir nos próximos anos: a carreira de pesquisadora. No momento, quero ter um bom descanso das leituras de artigos, dissertações, teses e livros acadêmicos e da escrita da dissertação. Que essa pausa, no entanto, seja breve e revigorante para que eu reflita sobre todo o trabalho desempenhado aqui e retorne à pesquisa com novos projetos de investigação.

RESUMO

A proposta desta pesquisa é analisar a construção da identidade dos jornalistas que atuam nas universidades públicas federais brasileiras. Com base nos pressupostos teóricos do interacionismo simbólico, este estudo recorreu ao método indutivo e à metodologia etnográfica para descrever o processo de autodefinição identitária desses jornalistas; identificar as ideologias presentes na atuação; analisar o processo de negociação identitária desse profissional com o conjunto de atores sociais com os quais ele interage; e compreender o processo de segmentação do grupo profissional. Para gerar os dados necessários, optou-se por realizar uma observação de campo em uma universidade; fazer dez entrevistas com jornalistas de todas as regiões do país; e, também, analisar os documentos referentes à comunicação das universidades onde trabalham os entrevistados. As informações geradas foram interpretadas a partir de quatro categorias de análise: Identificação, Práticas, Ideologias e Interações. Com a análise dos dados, à luz do interacionismo simbólico, foi possível inferir que os jornalistas se identificam com mais recorrência ao estatuto de jornalista, apesar do estatuto de servidor público também se fazer presente em alguns casos. Esses profissionais, durante o cotidiano de trabalho, relacionam-se com outros jornalistas, servidores técnico-administrativos e terceirizados, professores e pesquisadores, estagiários e com os gestores e a Reitoria, negociando a identidade de formas diferentes com cada um desses grupos. Por fim, foram identificados seis segmentos que compõem o grupo profissional dos jornalistas das universidades federais: repórter/editor, assessor de imprensa, divulgador da ciência, gestor/administrador, relações públicas e comunicador público. Dessa forma, concluiu-se que os jornalistas que atuam nas universidades, apesar da mesma identidade formal e do mesmo objetivo de trabalho, possuem identidades plurais, que convivem e se entrelaçam dentro de um mesmo grupo profissional.

Palavras-chave: Jornalistas. Universidade. Interacionismo simbólico. Identidade. Segmentos.

ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the identity construction of journalists that work in Brazilian federal public universities. Based on the symbolic interactionism, this study used the inductive reasoning and ethnographic methodology to describe the process of identity self-definition of these journalists, aiming to identify the ideologies existing in the professional performance, analyze the process of identity negotiation of this professional with the social actors with whom interacts, and understand the process of segmentation of the professional group. To generate the data, a participatory observation was performed in a university; ten interviews with journalists from all regions of Brazil were conducted; and also documents about communication from the universities where the interviewed work were analyzed. The information generated was interpreted within four categories of analysis: Identification, Practices, Ideologies and Interactions. With this analysis, it was possible to infer that journalists identify themselves more often with journalist status, although public servant status is also present in some cases. These professionals, during their daily work, interact with other journalists, public servants and outsourced, professors and research scientists, trainees and university managers, negotiating their identity in different ways with each of these groups. Finally, six segments that constitute the professional group of journalists from Brazilian federal universities were identified: reporter/editor, press officer, science disseminator, manager/administrator, public relations and public communicator. Thus, it concludes that journalists that work in universities, despite the same formal identity and the same work goals, have plural identities, which coexist and intertwine within the same professional group.

Keywords: Journalists. University. Symbolic interactionism. Identity. Segments.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Distribuição dos jornalistas por região do País	36
Gráfico 2 - Quantidade de jornalistas por estado (mais DF)	36
Gráfico 3 - Distribuição dos jornalistas por gênero.....	39
Gráfico 4 - Distribuição dos jornalistas por faixa etária.....	39
Gráfico 5 - Distribuição dos jornalistas por faixa etária.....	40
Quadro 1 - Quantidade de jornalistas por universidade	37
Quadro 2 - Perfil dos entrevistados	62
Quadro 3 - Entrevistado, data de realização da entrevista, duração da conversa	67
Quadro 4 - Entrevistados e identificação com os estatutos	121
Quadro 5 - Jornalistas das universidades e os respectivos segmentos	164
Figura 1 - Setores visitados na observação de campo	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Andifes	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
Cogecom	Colégio de Gestores de Comunicação das Universidades Federais
FENAJ	Federação Nacional dos Jornalistas
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
Reuni	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unipampa	Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	A COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS NO BRASIL.....	22
2.1	PRINCIPAIS OBJETOS E ABORDAGENS DAS PESQUISAS SOBRE COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS	22
2.2	PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DAS PESQUISAS SOBRE COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS	24
2.2.1	Comunicação como apoio para o Ensino e/ou Extensão e/ou Pesquisa	25
2.2.2	Divulgação Científica.....	26
2.2.3	Comunicação Pública	27
2.2.4	Comunicação Organizacional/Institucional	28
2.3	PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA SOBRE COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS	30
2.4	A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS	31
2.5	O JORNALISTA NA COMUNICAÇÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS .	33
2.6	CONSIDERAÇÕES	41
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	42
3.1	ESCOLA DE CHICAGO E INTERACIONISMO SIMBÓLICO.....	42
3.2	IDENTIDADE E INTERAÇÃO.....	46
3.3	NEGOCIAÇÃO IDENTITÁRIA	48
4	PERCURSO METODOLÓGICO	52
4.1	AS ESCOLHAS DO CAMINHO METODOLÓGICO	52
4.2	PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DO CORPUS E TÉCNICAS DE GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	56
4.2.1	Observação de campo.....	56
<i>4.2.1.1</i>	<i>Coleta de dados na observação de campo</i>	<i>59</i>
4.2.2	Entrevistas semiestruturadas em profundidade.....	60
<i>4.2.2.1</i>	<i>Geração de dados nas entrevistas.....</i>	<i>63</i>
4.2.3	Documentos das universidades.....	68
<i>4.2.3.1</i>	<i>Coleta de dados nos documentos das universidades.....</i>	<i>69</i>

4.2.4	Técnicas de codagem e análise dos dados	71
4.3	CONSIDERAÇÕES	72
5	O COTIDIANO DOS JORNALISTAS EM UMA UNIVERSIDADE.....	75
5.1	DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	75
5.2	ROTINA DOS JORNALISTAS	82
5.2.1	Assessoria de comunicação	82
5.2.2	TV	87
5.2.3	Rádio	90
5.2.4	Marketing	95
5.2.5	Pró-reitoria	97
5.3	CONSIDERAÇÕES	99
6	AUTOIDENTIFICAÇÃO DOS JORNALISTAS DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS	101
6.1	BREVES RELATOS DE CARREIRAS	101
6.2	SER JORNALISTA: O ESTATUTO PREDOMINANTE.....	106
6.3	A AUTOIDENTIFICAÇÃO COM O ESTATUTO DE SERVIDOR PÚBLICO.....	113
6.4	CONSIDERAÇÕES	119
7	O JORNALISTA E AS NEGOCIAÇÕES DE IDENTIDADE NO COTIDIANO DE TRABALHO	124
7.1	IDENTIDADE SITUACIONAL E PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS PELOS JORNALISTAS NA UNIVERSIDADE.....	124
7.2	AS NEGOCIAÇÕES DOS JORNALISTAS COM OUTROS JORNALISTAS	126
7.3	AS NEGOCIAÇÕES DOS JORNALISTAS COM OUTROS ATORES SOCIAIS.....	132
7.3.1	Servidores técnico-administrativos e terceirizados	133
7.3.2	Estudantes estagiários	136
7.3.3	Professores e pesquisadores	138
7.3.4	Reitoria e gestores da universidade.....	141
7.4	CONSIDERAÇÕES	143
8	SEGMENTOS DOS JORNALISTAS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS	146
8.1	SEGMENTOS PROFISSIONAIS E O GRUPO DE JORNALISTAS DAS UNIVERSIDADES	146
8.2	SEGMENTOS: IDEOLOGIAS, TAREFAS E INTERAÇÕES	150
8.2.1	Repórter e editor	150

8.2.2	Assessor de imprensa.....	153
8.2.3	Divulgador da ciência.....	155
8.2.4	Gestor e administrador	157
8.2.5	Relações-públicas.....	159
8.2.6	Comunicador público	161
8.3	APROXIMAÇÕES, AFASTAMENTOS E COMPLEMENTARIDADES ENTRE OS SEGMENTOS	163
8.4	CONSIDERAÇÕES	168
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
	REFERÊNCIAS.....	179
	APÊNDICE A – ENTREVISTA 1.....	185
	APÊNDICE B – ENTREVISTA 2	199
	APÊNDICE C - ENTREVISTA 3.....	213
	APÊNDICE D - ENTREVISTA 4.....	232
	APÊNDICE E - ENTREVISTA 5.....	249
	APÊNDICE F - ENTREVISTA 6	273
	APÊNDICE G - ENTREVISTA 7	287
	APÊNDICE H - ENTREVISTA 8	306
	APÊNDICE I - ENTREVISTA 9	317
	APÊNDICE J - ENTREVISTA 10	331

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se dedica a estudar a construção da identidade dos jornalistas que atuam em estruturas de comunicação e jornalismo em universidades federais brasileiras. Esses profissionais, ingressaram nas instituições públicas de ensino, a partir de um movimento de migração dos jornalistas das redações de rádio, TV e jornal e inserção em órgãos públicos, sindicatos ou empresas, ocorrido no Brasil, principalmente após a redemocratização nos anos 1980 (SANT'ANNA, 2006). Nas universidades, passaram a ter atribuições diversas, a conviver com diferentes valores e princípios na maneira de atuar no dia a dia e a interagir com uma variedade de atores sociais, que diferiam de outros ambientes onde o jornalista já estava inserido.

Nesse processo, as estruturas de comunicação das universidades organizaram-se com os jornalistas e outros servidores com formação em diferentes áreas da comunicação. Foram então criadas assessorias de comunicação, rádios e TV universitárias, que, administrativamente, estão ligadas a setores de comunicação, pró-reitorias ou constituem-se órgãos independentes. Atualmente, essas instâncias de comunicação das universidades, conforme será visto no decorrer desta pesquisa, desenvolvem atividades que vão desde a produção de reportagens sobre a universidade para o portal, passando pelo assessoramento de gestores, a divulgação de pesquisas e a gestão da comunicação, até ações de relacionamento com os públicos e veiculação de notícias diversas sobre temas atuais.

Dessa forma, os jornalistas estão inseridos em um contexto de diversidade e multiplicidade de espaços ocupados e tarefas realizadas dentro da universidade, levando a um cenário de interações entre si e com diferentes atores sociais e de expansão das fronteiras profissionais do jornalismo. Além disso, no ambiente universitário, por conta dessa diversidade, o jornalista trabalha sob influência não somente da chamada ideologia do jornalismo, mas também está atravessado de princípios e valores originários de outros espaços, como o serviço público e a academia. Esse conjunto de fatores gera mudanças de posicionamentos, atitudes e comportamentos, provocando implicações na configuração da identidade profissional deste grupo. É importante ressaltar que o termo ideologia utilizado neste estudo está relacionado ao conjunto de valores, estratégias e códigos formais de uma determinada área.

Diante desse cenário, e na tentativa de refletir sobre a identidade dos jornalistas que trabalham nas universidades públicas federais brasileiras, a presente pesquisa tem como perguntas norteadoras os seguintes questionamentos: *Como os jornalistas que atuam em atividades de jornalismo e comunicação nas universidades federais se definem? De que forma os jornalistas negociam a própria identidade, em interação com atores sociais diversos? De que maneira os jornalistas se organizam e se constituem como um grupo profissional, diante de um cenário plural de atividades desempenhadas, diferentes ideologias e interações diversas?* Essas questões levam ao objetivo principal desta pesquisa que é analisar a construção da identidade dos jornalistas que atuam nas universidades públicas federais. Esse objetivo central conduz aos seguintes objetivos específicos: descrever o processo de autodefinição identitária desses jornalistas nas interações com a pesquisadora; identificar as ideologias presentes na atuação do jornalista na universidade; analisar o processo de negociação identitária desse profissional com o conjunto de atores com os quais ele interage durante o seu dia a dia; e, finalmente, analisar o processo de segmentação do grupo profissional, a partir das articulações entre ideologia, tarefas e estatutos negociados no cotidiano das universidades.

Para realizar este trabalho, foi escolhida uma abordagem qualitativa, com enfoque indutivo, e base teórica do interacionismo simbólico. O estudo qualitativo foi a opção, devido ao caráter pessoal do trabalho (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008). A partir deste momento, nesta introdução, escreverei em primeira pessoa em alguns momentos, a fim de explicar melhor a minha inserção na pesquisa. Como trabalho no cargo de jornalista em uma universidade pública federal, a definição do meu objeto passou por inquietações e questionamentos surgidas no meu ambiente de trabalho e nos conflitos apresentados em conversas com outros colegas que exercem a mesma profissão. O enfoque indutivo se explica pela natureza da pesquisa de ser descritiva e partir de uma situação particular ainda pouco estudada. A perspectiva do interacionismo simbólico, desenvolvida na Escola de Chicago, tornou-se uma opção teórico-metodológica por abordar estudos de identidade, a partir das interações, e já possuir pesquisas consolidadas sobre identidade profissional.

Os estudos qualitativos, a depender das técnicas escolhidas, podem ser de diferentes tipos, mas caracteristicamente seguem a tendência multimetodológica, ou seja, possuem uma grande variedade de procedimento e instrumentos de geração de dados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). Para o presente trabalho, escolhi a metodologia etnográfica. Devido a essa opção, foram utilizadas as seguintes técnicas de

geração de dados: observação de campo em uma universidade pública federal, realização de dez entrevistas semiestruturadas em profundidade com profissionais jornalistas de universidades localizadas nas cinco regiões do Brasil e análise dos documentos que abordam formalmente as atribuições dos jornalistas, como editais, políticas de comunicação ou regimento interno dos setores.

A escolha pelo tema pode ser explicada a partir de três perspectivas: contribuições para estudos sobre comunicação nas universidades, contribuições para estudos de jornalismo com caráter menos funcionalista e motivações pessoais. As pesquisas sobre comunicação nas universidades (ver capítulo 2) têm uma predominância das investigações sobre rádios, webrádios, TVs universitárias e produção dos profissionais e/ou dos setores de comunicação das universidades. Em relação ao viés teórico-metodológico, existe um domínio dos estudos que situam a comunicação no campo da comunicação organizacional/institucional ou como instrumento de apoio para as atividades de pesquisa, ensino e/ou extensão.

No levantamento feito, nenhuma pesquisa abordou questões de negociação da identidade dos profissionais jornalistas (ou mesmo os demais profissionais da comunicação) que atuam com comunicação nas universidades. Esta investigação, ao lançar esse olhar para o profissional, pretende contribuir com uma reflexão sobre o fazer jornalístico e a comunicação universitária. A partir de um viés voltado para a sociologia das profissões, este estudo também tem a intenção de trazer contribuições para o paradigma contra-hegemônico das pesquisas em jornalismo, o sociocêntrico (MOTTA, 2005). Pesquisas mais construtivista do jornalismo (TRAQUINA, 2001), que fogem dos padrões funcionalistas que consideram a profissão como algo mais homogêneo e com um tipo ideal, apontam possibilidades outras de estudar a profissão que não sejam tão direcionadas ao caráter essencialista da atividade.

Compreendo que as motivações pessoais também devem estar aqui registradas, já que estão relacionadas à construção do conhecimento científico e não completamente dissociadas, como se fosse um gosto pessoal que nada tem a ver com a ciência. A pesquisa partiu de uma observação do senso comum da minha rotina de trabalho, a partir da minha experiência inicialmente em uma TV universitária, em uma universidade no estado do Maranhão e, em seguida, no setor de comunicação de uma universidade localizada no Ceará. É o senso comum que permite aos estudiosos se interessarem por situações banais que fazem efetivamente parte do cotidiano das pessoas e refletirem sobre sistemas teóricos que não sejam tão abstratos (MAFFESOLI, 1998). Isso não quer dizer que o

intelecto seja desprezado, mas que, ao considerar o senso comum, os estudiosos estão atentando para o aspecto empírico e concreto da existência, “[...] de uma vida complexa tal como ela é e não tal como ‘deveria ser’” (MAFFESOLI, 1998, p. 255).

Após essas considerações, segue a apresentação do presente estudo.

O capítulo 2 inicia com uma revisão bibliográfica das pesquisas publicadas nos principais periódicos científicos da área sobre a comunicação nas universidades. O objetivo foi, a partir disso, mostrar tendências e perspectivas no cenário nacional das investigações que relacionam comunicação e a universidade, a fim de situar o presente estudo no campo de pesquisa em que está inserido. Nessa parte, o capítulo define alguns conceitos sobre o tema e contribui para situar e delimitar melhor o objeto de análise. Em seguida, o objeto é situado no cenário da atuação profissional, com a apresentação de dados sobre a comunicação nas universidades, apontando funções e profissionais envolvidos. Detalha numericamente quem são e onde estão os jornalistas dessas instituições federais de ensino, com base nos dados do diagnóstico produzido em 2018 pelo Colégio de Gestores de Comunicação (Cogecom), da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), e do Painel Estatístico de Pessoal (dados de dezembro de 2018), do então Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, que passou a fazer parte do Ministério da Economia como uma secretaria a partir de 2019.

O capítulo 3 traz a base teórica que orienta a pesquisa. Aborda a perspectiva do interacionismo simbólico, focando conceitos relacionados à identidade, interação e negociação. Inicia o capítulo tratando sobre a Escola de Chicago e o desenvolvimento do interacionismo simbólico. Em seguida, discute a relação entre identidade e interação, a partir de Strauss (1999) e Goffman (2014). Conclui abordando questões de negociação identitária nos grupos profissionais. Já o capítulo 4 organiza o percurso metodológico seguido nesta investigação. Explica a definição do corpus, feita com base nos dados disponibilizados pelo Painel Estatístico de Pessoal, do Governo Federal. Descreve a escolha por uma abordagem metodológica etnográfica, com uso de observação de campo, entrevistas semiestruturadas em profundidade e análise de documentos. Além disso, detalha as técnicas utilizadas para interpretação dos dados gerados.

Os próximos capítulos dedicam-se à análise deste estudo. O capítulo 5 descreve a observação de campo, realizada entre 10 de abril de 2019 a 10 de maio de 2019. Também traz detalhes da rotina jornalística dos diferentes espaços observados, com as primeiras interpretações de algumas situações. O capítulo 6, a partir dos dados gerados nas

entrevistas semiestruturadas realizadas com dez jornalistas de diferentes universidades, de todas as regiões brasileiras, aborda a autodefinição do jornalista que trabalha nas universidades federais na interação com a pesquisadora. Também aponta questões sobre a relação entre identidade e pertencimento a grupos e o movimento entre os estatutos. O capítulo 7 apresenta os atores sociais com os quais o jornalista convive no cotidiano de trabalho e descreve situações de negociações de identidade que ocorrem no dia a dia. Aborda ainda questões sobre identidade situacional e papéis sociais.

Por fim, o capítulo 8 mostra o processo de segmentação que ocorre entre jornalistas das universidades federais. Os seis segmentos que compõem o grupo profissional foram identificados a partir da observação de campo, das entrevistas e da leitura dos documentos, juntamente com as articulações feitas sobre autoidentificação dos jornalistas e papéis sociais representados nos capítulos anteriores. Cada um desses subgrupos compartilha uma ideologia, desempenha tarefas diferentes e possui formas diversas de negociar a identidade. O capítulo apresenta essa articulação entre esses três operadores de análise, além de abordar os movimentos de afastamento, complementaridade e aproximação desses segmentos. As discussões nesta seção refletem também sobre a inserção da pesquisa no fenômeno identitário no jornalismo brasileiro, sobre a arena na qual os jornalistas negociam diariamente: a comunicação universitária e sobre a contribuição do estudo para as investigações em jornalismo e comunicação na universidade.

Aqui inicia-se, então, esse percurso.

2 A COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS NO BRASIL

O presente capítulo, na primeira parte, traz uma revisão bibliográfica de estudos divulgados nas principais revistas científicas da área sobre a comunicação nas universidades. São artigos sobre comunicação e universidade, publicados ao longo dos últimos 18 anos, em periódicos brasileiros classificadas nos principais estratos (A1, A2, B1 e B2) do Qualis-CAPES (quadriênio 2013-2016), na área de Comunicação e Informação. O objetivo é apresentar tendências e perspectivas no cenário nacional das investigações que relacionam comunicação e universidade, a fim de mostrar o campo de pesquisa em que o presente estudo está inserido.

Em um segundo momento, o capítulo situa o objeto deste estudo no cenário da atuação profissional, ao apresentar dados sobre a comunicação nas universidades, apontando funções e profissionais envolvidos. Detalha numericamente quem são e onde estão os jornalistas dessas instituições federais de ensino. Para isso, utilizou como base os dados do diagnóstico produzido em 2018 pelo Colégio de Gestores de Comunicação (Cogecom), da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), e do Painel Estatístico de Pessoal (dados de dezembro de 2018), do então Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, que passou a fazer parte do Ministério da Economia como uma secretaria a partir de 2019.

2.1 PRINCIPAIS OBJETOS E ABORDAGENS DAS PESQUISAS SOBRE COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

As pesquisas sobre comunicação nas universidades públicas, em geral, não possuem uma linha teórica ou metodológica que unifique as discussões. São temas diversos e plurais, com os mais diferentes direcionamentos teórico-metodológicos e os mais diversos objetos de estudo e abordagens. A maior parte dos estudos selecionados analisam as rádios, as TVs e as webrádios universitárias (AVELAR; LOPEZ; SILVA, 2016; BOARATTI; SIGNATES, 2001; COLVERO; COMASSETTO; RHODEN, 2016; VOISIN, 2001; ZUCULOTO et al., 2017). A pesquisa de Voisin (2001) estuda os veículos de comunicação como ferramentas para viabilizar ações de extensão universitária. Por sua vez, Colvero, Comassetto e Rhoden (2016) têm como objeto o

projeto de implantação da Rede Educativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), analisando a iniciativa da universidade gaúcha e refletindo sobre o ideal de comunicação educativa em uma rádio universitária.

Boaratti e Signates (2001) desenvolvem pesquisa sobre a rádio universitária de Goiânia, suas particularidades históricas, seu funcionamento, além dos conflitos e contradições vividos pelos sujeitos envolvidos na rotina do veículo. Avelar, Lopez e Silva (2016) estudam as webrádios de universidades federais que possuem curso de Jornalismo e se localizam na região Sul do Brasil, a partir do levantamento histórico e de funcionamento das emissoras e a relação disso com a atuação nos cursos. Zucoloto et al. (2017) escolheu o projeto de extensão Rádio Ponto UFSC (da Universidade Federal de Santa Catarina) como objeto, analisando a atuação do veículo de comunicação no ensino, na pesquisa e na extensão.

Os estudos têm em comum, além do objeto escolhido, a inserção das rádios e das TVs universitárias em uma discussão mais ampla sobre o papel desses veículos no suporte a atividades de ensino, a pesquisa e a extensão na universidade. No entanto, enquanto Colvero, Comassetto e Rhoden (2016), Boaratti e Signates (2001), Avelar, Lopez e Silva (2016) e Zucoloto et al. (2017) fazem essa discussão, partindo de objetos empíricos bem específicos e delimitados - uma rádio específica ou um grupo de rádios de uma região, Voisin (2001) discute a função dos meios de comunicação nas universidades, por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre extensão universitária, sem estudo empírico. Os três estudos apresentam abordagens mais históricas, teóricas e reflexivas, não fazendo análises de práticas, rotinas ou conteúdos.

Outras pesquisas têm como objeto as produções dos profissionais de comunicação e/ou setores de comunicação nas instituições e ensino superior (CARMO; PESSONI, 2016; CRUZ, 2007; VICENTE; VERSUTI, 2015). Cruz (2007) trabalhou com a implementação e a reestruturação do jornal institucional de uma universidade no Rio Grande do Sul. Vicente e Versuti (2015) estudaram a *fanpage* da Rádio Unesp FM (da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), a partir de análise das publicações. Carmo e Pessoni (2016) discutem a presença de divulgação científica, a partir da análise dos sites de três universidades do grande ABC Paulista. As pesquisas de Cruz (2007) e Vicente e Versuti (2015) se aproximam na medida em que estudam produtos feitos diretamente por profissionais de comunicação. No entanto, o primeiro é mais voltado aos estudos das práticas profissionais, enquanto o segundo foca na análise do conteúdo. Já o estudo de Carmo e Pessoni (2016) leva em consideração ações

organizadas também por outros setores das universidades que atuam com divulgação científica.

O estudo de Mafra (2016) traz como objeto uma discussão acerca da comunicação pública da ciência nas instituições científicas e a relação com a comunicação organizacional. Tem uma abordagem mais teórica e reflexiva, sem pesquisa empírica, assim como o texto de Voisin (2001). Constatou-se também um estudo que se diferencia dos demais, por abordar comunicação e universidade a partir de publicações externas (ROCHA, 2006). Rocha (2006) tem como objeto os discursos apresentados sobre a universidade em suplementos jornalísticos de jornais da região Sul do Brasil, que abordam temáticas em que a universidade ou algum de seus atores são personagens principais. A pesquisa foca no conteúdo das publicações.

A partir da análise dos objetos e abordagens das pesquisas sobre comunicação e universidades, foi possível identificar a presença de objetos empíricos e teóricos, com uma tendência maior para as pesquisas empíricas. Uma das possíveis explicações para isso pode ser o caráter prático da atuação das diferentes áreas da comunicação. No grupo de objetos de pesquisa empíricos estão os estudos mais voltados às práticas profissionais, os de caráter histórico e os estudos que analisam o conteúdo das produções. Entre os objetos teóricos, os trabalhos analisados apresentam pesquisas bibliográficas, com reflexões sobre a temática em questão. Nenhum dos artigos estudados escolheu como objeto de estudos os profissionais que atuam nos setores de comunicação, sejam jornalistas, relações públicas, publicitários, entre outros.

Os objetos também apontam para duas grandes tendências nos estudos de comunicação nas universidades: o estudo da comunicação como atividade desenvolvida em uma instituição pública de pesquisa por profissionais contratados para este fim e o estudo da comunicação como parte do ensino-aprendizado dos estudantes. Essas tendências também podem ser observadas na análise das perspectivas teórico-metodológica dos estudos. É o que será apresentado a seguir.

2.2 PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DAS PESQUISAS SOBRE COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Na análise das perspectivas teórico-metodológicas mais utilizadas nas pesquisas sobre comunicação nas universidades públicas foram identificadas quatro áreas de predominância dos estudos. Uma que está relacionada à tendência de entender a

comunicação como parte do processo de ensino-aprendizado dos estudantes universitários, ou seja, a comunicação como apoio ao Ensino e/ou Extensão e/ou Pesquisa (AVELAR, LOPEZ E SILVA, 2016; VOISIN, 2001; ZUCOLOTO et al., 2017) e outras três relacionadas à tendência do estudo da comunicação como atividade desenvolvida em uma instituição pública de pesquisa por profissionais contratados para finalidades específicas: a divulgação científica (CARMO; PESSONI, 2016), a comunicação pública (BOARATTI; SIGNATES, 2001) e a comunicação organizacional/institucional (COLVERO; COMASSETTO; RHODEN, 2016; CRUZ, 2007; MAFRA, 2016; ROCHA, 2006; VICENTE; VERSUTI, 2015).

Cada uma das perspectivas será detalhada a seguir.

2.2.1 Comunicação como apoio para o Ensino e/ou Extensão e/ou Pesquisa

As universidades públicas federais brasileiras estão alicerçadas no princípio da indissociabilidade do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, de acordo com o art. 207 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988). Portanto, as atividades nessas instituições têm como objetivo desenvolver esse tripé, até mesmo aquelas atividades mais direcionadas às práticas administrativas precisam trabalhar para o cumprimento do princípio constitucional. Conseqüentemente, as práticas de comunicação podem servir de apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão, conforme apontam as pesquisas de Voisin (2001), Avelar, Lopez e Silva (2016) e Zucoloto et al. (2017).

Os estudos de Voisin (2001) e Zucoloto et al. (2017) aproximam-se na medida em que focam na extensão universitária. De acordo com Voisin (2001), todos os veículos de comunicação das universidades – rádios, TVs, jornais, revistas, livros, publicações impressas diversas e sites – promovem “[...] a extensão da produção universitária à sociedade através dos diversos suportes, favorecendo o intercâmbio entre atores acadêmicos e comunidade” (VOISIN, 2001, p. 3). No entanto, há uma diferença entre as duas pesquisas, já que Voisin (2001) aborda somente a extensão universitária e Zucoloto et al. (2017) trata sobre a extensão universitária a partir de uma perspectiva de articulação com o ensino e a pesquisa.

A pesquisa de Avelar, Lopez e Silva (2016), ao abordar as webrádios ligadas aos cursos de jornalismo na região Sul, difere dos demais estudos, pois orienta teoricamente o trabalho para a abordagem dos veículos a partir de uma perspectiva do ensino de graduação e da comunicação educativa. Segundo as autoras, as webrádios surgiram para

contribuir com o ensino dos estudantes de Jornalismo, a fim de que os cursos formem cidadãos críticos e não ‘apertadores de botões’, e com a formação da sociedade em geral. “Todavia, para que tal fato se concretize, faz-se necessário fortalecer os meios de comunicação vinculados à academia para que eles se tornem referências de credibilidade e isenção na sociedade” (AVELAR; LOPEZ; SILVA, 2016, p. 106).

No percurso metodológico, todos os estudos partem de referencial teórico mais histórico e ensaístico para, em seguida, fazer uma análise do objeto da pesquisa. Enquanto Voisin (2001) e Zucoloto et al. (2017) se assemelham no uso de teorias sobre extensão, Avelar, Lopez e Silva (2016) trazem como aporte teórico discussões sobre rádio e gênero educativo. Os estudos concluem que a atuação das universidades públicas federais em comunicação na extensão ainda é muito instável e tímida (VOISIN, 2001) e que as ações de comunicação podem construir integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão, tanto para os discentes como para os docentes (ZUCOLOTO et al., 2017). Além disso, os produtos comunicativos desenvolvidos pelos estudantes são potenciais instrumentos para se construir uma sociedade democrática e livre (AVELAR; LOPEZ; SILVA, 2016).

2.2.2 Divulgação Científica

Outra perspectiva teórica-metodológica encontrada nos artigos selecionados é a Divulgação Científica (CARMO; PESSONI, 2016). Os autores consideram a divulgação científica como uma atividade que pretende transmitir “[...] os conhecimentos científicos e tecnológicos à população para que essa possa utilizá-los nas suas atividades cotidianas e tomadas de decisão acerca da família, da comunidade ou da sociedade como um todo” (CARMO; PESSONI, 2016, p. 88). As universidades, conforme os pesquisadores, como instituições geradoras de conhecimento e de incentivo à pesquisa, devem ser responsáveis pelo fortalecimento da cultura da divulgação científica.

Na pesquisa, apontam que a divulgação da ciência é um importante instrumento para a fortalecer a cultura científica nas universidades e não inclui só os jornais, revistas, rádio, TV, portais, mas também livros didáticos, palestras, histórias em quadrinhos, campanhas publicitárias ou de educação, espetáculos de teatro com a temática de ciência e tecnologia. Além disso, distinguem dois modelos de divulgação científica: o primeiro mais vertical e unilateral, em que o especialista fala e o público leigo escuta, e o segundo mais democrático e aberto ao diálogo, com o receptor ativo no processo. “Levar ciência para o cotidiano das pessoas [...] é levar em consideração que ele tem um conhecimento

prévio de algo e uma história que pode servir de contexto para o recebimento de informações científicas e essas contribuirão para o seu cotidiano” (CARMO; PESSONI, 2016, p. 92).

A metodologia da pesquisa envolveu revisão bibliográfica de temas relacionados à divulgação científica e cultura científica, análise documental dos sites das universidades do ABC Paulista e entrevistas com profissionais responsáveis pela área de divulgação científica das universidades – em algumas universidades esta área faz parte da Pró-reitoria de Pesquisa e em outras do setor de comunicação. O estudo conclui que a cultura de divulgação científica ainda é frágil nas universidades. Apesar de todas demonstrarem interesse em desenvolver, nenhuma das instituições possuía um fluxo de comunicação para divulgação científica, à época da realização da pesquisa.

2.2.3 Comunicação Pública

Outra perspectiva encontrada nos estudos são os trabalhos que se utilizam do conceito de comunicação pública em contraste com a estatal (BOARATTI; SIGNATES, 2001). Para definir a comunicação na esfera pública, os autores apontam contradições no surgimento da dicotomia de público/privado, que transformou tudo aquilo que é publicizado e visível no conceito de público, despolitizando-o. “A noção de público, definida como visibilidade e discutibilidade das questões políticas e sociais relevantes, perde sua força com o surgimento das sociedades nas quais a comunicação se institucionaliza” (BOARATTI; SIGNATES, 2001, p. 145).

A partir de um estudo de caso da Rádio Universitária de Goiânia, a pesquisa aponta que não é a relação estatal que vai garantir o caráter público de uma emissora. “No âmbito do funcionamento das instituições estatais de comunicação social, a natureza jurídica de seu estatuto institucional é condição insuficiente para determinar a sua natureza pública” (BOARATTI; SIGNATES, 2001, p. 154). Conforme os pesquisadores, apesar das garantias institucionais favorecerem a consideração de um interesse público, vinculado a ações de longo prazo, desencadeiam também contradições, que aparecem na forma do corporativismo, das lutas de poder, cujas origens estão geralmente nos interesses privados das pessoas envolvidas.

A metodologia da pesquisa, além do estudo de caso, considerou também pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de público e privado. Como resultado, o estudo mostrou a necessidade de se repensar o conceito de público, quando aplicado à institucionalização

e ao funcionamento das organizações de comunicação, sejam estatais ou privadas¹. No caso das emissoras estatais, como as rádios universitárias, os autores sugerem a desconexão teórico-conceitual entre público e estatal para, em seguida, reconhecer as contradições que aparecem no funcionamento prático dessas organizações, conferindo um novo sentido ao caráter público que se quer dessas instituições.

2.2.4 Comunicação Organizacional/Institucional

A perspectiva teórico-metodológica da comunicação organizacional/institucional está relacionada às pesquisas que consideram a comunicação como um instrumento que é parte da rotina da organização e serve para alcançar objetivos institucionais, tais como a gestão das relações com os públicos e/ou a sociedade (COLVERO; COMASSETTO; RHODEN, 2016; MAFRA, 2016; VICENTE; VERSUTI, 2015) ou os aspectos relacionados à imagem da instituição (CRUZ, 2007; ROCHA, 2006).

As pesquisas apresentam, sob diferentes perspectivas, novos paradigmas aplicados aos estudos organizacionais e estratégicos. Esses paradigmas apontam que “[...] as organizações precisam estabelecer relações e modelos de gestão contemporâneos que contemplem a visão sistêmica e relacional dos processos administrativos e da dinâmica institucional” (CRUZ, 2007). Por isso, não se discute comunicação sem falar sobre a importância da cultura organizacional para a construção da comunicação no âmbito das organizações, sob pena de fazer interpretações de forma fragmentada, desconsiderando a visão sistêmica. A cultura organizacional, portanto, constitui-se “[...] no elemento norteador das organizações, pois orienta os comportamentos dos indivíduos que passam, então, a conviver em uma unidade de sociedade empresarial específica, repleta de construções/desconstruções das relações sociais” (CRUZ, 2007, p. 195).

Cruz (2007) define cultura organizacional como um “conjunto de crenças e valores específicos de uma determinada organização, traduzido por hábitos, mitos, ritos, tabus, mentalidade da organização, estilo de direção, comportamentos, criações, rompimentos e recodificações” (CRUZ, 2007, p. 195). São os aspectos, formais ou informais, que constroem a identidade de uma organização e a torna única, diante de outras. Para Mafra (2016), essa cultura organizacional, nas instituições científicas, está

¹ Mesmo privadas, as organizações que oferecem serviço de rádio e TV, por exemplo, estão disponibilizando um serviço público e ocupam um espaço público (o espectro), administrado pelo Estado.

permeada pela pluralidade de visões, típica da construção do conhecimento científico, e de necessidade de uma abertura ao diálogo público, demanda da *accountability* (prestação de contas) que coloca sobre as universidades a responsabilidade de dar informações públicas do papel que têm desempenhado socialmente, com recursos públicos.

Nessa perspectiva se inserem os trabalhos que buscam pensar a comunicação organizacional dentro das universidades a partir dos públicos envolvidos, priorizando o diálogo mais aberto e democrático com essas pessoas. No estudo de Vicente e Versuti (2015), produzido a partir da análise das postagens na *fanpage* da Rádio Unesp FM, são defendidas as ideias de contato direto e aberto com os públicos, já que se trata de uma rádio pública e educativa. Colvero, Comassetto e Rhoden (2016), por sua vez, ao apresentarem a proposta de implantação da Rede Educativa de Rádios da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), discutem a importância da relação entre a rádio e a comunidade local para o desenvolvimento da educação e da cultura da região. Mafra (2016) também ressalta a importância do relacionamento com os públicos, mas na perspectiva teórica de relacionar a comunicação organizacional com a comunicação pública da ciência, propondo um tipo de comunicação pautada nos processos dialógicos, públicos e reflexivos nas organizações científicas.

Cruz (2007) e Rocha (2006) se diferem das demais pesquisas por focarem os estudos relacionados à imagem da instituição. Ainda assim há diferença entre as duas. Enquanto o estudo de Cruz (2007) analisa a eficácia de um jornal institucional, na efetivação ou não da comunicação institucional, a pesquisa de Rocha (2006) faz um estudo da relação entre a universidade e a mídia, a partir da análise da representação de universidades gaúchas em suplementos de jornais da região Sul. A pesquisa aponta para o modo como as instituições universitárias buscam legitimidade de seu mundo e, conseqüentemente, fortalecimento da imagem institucional, através de discursividades jornalísticas.

O percurso metodológico dos estudos consistiu em discussões teóricas sobre a temática em questão e, em um segundo momento, em análise empírica do objeto. Apenas o estudo de Mafra (2016) se diferenciou por apresentar uma discussão teórica, sem análise empírica, acerca da relação entre a comunicação organizacional e a comunicação pública da ciência.

As pesquisas apontam problemas na forma de atuação da comunicação nas instituições de ensino superior, como a presença ainda incipiente nas redes sociais, já que não é necessário estar somente presente, mas ativo e receptivo ao processo dialógico

(VICENTE; VERSUTI, 2015) e a dificuldade de compreender a comunicação organizacional, que é praticada de forma fragmentada e incompleta, por falta de um planejamento estratégico de comunicação organizacional (CRUZ, 2007). Há crítica também à falta de abertura ao diálogo público (MAFRA, 2016), apesar de já ter havido relativa abertura, diante do contexto contemporâneo tenso e controverso, em que estão inseridas as instituições científicas, com demanda por interlocução pública que a sociedade cobra dos ambientes científicos.

2.3 PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA SOBRE COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

As pesquisas que tratam sobre a interface entre comunicação e universidade não seguem uma abordagem única, como foi possível observar nos tópicos acima. No entanto, por meio do levantamento, percebeu-se tendências e preferências na escolha dos estudos realizados nos últimos anos. Há uma predominância das pesquisas empíricas, que estudam rádios, webrádios, TVs universitárias e a produção dos profissionais e/ou dos setores de comunicação das universidades. Em relação ao viés teórico-metodológico, existe uma preferência por pesquisas que situam a comunicação no campo da comunicação organizacional/institucional ou como instrumento de apoio para as atividades de pesquisa, ensino e/ou extensão.

Em relação à quantidade, os estudos ainda não têm uma representatividade numérica significativa. No entanto, a escassez de reflexões sobre o tema, apesar de demonstrar um déficit de pesquisas na área, também aponta para a possibilidade de lançar o olhar para novos temas que se proponham a analisar de que forma a comunicação se insere na universidade, não só observando questões administrativas de um setor exclusivo, mas também iniciativas acadêmicas.

Uma outra abordagem de pesquisa, como será feito no presente estudo, seria analisar de que maneira ocorre a negociação da identidade dos profissionais jornalistas (ou mesmo os demais profissionais da comunicação) que atuam com comunicação nas universidades e enfrentam diariamente conflitos na rotina de trabalho, devido ao caráter plural da instituição em que estão inseridos.

Há ainda a possibilidade de investigações sobre as rotinas de produção dos setores de comunicação, das TVs ou rádios universitárias. Estudos de recepção com os públicos que compõem a comunidade acadêmica também podem ser feitos. Existe ainda espaço

para pesquisas sobre práticas de comunicação que contribuam para a divulgação científica. Há também a necessidade de ampliar as reflexões teóricas em torno da natureza das práticas de comunicação em um ambiente como a universidade, complexo e heterogêneo, composto por diferentes culturas profissionais. Todas essas perspectivas podem ser estudadas por meio de diferentes abordagens teórico-metodológicas, abrindo espaço para uma reflexão ampla sobre a comunicação no ambiente universitário.

2.4 A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DA COMUNICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS

As universidades públicas federais contam com profissionais de diferentes áreas da comunicação, que estão distribuídos em funções e setores diversos. São jornalistas, relações públicas, publicitários, programadores visuais, diagramadores, entre outros, que desenvolvem atividades identificadas administrativamente como de comunicação. Por causa do princípio constitucional da autonomia universitária, cada uma das atuais 63 universidades públicas federais em funcionamento no Brasil tem liberdade para definir a própria estrutura administrativa e acadêmica, seguindo preceitos definidos por lei e tendências administrativas de outras instituições públicas. Dentro desse leque de escolhas, está a opção de criar setores que atuem com comunicação, com profissionais específicos para este fim.

As estruturas que atuam com comunicação em cada uma das universidades variam, a depender dos objetivos dos gestores e/ou da comunidade acadêmica. São assessorias de comunicação, diretorias de comunicação, agência de notícias, TVs universitárias, rádio universitárias etc. No caso da estrutura das TVs e das rádios, mesmo dentro de uma fundação ou autarquia federal, dependem de concessões públicas. As emissoras abertas educativas (rádio e TV) são regulamentadas pelo Código Brasileiro de Telecomunicações (BRASIL, 1962) e os canais legislativos, executivos, judiciários, universitários, comunitários e educativos, que estão nas TV por assinatura, são regulamentados pela Lei do Cabo (BRASIL, 1995).

Além das estruturas organizacionais específicas a cada universidade, atualmente existe um coletivo de profissionais de comunicação – jornalistas, publicitários, relações públicas, entre outros – das universidades públicas federais, chamado Colégio de Gestores de Comunicação das Universidades Federais (Cogecom), ligado à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Todos

os anos o Cogecom promove um encontro em alguma cidade do país para que os profissionais de comunicação possam debater temas diversos ligados à rotina de trabalho. Também acompanha as discussões dos gestores máximos das universidades, a fim de inserir a comunicação no debate. Há também um grupo de Whatsapp, chamado de Comunicadores IFES, de troca de experiências entre esses profissionais.

De acordo com dados do diagnóstico produzido em 2018 pelo Cogecom² e do Painel Estatístico de Pessoal, do Governo Federal, todas as universidades públicas federais possuem algum profissional de comunicação ou alguma estrutura de comunicação. Conforme o relatório do Cogecom, os setores de comunicação têm nomes diversos, como: Superintendência de Comunicação, Assessoria de Comunicação, Diretoria de Comunicação, Divisão de Comunicação Social, Coordenação de Comunicação, Secretaria de Comunicação, Diretoria de Imagem Institucional, Diretoria de Comunicação, Secretaria de Comunicação, Departamento de Comunicação, Coordenadoria de Comunicação. Dentro desses setores de comunicação, existem diferentes profissionais: arquivistas (três universidades), assistente administrativo (40 universidades), cinegrafista (19 universidades), fotógrafo (21 universidades), jornalista (apenas uma universidade disse não ter nenhum jornalista), profissional de marketing (três universidades), operador de áudio e som (15 universidades), profissional de TI (13 universidades), publicitário (19 universidades), radialistas (10 universidades), revisor (21 universidades), relações públicas (23 universidades). A maioria, portanto, são jornalistas.

As informações do diagnóstico do Cogecom mostraram ainda que os setores de comunicação analisados assumem atividades diversas: assessoria de imprensa (48 universidades), comunicação interna (41 universidades), comunicação institucional (49 universidades), webrádio (quatro universidades), jornalismo científico (31 universidades), revista ou jornal impresso (25 universidades), newsletter (31 universidades), editora universitária (apenas uma universidade), trabalhos com acervo de memória (11 universidades), Instagram (33 universidades), Twitter (41 universidades), LinkedIn (7 universidades), Whatsapp para disparar conteúdo (nove universidades), Flickr (15 universidades), Whatsapp para atender demanda (13 universidades), Issuu (10 universidades), marketing (18 universidades), cerimonial (16 universidades), eventos-

² Os questionários que serviram de base para o diagnóstico do Cogecom foram distribuídos nas 63 universidades federais, com retorno de respostas equivalente a 76% das IFES vinculadas à Andifes (47 universidades). O mapeamento delimitou a atual infraestrutura, a situação formal de implementação das unidades, os recursos humanos, as demandas de serviços, produtos e ações oferecidos pelas unidades de comunicação à comunidade acadêmica.

formaturas (uma universidade), relações públicas (28 universidades), conteúdo em audiovisual (35 universidades), rádio com concessão (11 universidades), intranet (uma universidade), artes gráficas/visuais (44 universidades), TV Web (12 universidades), Programação/web (23 universidades), TV com concessão (4 universidades) e TV indoor (uma universidade).

Apesar de existirem dados que incluem TVs, rádio e cerimonial dentro das atribuições das assessorias, diretorias, superintendências ou secretarias, é importante destacar que, em algumas universidades, esses setores trabalham de forma independente, em uma organização administrativa diferente. Além disso, existem jornalistas, relações públicas, publicitários que estão lotados em unidades que não atuam exclusivamente com comunicação, como gabinete do reitor, pró-reitorias, diretorias administrativas, diretorias acadêmicas, projetos de extensão ou de pesquisa, entre outros.

A partir do levantamento das pesquisas em comunicação e dos dados sobre a comunicação das universidades, foi possível perceber que os setores de comunicação atuam em frentes diferentes nas universidades federais. Podem contribuir com o fortalecimento da formação universitária e cidadã, por meio da difusão do conhecimento científico, através de diversos meios de comunicação e da prestação pública de contas com a sociedade. Também trabalha na divulgação de serviços, na preservação de uma identidade e de uma imagem institucional. Atua na disseminação de informações sobre a universidade para a comunidade acadêmica, por meio da comunicação interna. Tem a possibilidade de estar à frente de ações e eventos promovidos pelos mais diversos setores, programas ou projetos da universidade. E ainda pode auxiliar outras unidades que não atuam necessariamente com comunicação a desenvolver essa área.

2.5 O JORNALISTA NA COMUNICAÇÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS

Os jornalistas que trabalham nas universidades federais, em sua maioria, fazem parte do quadro de servidores técnico-administrativos, definidos na Lei 11.091/2005³ (Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, BRASIL, 2005). Ocupam, portanto, um cargo de nível E (nível superior) e precisam ter curso superior em

³ Mais informações em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/lei/111091.htm

jornalismo ou em comunicação social com habilitação em jornalismo para assumir a vaga. Por se tratar de um cargo público, o ingresso, após a Constituição de 1988, é por meio de concurso⁴. Conforme orientação do Ministério da Educação (MEC), além do curso superior, existe a necessidade do registro profissional em órgão competente. Além dos concursados, na comunicação das universidades há professores que assumem a chefia dos setores (cargos em comissão), jornalistas terceirizados contratados temporariamente e estagiários dos cursos de jornalismo. No entanto, devido ao caráter temporário das atividades assumidas e na busca por investigar um grupo que enfrenta semelhantes condições de trabalho, tem as mesmas atribuições e carga horária, além do mesmo tipo de ingresso no serviço público, este trabalho foca na atuação dos profissionais concursados⁵.

O Ministério da Educação também definiu a descrição do cargo e das atividades típicas do profissional. Ao produzir os editais de concurso público para jornalistas, as universidades tomam como base essa descrição e fazem algumas adaptações, a depender do local onde a vaga está (assessoria, pró-reitoria, rádio, TV, entre outros). A descrição sumária do cargo diz que ele deve:

Recolher, redigir, registrar através de imagens e de sons, interpretar e organizar informações e notícias a serem difundidas, expondo, analisando e comentando os acontecimentos, fazer seleção, revisão e preparo definitivo das matérias jornalísticas a serem divulgadas em jornais, revistas, televisão, rádio, internet, assessorias de imprensa e quaisquer outros meios de comunicação com o público. Assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2005b).

Já as atividades típicas do cargo estão assim descritas:

- Informar ao público:
Elaborar notícias para divulgação; processar a informação; priorizar a atualidade da notícia; divulgar notícias com objetividade e ética respeitando a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas; adequar a linguagem ao veículo de comunicação.
- Iniciar o processo de informação:
Fazer reunião da pauta; elaborar, distribuir e executar pauta; orientar a produção; assegurar o direito de resposta.
- Coletar informação:
Definir, buscar e entrevistar fontes de informação; selecionar e confrontar dados, fatos e versões; apurar e pesquisar informações.
- Registrar informação:

⁴ Os jornalistas que ingressaram antes desse período, geralmente por meio de algum tipo de seleção, foram enquadrados na mesma categoria de servidores técnico-administrativos.

⁵ No capítulo do Percurso Metodológico, ao tratar sobre a escolha do corpus, este aspecto será mais bem detalhado.

Redigir textos jornalísticos; fotografar e gravar imagens jornalísticas; gravar entrevistas jornalísticas; ilustrar matérias jornalísticas; revisar os registros da informação; editar informação.

• Qualificar a informação:

Questionar, interpretar e hierarquizar a informação; contextualizar fatos; organizar matérias jornalísticas; planejar a distribuição das informações no veículo de comunicação; formatar a matéria jornalística; abastecer e acessar bancos de dados, imagens e sons.

• Utilizar recursos de informática.

• Executar outras tarefas de mesma natureza e nível de complexidade associadas ao ambiente organizacional (BRASIL, 2005b).

De acordo com os dados de dezembro de 2018 do Painel Estatístico de Pessoal, existem 409 jornalistas⁶ trabalhando em 62 universidades federais⁷. Os profissionais têm uma carga horária de 25 horas/semanais (seguindo determinação do artigo 303 da Consolidação das Leis Trabalhistas (BRASIL, 1943) para o jornalista profissional⁸) e vencimento básico inicial de R\$ 4.180,66⁹. As mudanças na remuneração ocorrem a cada 18 meses (por capacitação ou tempo de serviço) ou quando o servidor faz especialização, mestrado e doutorado.

A maioria dos jornalistas trabalha em universidades da região Nordeste: 123 profissionais. No Sudeste, estão outros 118 jornalistas, seguido do Sul com 75. O estado que mais tem jornalistas trabalhando em universidades é Minas Gerais, com 76 profissionais. Depois vem o Rio Grande do Sul, com 48 jornalistas. E o Ceará, com 31 (Gráficos 1 e 2).

⁶ Nesse número estão incluídos aqueles que estão como ativos permanentes ou cedidos (apenas três). Foram excluídos os aposentados e os instituidores de pensão.

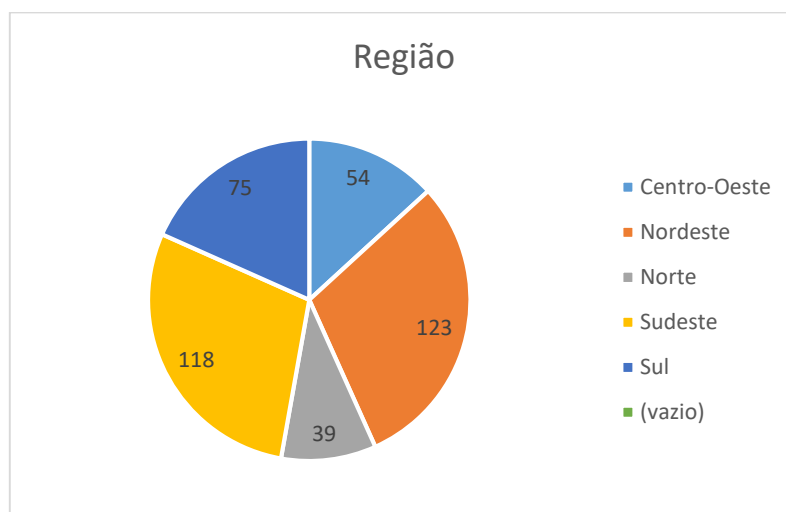
⁷ Até 2018, estavam em funcionamento 63 universidades. Dessas 63, apenas uma não tem jornalista: Universidade Federal de Itajubá (MG). Outras universidades estão em processo de criação e de início de funcionamento, mas ainda não há dados sobre os jornalistas disponíveis nessas instituições.

⁸ Ver mais informações em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De15452.htm.

⁹ Ver mais informações em:

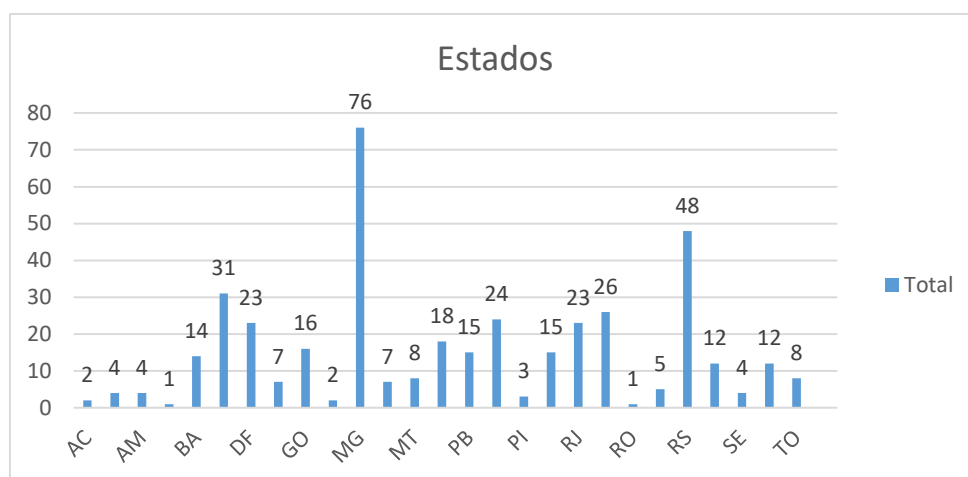
http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/Arquivos/servidor/publicacoes/tabela_remuneracao/2018/tabela-de-remuneracao-74-janeiro2018.pdf.

Gráfico 1 - Distribuição dos jornalistas por região do País



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Painel Estatístico de Pessoal

Gráfico 2 - Quantidade de jornalistas por estado (mais DF)



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Painel Estatístico de Pessoal

A universidade que tem mais jornalistas é a Universidade Federal do Ceará, com 28 jornalistas¹⁰, seguida da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade de Brasília, ambas com 23 jornalistas. A Universidade Federal de Minas Gerais e a de Pernambuco têm, respectivamente, 22 e 21. Do total, 269 jornalistas atuam

¹⁰ Dentro desses 28, há três jornalistas que atuam na Universidade Federal do Cariri (UFCA). O dado não aparece especificado, porque a folha de pagamento da UFCA ainda está vinculada à UFC, apesar da instituição já ter se desmembrado oficial e administrativamente da UFC. Por isso, os servidores da UFCA aparecem nos dados como se fossem da UFC. O quadro, portanto, consta o nome de 61 universidades (exclui a UFCA e a Federal de Itajubá).

em universidades em que a sede se localiza na capital de algum estado (destacados) e 140 em universidades localizadas em cidades do interior dos estados (Quatro 1).

Quadro 1 - Quantidade de jornalistas por universidade

Universidades	Jornalistas
Universidade Federal do Ceará	28
Fundação Universidade de Brasília	23
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	23
Universidade Federal de Minas Gerais	22
Universidade Federal de Pernambuco	21
Universidade Federal de Goiás	16
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	15
Universidade Federal de Santa Maria	13
Universidade Federal da Paraíba	12
Universidade Federal de Juiz de Fora	12
Universidade Federal de Viçosa	11
Universidade Federal do Rio de Janeiro	10
Fundação Universidade Federal de Uberlândia	9
Fundação Universidade Federal do Tocantins	8
Universidade Federal de Mato Grosso	8
Universidade Federal de Santa Catarina	8
Universidade Federal do Pará	8
Universidade Federal da Integração Latino-Americana	7
Universidade Federal da Fronteira Sul	7
Universidade Federal de São Carlos	7
Universidade Federal do Espírito Santo	7
Universidade Federal do Oeste do Pará	7
Universidade Federal da Bahia	6
Fundação Universidade de São Joao Del Rei	5
Fundação Universidade Federal de Pelotas	5
Fundação Universidade Federal do Pampa	5
Universidade do Rio de Janeiro	5
Universidade Federal de Lavras	5
Universidade Federal de Roraima	5
Universidade Federal do Paraná	5
Universidade Federal do Rio Grande	5
Fundação Universidade Federal de Ouro Preto	4
Fundação Universidade do Amazonas	4
Fundação Universidade Federal de Sergipe	4
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira	4
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	4
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	4
Universidade Federal de Alagoas	4

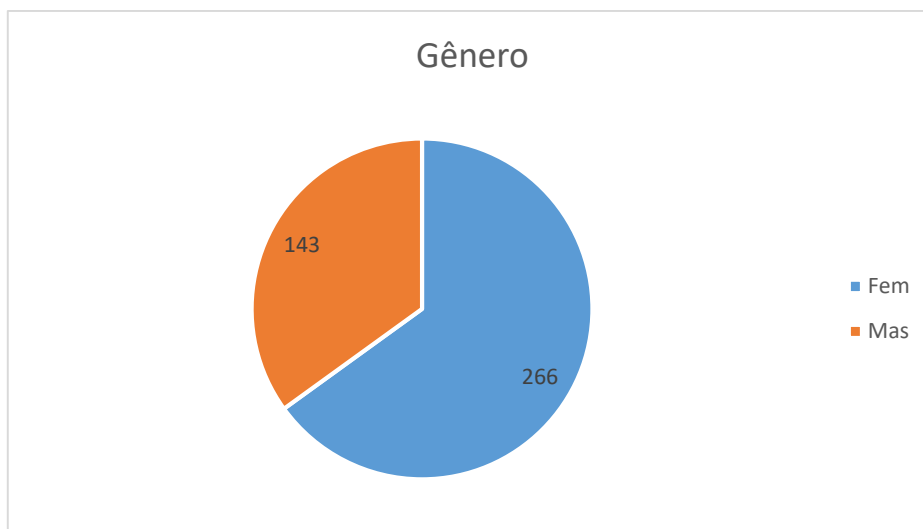
Universidade Federal Fluminense	4
Fundação Universidade Federal da Grande Dourados	3
Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	3
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	3
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	3
Universidade Federal Rural do Semiárido	3
Universidade Federal do Triângulo Mineiro	3
Universidade Federal de Campina Grande	3
Universidade Federal de São Paulo	3
Universidade Federal do Piauí	3
Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco	2
Fundação Universidade do Maranhão	2
Fundação Universidade Federal do Apc	2
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	2
Universidade Federal de Alfenas	2
Universidade Federal do Acre	2
Universidade Federal do Oeste da Bahia	2
Universidade Federal do Sul da Bahia	2
Universidade Federal Rural da Amazônia	2
Fundação Universidade Federal de Rondônia	1
Fundação Universidade Federal do Amapá	1
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	1
Universidade Federal Rural de Pernambuco	1

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Painel Estatístico de Pessoal

Em relação à distribuição por gênero, há uma predominância de jornalistas que se declararam mulher: 266. Os outros 143 declararam-se homens¹¹. A grande maioria das jornalistas e dos jornalistas está na faixa etária de 31 a 40 anos: 205 profissionais. 62 jornalistas têm de 51 a 60 anos. 60 têm até 30 anos. E 59 estão na faixa etária de 41 a 50 anos. Apenas 23 jornalistas têm acima de 60 anos. Os dados demonstram que os jornalistas que trabalham nas universidades federais brasileiras têm o perfil predominantemente feminino e jovem (Gráficos 3 e 4).

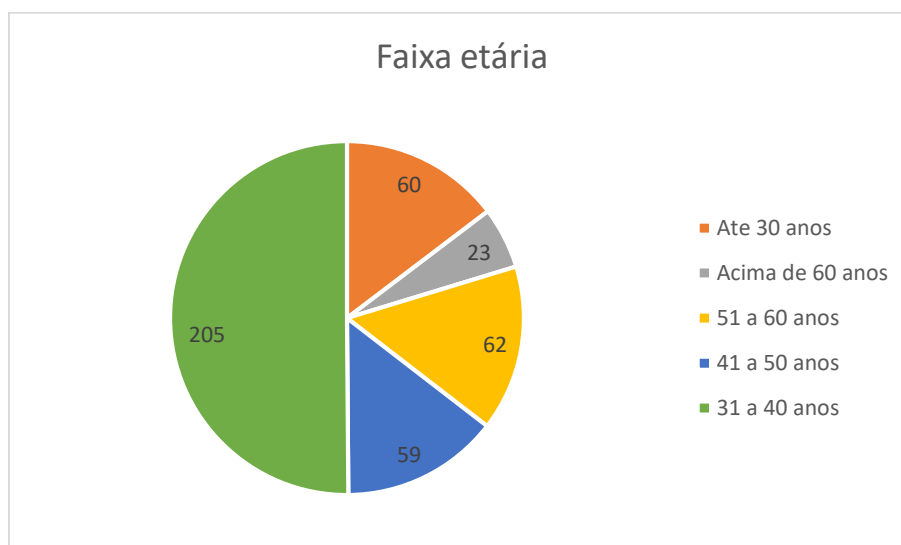
¹¹ Como a maior parte dos jornalistas que trabalha nas universidades são mulheres, é importante ressaltar que este trabalho, ao estudar o profissional jornalista, está se referindo sempre a ambos: às jornalistas e aos jornalistas.

Gráfico 3 - Distribuição dos jornalistas por gênero



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Painel Estatístico de Pessoal

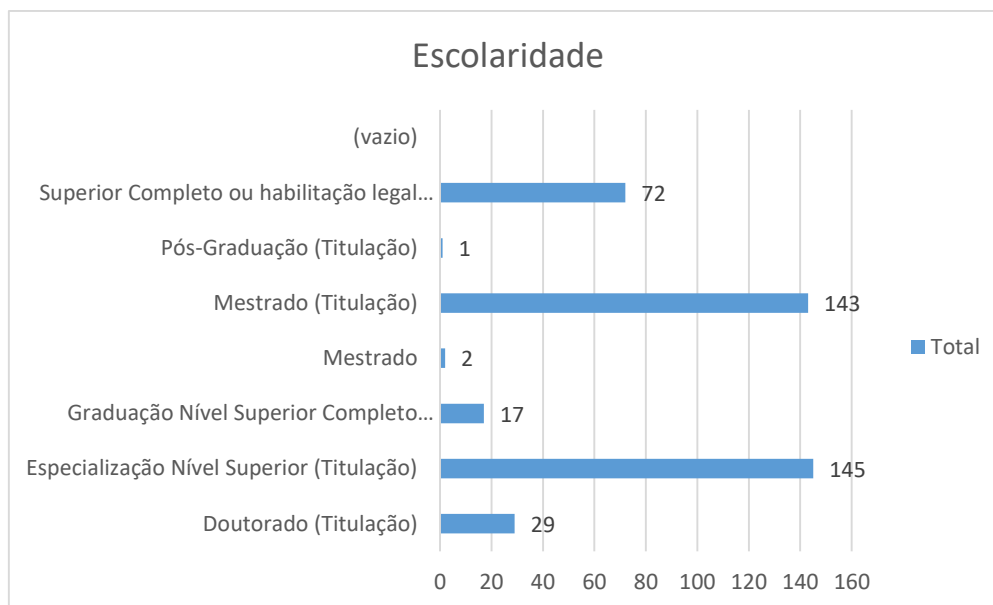
Gráfico 4 - Distribuição dos jornalistas por faixa etária



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Painel Estatístico de Pessoal

Dos 409 jornalistas, a maioria é especialista (145) e mestre (145). 89 possuem graduação ou habilitação legal equivalente. 29 jornalistas são doutores (Gráficos 5).

Gráfico 5 - Distribuição dos jornalistas por faixa etária



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Painel Estatístico de Pessoal

De acordo com os dados acima, o perfil predominante do jornalista que atua nas universidades públicas federais é de um profissional jovem, mulher, com pós-graduação. A maioria está em universidades localizadas nas capitais dos estados das regiões Nordeste e Sudeste. A exceção é para Universidade de Brasília que, apesar de estar localizada na segunda região que tem menos jornalistas, é a segunda universidade com o maior número de profissionais, juntamente com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Das 12 universidades que reúnem o maior número de jornalistas (acima de 10 profissionais), apenas três estão localizadas fora das capitais dos estados (Santa Maria, Juiz de Fora e Viçosa).

Os dados apresentados contribuíram para dar o panorama geral da atuação da comunicação e dos jornalistas nas universidades federais e também para tornar mais evidente o objeto de estudo. Além de contextualizar a pesquisa, as informações disponibilizadas neste capítulo serviram de base para a constituição do corpus. Foi a partir dessas amostras, definidas de forma detalhada mais à frente no Percurso Metodológico, que ocorreu a coleta dos dados desta investigação. Essas informações passaram pelo processo de serem descritas, analisadas e interpretadas, com base nos pressupostos teóricos, na busca por respostas para os questionamentos e os objetivos deste trabalho.

2.6 CONSIDERAÇÕES

Este capítulo contextualizou as discussões sobre o tema da presente pesquisa, a partir do levantamento de estudos que abordam a comunicação nas universidades públicas federais e da situação prática atual da comunicação e do jornalista nessas instituições. Dessa forma, além de iniciar a reflexão, abordar conceitos e apresentar o panorama das pesquisas que trabalham a mesma temática, serviu para compreender como a comunicação nas universidades tem atuado na prática e quem é o jornalista que está inserido dentro desse contexto.

Diante do exposto, foi possível perceber o caráter plural da comunicação nas universidades, presente em diferentes aspectos da academia – desde a divulgação institucional até o apoio às atividades fins da universidade – e com uma variedade de atribuições – produção de textos para veículos de comunicação, eventos, rádio, TV. É nesse ambiente heterogêneo que os jornalistas, em sua maioria jovens, mulheres e com pós-graduação, desenvolvem suas atividades diárias, interagem entre si e com os demais atores sociais, estabelecem posicionamentos, atitudes e comportamentos e vão se constituindo como um grupo profissional.

Após essa contextualização inicial, o estudo segue apresentando a perspectiva do Interacionismo Simbólico, no próximo capítulo, base teórica desta investigação.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem como objetivo discutir a perspectiva do Interacionismo Simbólico, com foco em conceitos relacionados à identidade, interação e negociação. A abordagem pretende dar suporte teórico à pesquisa que trata de processos de construção da identidade profissional, a partir da interação dos próprios jornalistas com a pesquisadora e com outros grupos de atores sociais.

3.1 ESCOLA DE CHICAGO E INTERACIONISMO SIMBÓLICO

A tradição de estudos denominada Escola de Chicago, desenvolvida na Universidade de Chicago no início do século XX, nasceu com o objetivo de desenvolver estudos sobre os problemas sociais norte-americanos, como a imigração. Com o intuito de construir uma ciência social com bases empíricas, influenciada pela sociologia, a filosofia, a antropologia e a psicologia social e que focava fortemente nas reflexões sobre a relação indivíduo e sociedade (VELHO, 1999), a tradição deu origem a pesquisas¹² que começaram a ultrapassar os interesses convencionais disciplinares, sendo, inicialmente, fortemente influenciadas pelos trabalhos do alemão George Simmel (1858-1918). Traduzidas e publicadas na *American Journal of Sociology*, as obras do pesquisador abordavam a importância do número na vida social e na transmissão da cultura, o problema do segredo, entre outros temas que atingiam as sociedades urbanas¹³.

Dentro da tradição da Escola de Chicago, desenvolveu-se a perspectiva teórica do interacionismo simbólico. O termo foi citado pela primeira vez no artigo *Social Psychology*, publicado em *Man and Society*, em 1937 (PINTO, 2017), por Herbert

¹² A primeira geração de pesquisadores da Escola de Chicago, conforme Velho (1999), especialmente William I. Thomas (1863-1947) e Robert Ezra Park (1864-1944), foram os principais responsáveis pela valorização do trabalho de campo, das histórias de vida, das entrevistas e da observação participante, que constituem a metodologia etnográfica. Outros autores importantes também se filiam à tradição, como George H. Mead (1863–1931), John Dewey (1859-1952), Howard Becker (1828-), Tomatsu Shibutani (1920-2004), Erving Goffman (1922-1982), Anselm Strauss (1916-1996) e Herbert G. Blumer (1900-1987).

¹³ As obras também influenciaram pesquisas que podem ser associados aos estudos de Comunicação na época (MATTELART; MATTELART, 2010). Um dos mais influentes pesquisadores, Robert Ezra Park (1864-1944), repórter acostumado às grandes investigações jornalísticas e militante da causa negra, tomou as ideias de Simmel que observava a cidade com personalidade urbana, voltado para uma visão mais psicológica, a partir de uma abordagem microssociológica e não direcionada para os grandes sistemas, como era a sociologia especulativa da Europa na época (MATTELART; MATTELART, 2010). As relações raciais e étnicas provocadas pela intensa migração tornaram-se os principais temas de pesquisa.

Blumer, um dos expoentes da Escola de Chicago. Mais tarde, em 1969, o pesquisador publicou também uma compilação de artigos no livro *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, reunindo os pressupostos da perspectiva teórica. No texto sobre a natureza do Interacionismo Simbólico, Blumer (1980) define três premissas: os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que o próprio mundo lhes oferece; os significados de tais elementos são provenientes ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas; e, por último, os significados são manipulados por um processo interpretativo utilizado pela pessoa ao se relacionar com elementos com que entra em contato.

Ou seja, no interacionismo simbólico, existe a perspectiva sociopsicológica da vida em sociedade. Ao mesmo tempo em que as atitudes e o processo interpretativo dos significados dizem respeito a questões subjetivas de cada indivíduo, é a relação de reciprocidade com o mundo e com as outras pessoas que vai construindo isso. As relações sociais nos mais diversos contextos, por exemplo, não estariam previamente estabelecidas por meio de contratos e tratados, mas em constante mudança e transformação, a partir das interações que vão sendo estabelecidas. Conforme Blumer (1980), a vida de qualquer sociedade humana, de qualquer estrutura ou organização consiste nesse processo contínuo de interação e de ajuste entre os membros. O ser humano, portanto, não é concebido como um indivíduo isolado, mas como parte de um sistema de trocas recíprocas e dinâmicas.

Essas trocas recíprocas e dinâmicas entre o indivíduo e a sociedade, de acordo com Mead (1982), são responsáveis pela construção do *self*, da *persona*¹⁴. Ou seja, do próprio indivíduo (“si mesmo”). Esse processo social é constituído por duas fases: o *yo* e o *mí*. O *yo* é como o indivíduo age, é a reação individual às atitudes dos outros, é aquilo com o qual nos identificamos diretamente, é o indivíduo como sujeito (MEAD, 1982). Por meio da consciência e da memória, o *yo* transforma-se logo em seguida em *mí*, quando as condutas são definidas, em parte, com base nas atitudes e nas expectativas dos outros. É o indivíduo como objeto. O *mí*, portanto, vai se constituindo com base na experiência e conseqüentemente influenciando o *yo*. Isso demonstra que a construção das identidades dos indivíduos e dos grupos está intimamente relacionada com as interações e as negociações que surgem dessas relações.

¹⁴ Nesse trecho serão utilizados alguns termos em espanhol, já que o texto de Mead ao qual tive acesso está em espanhol. No entanto, nos demais momentos, será dada preferência aos termos em inglês, quando não puderem ser traduzidos para o português, já que os termos em inglês se tornaram mais comuns nos estudos do interacionismo simbólico por ter sido uma corrente teórica que surgiu nos Estados Unidos.

Na construção da identidade a partir das interações, Mead (1982), ao abordar o *mí*, considera que as atitudes e as expectativas do outro, que moldam as condutas do indivíduo, estão associadas ao processo de conversação, à linguagem. É por meio da capacidade cognitiva de se inserir dentro de um contexto de símbolos que o indivíduo reage, responde e organiza a própria conduta. Strauss (1999) também reconhece a importância da linguagem na construção das identidades. Esse momento inicia-se com o ato de nomear, que requer um ato de identificação de algo que será colocado em determinada categoria. “Essa ideia de localizar, ou de colocar, está implícita na palavra mesma que denota a definição em si: definir, ou determinar uma coisa é marcar suas fronteiras” (STRAUSS, 1999, p. 39).

Dessa forma, qualquer grupo de pessoas estabelece uma espécie de linguagem especial, que identifica as fronteiras e orienta as condutas. Nas palavras de Strauss, ao falar das terminologias comuns e partilhadas pelos grupos, “[...] a direção da atividade depende das maneiras particulares pelas quais os objetos são classificados” (STRAUSS, 1999, p. 40). Por isso, a interação das pessoas em grupos se dá por meio do uso da linguagem na comunicação, o que proporciona ou não a afiliação a determinado grupo. É importante trazer esses aspectos para a presente pesquisa, pois será uma das maneiras de identificar a que grupo os jornalistas estão se identificando durante a coleta dos dados. Strauss (1999) considera que:

A vida em grupo está organizada em torno da comunicação. A comunicação consiste não apenas na transmissão de ideias da mente de uma pessoa para a de outra, significa também sentidos compartilhados. “Compartilhado” quer dizer mais do que o emprego desses termos de forma suficientemente análoga para que as pessoas se entendam entre si; significa também que os termos derivam de uma ação comunitária e, por sua vez, permitem essa mesma ação (STRAUSS, 1999, p. 150).

Desse modo, os grupos se constroem em torno de “pontos de consenso”, da partilha de terminologias em comum. Ou seja, os jornalistas partilham de terminologias em comum que os mantêm nesse grupo profissional, mas também convivem com terminologias relacionadas a outras ideologias profissionais por conta do ambiente em que estão inseridos. Conforme Strauss (1999), a constituição de um grupo não é um fato físico, mas simbólico, por isso a participação de um indivíduo em um grupo não se trata somente de uma associação formal. Não é necessário apenas a formalização de contrato, o recebimento de um diploma, o pagamento de mensalidade para definir a construção dos grupos e a identidade daqueles que fazem parte dos agrupamentos humanos. É preciso

haver o reconhecimento entre os indivíduos – do grupo e fora deles – que se dá por meio das interações simbólicas.

Apesar dos pontos de consenso que simbolicamente reúnem as pessoas em um mesmo grupo, Strauss (1999) observa as zonas de discordância conceitual e de incomunicação dentro dos grupos. Isso porque os agrupamentos são compostos de pessoas que trazem consigo símbolos derivados de suas afiliações a outros grupos, o que pode ocasionar, conforme o autor, formação e dissolução de coalizões, de grupos de dissidências, de “panelinhas”, de subagrupamentos. “Podemos concluir, então, que os símbolos estão prenhes de possibilidades de convergência e divergência, de combinação e de permuta” (STRAUSS, 1999, p. 154). Até porque, de acordo com Strauss, as pessoas carregam a chamada identidade situacional, que faz com que haja questionamentos sobre o grupo ao qual a pessoa está fazendo parte no momento de um determinado ato. Questões sobre identidade situacional serão abordadas posteriormente ao tratar sobre interação e negociação.

Dessa forma, pensando no presente estudo, o interacionismo simbólico foi escolhido como corrente teórica por considerar que as identidades são processos construídos socialmente, a partir das interações. Essa ideia é oposta à visão de que a sociedade vive em sistemas funcionais estáveis que cumprem suas respectivas funções a partir de atribuições já dadas, como consideram os funcionalistas. No caso das profissões, o funcionalismo acredita que as comunidades profissionais são relativamente homogêneas, cujos membros compartilham de identidade, valores, definições de papéis e interesses, com espaço para algumas diferenças, mas, no geral, com um núcleo duro que definiria a profissão (BUCHER; STRAUSS, 1961).

Em uma perspectiva construtivista (TRAQUINA, 2001), como é o caso deste estudo, a diferença de interesses, que possivelmente acarretam mudanças nas profissões, é levada em consideração, assim como aspectos mais sutis e cotidianos da vida profissional. Além disso, já existem estudos consolidados sobre identidade profissional que utilizam essa corrente teórica, como pesquisas sobre o mundo profissional da Medicina (BUCHER; STRAUSS, 1961) e as negociações em hospitais psiquiátricos (STRAUSS et al., 1964).

Desse modo, para embasar teoricamente a pesquisa, serão discutidos aspectos relacionados à interação (STRAUSS, 1999; GOFFMAN, 2014) e à negociação (STRAUSS et al., 1964), na perspectiva do interacionismo simbólico. Nos próximos tópicos esses aspectos serão discutidos, a partir da relação que têm com a construção da

identidade profissional dos grupos sociais. Na prática, os dois ocorrem concomitante nos processos sociais. Optou-se por dividi-los teoricamente em tópicos por questões didáticas.

3.2 IDENTIDADE E INTERAÇÃO

É no processo de interação que o indivíduo reavalia e reinterpreta as próprias condutas (do *self*) e a dos outros. Essa interação está centrada na motivação e na interação face a face (STRAUSS, 1999). A busca por motivos, conforme Strauss (1999), em uma situação de interação, diz respeito à procura por uma resposta a uma indagação. Normalmente, na interação, quando as identidades do indivíduo e do outro são conhecidas, por meio do processo de nomeação, as situações tendem a ocorrer sem problemas. No entanto, mudanças de comportamento podem despertar situações problemáticas, em que é preciso identificar o outro e o próprio *self* no instante em que ocorreu o problema, interpretando a própria situação. E nessa identificação está também a busca pelos motivos que causaram as mudanças em si mesmo e nos outros.

A imputação de motivos, por si só, não basta para compreender a interação. A interação face a face é que pode apontar o caráter complexo da situação interacional. De acordo com Strauss (1999), para ocorrer uma situação interacional, as pessoas precisam ter uma leitura inicial da identidade umas das outras, adquirida por meio da nomeação e da linguagem, e executar a linha de ação necessária ou escolhida, conforme demanda a situação. Assim, cada um desempenha um papel ou ocupa um estatuto (*status*) e age de acordo com o solicitado. A questão é que, no drama interacional (STRAUSS, 1999), as ações são frequentemente inesperadas, já que se trata de uma trama complexa que não envolve somente duas pessoas. Ao fazer uma analogia com o teatro, Strauss (1999) observa que a interação inclui outros atores que nem todos os atores principais conseguem ver.

Esses atores suplementares representarão um amplo espectro de relacionamentos: parentes, amigos, professores etc. Alguns serão pessoas que morreram há muito tempo, ou que emergiram do passado do ator. Muitos representarão os grupos a que o ator pertence e esperarão dele gestos apropriados durante a interação. Alguns dos atores invisíveis serão lendas e mitos que entram no drama e executam a ação dos principais atores humanos. A situação interacional não é uma interação entre duas pessoas apenas, mas uma série de transações executadas em debates cheios de gente e carregados de imagens complexas (STRAUSS, 1999, p. 72).

Assim como Strauss, Goffman (2014) também utiliza a figura do teatro para tratar sobre a interação face a face. Para o autor (2014), a interação é “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (GOFFMAN, 2014, p. 28). Nesse processo de interação, está a representação de papéis sociais, analogia ao teatro. Essa representação diz respeito à “[...] toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 2014, p. 34). Já o papel social é uma forma de acordo entre o indivíduo e o outro, com direitos e deveres ligados a uma determinada situação social. Na presente pesquisa, mais à frente, será possível identificar os diferentes papéis sociais que os jornalistas desempenham diante dos colegas do mesmo grupo e diante de outros atores sociais que fazem parte da sua atuação cotidiana na universidade. Durante a representação desses papéis, pode influenciar e ser influenciado pela representação dos outros.

A partir dos papéis sociais, as pessoas são categorizadas com uma determinada identidade social, que traz consigo uma série de comportamentos e características já estabelecidos, mesmo que não sejam identificados pela própria pessoa conscientemente. É a forma do indivíduo se relacionar socialmente. Desse movimento, Goffman (1988) estabelece dois conceitos: a identidade social virtual e a identidade social real. O primeiro está relacionado com a imputação de características que os outros fazem ao indivíduo, a partir de suas ações e de seus comportamentos sociais. Já o segundo termo refere-se aos atributos e características que, na verdade, o indivíduo possui. Portanto, para formar a identidade social, cada pessoa transita entre a identidade que lhe atribuem e a identidade com a qual se identifica. Os conceitos associam-se à constituição do *self*, sugerida por Mead (1982) e abordada no tópico anterior.

Voltando ao processo interacional, tanto Strauss (1999) quanto Goffman (2014) consideram que pessoas se tornam mais desempenhadoras de papéis sociais, quando estão associadas a grupos ou equipes¹⁵, respectivamente. Por esse motivo, a construção da identidade, principalmente da identidade profissional, deve passar pela análise dos papéis

¹⁵ Goffman utiliza o termo equipe de representação para falar sobre a atuação do indivíduo em determinado grupo social. O autor (2014) defende a cooperação entre os atores, em que cada um está decidido a apresentar sua própria representação especial, como uma espécie de entendimento entre as partes. Isso, no entanto, não impede que haja membros da equipe que queiram desligar-se ou mudar o rumo, causando situações de embaraço. Apesar dos conceitos de equipe de Goffman e de grupo de Strauss serem semelhantes, os autores diferem na medida em que Goffman aproxima o termo equipe ao funcionamento de uma sociedade secreta em que existe uma cooperação para manter os papéis e os estatutos de quem atua, evitando os conflitos. Nos agrupamentos, os conflitos estão mais presentes e devem ser observados na interação entre os indivíduos.

representados pelas pessoas como membros de grupos ou organizações sociais, com foco nos resultados e produtos da interação (STRAUSS, 1999). É importante destacar ainda que a interação se dá por fases, ou por atos, para utilizar uma linguagem própria do teatro. Durante todo o decurso da interação, o modo ou a fase podem mudar, por conta de modificações da identidade situacional, do estatuto ou de combinações possíveis desse estatuto. “Constitui um problema saber qual a base para o relacionamento que é operativa durante uma interação, uma vez que, sempre em teoria e muitas vezes na prática, é possível haver mais de uma” (STRAUSS, 1999, p. 85).

Um indivíduo que trabalha como jornalista em uma universidade age como um representante institucional, de acordo com Strauss (1999), podendo, portanto, atuar durante qualquer interação, ou fase interacional, em estatutos diferentes. Por exemplo, como um jornalista e como um servidor público. “Saber em qual tipo de estatuto entre os muitos possíveis ele está atuando depende das muitas sutilezas do que é dito, por quem, em que contexto, como e em que sequência” (STRAUSS, 1999, p. 86). Dentro do processo de interação, emergem as negociações realizadas para identificar e desempenhar os estatutos e os papéis sociais. É o que será discutido no próximo tópico.

3.3 NEGOCIAÇÃO IDENTITÁRIA

A identidade situacional, os papéis sociais representados e o estatuto a que o indivíduo recorre durante uma situação interacional apontam para a existência de pertencimentos múltiplos que podem entrar em concorrência no momento da interação. Para desempenhar aquilo que está proposto a fazer, do ponto de vista da identidade, a pessoa negocia posicionamentos e atitudes, de acordo com o gerenciamento de pertencimentos concorrentes ou complementares ao que ela considera vigente. Na interação com outro ator, isso dá origem a uma teia de negociação (STRAUSS et al., 1964), que resulta em acordos, entendimentos, contratos, pactos entre as partes por um dado momento.

No aspecto institucional dos estudos de identidade profissional, a negociação pode ocorrer dentro de um próprio grupo, por meio do posicionamento dos segmentos – que são os agrupamentos que emergem dentro um mesma profissão (BUCHER; STRAUSS, 1961), ou entre diferentes grupos profissionais que atuam juntos em um determinado espaço, como aqueles que trabalham em hospitais. Bucher e Strauss (1961), no artigo *Professions in Process*, ao abordar as profissões por uma perspectiva mais construtivista,

apontam que, dentro de uma mesma profissão, existem os conflitos que devem ser considerados e não geram simples diferenças ou variações. Podem se tornar padronizados e compartilhados e fazer emergir um novo segmento.

Considerando as profissões como “[...] amalgamações frouxas de segmentos que perseguem objetivos diferentes de maneiras diferentes” (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 326, tradução nossa)¹⁶, os autores exemplificam alguns valores sobre os quais os segmentos de uma mesma profissão podem estar em conflito: missão; trabalho; metodologia e técnicas; clientes; interesses e associações; falsa unidade e relações públicas. Na presente pesquisa, os indivíduos que atuam como jornalistas nas universidades possuem diploma e registro profissional no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), configurando-se como um grupo profissional de jornalistas universitários, por meio de uma afiliação formal. No entanto, por conta de possíveis diferenças e mudanças na missão, na forma de trabalho, em metodologias e técnicas utilizadas, por exemplo, dentro do mesmo grupo de jornalistas da universidade pode ocorrer o processo de segmentação.

Segmentos não são partes fixas, perpetuamente definidas do corpo profissional. Eles tendem a estar mais ou menos continuamente passando por mudanças. Eles tomam forma e desenvolvem, eles são modificados e desaparecem. O movimento é imposto a eles por mudanças em seu aparato conceitual e técnico, nas condições institucionais de trabalho e em sua relação com outros segmentos e ocupações. Cada geração se empenha em soletrar, novamente, sobre o que é e para onde está indo. Nesse processo, as fronteiras tornam-se difusas à medida que as gerações se sobrepõem, e diferentes locais de atividade profissional articulam definições um pouco diferentes da situação do trabalho. Dessa fluidez novos grupos podem surgir (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 332, tradução nossa)¹⁷.

Esse quadro de diversidade e movimento no posicionamento identitário dos segmentos dentro de um mesmo grupo pode ser percebido, no caso da presente pesquisa, durante a interação com colegas da mesma profissão ou com outros atores sociais. Nesse sentido, Bucher e Strauss (1961) aponta que a forma de analisar a identidade profissional

¹⁶ Trecho original: “[...] loose amalgamations of segments pursuing different objectives in different manners”.

¹⁷ Trecho original: “Segments are not fixed, perpetually defined parts of the body professional. They tend to be more or less continually undergoing change. They take form and develop, they modified, and they disappear. Movement is forced upon them by changes in their conceptual and technical apparatus, in the institutional conditions of work, and in their relationship to other segments and occupations. Each generation engages in spelling out, again, what it is about and where it is going. In this process, boundaries become diffuse as generations overlap, and different loci of professional activity articulate somewhat different definitions of the work situation. Out of this fluidity new groupings may emerge”.

de um grupo é fazendo uma analogia à ideologia de um movimento social. “Segmentos têm ideologia. Nós vimos que eles têm missões. Eles também tendem a desenvolver uma irmandade de colegas, liderança, organização formas e veículos tradicionais e táticas para implementar sua posição” (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 332-333, tradução nossa)¹⁸. Os autores mostram ainda os novos tipos de pesquisa que podem surgir, a partir da concepção desenvolvida por eles mais afastada do funcionalismo.

Um dos pontos é a relação dos segmentos com diferentes ocupações e profissões, como é o caso do presente estudo. Na pesquisa, os jornalistas interagem com diversos grupos profissionais que trabalham na universidade ou têm interesse no espaço acadêmico. A partir desse contato, são influenciados por diferentes tipos de posicionamentos e atitudes e podem ter problemas por estarem inseridos no meio de diferentes ideologias profissionais. “Ao considerar o manejo das relações com outras profissões, é necessário, portanto, fazer perguntas como: quem na profissão está preocupado com esse problema e que diferença isso faz para eles? Quem faz a negociação e de que maneiras?” (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 334, tradução nossa)¹⁹.

Strauss et al. (1964), ao fazer estudos etnográficos em hospitais, discutiram sobre a negociação que emerge das interações entre diferentes profissões que atuam no mesmo ambiente de trabalho. Enfermeiros, residentes, médicos e chefes negociam temporariamente vários acordos que se tornam padronizados em uma situação específica. Para os autores (1964), não é o estatuto ocupado que determina como o indivíduo agirá, mas a negociação é que vai determinar quem a pessoa leva em consideração, no momento do ato, e quais são as situações que se tornarão padrão para aquela determinada atitude. “Quanto mais experiente a enfermeira, menos disposta ela está para ceder à autoridade do seu residente, especialmente durante os primeiros meses de sua residência” (STRAUSS et al., 1964, p. 306)²⁰.

Ou seja, a negociação não depende necessariamente de regramentos escritos ou pactos previamente estabelecidos. Ocorre durante a interação e por um período determinado, podendo ser explícita ou quase sem conversa nenhuma entre as partes.

¹⁸ Trecho original: “[...] segments have ideology. We have seen that they have missions. They also tend to develop a brotherhood of colleagues, leadership, organizational forms and vehicles, and tactics for implementing their position”.

¹⁹ Trecho original: “In considering the handling of relations with other professions, it is thus necessary to ask such questions as: Who in the profession is concerned with this problem and what difference does it make to them? Who does the negotiating and in what ways?”.

²⁰ Trecho original: “The more experienced the nurse, the less disposed she is to cede authority to her resident, especially during the early months of this residency.”

Permite, conforme Strauss et al. (1964), não somente que o trabalho diário seja cumprido, mas também influencia sobre as regras e políticas do local de trabalho, provocando mudanças organizacionais. Esses acordos que surgem das negociações são continuamente finalizados, estabelecidos, renovados e seguem acompanhando as mudanças no ambiente de trabalho.

No senso pragmático, aquela combinação [**regras, políticas, acordos, entendimentos, pactos, contratos e outras regras de trabalho**] ‘é’ o hospital no momento, é a ordem social. Algumas mudanças que colidem sobre essa ordem – mudanças ordinárias, como introdução de um novo membro na equipe ou contrato quebrado ou mudanças anormais, como a introdução de uma nova tecnologia ou nova teoria – necessitará renegociação ou reavaliação, com consequentes mudanças na ordem organizacional (STRAUSS et al., 1964, p. 312, tradução nossa, **grifo nosso**)²¹.

Essas mudanças que ocorrem na negociação entre profissionais transformam os posicionamentos identitários de determinados grupos diante de atividades já estabelecidas. Na presente pesquisa, como será visto mais adiante, os participantes modificam atitudes, comportamentos e posicionamentos, a partir da identidade situacional, dos papéis sociais e do estatuto negociação com a entrevistadora e com outros atores sociais. Na análise dessas negociações, Strauss et al. (1964) orientam que a preocupação deve ser descobrir entre quem ocorre e quais são as formas, os conteúdos, o tempo, as direções e os resultados.

Este capítulo teve como objetivo apresentar a base teórica da pesquisa. Diante do capítulo inicial que situou o estudo no campo acadêmico e da *práxis* e ainda refletiu e abordou conceitos sobre o tema e deste capítulo, que apresentou as bases teóricas, a presente pesquisa segue para a descrição e a apresentação dos procedimentos metodológicos que foram utilizados para se chegar aos resultados.

²¹ Trecho original: “*In a pragmatic sense, that combination ‘is’ the hospital at the moment, its social order. Any changes that impinge upon this order – whether ordinary changes, like introduction of a new staff member or a betrayed contract or unusual changes, like the introduction of new technology or new theory – will necessitate renegotiation or reappraisal, with consequent changes in the organizational order*”.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar e descrever as escolhas e os procedimentos metodológicos realizados durante o estudo. Para esta pesquisa, de natureza qualitativa com enfoque indutivo, foi escolhida uma abordagem metodológica etnográfica, com uso das seguintes técnicas: observação de campo, entrevistas semiestruturadas em profundidade e análise de documentos. A definição do corpus desta investigação ocorreu com base nos dados disponibilizados pelo Painel Estatístico de Pessoal, do Governo Federal.

No primeiro momento, são feitas considerações acerca da pesquisa qualitativa, indutiva e etnográfica, explicando a preferência por essa abordagem. Em seguida, o capítulo descreve a definição do corpus e quais as técnicas utilizadas para fazer a coleta e análise de dados.

4.1 AS ESCOLHAS DO CAMINHO METODOLÓGICO

As escolhas do percurso metodológico se explicam pelo aporte teórico definido, pelos objetivos da pesquisa e pelo envolvimento pessoal. Estudos que têm o interacionismo simbólico como base teórica seguem uma tradição qualitativa, com enfoque indutivo. São predominantemente descritivos e partem de investigações de situações particulares, sem uma teoria inicial simplificadora que conceba a realidade social a partir de um padrão específico. Além disso, esta pesquisa tem como objetivo compreender as negociações de identidade de um determinado grupo profissional, tratando de processos organizacionais (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008), o que reforça a necessidade de trilhar um caminho a partir de um estudo qualitativo, com enfoque indutivo. Somado a isso, existe o caráter pessoal deste estudo, que também é tradição na abordagem escolhida (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008).

Sobre o aspecto do envolvimento pessoal, é preciso tecer algumas considerações. A partir de agora, em alguns momentos deste capítulo, escreverei em primeira pessoa, a fim de mostrar como estou inserida na pesquisa.

Minhas inquietações surgiram a partir da atuação profissional como jornalista em uma universidade federal, desde o ano de 2014. Inicialmente trabalhando em uma TV universitária e, em seguida, em uma diretoria de Comunicação, deparei-me com uma série

de situações diárias em que eu era questionada – por mim mesma e por colegas de trabalho – sobre a minha identidade profissional e as escolhas que eu fazia no dia a dia. Compartilho, portanto, do mesmo estatuto profissional dos sujeitos pesquisados, implicando em um envolvimento emocional na relação pesquisadora-sujeitos pesquisados. Para Travancas (1993), esse fato não impossibilita a realização do estudo. “Existe sempre um envolvimento com o objeto de estudo e isso não é um problema ou uma desvantagem em si” (TRAVANCAS, 1993, p. 38). Esse envolvimento, na verdade, conforme Deslauriers e Kèrisit (2008), seria o ponto de partida do estudo. Ao mesmo tempo, também é a base do andamento da investigação, já que também sou co-construtora e analista dos dados gerados na interação com os sujeitos (PEREIRA; NEVES, 2013).

As pesquisas qualitativas, como é o caso deste estudo, não enumeram ou mensuram os eventos investigados. Têm a intenção de realizar descrições sobre pessoas, lugares, situações de interação, por meio do contato direto do pesquisador com a situação investigada, compreendendo os processos na perspectiva dos sujeitos participantes (GODOY, 1995). Ao mesmo tempo em que a pesquisadora deve colocar-se no lugar do outro para compreendê-lo, há também a presença fundamental dela como sujeito durante a pesquisa, exigindo uma atuação recíproca entre pesquisadora-sujeitos pesquisado. Na abordagem qualitativa, o objeto é, portanto,

[...] a ação interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa; de onde a importância da linguagem e das conceituações devem dar conta tanto do objeto “vivido” [a descrição], como do objeto “analisado” [ações interpretadas] (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008, p. 131).

Essas abordagens também costumam ser microssociológicas, pois buscam analisar e compreender fenômenos em grupos específicos, não tendo como objetivo a elaboração de uma teoria abrangente para explicar a estrutura social estudada (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008). Pretendem, portanto, avançar e preencher lacunas no conhecimento de um determinado assunto, inferir ideias sobre processos sociais e contribuir com a ampliação de discussões relativas ao tema estudado. Também pedem um desenho metodológico indutivo. Becker (2007), ao tratar sobre a abordagem indutiva, a partir da forma de trabalho de Everett C. Hughes, explica que a teoria, nesse caso, não é destinada a fornecer todas as “molduras conceituais”, mas consiste em uma “coleção de truques” usados para interpretar os dados e dar a essas informações um sentido geral. Deslauriers e Kèrisit (2008) reforçam:

A teoria é vista como um mapa marítimo [...]. Logo, ninguém se surpreenderá que a base teórica da pesquisa qualitativa nem sempre tenha o refinamento formal da pesquisa hipotético-dedutiva, ainda que os questionamentos teóricos possam ser igualmente fundamentais (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008, p. 137).

Esse “mapa marítimo”, no caso das pesquisas qualitativas, pode se iniciar com uma revisão bibliográfica, como foi a opção deste trabalho na primeira parte do capítulo 2. Porém, diferente de uma pesquisa hipotético-dedutiva, o objetivo não é tanto operacionalizar conceitos, mas delimitar progressivamente o objeto, indicando os direcionamentos (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008). A construção teórica mais densa, portanto, se dá à medida em que os dados vão sendo colhidos e interpretados, já que não se trata de uma busca de dados ou evidências para corroborar ou negar teorias. Resume Godoy (1995):

Como os pesquisadores qualitativos não partem de hipóteses estabelecidas *a priori*, não se preocupam em buscar dados ou evidências que corroborem ou neguem tais suposições. Partem de questões ou focos de interesse amplos, que vão se tornando mais diretos e específicos no transcorrer da investigação. As abstrações são construídas a partir dos dados, num processo de baixo para cima. Quando um pesquisador de orientação qualitativa planeja desenvolver algum tipo de teoria sobre o que está estudando, constrói o quadro teórico aos poucos, à medida que coleta os dados e os examina (GODOY, 1995, p. 63).

Para Travancas (2006), essa revisão bibliográfica inicial faz parte da preparação do pesquisador, que vai precisar “mergulhar” no objeto de pesquisa. “O pesquisador precisa estar minimamente ‘iniciado’ no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de ‘entrar’ nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar” (TRAVANCAS, 2006, p. 101). No meu caso, além do levantamento bibliográfico apresentado no primeiro capítulo, existe o conhecimento prévio do mundo pesquisado. Não é um ambiente novo, nem desconhecido para mim, já que, como também sou uma jornalista que atuo em uma universidade pública, fiz colegas neste meio e também estou familiarizada com algumas situações e questões que são comuns aos ambientes de trabalho.

As pesquisas qualitativas, a depender das técnicas escolhidas, podem ser de diferentes tipos, mas caracteristicamente seguem a tendência multimetodológica, ou seja, possuem uma grande variedade de procedimento e instrumentos de geração de dados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). Por isso, para o presente trabalho, escolhi a metodologia etnográfica. No texto ‘Etnografia’ (No original *Ethnography*), de

Faye Allard e Elijah Anderson, os autores definem o termo como “[...] o estudo sistemático da cultura – que, por sua vez, pode ser definida como os artefatos, valores, normas e o conhecimento compartilhado e aprendido de um dado grupo” (ALLARD; ANDERSON, 2005, p. 833, tradução nossa)²².

Allard e Anderson (2005) defendem que, na etnografia, os pesquisadores mergulhem na realidade social dos sujeitos investigados para estudar e descrever a cultura local, no caso da presente pesquisa, da cultura organizacional das estruturas de comunicação das universidades. Para estudar e mergulhar nessa realidade social específica, a etnografia utiliza duas principais técnicas de coleta de dados (ALLARD; ANDERSON, 2005): a observação participante, que é gravada por meio de anotações no diário de bordo, e as entrevistas em profundidade ou etnográficas. Os dados etnográficos também podem ser coletados em registros históricos, periódicos, documentos e outros materiais escritos.

Neste trabalho, utilizei observação de campo, entrevistas semiestruturadas em profundidade e documentos. O percurso começou com a observação de campo, realizada do dia 10 de abril de 2019 ao dia 10 de maio de 2019, em uma universidade que possui um número e uma variedade considerável de jornalistas em diferentes funções. Depois, com base no que havia sido observado em campo, foram feitas dez entrevistas, que se concentraram em maio de 2019. Os participantes foram definidos a partir dos critérios de representação do universo total de jornalistas que atuam nas universidades federais. Também foi solicitado a cada entrevistado documentos da própria universidade que tratem sobre o que é o jornalista, qual a função exercida na rotina profissional, como regimentos internos, políticas de comunicação e/ou manuais.

A escolha deste campo de pesquisa, portanto, foi feita de forma proposital. Essa prática de escolher propositalmente um campo de pesquisa representativo é típica dos estudos qualitativos, pois o pesquisador precisa definir o campo ou cenário da pesquisa “em função das questões de interesse do estudo e também das condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade dos sujeitos” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 162). Esse tipo de construção do corpus, denominada de amostragem não-probabilística ou teórica (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008), permite o acesso a um conhecimento detalhado e circunstancial do fenômeno social estudado.

²² Trecho original: “*Ethnography is best defined as the systematic study of culture — which can in turn be defined as the artifacts, values, norms, and the shared and learned understandings of a given group*”.

Sobre o número de entrevistados, Travancas (2006) explica que esses dados são muito flexíveis. “A busca não é pelos números, mas pelos significados. E a recorrência nos discursos é um indicativo” (TRAVANCAS, 2006, p. 108).

Como a intenção é pesquisar um grupo de profissionais específico e as relações intrínsecas a esses jornalistas, a forma de escolha do campo se justifica, uma vez que apontará para dados mais particulares e aprofundados, ao contrário de uma amostra probabilística que, pela regularidade e dimensão, possibilitaria conhecer aspectos mais gerais da realidade social pesquisada. Por questões éticas, de preservação dos próprios entrevistados e atendendo ao pedido de alguns que solicitaram o anonimato, a identificação pessoal e da universidade onde trabalham serão mantidas em sigilo. Também não será divulgada a universidade onde ocorreu a observação participante pelos mesmos motivos.

A construção do corpus de pesquisa e cada uma das técnicas utilizadas serão detalhadas no próximo tópico.

4.2 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DO CORPUS E TÉCNICAS DE GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste trabalho, devido à escolha pela metodologia etnográfica, foram utilizados três diferentes tipos de técnicas de coleta dos dados: observação de campo, entrevistas semiestruturadas em profundidade e análise de documentos. Definiremos, a partir de agora, os procedimentos de construção do corpus de cada uma dessas etapas e as respectivas técnicas de coleta e análise de dados.

4.2.1 Observação de campo

A observação de campo foi realizada em uma das universidades com o maior número de jornalistas. A instituição foi escolhida, inicialmente, devido à quantidade e à variedade de jornalistas exercendo diversas funções em setores e veículos diferentes, o que possivelmente proporcionaria um olhar mais amplo sobre a atuação dos profissionais e permitiria uma quantidade maior de dados coletados. A facilidade de acesso à universidade, proporcionada pelo seu chefe da Comunicação, logo no primeiro contato feito, além da disponibilidade dos jornalistas, que permitiram a observação e foram

receptivos com a pesquisa, também estão entre os fatores que contribuíram para a escolha desta universidade.

Por se tratar de uma pesquisa de mestrado, com tempo reduzido para ser feita, não foi possível observar mais de uma universidade. O estudo, por sua vez, como será visto em seguida, investiu em entrevistas semiestruturadas em profundidade, com base no que foi verificado na observação de campo, com um grupo representativo de jornalistas, que atuam nas mais diversas universidades do país.

Entre 10 de abril de 2019 a 10 de maio de 2019, estive durante 4 horas/dia, observando os jornalistas nas tarefas diárias, nos diálogos e nas relações diárias, em turnos alternado (manhã e tarde). Passei pela assessoria de comunicação, rádio universitária, TV universitária e uma pró-reitoria, onde há uma jornalista lotada. Utilizei dois modelos de observação: a passividade (intervenção mínima), nos momentos em que estive observando a rotina dos setores, as reuniões formais e informais entre os jornalistas e os diálogos com os diferentes atores com os quais os profissionais interagem; e a interação, quando, em algum momento durante a observação, eu fazia algumas perguntas sobre o trabalho, participava de algum diálogo mais informal com os jornalistas ou sentava para fazer entrevistas informais.

Os jornalistas, de uma maneira geral, foram receptivos, mas percebi em alguns – a minoria – certa insegurança em relação ao que eu estava pesquisando e como a imagem deles ou do setor sairia no resultado final do trabalho. Sempre que eu chegava em um novo setor, apesar do responsável pela Comunicação da universidade já ter avisado que eu estava fazendo a pesquisa, havia uma curiosidade de saber de que universidade eu era, o tipo de pesquisa e onde eu trabalhava. Costumavam também pedir mais detalhes sobre os objetivos do estudo. A maioria parabenizava e comentava como era importante que alguém estivesse dedicado a pesquisar a comunicação nas universidades federais, já que não havia tantos estudos sobre o tema. A partir desses diálogos mais informais, por também ser uma jornalista que trabalha em uma universidade e por já ter tido contato com alguns dos profissionais, como colegas de profissão, percebi que as pessoas ficavam mais à vontade, chegando a perguntar sobre a minha atuação profissional e informações sobre a instituição onde eu trabalho. Mesmo mais à vontade, alguns profissionais pediram o anonimato, ao tratarem de questões mais delicadas sobre relacionamentos, por exemplo. Outros, mesmo falando de situações mais complexas, não fizeram essa solicitação.

Durante a observação, tornei-me parte do fenômeno observado, interagindo com os sujeitos e buscando compreender o que significa para cada um estar naquelas situações

vividas (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). Por causa dessa presença ativa no grupo estudado, por mais que o pesquisador evite ou se negue a participar ativamente de alguma situação, na tradição dos estudos etnográficos essa observação de campo é chamada de observação participante. “Ele [o pesquisador] deve estar atento ao seu papel no grupo. Deve observar e saber que também está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual” (TRAVANCAS, 2006, p. 104).

As situações de interação com os participantes da pesquisa ocorreram principalmente em momentos que surgiam problemas e temas que eles sabiam que já eram conhecidos por mim, por causa da minha experiência profissional em uma universidade. Essa proximidade aumentou minha responsabilidade, pois pedia que eu estivesse mais atenta à situação observada para não correr o risco de naturalizar aspectos importantes para a análise, porque já faziam parte do meu cotidiano de trabalho. Em outros momentos, também percebi a necessidade de me calar e recuar, a fim de não interferir em determinada situação que estava ocorrendo. Afinal, precisava estar ali como pesquisadora, interessada em observar como os jornalistas daquela instituição agiam nas mais diferentes situações. Como explica Travancas (2006), ao refletir sobre as ideias da antropóloga Ruth Cardoso (1986) sobre o papel do investigador e o envolvimento com o grupo pesquisado:

É fundamental que ela [observação participante] não se transforme em “participação observante”. Isso significa que o pesquisador se engaja no estudo e muitas vezes se coloca como “porta voz” do grupo investigado, deixando de lado o seu compromisso profissional e ético e esquecendo que, embora haja um enorme espaço para a subjetividade do cientista social neste tipo de pesquisa, os dados são formas objetivas e têm vida própria (TRAVANCAS, 2006, p. 105).

Em relação à estrutura, foi escolhida a observação não-estruturada (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998), que já é comum nos estudos qualitativos. Nesse caso, os “[...] comportamentos a serem observados não são predeterminados, eles são observados e relatados da forma como ocorrem, visando descrever e compreender o que está ocorrendo” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 166). No próximo tópico, serão detalhadas as formas de coletas de dados que foram usadas: a observação, as entrevistas informais e a construção do diário de campo. Além dessas técnicas, também fiz a leitura de documentos oficiais, elaborados pelos profissionais de comunicação da universidade e disponibilizados pelo chefe, a fim de buscar

complementar os dados da observação de campo e compreender melhor o funcionamento dos setores onde atuam os jornalistas. A ideia era imergir na rotina daqueles profissionais que estavam sendo observados.

4.2.1.1 Coleta de dados na observação de campo

Para colher os dados, foram usados três tipos de técnicas principais: a observação, as entrevistas informais e o diário de campo, instrumento que reúne as anotações das duas primeiras. Como complementar à observação, também fiz a leitura dos seguintes documentos oficiais: uma pesquisa com a comunidade acadêmica, realizada em 2013; o plano de comunicação, que atualmente está passando por uma revisão; a relatoria de um seminário de planejamento da rádio universitária, feito em 2011; e um documento de realinhamento estratégico da rádio universitária, de dezembro de 2015.

A cada dia de observação dos jornalistas, foram feitas anotações para compor o diário de campo. Os registros seguiram uma ordem temporal, a fim de dar o panorama geral de cada um dos dias de trabalho. Anotava o que os jornalistas estavam fazendo, isso incluía não somente as atividades rotineiras, mas também as conversas e as interações informais; quantos profissionais estavam presentes naquele turno; frases e comentários ditos em alguns diálogos ocorridos entre os colegas, durante ligações telefônicas e respostas de e-mails; situações problemas que precisavam ser resolvidas e como foram solucionadas. O registro da estrutura física de trabalho disponível para os jornalistas também foi feito. A ideia era deixar o caderno de campo com uma quantidade considerável de dados que pudessem ser interpretados mais tarde.

No diário de campo também estão incluídas as anotações das entrevistas informais, feitas com o chefe do setor de Comunicação, com alguns jornalistas e com outros profissionais do setor, como programador visual, fotógrafo e assistente em administração. Quando eu tinha a oportunidade de conversar mais de perto com algum desses profissionais – evitava atrapalhar a rotina de trabalho, conversando durante os intervalos, em momentos mais tranquilos ou na ida a uma pauta, deixava o diálogo fluir, fazendo o uso somente de notas ou mesmo da memória (anotando em seguida, logo após a conversa). A intenção era deixar o informante mais à vontade no ambiente, como se estivesse em uma conversa, na tentativa de romper com a linha oficial do discurso profissional.

Por fim, a observação de campo foi complementada com a leitura de documentos oficiais da universidade, disponibilizados pelo chefe para a pesquisa. Durante essa leitura, foram selecionados trechos que abordavam a atuação dos setores de comunicação (assessoria, rádio e TV), em especial dos jornalistas; as ideologias formalmente envolvidas no momento de definir a missão, os valores e os objetivos da comunicação na universidade; a avaliação de problemas enfrentados durante o trabalho desses profissionais e a interação com os mais diferentes públicos. Isso contribuiu para imergir ainda mais nesse ambiente de comunicação da universidade, percebendo questões, já identificadas formalmente pelos próprios profissionais, mas que porventura não apareceram durante o período de observação. As informações colhidas nesses documentos também serviram para conduzir algumas das conversas informais.

4.2.2 Entrevistas semiestruturadas em profundidade

Com base nas observações feitas em campo, foram realizadas as entrevistas. Esses diálogos com os entrevistados são fundamentais para identificar os processos de negociação identitária, sob a ótica dos jornalistas. Em relação à estrutura, nas pesquisas qualitativas, geralmente as entrevistas são pouco estruturadas, semelhantes a uma conversa. Isso ocorre porque o entrevistador está “[...] interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 168). Nesta pesquisa, as entrevistas foram semiestruturadas, também chamadas de focalizadas (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998), ou seja, existem perguntas específicas sobre temas previamente estabelecidos, mas o entrevistado fica à vontade para responder à sua própria maneira. Além disso, esse formato permite que outros questionamentos, que não estavam previstos inicialmente, sejam feitos, conforme o andamento da entrevista.

De acordo com Pereira e Neves (2013), a entrevista tem sido utilizada cada vez mais nas pesquisas qualitativas no campo do jornalismo na América Latina. Os autores atribuem o uso ao desenvolvimento de uma tradição etnográfica nos estudos da área, especialmente em virtude das teorias etnoconstrucionistas da notícia, difundidas pelo professor e pesquisador Nelson Traquina (2001), e também à apropriação das práticas das redações na academia, por meio do ingresso em universidades latino-americanas de antigos jornalistas. Neste trabalho, a técnica foi considerada uma interação simbólica.

Dessa forma, durante a entrevista ocorreram “[...] negociações de pontos de vista, sentimentos e motivações, interpretações sobre o mundo, estatutos e identidades sociais” (NEVES; PEREIRA, 2013, p. 36).

Dez profissionais que trabalham em universidades federais do Brasil estão entre os entrevistados. Foram escolhidos aqueles concursados, ocupantes do cargo de jornalista, que seguem ao Plano de Cargos e Carreiras dos servidores técnico-administrativos em Educação e estão lotados no setor de Comunicação (assessoria de comunicação, diretoria, coordenadoria etc.), na rádio ou na TV universitária de uma universidade pública federal. A seleção foi feita dessa maneira, excluindo terceirizados ou professores que porventura estejam ocupando cargos no setor de Comunicação, na rádio ou na TV, para trabalhar com um grupo mais bem definido que, *a priori*, enfrenta semelhantes condições de trabalho, tem as mesmas atribuições e carga horária e ingressou no serviço público de maneira parecida. Também foram excluídos os jornalistas que, no momento da pesquisa, ocupavam cargos de chefia, já que, nesse caso, o profissional estaria com outras atribuições e teria uma outra relação com os pares e os demais profissionais que trabalham na universidade, modificando os objetivos do estudo.

Dentro desse grupo definido, a escolha do corpus ocorreu de forma não-probabilística, levando em consideração critérios de representatividade, a partir do universo total de jornalistas, como gênero (sem levar em consideração a orientação sexual), faixa etária, distribuição geográfica e momento de constituição da universidade, além da disponibilidade. A amostra de gênero, faixa etária e distribuição geográfica seguiu o proporcional aos dados oficiais sobre o universo de jornalistas que atuam nas universidades federais, já detalhado no capítulo anterior. Dessa forma, seis entrevistadas são mulheres e quatro, homens. Seis jornalistas escolhidos têm até 40 anos de idade, três estão na faixa de 41 a 60 anos e um está acima de 60 anos (Ver Quadro 1).

Na seleção por distribuição geográfica, seis entrevistados fazem parte de universidades localizadas nas capitais dos estados e quatro estão trabalhando em universidades localizadas no interior dos estados. Nesse universo, terão representantes de universidades que foram formadas até 2003 e outros que trabalham em universidades constituídas após 2003. Esse marco foi definido por conta do início do projeto de expansão da Rede Federal de Educação Superior²³, que implantou uma série de novas universidades pelo Brasil, juntamente com o Programa de Apoio a Planos de

²³ Mais informações em:

http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=81

Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni)²⁴, iniciado em 2008. Esta escolha explica-se pelo fato de as instituições mais recentes poderem se constituir e atuar de forma diferente das instituições mais antigas, mudando, assim, o papel do jornalista. Além desses três critérios de representatividade, foi definido também o critério de disponibilidade para participar das entrevistas via videoconferência ou telefone, já que a amostra conta com pessoas que moram em diferentes lugares do país.

O quadro de entrevistados ficou assim definido assim:

Quadro 2 - Perfil dos entrevistados

Entrevista	Entrevistado	Gênero	Idade	Região	Local de trabalho na universidade	Universidade constituída antes de 2003?
Entrevista 1	João Lima	Masculino	63	Centro-Oeste	Rádio	Sim
Entrevista 2	Margarida Castanheira	Feminino	29	Centro-Oeste	TV	Sim
Entrevista 3	Camélia Carvalho	Feminino	32	Sul	Ascom ²⁵	Não
Entrevista 4	Joaquim Salgueiro	Masculino	46	Sul	Ascom	Não
Entrevista 5	Jorge Pereira	Masculino	40	Nordeste	Ascom	Não
Entrevista 6	Violeta Moreira	Feminino	56	Nordeste	Ascom	Sim
Entrevista 7	Açucena Campos	Feminino	28	Norte	TV	Sim
Entrevista 8	José Figueira	Masculino	52	Norte	Rádio	Sim
Entrevista 9	Gardênia Jatobá	Feminino	34	Sudeste	Rádio	Não
Entrevista 10	Petúnia Oliveira	Feminino	29	Sudeste	Ascom	Sim

Fonte: Produzido pela autora

²⁴ Mais informações em <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>

²⁵ Ascom quer dizer assessoria de comunicação. Não necessariamente o nome original do setor se chama assessoria de comunicação. Existem coordenadorias, diretorias, secretarias. Como a função é a mesma desempenhada pelas assessorias de comunicação, optou-se por utilizar esse termo para simplificar a tabela.

Como foi possível observar no quadro, os entrevistados receberam nomes fictícios, de modo que a identidade permaneça em sigilo, sem precisar que os participantes se transformem em números. Os tópicos a seguir detalharão todo o processo de geração de dados durante as entrevistas, como foram realizadas, o tempo de cada uma e os principais desafios.

4.2.2.1 Geração de dados nas entrevistas

Logo depois que o corpus representativo foi definido, chegou o momento de buscar esses profissionais, saber da disponibilidade e interesse em participar da pesquisa e marcar as entrevistas. A partir dos dados disponibilizados no Painel Estatístico de Pessoal, consegui localizar as universidades onde cada um dos pretensos perfis trabalhava. Para conseguir entrar em contato com cada um desses jornalistas, fiz uso de contatos pessoais, contatos formais com os setores de Comunicação e contatos via WhatsApp no grupo de trabalho Comunicadores IFES. Elaborei um texto padrão para enviar aos entrevistados (por e-mail ou WhatsApp), explicando o que era a pesquisa e os objetivos principais, a fim de esclarecer o motivo do meu contato e deixar os jornalistas mais à vontade para tomar a decisão de participar ou não. Todos foram muito receptivos e se colocaram disponíveis rapidamente para contribuir. Do grupo inicialmente planejado, apenas uma entrevistada declinou do convite, mantendo-se à disposição para ajudar, indicando outro jornalista para participar.

Após esse contato inicial, ocorrido entre os meses de março e abril de 2019, fechei o corpus de entrevistados. As entrevistas, no entanto, foram agendadas posteriormente, no mês de maio de 2019, já próximo do fim da observação de campo, a fim de evitar um período muito longo entre o agendamento e a realização, correndo o risco de muitos esquecerem do combinado. Durante o agendamento, pedia que os jornalistas informassem qual era o melhor horário e dia para a execução da entrevista, já que, por se tratar de entrevistas semiestruturadas em profundidade, seria necessário um certo tempo de dedicação de cada participante. Rapidamente, eles disponibilizavam as datas em que estariam livres, flexibilizando, inclusive, os meios e os horários para que as entrevistas fossem realizadas. Somente as entrevistadas Margarida Castanheira e Açucena Campos, por questões pessoais e profissionais, respectivamente, pediram uma remarcação e Camélia Carvalho pediu para remarcar duas vezes, por motivos pessoais. Mas todas as

entrevistas foram remarcadas para datas bem próximas do inicialmente previsto, não prejudicando o cronograma da pesquisa. Joaquim Salgueiro, no dia da entrevista, solicitou uma antecipação do horário, porque gostaria de participar das manifestações em favor da educação que estavam ocorrendo em todo o Brasil²⁶.

Alguns jornalistas perguntaram se eles precisavam se preparar antes da entrevista, ler algum documento, saber de alguma informação mais detalhada, disponibilizar dados. Talvez essa preocupação tenha relação com a própria rotina deles de disponibilizar informações corretas para os mais diversos públicos e de, muitas vezes, preparar fontes para responder entrevistas. Mas eu explicava que a entrevista seria mais sobre a atuação e a percepção deles sobre o trabalho de jornalista do que sobre dados do setor ou da universidade, evitando essa preparação prévia e uma elaboração mecânica de respostas. Durante o agendamento das entrevistas, o anonimato não foi uma grande preocupação de nenhum dos jornalistas. Alguns perguntaram, mas outros aceitaram participar da pesquisa sem nem questionarem isso.

Os diálogos foram, então, realizados entre os dias 13 e 21 de maio de 2019, depois do período de observação de campo, por meio de ligações telefônicas convencionais entre os celulares. Como alguns entrevistados haviam sugerido as entrevistas por telefone ou por e-mail e os outros se colocaram à disposição para fazer via videoconferência ou telefone, optou-se por fazer todas via telefone. Além disso, com o uso das ligações telefônicas convencionais, em momentos de oscilação de Internet, as entrevistas não correram o risco de ser inviabilizadas ou interrompidas. O e-mail foi uma alternativa vetada desta pesquisa, já que se trata de um estudo que tem como objetivo percepções, a partir das interações entre a pesquisadora e os participantes. Mesmo os entrevistados que sugeriram o uso do e-mail, não colocaram nenhuma objeção para fazer a entrevista por telefone, quando eu explicava que não poderia ser feita por escrito, que era importante para o estudo essa interação, por meio do diálogo.

As entrevistas seguem um roteiro padrão que foi produzido inicialmente para as duas entrevistas-teste, realizadas em novembro de 2018, para a qualificação deste trabalho, apresentada em dezembro de 2018. Após a observação de campo, boa parte deste roteiro de perguntas foi modificado, a fim de aprofundar e/ou complementar os dados colhidos em campo. Antes do exame de qualificação desta pesquisa de mestrado, a proposta era fazer primeiro as entrevistas e depois ir a campo, na tentativa de confirmar

²⁶ No dia 15 de maio de 2019, milhões de pessoas saíram às ruas para protestar contra os cortes previstos para a Educação, realizados pelo Governo Federal.

questões que surgiram durante os diálogos. No entanto, optou-se por modificar esta ordem no procedimento metodológico, com o objetivo de primeiramente observar a atuação dos jornalistas em uma universidade, as interações e as negociações que emergiam ali, para depois articular e/ou aprofundar dados, por meio das entrevistas com profissionais que trabalham em diferentes lugares do Brasil. A ideia dessa abordagem multimetodológica não é a confrontação e o cruzamento de dados, mas a complementação de informações que não apareceram no campo, o aprofundamento e o esclarecimento de situações observadas no campo e/ou a articulação de dados.

O roteiro incluiu perguntas sobre a escolha por trabalhar na universidade, as atividades desempenhadas no dia a dia, as interações com os diferentes públicos, os conflitos e as negociações necessárias na hora de desenvolver o trabalho e tomar decisões. Em nenhuma das entrevistas o roteiro foi seguido fielmente. A cada entrevista, algumas perguntas foram mudando de sequência, à medida em que era perceptível que a conversa fluía melhor seguindo um determinado caminho. Além disso, algumas novas perguntas surgiram, a depender da resposta e da realidade do participante. Às entrevistadas Camélia Carvalho e Petúnia Oliveira, por exemplo, foram feitas perguntas sobre o preconceito e a condição de ter chegado à universidade como mulher jornalista e ainda bem jovens. Para os jornalistas João Lima e José Figueira e para a entrevistada Gardênia Jatobá, perguntou-se sobre a programação e o funcionamento da rádio, já que eles atuam em uma rádio universitária. Para as jornalistas Margarida Castanheira e Açucena Campos, houve questionamentos sobre a TV universitária, já que o trabalho delas é na emissora da universidade.

Houve a tentativa também de apresentar todas as perguntas previamente elaboradas para os jornalistas, mas, em alguns casos, os participantes já haviam respondido e esgotado o assunto, não havendo a necessidade de voltar. Em outros casos, percebeu-se que determinada pergunta não fazia sentido para a realidade do participante. Além disso, em uma ou outra entrevista, os jornalistas não se sentiram tão à vontade de responder determinados questionamentos com a profundidade desejada, principalmente aqueles que tratavam de problemas de relacionamento no trabalho. As entrevistadas Margarida Castanheira e Petúnia Oliveira, por exemplo, ao abordar o tema, enfatizaram o uso do anonimato como uma forma de proteção delas, já que estavam falando sobre situações delicadas que envolviam outros colegas de trabalho e não queriam que a pesquisa pudesse expor ou prejudicar as pessoas envolvidas. Isso reforçou a necessidade de não identificar os jornalistas, nem as instituições onde eles trabalham.

O roteiro de perguntas, apesar de não estar dividido em blocos, basicamente seguiu três grandes temas, que não necessariamente estavam em ordem cronológica em todas as entrevistas. Iniciava com perguntas mais pessoais e biográficas (TRAVANCAS, 2006) sobre a escolha pelo jornalismo, as experiências profissionais e o ingresso na universidade. Depois, abordava questões sobre a atuação diária no ambiente de trabalho, as negociações que ele precisava fazer durante a elaboração de algum texto, a que estatuto profissional ele recorria mais durante a atuação dele. Havia ainda as perguntas relacionadas à temática das relações com diferentes atores. Os respondentes foram questionados sobre a relação deles com os públicos internos, com outros jornalistas e com os públicos externos à universidade.

A ideia era deixar os participantes à vontade para falar e responder da maneira mais sincera possível. Portanto, algumas perguntas foram feitas de forma indireta, pedindo a avaliação dos entrevistados sobre determinado assunto para captar opiniões. Outras foram refeitas para fazer com que o jornalista entendesse melhor o questionamento e ficasse mais seguro para falar. Houve ainda perguntas mais básicas, na tentativa de captar mais o posicionamento do entrevistado do que mesmo a resposta em si. Além disso, nem todas as respostas sobre determinado tema foram encontradas na pergunta específica para isso, algumas vezes os jornalistas deixaram transparecer ideias e posicionamentos ideológicos referentes a um determinado assunto em questionamentos sobre outras temáticas.

A princípio tudo que está sendo dito interessa e é importante, em maior ou menor grau. Por quê? Porque estas informações ajudam na compreensão do entrevistado, do grupo a que pertence e das lógicas da sua cultura. [...] neste tipo de entrevista o pesquisador não inquirir seu entrevistado. Pode até apontar contradições, ambiguidades, pedir mais esclarecimentos. Mas ele não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva. O próprio fato de um entrevistado não querer responder a uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo, quanto uma resposta (TRAVANCAS, 2006, p. 104).

As entrevistas foram feitas por ligação de celular, na opção de viva voz, gravadas por meio do gravador do *Ipad* e, posteriormente, salvas em arquivos de áudio M4A. Para evitar perdas dos arquivos, as conversas foram salvas no meu notebook e também no drive do meu e-mail. O tempo total de duração das entrevistas foi de 9 horas, 36 minutos e 25 segundos. Cada conversa variou entre 37 minutos e 22 segundos (José Figueira) e 1 hora, 37 minutos e 19 segundos (Jorge Pereira). A maior parte dos diálogos durou entre 45 minutos e 1 hora. O tempo dependia muito das reações e das respostas dos próprios

entrevistados. Para facilitar o acompanhamento desta fase da pesquisa, foi elaborado um quadro com a data de realização de cada entrevista e a duração.

Quadro 3 - Entrevistado, data de realização da entrevista, duração da conversa

Entrevistas	Entrevistado	Data de realização da entrevista	Duração da entrevista
Entrevista 1	João Lima	13 de maio de 2019	45 minutos e 37 segundos
Entrevista 2	Margarida Castanheira	20 de maio de 2019	45 minutos e 03 segundos
Entrevista 3	Camélia Carvalho	21 de maio de 2019	1 hora, 06 minutos e 42 segundos
Entrevista 4	Joaquim Salgueiro	15 de maio de 2019	1 hora, 14 minutos e 56 segundos
Entrevista 5	Jorge Pereira	15 de maio de 2019	1 hora, 37 minutos e 19 segundo
Entrevista 6	Violeta Moreira	14 de maio de 2019	46 minutos e 07 segundos
Entrevista 7	Açucena Campos	20 de maio de 2019	1 hora e 32 segundos
Entrevista 8	José Figueira	14 de maio de 2019	37 minutos e 22 segundos
Entrevista 9	Gardênia Jatobá	15 de maio de 2019	48 minutos e 55 segundos
Entrevista 10	Petúnia Oliveira	20 de maio de 2019	1 hora e 52 segundos
			Tempo total de gravação: 9 horas, 43 minutos e 25 segundos

Fonte: Produzido pela autora

Depois de realizadas, as entrevistas foram transcritas por um colaborador, sob minhas orientações. Os erros gramaticais foram retirados, mas manteve-se o tom coloquial de determinadas expressões regionais e gírias para preservar a naturalidade da conversa. Também foram suprimidos os nomes dos entrevistados (trocados por nomes fictícios), os nomes das universidades onde eles trabalham e as referências a lugares que possam identificar o local de trabalho deles, conforme já foi explicado anteriormente. Retirou-se ainda trechos em que havia informações de caráter pessoal que não tinham relação com os objetivos da pesquisa. Apesar dessas edições, houve um esforço para remover o mínimo possível de informações das entrevistas, permitindo um material mais

completo para a análise. As entrevistas, na íntegra (com as edições realizadas), podem ser consultadas ao final da dissertação, nos Apêndices. Com as entrevistas transcritas e editadas, foi iniciada a fase de análise deste material, como complemento e aprofundamento de questões vistas na observação de campo.

4.2.3 Documentos das universidades

A técnica de utilização de documentos faz parte da perspectiva etnometodológica deste trabalho. Foi usada de uma maneira a complementar informações fornecidas durante as entrevistas, identificando, por exemplo, como está descrito formalmente o estatuto dos jornalistas, bem como percebendo possíveis posicionamentos ideológicos sobre a atuação desses profissionais. Fazer a análise desses documentos é uma maneira de compreender melhor as identidades e os papéis sociais analisados, permitindo o entendimento de algumas práticas sociais.

Conforme Giumbelli (2002), o objetivo fundamental das pesquisas etnográficas deve ser buscado por meio de uma variedade de fontes e há situações etnográficas em que as fontes são os documentos materiais físicos.

Se na observação participante, o pesquisador deve deixar seus “nativos” falarem, no uso de fontes textuais ele deve lidar com o que já foi dito. Nada disso invalida o recurso a entrevistas; afinal, há situações em que é fundamental fazer certas personagens falarem, assim como é imprescindível fazer emergir vozes que, de outro modo, permaneceriam submersas. O que considero importante é pensar adequadamente a relação entre entrevista e trabalho de campo e não deixar de incluir nessa reflexão o lugar das fontes textuais (GIUMBELLI, 2002, p. 102).

Ao entrar em contato com os entrevistados, na fase anterior às entrevistas, solicitei a disponibilização de algum documento do setor em que eles trabalham, que tratasse sobre a atuação da comunicação, especialmente do jornalista. Os entrevistados João Lima, Margarida Castanheira, Açucena Campos e Gardênia Jatobá informaram não haver nenhum documento que orientasse o trabalho desenvolvido por eles. Os demais indicaram documentos variados: regimentos internos (jornalistas Joaquim Salgueiro e Petúnia Oliveira), política de comunicação (Violeta Moreira), diretrizes da rádio (José Figueira), guia de produtos (Camélia Carvalho) e instrução normativa (Jorge Pereira).

Veja a seguir mais detalhes de cada um dos documentos utilizados e de que forma os dados foram coletados para a pesquisa.

4.2.3.1 Coleta de dados nos documentos das universidades

Os seis documentos selecionados para fazer parte deste estudo são variados em formatos e tamanhos. Optou-se por incluir somente documentos das universidades dos respectivos entrevistados, com o objetivo de complementar as entrevistas ou mesmo confrontar alguma informação falada pelos respondentes. Cada um dos seis documentos sugeridos pelos jornalistas foi lido uma primeira vez, antes de cada entrevista, para que eu pudesse ter conhecimento do material e selecioná-lo como parte do corpus da pesquisa. Uma outra leitura foi feita na tentativa de captar a descrição do trabalho dos jornalistas ou posicionamentos ideológicos sobre essa atuação. Os documentos não serão referenciados para evitar a identificação dos entrevistados.

Guia de Produtos (Camélia Carvalho)

Com formato de manual geral para as publicações definidas como “noticiosas”, este documento possui orientações gerais sobre o setor onde a jornalista trabalha (assessoria de comunicação). Essas orientações vão desde o formato de escrita de algumas palavras, como as siglas, até a maneira de solicitar uma “pauta jornalística”. Há também informações sobre a prática da rotina dos jornalistas, como, por exemplo, a orientação de que os textos produzidos pelos profissionais do setor não serão obrigatoriamente enviados aos solicitantes para aprovação e/ou edição. No documento, existe ainda uma lista dos canais de comunicação utilizados pela assessoria de comunicação, com o que cada meio divulga ou não divulga.

Regimento Interno (Joaquim Salgueiro)

Por se tratar de um regimento interno, o documento tem formato de legislação (com capítulos e artigos) e foi aprovado no Conselho Universitário. Foca na estrutura formal do setor: organização, atribuições e competências. No trecho que trata das competências, o regimento legisla sobre as atividades desenvolvidas pelo setor onde trabalham os jornalistas. Entre as atribuições estão produção de conteúdo de “cunho jornalístico” e de divulgação institucional; organização das rotinas de “produção de pautas” e da atualização de manuais de redação; gerenciamento do contato e do fluxo de informações entre as fontes da comunidade acadêmica e a imprensa; atualização da seção de “notícias” do site institucional; entre outras atividades.

Instrução Normativa (Jorge Pereira)

Este documento apresenta os princípios norteadores da comunicação na universidade, os públicos de interesse, as estratégias de comunicação interna e externa e informações sobre a divulgação científica e cultural. Também traz orientações gerais sobre como solicitar “publicação noticiosa” e informa quais são as práticas dos jornalistas da universidade. Entre essas práticas, está a edição dos textos encaminhados como solicitação de acordo com “técnicas jornalísticas convencionadas pelo setor”. Existe ainda uma seção para detalhar quais são os produtos e os canais da assessoria de comunicação e o que cada um divulga e o que não divulga.

Política (Violeta Moreira)

O documento está no formato de legislação (com capítulos e artigos). Foca na segurança das publicações feitas pela internet no âmbito da universidade e, rapidamente, aborda as atribuições da assessoria de comunicação neste aspecto. Algumas dessas competências são: atualizar e manter todo o “conteúdo jornalístico” do portal da universidade; gerenciar “notícias” produzidas por outros setores e apoiar o treinamento de profissionais que serão responsáveis pela publicação de notícias nos subdomínios do portal da universidade.

Diretrizes da rádio (José Figueira)

O documento, formulado por um Grupo de Trabalho diverso, formado por discentes, docentes, técnico-administrativos e jornalistas da comunidade externa, apresenta a missão, a visão e os valores da rádio onde o jornalista trabalha. Também traz as diretrizes que orientam cada área de trabalho na emissora universitária. Na parte que trata sobre a programação jornalística, diz que essa deve “pautar-se pelo interesse público”, priorizando assuntos ligados à cidadania, ao esporte, à cultura e à educação. Há orientações também sobre a divulgação institucional, que seria a disseminação do que é feito pela universidade.

Regimento Interno (Petúnia Oliveira)

O documento tem formato de legislação, já que se trata de um regimento interno do setor. Aprovado no Conselho Universitário, o texto define o objetivo principal da diretoria de comunicação, as finalidades, a organização, as competências, as atribuições

e o funcionamento do setor. Algumas das competências da unidade onde estão lotados os jornalistas são: orientar, coordenar e efetuar contatos com a imprensa, a fim de divulgar as ações institucionais; atuar como mediadora no relacionamento entre a mídia e a universidade; elaborar e disponibilizar o manual de divulgação institucional; entre outras.

4.2.4 Técnicas de codagem e análise dos dados

Depois de concluir a observação participante e construir o diário de campo, transcrever e editar as entrevistas e selecionar e ler os documentos disponibilizados, chegou o momento de iniciar a interpretação dos dados gerados, à luz do interacionismo simbólico. Considerando o resultado das entrevistas e da observação de campo, os achados na leitura dos documentos das universidades, a base teórica de sustentação desta pesquisa e os objetivos do estudo, foram identificadas quatro categorias de análise: Identificação, Práticas, Ideologias e Interações. Os dados gerados na pesquisa foram classificados de acordo com cada uma dessas categorias.

No operador de análise denominado de Identificação, foram selecionados os aspectos mais relacionados à forma como os jornalistas nomeiam si a próprios: como eles definem a profissão que exercem e as atividades desempenhadas, os termos utilizados, bem como se referem a si em interação com outros atores sociais. Na categoria Práticas, está tudo aquilo que fazia referência ao trabalho desenvolvido pelos jornalistas no dia a dia: as atribuições e as tarefas desenvolvidas. Em Ideologias, estão os trechos que se referem a valores, princípios, normas ou códigos de conduta seguidos pelos jornalistas no momento de atuar. Já em interações, foram incluídos os aspectos relacionados à maneira como os jornalistas interagem: quais são os atores sociais que participam dessas negociações e como ocorrem as negociações.

Para transformar em dados de pesquisa as situações que estavam descritas no diário de campo e nas entrevistas e as informações que constavam no documento - e inserir em cada uma das categorias, foram necessárias repetidas leituras do material e reflexão sobre o que estava sendo lido, na busca por olhar para essas informações da forma como o interacionismo simbólico enxerga e explica os fenômenos sociais. A cada análise, eram necessárias uma construção e uma desconstrução das informações que eu selecionava até encontrar o que realmente se tornaria um dado de pesquisa.

Ou seja, inicialmente, o meu olhar acostumado a explicar as profissões de modo mais funcionalista, procurava aquilo que me remetia a um padrão de comportamento. Ao

mesmo tempo, o meu olhar acostumado à prática cotidiana do jornalismo de selecionar informações em entrevistas, buscava o extraordinário. No entanto, era necessário buscar as situações ordinárias, cotidianas, aparentemente sem importância, e identificar o que elas tinham a dizer-me sobre aqueles profissionais. Precisava procurar reações nos discursos que foram geradas a partir das interações dos jornalistas comigo ou no dia a dia de trabalho com outros atores sociais.

E foi assim que, nas leituras posteriores, os achados começaram a virar dados de pesquisa: os discursos oficiais, os comentários mais despretensiosos ou em tom de brincadeira, a reação a determinada situação ou pergunta, a opinião sobre um determinado tema. Tudo isso passou a virar dado de pesquisa, classificado em uma das categorias apresentadas acima (a depender do assunto do trecho selecionado), e que tinha condições de ser interpretado, à luz do interacionismo simbólico, com o objetivo de responder aos questionamentos da pesquisa.

À medida que os dados foram sendo organizados, identifiquei que algumas situações se repetiam ou que seguiam uma mesma linha de raciocínio, no momento dos jornalistas, mesmo sem se conhecerem e trabalhando em locais diferentes, responderem a perguntas semelhantes, falarem sobre casos parecidos, comentarem a opinião sobre um tema e construírem os documentos das estruturas de comunicação. Dessa forma, fui identificando aquilo que, pela semelhança, não era só trecho de uma história de vida particular contada nas entrevistas e na observação de campo, mas que poderia fazer parte de um conjunto de informações que seriam agregadas e citadas na dissertação como exemplos.

Essa forma de produzir inferências não vão de encontro ao método indutivo. Não quer dizer que as inferências feitas nesta pesquisa podem ser explicar toda e qualquer situação que ocorre em todas as universidades públicas federais, de maneira generalizada. Quer dizer que, no conjunto de dados gerados na observação de campo, nas entrevistas e nos documentos, há possibilidade de reuni-los, a partir das semelhanças, das diferenças e das complementaridades, para apontar explicações sobre aquele grupo específico estudado.

4.3 CONSIDERAÇÕES

Com base nos pressupostos teóricos do interacionismo simbólico, a presente pesquisa qualitativa foi se consolidando a partir de um desenho multimetodológico, com

abordagem etnográfica. Os dados gerados para a fase de análise foram colhidos na observação de campo, nas entrevistas semiestruturadas e na análise dos documentos das universidades. Essa triangulação metodológica possibilitou, devido à variedade de procedimentos, uma diversidade de dados necessária à escolha por uma pesquisa qualitativa, que costuma ser bastante descritiva, e aos objetivos deste estudo, que foca nas interações e nas negociações de identidade. Os diferentes dados contribuem com a complementação e o aprofundamento de situações e questões que porventura não apareceram (ou surgiram de forma mais moderada) em uma das técnicas utilizadas, auxiliando o detalhamento das descrições feitas na fase de interpretação.

A análise de dados tem como objetivo encontrar um sentido para esses registros coletados durante a pesquisa e mostrar de que forma a pesquisadora vai responder aos questionamentos desenvolvidos ao longo do estudo (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008). Nesta pesquisa, os dados coletados foram analisados com base em categorias indutivas, definidas ao longo da coleta de dados e que serão especificadas nos capítulos a seguir. Os estudos indutivos têm essa especificidade de apresentarem um limite na fase de planejamento, que vai sendo ultrapassado à medida em que a pesquisa está em andamento, conforme explica Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998):

Pesquisas qualitativas tipicamente geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos. Isto se faz através de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. Este é um processo complexo, não-linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação. À medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de 'sintonia fina' que vai até a análise final (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 170).

Durante a coleta dos dados, percebeu-se esse processo de “redução, organização e interpretação”, que leva às tentativas de identificação de temas e possíveis mudanças ou aperfeiçoamento dos questionamentos iniciais. “Este paciente trabalho de construção passa pelo estabelecimento da relação entre o detalhe cotidiano, e mesmo banal, e a estrutura global que lhe confere um sentido” (DESLAURIERS; KÈRISIT, 2008, p. 143).

É importante ressaltar que, apesar de trabalhar com uma abordagem multimetodológica e, conseqüentemente, com a análise dos variados dados colhidos

durante esse percurso, ainda há lacunas que não conseguirão ser preenchidas. Todavia, considerando o foco de interesse da pesquisa, que analisa a identidade de um grupo profissional, sendo necessário, portanto, proximidade com os jornalistas, tempo e ocasiões para ouvi-los e observá-los, com o olhar de pesquisadora (e não de colega de profissão, como já faço durante a minha atuação profissional, sem preocupações científicas), o método e as técnicas escolhidas foram os que melhor corresponderam à proposta do estudo.

Os capítulos a seguir trazem os dados colhidos no percurso metodológico e a análise do material.

5 O COTIDIANO DOS JORNALISTAS EM UMA UNIVERSIDADE

Este capítulo pretende descrever a observação de campo, realizada no setor de comunicação de uma universidade federal. A instituição escolhida, fundada antes do Reuni, está entre as que possuem a maior quantidade de jornalistas em seu quadro. Entre 10 de abril de 2019 a 10 de maio de 2019, estive durante 4 horas/dia, observando esses profissionais em tarefas diárias, nos diálogos e nas relações cotidianas, em turnos alternado (manhã e tarde), contabilizando 80 horas totais de observação participante. Passei pela assessoria de comunicação, pela rádio universitária, pela TV universitária e por uma pró-reitoria, onde há uma jornalista lotada.

Após a descrição do campo de pesquisa, este capítulo traz detalhes da rotina jornalística dos diferentes espaços observados, com as primeiras interpretações de algumas situações. Para isso, farei uso dos dados registrados em um diário de campo, gerados por meio da observação e das entrevistas informais. Conforme já explicado no capítulo sobre o percurso metodológico, os dados da universidade e dos jornalistas aqui citados serão mantidos em sigilo.

5.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Conforme combinado com o chefe da Comunicação da referida universidade, cheguei à instituição na tarde de 10 de abril de 2019 para começar os trabalhos. Dirigi-me inicialmente ao local escolhido por ele para encontrá-lo: o setor de assessoria de comunicação, onde estão lotados a maioria dos jornalistas. Ao entrar na sala, localizada no prédio da reitoria, os jornalistas que estavam lá me receberam e pediram que eu esperasse a chegada do chefe. Enquanto aguardava, eles conversavam entre si sobre jornalistas conhecidos em comum que estão atuando nas redações dos jornais locais. Depois de esperar alguns minutos, um dos jornalistas decidiu ligar para o chefe, que naquela hora da tarde estava na rádio universitária, e acabou me pedindo para encontrá-lo no prédio da emissora.

Os prédios que abrigam os dois setores são construções antigas. Na assessoria, o chefe não tem uma sala própria para ele, em que pode marcar reuniões e conversas, mas na rádio, tem. Então, prefere utilizar essa estrutura da rádio. Se a entrevista inicial tivesse ocorrido na assessoria, seria na mesa central da sala, enquanto os outros profissionais

estariam em volta, trabalhando. Na rádio, a entrevista foi realizada somente com ele e sem interrupções. Neste primeiro dia, durante todo o resto da tarde, conversei com o responsável pela Comunicação para ter uma visão inicial da estrutura do setor, das divisões e subdivisões, da quantidade e dos tipos de profissionais e até mesmo de algumas questões enfrentadas por eles no dia a dia. Também solicitei a ele que enviasse por e-mail os documentos referentes à comunicação da universidade, que já estão listados no capítulo do percurso metodológico.

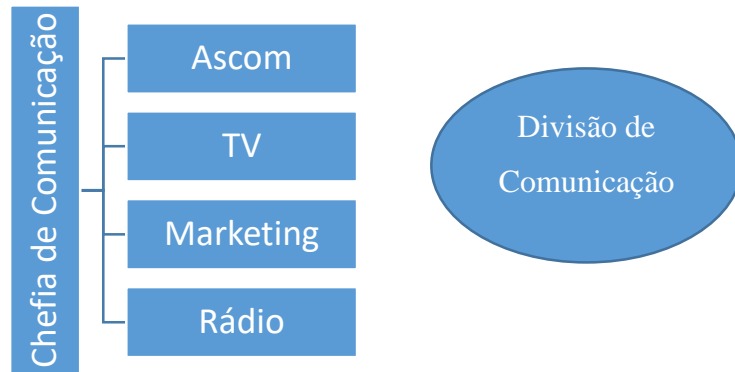
O chefe, à época da observação, era um professor do curso de Jornalismo, que começou a atuar no cargo em 2013. Ele está na universidade desde a década de 1980²⁷. Ingressou como bolsista no projeto de instalação da rádio, depois foi efetivado na emissora até que se tornou professor. Chegou também a passar um curto período pela assessoria de imprensa da universidade. Durante esse processo, ele migrou do curso de Letras para o curso de Comunicação e concluiu o último. No cargo de professor, passou a dar aula no então curso de Comunicação, que se desmembrou entre Jornalismo e Publicidade, ficando ele no colegiado do primeiro. A docência não o retirou da rádio, ele conciliou as duas atividades, como até hoje divide-se entre a gestão da Comunicação e a atuação como professor.

Depois desta primeira conversa, passei a ter livre acesso aos locais onde os jornalistas trabalhavam, durante o período combinado, nos horários que eu fui definindo ao longo da observação. Assessoria de comunicação, TV universitária, rádio universitária²⁸ e marketing fazem parte de um mesmo setor, que tem como chefe o jornalista citado acima. Existe ainda uma pró-reitoria que possui uma divisão de comunicação e uma jornalista concursada trabalhando no setor. Este é administrativamente ligado à pró-reitoria, sendo gerido pelo pró-reitor e não pelo chefe da comunicação. Mesmo assim, como conta com a presença de uma jornalista, que, inclusive, colabora e mantém contato direto com os colegas, optou-se por também passar neste setor durante a observação de campo.

²⁷ Ele ingressou antes da Constituição Federal de 1988 que estabeleceu a entrada por meio de concurso público.

²⁸ A rádio é uma emissora FM, vinculada oficialmente a uma fundação. Além de possuir um prédio só para suas instalações, tem equipes específicas de jornalismo, produção de programas e administrativa. Entretanto, por princípio, faz parte da estrutura de comunicação da universidade, compartilhando do mesmo chefe.

Figura 1 - Setores visitados na observação de campo



Fonte: produzido pela autora

A primeira estrutura a ser observada foi a assessoria de comunicação por reunir o maior número de profissionais e orientar a atuação dos demais setores. O chefe já havia deixado as pessoas informadas sobre a minha presença e os meus objetivos de pesquisa, então não houve dificuldades para ingressar no espaço. Eu também conhecia alguns colegas de profissão, devido à vivência já explicada no capítulo do percurso metodológico. Por se tratar de uma universidade pública, com acesso livre para a entrada de pessoas de fora, também não foi necessário que eu andasse com alguma autorização em mãos ou crachá de visitante. Em nenhum momento, algum profissional, seja segurança ou outra pessoa que trabalha na universidade, barrou minha entrada ou questionou a minha presença nos locais.

A sala da assessoria é improvisada, com três divisórias, que separam diferentes divisões: (1) o local onde ficam os jornalistas e revisores, (2) a sala em que ficam os profissionais que cuidam das questões mais administrativas e burocráticas do setor e (3) o espaço dos fotógrafos e programadores visuais. Do outro lado da sala onde ficam os jornalistas e revisores, existe a divisão que atua com marketing e conta com uma jornalista. Essas estruturas, de acordo com os jornalistas, foram improvisadas para receber temporariamente a comunicação, há alguns anos, enquanto a sala oficial, mais próxima ao gabinete da reitoria, passava por reforma, mas, até o momento, o local onde eles estavam, à época da observação de campo, tem ficado como a estrutura definitiva.

No dia 11 de abril, cheguei pela manhã no espaço da assessoria onde ficam os jornalistas e os revisores. Levei somente o caderno de campo para fazer as anotações da

observação e das conversas. Fui recebida por duas jornalistas²⁹ que me explicaram, de maneira geral, o funcionamento do setor. Ao todo, quatro jornalistas atuam pela manhã e cinco, à tarde. Mas a equipe costuma ser um pouco maior. No momento da pesquisa, dois jornalistas estavam de licença, e o contrato com um jornalista terceirizado³⁰ havia sido encerrado. Ou seja, ao todo, a assessoria comporta 11 jornalistas concursados (seis mulheres e cinco homens) e mais um terceirizado. O espaço abriga ainda duas revisoras de texto. Durante o período de observação participante, não havia estagiários. Todos foram receptivos e colocaram-se à disposição para contribuir com a pesquisa. Alguns chegaram a oferecer inclusive um dos computadores que não estava sendo utilizado, caso eu quisesse usar, mas preferi manter o caderno e, em alguns momentos pontuais, levei meu próprio notebook.

Para não atrapalhar a rotina do setor, depois de estabelecer essa conversa inicial, procurei um lugar para sentar que me permitisse observar toda a sala. Nos primeiros dias, sentei-me na mesma bancada dos jornalistas, ocupando o espaço vazio de um dos computadores, mas sem utilizá-lo. Depois preferi ficar na mesa de reuniões que existe no centro da sala para poder ficar mais próxima de outros profissionais, que se sentavam do outro lado da bancada onde eu estava. As bancadas onde os jornalistas e os revisores trabalham estão dispostas em volta da sala, em três paredes. Quem está na porta de entrada do setor avista do lado direito uma bancada com quatro computadores. À frente, uma bancada com dois computadores. E, do lado esquerdo, mais duas mesas com um computador, cada. Cada um dos profissionais, durante o período de trabalho, tem direito a uma cadeira e um computador com tela plana. Eles ficam virados de frente para a parede e de costas uns para os outros. Pela posição, alguns ficam também lado a lado. No centro, existe uma pequena mesa redonda de reuniões e que sempre tem muitos papéis e livros em cima dela. Entre os livros, encontram-se manuais de redação de grandes jornais brasileiros e dicionários. A mesa também é utilizada para lanches e celebrações de aniversário. Existem telefones fixos que tocam constantemente com solicitações da universidade e dos veículos de comunicação externo. Há ainda um bebedouro de água mineral e um armário para guardar documentos diversos.

²⁹ Uma delas está oficialmente no cargo de redatora. Esse cargo existe em algumas universidades e pode ser ocupado por pessoas que tenham formação em jornalismo ou letras.

³⁰ No momento da pesquisa, não havia nenhum terceirizado trabalhando nos setores de comunicação. Isso porque os contratos haviam acabado, e a universidade ainda não tinha finalizado a licitação para contratar esses profissionais.

Apesar dos computadores e dos telefones serem adequados para as atividades desempenhadas pelos jornalistas, em relação ao sistema operacional e ao modelo, os jornalistas destacam que a estrutura física da sala não é boa. Além de ser um espaço improvisado, muitas cadeiras estão quebradas, tornando o trabalho menos confortável. O espaço também é pequeno para a quantidade de pessoas. É impossível fazer uma reunião, sem atrapalhar os demais. Apesar dessa dificuldade, o espaço pequeno proporciona uma maior proximidade entre os jornalistas, permitindo que um auxilie o outro, quando necessário, ou que compartilhe ideias e temas de trabalho ou mesmo assuntos mais pessoais, como relatos de viagens ou dicas de opções de entretenimento e gastronomia, tornando o ambiente mais informal. Mesmo localizados no prédio da reitoria, os jornalistas comportam-se de forma mais descontraída entre eles, com bom humor, não aderindo às formalidades que normalmente podem ser encontradas em ambientes de poder no serviço público.

Os dias em que permaneci na assessoria foram passados a maior parte do tempo neste espaço onde ficam os jornalistas e revisores, chamados por alguns deles, inclusive o chefe, de “redação”, por ser o lugar onde eles redigem seus textos e publicam. Mesmo assim, ainda fui, em alguns momentos, nas demais divisões que também fazem parte da estrutura de comunicação. Na divisão logo ao lado, localizada entre o espaço dos jornalistas e o local onde ficam os fotógrafos e programadores visuais, separada por uma baia alta, mas que não chega até o teto, ficam três profissionais: uma jornalista, chefe da divisão, uma terceirizada e um arquivista. Essa é a parte do setor que se responsabiliza pelos contratos de terceirizados, férias, licenças, documentação, marcação de transporte para os jornalistas. Também fazem o *clipping*³¹ dos jornais impressos da cidade e enviam para o gabinete da reitoria. Ou seja, é a parte administrativa e burocrática da Comunicação, uma espécie de secretaria. No fundo da sala, existem duas mesas, viradas uma de frente para a outra, mas só uma tem computador. Do lado direito da porta, tem um birô grande com dois computadores e uma mesa pequena na ponta com mais um computador. Há impressora, inúmeros papéis espalhados e telefone. Há também armários e um bebedouro de água mineral.

Ao lado dessa está a divisão onde ficam dois fotógrafos, dois programadores visuais e um diagramador. Quem entra na sala observa do lado direito armários, um birô e um bebedouro de água mineral. Ao fundo, tem uma bancada com dois computadores.

³¹ Levantamento das matérias que saíram no jornal sobre a universidade e sobre as universidades públicas do referido estado.

Do lado esquerdo, existe uma outra bancada com mais quatro computadores. Os profissionais ficam de frente para a parede, de costas uns para os outros ou de lado, dependendo da posição. Neste local, os computadores são mais novos e mais potentes do que onde ficam os jornalistas, já que fotógrafos e programadores visuais trabalham com programas de edição, vídeo e conseqüentemente necessitam de máquinas com um sistema operacional mais complexo. No espaço também ficam os equipamentos dos fotógrafos. No entanto, no momento da pesquisa, só havia uma câmera, que não tinha lentes e nem flash, segundo um dos fotógrafos. Os fotógrafos e programadores visuais seguem prioritariamente a agenda de pauta dos jornalistas, mas também dão apoio às atividades de marketing e desenvolvem design gráfico para toda a universidade.

Do outro lado das salas dos jornalistas, fica a divisão de marketing, onde está lotada uma jornalista. Além dela, existe um coordenador que se divide entre a docência e a atuação no setor e mais cinco bolsistas: jornalismo, design, mídias digitais, computação e letras. Eles são responsáveis pelas atividades de fortalecimento da marca da universidade, por meio de campanhas e eventos. A sala é dividida em duas, com mesas, computadores, impressora e telefone. O primeiro ambiente possui três birôs, com três computadores. A sala mais ao fundo guarda equipamentos de uso da equipe. Todos os demais equipamentos utilizados (exceto, computadores, telefone, tripé e impressora) são de uso pessoal, adquiridos pelas próprias pessoas que trabalham no setor: câmeras, microfones, suportes. Na opinião da jornalista que trabalha nesse espaço, falta estrutura. Em um dos dias que estive no setor, a sala estava um pouco escura, por exemplo. *“Hoje estou sem luz. A universidade está sem a empresa para trocar a luz da sala”*³².

Fora toda essa estrutura descrita até o momento, existe ainda TV universitária, a rádio universitária e a divisão de comunicação de uma pró-reitoria. A TV ainda não é uma emissora, com direito a um canal aberto e uma programação particular. Na verdade, é um braço da assessoria, apesar de geograficamente estar localizada em um prédio diferente. São cinco jornalistas mulheres na TV mas, na época da pesquisa, uma estava lotada na rádio e outra de licença. Além disso, elas não contam com equipe técnica desde o começo de 2019, devido à finalização de um contrato. A estrutura física da sala é precária, com infiltração no período de chuvas e ar condicionado em condições ruins. Mesmo assim, ainda conta com uma cabine para gravação de *off*, uma bancada com dois computadores em funcionamento para a produção, armários, estante para livros e documentos, frigobar,

³² Diário de campo, 24/04/2019.

arara para roupas e uma ilha de edição separada da sala maior por divisórias de vidro com dois computadores (os de edição são melhores e mais potentes). As jornalistas também têm acesso aos equipamentos necessários para fazer as gravações, como câmeras e tripés. Com a equipe técnica completa, a TV produzia um programa, dois quadros e uma participação no boletim de comunicação interna que é veiculado para os servidores pelo e-mail. Sem equipe, as jornalistas deixaram de produzir o programa na íntegra, mas continuaram fazendo matérias com o próprio celular e os quadros, com o auxílio de dois bolsistas (jornalismo e estilismo e moda).

Na rádio universitária, minha observação deteve-se ao setor de jornalismo e à produção de um programa específico que tem uma jornalista concursada trabalhando. Na rádio, foi o local onde parte da equipe me recebeu com certo receio, achando que eu estava ali para avaliar o trabalho deles. Por isso, questionaram com mais frequência sobre a pesquisa que eu estava desenvolvendo. O setor de jornalismo fica em uma sala pequena, localizada no primeiro andar, com seis mesas e seis computadores, distribuídos no meio da sala. Os jornalistas ficam de frente um para o outro ou de lado. Um dos computadores tem um equipamento onde eles gravam as entrevistas. Há também uma televisão que fica ligada durante toda a manhã, o que permite que os jornalistas acompanhem as notícias locais ou nacionais. Pela manhã, ficam duas jornalistas mulheres e dois homens. À tarde, tem somente uma jornalista. A sala possui ainda um armário e um sofá. Durante os dias em que estive lá, acomodei-me no sofá da sala, que ficava de frente para o espaço onde os jornalistas trabalhavam.

No mesmo andar, fica a sala dedicada à produção de alguns outros programas. Duas jornalistas trabalham neste espaço: uma pela manhã, juntamente com um bolsista, dedicado à produção de um programa jornalístico da rádio; e outra normalmente à tarde, chamada recentemente para atuar com divulgação científica. Esta última jornalista produz notícias de divulgação científica solicitadas pela assessoria, por meio de um projeto de uma agência de divulgação de pesquisa e projetos de extensão, e também quadros de divulgação científica para serem transmitidos na rádio. A sala é dividida em duas, com computadores, telefones e equipamento para gravar entrevistas. Há ainda uma mesa de reunião. O espaço é pequeno, inclusive, em alguns dias em que fui fazer a observação, foi difícil encontrar um local para me acomodar, já que a sala é dividida para a produção de outros programas da rádio.

Por fim, também estive presente na divisão de comunicação de uma pró-reitoria que conta com uma jornalista. A sala localiza-se em outro campus da universidade, dentro

da mesma cidade. Existem mesas, computadores e telefones disponíveis para os servidores da pró-reitoria, que ficam viradas de frente para a porta da sala. Ou seja, alguns trabalham de costas para os outros. Há também uma estante para guardar materiais e uma mesa de reuniões. Além da jornalista a equipe conta com dois bolsistas de jornalismo, um de design e um de mídias digitais. O setor é responsável pelo acompanhamento do que sai na mídia sobre os temas relacionados à pró-reitoria, monitoramento das redes sociais da pró-reitoria e atualização do site da pró-reitoria e páginas institucionais de temas afins. Além disso, de acordo com a jornalista, a divisão é uma espécie de “correspondente” da assessoria. *“Algumas matérias daqui a gente encaminha para lá, tem um relacionamento com eles [assessoria]. Temos também relacionamento com os jornalistas [fazendo referência aos jornalistas que trabalham em mídia]”*³³.

Diante do exposto, é possível notar que o campo da observação participante, apesar de ser constituído por jornalistas, é diverso em relação à localização geográfica, às estruturas e às atividades desempenhadas. A intenção foi dar um panorama geral do espaço onde foi feita a observação, com informações sobre estrutura, quantidade de profissionais e atribuições principais, a fim de contextualizar e imergir nos dados gerados. A seguir será apresentada a rotina de trabalho de cada uma dessas estruturas, com destaque para a atuação dos jornalistas.

5.2 ROTINA DOS JORNALISTAS

Apesar de todos os jornalistas trabalharem 5 horas/diárias e fazerem parte de uma mesma estrutura de comunicação, com um chefe único³⁴, as atribuições e, conseqüentemente, a rotina de trabalho são diferentes. Nos próximos tópicos, será detalhado o funcionamento diário de cada uma das divisões do setor de comunicação em que os jornalistas atuam.

5.2.1 Assessoria de comunicação

O dia inicia cedo. Por volta das 7h, 7h30 da manhã, os primeiros jornalistas começam a chegar no setor. Todos batem ponto eletrônico, quando chegam e quando

³³ Diário de campo, 10/05/2019.

³⁴ Exceto a jornalista que trabalha na pró-reitoria, como já explicado anteriormente.

saem, no sistema do computador. daquelas que entram mais cedo, duas ficam mais dedicadas à cobertura de temas diversos da universidade para o portal, considerado pelos jornalistas o principal veículo de comunicação da universidade, sendo que uma delas faz muitos atendimentos às mídias externas e a terceira jornalista é responsável prioritariamente pela comunicação interna com os servidores docentes e técnico-administrativos. Geralmente, uma revisora também já está presente pela manhã. Depois, chega mais uma jornalista, considerada pela maior parte da equipe como a “nossa editora”. Ela acompanha a chegada das demandas por e-mail, inclui as matérias no portal e nas redes sociais e conversa com os outros colegas sobre decisões de pautas. Além do chefe geral da estrutura de comunicação, não há uma hierarquia oficial entre os jornalistas, essa divisão de tarefas ocorre por meio de acordos informais entre o coordenador do setor e os próprios servidores. “*Tem pessoas que a gente sabe que são mais de cobertura*”³⁵, exemplificou uma das jornalistas, ao falar sobre essa divisão informal.

As demandas chegam normalmente por e-mail ou por telefone. A seleção dessas demandas que viram pautas para o portal (postadas na seção denominada de notícias), de acordo com os jornalistas, segue prioritariamente a agenda do reitor. Toda segunda-feira é repassada para a equipe a agenda do reitor, de modo que eles possam planejar a semana. Mas isso nem sempre ocorre de maneira organizada e da forma como os jornalistas desejam, há atrasos ou mudanças de planos com frequência. As demais pautas são sempre sobre temas da universidade – eventos, pesquisas, concursos. Não há espaço para divulgação de textos que não sejam sobre a instituição. Além dessas demandas que chegam por e-mail ou por telefone, no meio da manhã, entre 9h e 10h, normalmente o chefe da comunicação passa pela assessoria. Ele distribui algumas pautas, principalmente as que vêm da reitoria, já que ele é a pessoa do grupo que tem uma relação mais direta com o gabinete e o reitor, e também debate o encaminhamento e o direcionamento de algumas coberturas com os demais profissionais, quando há dúvidas, já que ele também é aquele que faz a leitura política dos textos, conforme explicou um dos jornalistas. Tudo isso se dá de uma maneira muito informal entre eles, não há oficialmente uma reunião de pauta. Por algum tempo, toda segunda-feira havia uma reunião de pauta que reunia jornalistas de todas as divisões da comunicação para compartilhar o que estava previsto

³⁵ Diário de campo, 11/05/2019.

para a semana. No entanto, esta reunião não ocorre mais. “*Jornalista não gosta de reunião, gosta de pauta*”³⁶, justificou o chefe.

Além da produção de textos para o portal e para as redes sociais, os jornalistas também trabalham no atendimento aos veículos de comunicação externo, indicando fontes para falar de descobertas científicas ou respondendo alguma solicitação da mídia sobre a administração da universidade. Também atualizam os contatos que são disponibilizados para os veículos de mídia; respondem aos comentários e às dúvidas dos usuários das redes sociais; recebem visitas de fora que têm interesse de conhecer o setor; fazem o levantamento das pautas de interesse dos servidores docentes e técnicos-administrativos e a produção de textos, já que existe um boletim semanal de comunicação. Eles ainda produzem um jornal mensal (on-line e impresso), com notícias de destaque da universidade.

Como já falado acima, existe uma divisão de responsabilidades e tarefas entre eles, mas, se necessário, conforme explicou a equipe, todos os jornalistas fazem de tudo. Uma outra atribuição é a divulgação científica. Existe um projeto, desde 2017, dentro da própria assessoria, de uma agência de notícias de pesquisas científicas e projetos de extensão. No momento da minha observação de campo, parte da equipe da tarde é que está com essas atribuições.

No restante da manhã, as jornalistas cumprem essas atribuições, com algumas variações a depender das demandas. Há dias em que todas ficam na sala, produzindo ou editando textos, ou mesmo esperando alguma pauta surgir e há dias em que algumas jornalistas saem para fazer pautas externas. A equipe da manhã começa a ir embora por volta de meio-dia até 13h, quando não há demandas que dificultem a saída no horário. Quando existe, as jornalistas ficam um pouco além do horário. A turma da tarde começa a chegar entre 13h e 15h. São quatro jornalistas homens e uma mulher que assumem as atividades. As duas equipes estão em constante diálogo, inclusive, em alguns dias da semana, há trocas de horário, por conta de questões pessoais dos jornalistas. Ou seja, há jornalistas da tarde que vão pela manhã ou da manhã que ficam à tarde. É um sistema relativamente flexível. Não há equipe fixa que entre no setor à noite, mas, quando necessário, os jornalistas chegam um pouco mais tarde ou ficam até a noite para cumprir as demandas do dia. O local onde trabalham os jornalistas e as revisoras, durante todo o dia, não fecha. A ideia é sempre manter alguém disponível para atender alguma demanda

³⁶ Diário de campo, 10/04/2019.

que chega de última hora. A parte administrativa e onde ficam os fotógrafos e os programadores visuais fecham na hora do almoço.

A equipe da tarde também dispõe de um jornalista que assume geralmente a responsabilidade da edição do portal e do conteúdo que vai para as redes sociais. Ele também envia os releases para o e-mail dos veículos de comunicação. Existem dois jornalistas e uma jornalista mais dedicados às coberturas que vão surgindo no período da tarde, sendo que um deles também faz vários atendimentos à imprensa e o outro trabalha na produção e na edição do jornal mensal, no período em que esse veículo está sendo produzido (periodicidade mensal). O outro jornalista dedica-se ao projeto de divulgação científica. Nesse caso, diferentemente do portal, ele não espera que a demanda chegue, é necessário angariar pautas nos programas de pós-graduação ou nos projetos de pesquisa e extensão e fazer a produção, além de editar as reportagens. Ele trabalhava juntamente com um profissional terceirizado, que era quem fazia a função de repórter, indo apurar as informações e escrevendo o texto. No entanto, esse jornalista saiu após término do contrato. Na época da observação, há poucas semanas, havia chegado mais uma jornalista concursada para fazer essa função e também desenvolver produtos nessa temática para a rádio. Essa jornalista fica lotada na rádio.

Exceto por essas atividades mais específicas – comunicação interna e divulgação científica – a dinâmica da manhã e da tarde é praticamente a mesma. Há momentos em que os jornalistas estão todos na sala, em outros existe alguém em pauta externa e o setor fica mais vazio. Na hora de produzir as matérias, eles saem para fazer a apuração ou entram em contato por telefone; começam a redigir o texto, com base na informação que chama mais atenção e constroem um lide; se necessário, checam as informações mais de uma vez com a fonte. Essas técnicas valem tanto para os textos do portal, do jornal como para o boletim de comunicação interna. Com os textos prontos, os jornalistas contam constantemente com o trabalho das revisoras do setor. Todos os textos, além de passar por mais um jornalista que publica no portal, passam pelas duas revisoras. Nenhum texto para o portal é assinado, apenas os divulgados no jornal e na agência de divulgação científica.

Somente notas em que a universidade se posiciona e os textos da agência, que divulgam as pesquisas científicas e os projetos de extensão, seguem uma rotina diferente de publicação. No caso das notas oficiais da administração superior, quando o assessor institucional não redige, a equipe da reitoria tem acesso ao texto, antes da publicação para aprovação. Já as matérias da agência, são enviadas para os pesquisadores responsáveis, a

fim de que eles verifiquem se há algum equívoco na informação. Para os jornalistas, essas atitudes evitam problemas futuros, já que, no primeiro caso, trata-se da posição oficial da universidade e, no segundo, é um texto que fala da pesquisa de um especialista e nem sempre o jornalista tem a expertise de abordar aquele assunto.

Os jornalistas contam também com a colaboração dos servidores que atuam na parte administrativa, dos programadores visuais e dos fotógrafos. Boa parte das pautas precisam ser acompanhadas por um fotógrafo, então eles estão em constante contato. Os dois fotógrafos atendem prioritariamente a agenda de pautas dos jornalistas. Em alguns momentos, eles acompanham um dos jornalistas; em outras pautas, que rendem somente fotos, eles vão sozinhos. Os programadores visuais e o diagramador têm contato direto com os jornalistas para a produção do jornal mensal e de qualquer outro produto visual que eles demandem, como peças que são desenvolvidas para as redes sociais. Já a parte administrativa é responsável por receber e encaminhar os pedidos de licença, de férias e outras demandas administrativas, além de solicitar os carros para os jornalistas se dirigirem às coberturas externas.

Geralmente, durante todo o dia, a assessoria de comunicação é bastante movimentada. Os jornalistas mantêm uma boa relação com os colegas e não falam somente de escolhas de pautas ou reclamações do trabalho. Comentários sobre atuação dos jornalistas nos veículos locais; repercussão de alguma notícia local, nacional ou internacional; política; viagens; saúde; gastronomia; artes; entretenimento estão entre os assuntos mais comentados entre eles. Isso proporciona um ambiente descontraído e informal na assessoria. Existe ainda um clima de amizade e parceria entre eles. Houve um caso em que um dos colegas queria se concentrar em um texto que precisava ser entregue com urgência, enquanto outros debatiam um tema de política. O jornalista pediu para que eles fizessem um pouco de silêncio e as pessoas se calaram e deixaram ele se concentrar. Uma jornalista que estava mais livre no dia disse que poderia assumir uma demanda que ninguém sabia ainda quem poderia fazer. Houve também situação de comemoração de aniversário de uma colega.

Esse clima, no entanto, não impede a divergência entre os colegas e alguns pequenos conflitos que ocorrem no dia a dia, não somente entre os jornalistas, mas também com a comunidade acadêmica (reitoria, professores, técnico-administrativos). Um dos momentos de desentendimento entre uma jornalista e um jornalista foi sobre a falta de identificação nas fotos de uma matéria. O jornalista que estava publicando no portal chamou atenção pela falta de identificação nas imagens. A outra, que produziu o

texto e participou da pauta, logo respondeu: “*Me desculpe, mas acho que alguém poderia ter ligado para saber. Quantas vezes eu fui atrás de identificar quem estava nas fotos?*”³⁷. No mesmo dia, houve desentendimento sobre a postura da reitoria em relação a um tema polêmico, de abrangência nacional, referente aos cortes na educação superior³⁸. Vários veículos de comunicação já tinham entrado em contato para saber o posicionamento da universidade, no entanto a administração superior ainda não tinha decidido sobre a nota. Para os jornalistas, havia uma demora em se manifestar sobre um tema de grande impacto e que tinha se tornado pauta dos principais veículos de comunicação do país na semana passada. A nota foi publicada no dia seguinte. Houve um caso em que um professor pediu, por e-mail, para retirar imediatamente um artigo dele que tinha sido anexado a uma matéria. O jornalista, para evitar um conflito com o docente, que já tinha enviado o e-mail aparentemente chateado, preferiu retirar sem questionamento.

5.2.2 TV

Durante o período de observação participante, a TV da universidade estava com uma rotina diferente. Como já explicado, após o encerramento de um contrato, as jornalistas perderam a equipe técnica. Então, passaram a contar somente com as cinco jornalistas, duas pela manhã, uma que fica parte da manhã e parte da tarde e duas à tarde. No entanto, o número caiu ainda para três, já que uma das jornalistas foi remanejada para a rádio universitária temporariamente e outra estava de licença. Além delas, existem os dois bolsistas que cumprem 12 horas/semanais (três vezes por semana). Essa redução na equipe exigiu uma readaptação. A rotina a ser descrita corresponde ao que foi observado durante o período em que estive presente na universidade e que já fazia parte do cotidiano da equipe desde o começo de 2019.

Entre 7h e 8h da manhã, chegam duas jornalistas. Enquanto uma delas trabalhava na produção de uma matéria – agendamento de horário de entrevistas, pesquisa do tema, confirmação dos entrevistados, a outra se dedicava à edição de uma reportagem. Como já expliquei, a TV contava com um programa e alguns quadros. No entanto, após a redução

³⁷ Diário de campo, 06/05/2019.

³⁸ Em abril de 2019, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, anunciou o congelamento de R\$ 1,7 bi do valor enviado por ano para as universidades públicas federais. A medida repercutiu nacionalmente, com manifestações nas ruas de várias cidades do país. Mais informações em <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/entenda-o-corte-de-verba-das-universidades-federais-e-saiba-como-sao-os-orcamentos-das-10-maiores.ghtml>>. Acesso em 2 de set.2019.

de pessoal, passou a ter apenas os quadros e algumas reportagens publicadas diretamente no canal do YouTube. No meio da manhã, chegou mais uma jornalista que fica um período da manhã e mais um período da tarde. Ela, juntamente com os bolsistas, dedica-se principalmente a um dos quadros da TV que tem como público-alvo os estudantes e que busca ouvir a opinião deles sobre um tema polêmico que está sendo veiculado na mídia. Como não há programa regular, a rotina das jornalistas fica muito flexível, podendo mudar, a depender das demandas que surgem na assessoria de comunicação. Em alguns momentos, encontrei a equipe na assessoria de comunicação e na rádio, buscando encontrar soluções para as demandas delas ou mesmo trabalhando em conjunto com os outros jornalistas em alguma matéria.

Toda a mudança na equipe exigiu a adequação a novos desafios. *“Estamos sem equipe técnica, mas avaliamos que não poderíamos parar a produção de conteúdo. Temos um canal no YouTube com quase 10.500 seguidores e fazemos material também para as redes sociais”*³⁹, explicou uma das jornalistas. A ideia foi, então, gravar as matérias com os celulares pessoais das próprias jornalistas e elas mesmas editarem. Uma delas tem mais afinidade com os programas de edição e dedicou-se esse trabalho. *“A gente tem aproveitado para dar uma modernizada, testar formatos, sair da zona de conforto. A tendência do jornalismo é ser multimídia”*⁴⁰, argumentou uma das jornalistas. Outra jornalista disse que elas optaram por continuar produzindo material, mesmo nessas condições reduzidas, pois, se fossem para outro setor, correriam o risco de não voltar mais para a TV, já que seriam absorvidas por outras demandas.

As sugestões de pautas chegam por muitos meios. Como a TV é um braço da assessoria de comunicação e não uma emissora em canal aberto ou fechado, boa parte das demandas vem da própria assessoria, em uma tentativa de integrar a produção da assessoria, da TV e da rádio. Elas recebem demandas do chefe da comunicação, que vem da reitoria; utilizam as matérias do portal e ampliam para o formato de vídeo; fazem uma busca ativa entrando em contato com os departamentos e as coordenações para saber se há eventos ou pesquisas interessantes. Não há uma quantidade grande de sugestões de pautas por parte da comunidade acadêmica, como a assessoria de comunicação recebe, nem demandas dos veículos de comunicação externos, que costumam solicitar à assessoria de comunicação fontes para suas matérias ou respostas institucionais da universidade. Mesmo denominada de mais “institucional” do que já foi no passado, pelas

³⁹ Diário de campo, 17/04/2019.

⁴⁰ Diário de campo, 17/04/2019.

jornalistas que já estão na TV há cerca de dez anos, e sendo um braço da assessoria, como o próprio chefe de comunicação falou, a TV permanece com uma rotina diferente da assessoria.

*“Hoje a gente tenta fazer dois ou três vídeos por semana. A TV mudou, a internet deu novos ares. Precisamos entrar nessa por uma questão de mercado e de sobrevivência. A gente não sabe como serão os recursos”*⁴¹, disse uma das jornalistas ao abordar a questão das mudanças na rotina produtiva, com a saída dos técnicos. A escolha do que vai se transformar em vídeo ou não fica à critério das próprias jornalistas, mas elas, por princípio, atendem a uma expectativa da administração superior e da chefia do setor. Houve um tempo em que elas tinham liberdade para pautar temas diversos, sem se prender a temáticas específicas da universidade. No entanto, atualmente as sugestões que viram notícia são todas relativas a temas da própria instituição. Segundo relatos das jornalistas, não houve resistência para essa mudança, apesar de uma certa insatisfação com o que elas consideram como o lado jornalístico de cada uma. *“A gente tinha acesso ao mundo, antes nosso programa era mais interessante. Mas foi acontecendo, a gente obedece ordens. A comunicação reflete muito da sua gestão”*⁴², disse uma das jornalistas.

Outra jornalista da TV, em uma ocasião diferente, também fez a mesma reflexão:

*Aqui tem um viés institucional. A gente tenta falar mais para nós [comunidade interna] do que para a comunidade externa. O público-alvo é a comunidade acadêmica. A gente já teve momentos de fazer algo mais próximo da comunicação pública. Hoje é mais institucional. Comunicação na universidade é também institucional, mas eu atribuo isso [a mudança de concepção do que vira pauta] à forma como a gestão superior vê a comunicação. Ela acha que a comunicação na universidade tem vertentes diferentes: comunicação pública, institucional...*⁴³

Apesar de seguir a esses princípios gerais, durante a rotina, não há interferência diária, nem do chefe de comunicação, nem da administração superior. As próprias jornalistas, dentro das convenções estabelecidas, têm autonomia para definir as pautas, a partir daquilo que foi sugerido. Vira matéria somente aquilo que é referente à universidade, mas isso não quer dizer que são só temas relacionados à reitoria ou à administração superior. Acreditam que fazem comunicação da universidade, contemplando toda a comunidade acadêmica. *“Para fazer isso, a gente tenta fazer matérias diferentes em que várias pessoas estão envolvidas, a gente não tá só falando*

⁴¹ Diário de campo, 17/04/2019.

⁴² Diário de campo, 08/05/2019.

⁴³ Diário de campo, 17/04/2019.

*que o reitor fez isso ou aquilo. A gente se vê como um canal para comunicar o que a universidade faz, como uma prestação de contas*⁴⁴. Os formatos dos produtos levam em consideração aquilo que elas consideram como critérios tradicionais do jornalismo e não precisam de uma aprovação prévia, antes de serem colocados nas redes sociais. “*Só se for alguma matéria mais polêmica e isso acontece muito raramente*”⁴⁵, disse uma das jornalistas.

Durante o trabalho diário, as jornalistas estão sempre em contato umas com as outras. Dão opinião na matéria produzida pela colega, tiram dúvidas, sugerem e ajudam a encontrar soluções, principalmente nesta fase sem a equipe técnica. Além disso, elas, de vez em quando, conversam sobre situações da vida pessoal ou sobre a política nacional. Nos dias em que estive presente, as jornalistas foram extremamente receptivas, travando inclusive diálogos sobre minha pesquisa, escolhas profissionais que acabam impactando a vida pessoal e política. O grupo é menor do que o da assessoria de comunicação e tem uma certa homogeneidade. São cinco mulheres que trabalham juntas há cerca de dez anos, com alguns intervalos entre licenças e períodos fora da instituição. Nos dias em que estive presente, não presenciei nenhuma situação de divergência entre elas, pelo contrário, mesmo conversando separadamente com as jornalistas, foi perceptível uma unidade no discurso.

5.2.3 Rádio

A rádio possui uma rotina diferente da assessoria e da TV e até mesmo entre os jornalistas que trabalham na própria emissora FM. No período em que fiz a observação participante, os jornalistas estavam presentes no setor de jornalismo, em uma sala ao lado na produção de um programa e havia também uma jornalista responsável por desenvolver produtos de divulgação científica, mais ligada ao trabalho da agência, produzido pela assessoria de comunicação. Como cada um desses três espaços atua de uma forma diferente, a rotina se modifica. Aqui vou relatar como funcionam os três.

No setor de jornalismo, o dia inicia por volta das 7h da manhã com a chegada do primeiro jornalista. Ao longo da manhã, os demais vão chegando. Todos os dias, de segunda a sexta-feira, a equipe trabalha para fechar um jornal radiofônico, que vai ao ar

⁴⁴ Diário de campo, 08/05/2019.

⁴⁵ Diário de campo, 08/05/2019.

das 11h às 11h30, ao vivo, bem como boletins de notícia da universidade e de temas gerais que vão sendo transmitidos ao longo do dia. Dois jornalistas e uma jornalista são responsáveis por produzir as notícias. Uma outra jornalista é a editora do jornal, com a atribuição de receber as notícias produzidas, montar o roteiro e acompanhar a transmissão do jornal no estúdio. Depois que o jornal vai ao ar, todos permanecem na sala produzindo notícias para o dia seguinte ou deixando algum boletim pronto. A equipe vai saindo do setor por volta de meio-dia, 13h, 14h. Às 15h, uma outra jornalista chega e fica até às 20h ou até o trabalho do dia ser concluído. Ela atua na produção de boletins de notícias sobre a universidade e temas gerais.

A equipe que fica neste setor é composta por jornalistas mais experientes, com uma faixa etária mais avançada se comparada aos que atuam na assessoria e na TV, e que estão há mais de 20 anos na universidade. Como já comentei, foram eles que tiveram mais receio de me receber, fazendo muitos questionamentos sobre a pesquisa e querendo saber se eu estava ali para falar sobre a qualidade do trabalho desenvolvido. Ao explicar os objetivos da investigação, dois jornalistas ficaram mais à vontade e passaram a interagir melhor nos dias em que eu estive por lá. Conversavam sobre a rotina, algumas dificuldades enfrentadas para dar conta do trabalho, como a falta de pessoal e de estrutura necessária para fazer coberturas jornalísticas, as mudanças no serviço público e as mudanças no jornalismo local.

Na sala, os jornalistas ficam sentados de frente uns para os outros ou de lado, possibilitando uma maior integração com a equipe que não necessariamente ocorre. Eles costumam ser muito independentes, sugerindo as próprias pautas para a editora, apurando e fazendo a locução das próprias reportagens. Como os jornalistas costumam gravar entrevistas pelo telefone e gravar a locução dessas reportagens durante boa parte da manhã, é comum que a equipe se mantenha, em muitos momentos, em silêncio para não atrapalhar o trabalho do colega. Os textos são produzidos, do começo ao fim, dentro da sala do jornalismo, somente em algumas coberturas da universidade os jornalistas se deslocam até o local para fazer a apuração. As temáticas são diversas e foram sendo definidas ao longo do tempo em reuniões e seminários. Apesar de alguns documentos terem sido resultado desses encontros, não há um manual que oriente exatamente essa escolha. Existe uma prioridade para assuntos da universidade – divulgação de pesquisas e eventos, por exemplo – mas não exclusividade. Há notícias sobre a cidade, o país e o mundo. É na rádio que estão os únicos jornalistas da universidade que trabalham com temas diversos e não somente sobre a instituição.

Essa possibilidade de trabalhar com temas diversos – e não só com temas sobre a universidade – também torna a rotina dos profissionais e do setor um pouco diferente da assessoria de comunicação e da TV. O chefe da comunicação, apesar de ter uma sala ao lado do espaço onde ficam os jornalistas, não passa diariamente por lá para tratar sobre o que será divulgado. Eles utilizam o portal da universidade como fonte e chegam a receber algumas ligações do chefe, sugerindo ou orientando uma pauta, mas isso não é tão constante quanto na assessoria de comunicação. O chefe também é procurado em pautas muito polêmicas, de acordo com um dos jornalistas. “*Se ele liberar, a gente faz... Já ocorreu um caso de ouvir um estudante criticando a estrutura [de uma unidade acadêmica]. A gente ouviu e também ouviu o outro lado*”⁴⁶, explicou um dos jornalistas participantes, ressaltando que são situações muito raras. De acordo com o chefe da comunicação, a rádio tem essa diferença por ser um canal de extensão, um grande programa de extensão. “*É a universidade falando com a sociedade*”⁴⁷.

Na rotina dos jornalistas da rádio, não há muito contato com os jornalistas de veículos externos à universidade, já que eles não costumam sair para fazer matérias fora da universidade. Entretanto, eles têm uma relação de cooperação bem estabelecida com os assessores de imprensa de diversos órgãos e com os ouvintes. As pessoas costumam mandar e-mail ou ir pessoalmente divulgar eventos e sugerir pautas. No caso dos assessores, existe uma interação constante pelo WhatsApp. Além de sugerir pautas diretamente para os jornalistas, esses profissionais enviam áudio das fontes das matérias para que os repórteres possam aproveitar e também pedem áudios das entrevistas realizadas. “*O WhatsApp facilitou muito o trabalho. As informações já chegam direto no WhatsApp*”⁴⁸, disse um dos jornalistas, mostrando o próprio aplicativo e alguns exemplos de mensagens trocadas com os assessores.

Na sala ao lado, uma jornalista e um bolsista são a equipe que produz um outro programa jornalístico da rádio, um programa de entrevistas. De segunda a sexta-feira, ela chega por volta das 8h e faz toda a preparação dos programas que vão ao ar das 11h30 às 12h30, logo após o jornal produzido pela outra equipe. Essa jornalista era da TV, mas, com as mudanças ocasionadas pelo fim do contrato, já falado acima, ela foi remanejada para a rádio em janeiro de 2019. Por ser nova na função, ela sempre está entrando em contato com o chefe da comunicação para relatar as pautas planejadas e identificar se

⁴⁶ Diário de campo, 30/04/2019.

⁴⁷ Diário de campo, 10/04/2019.

⁴⁸ Diário de campo, 29/04/2019.

existe alguma pauta que possa criar um problema institucional. As pautas são definidas a cada mês, a partir de temas da universidade ou do que a sociedade tem repercutido (educação, cidade, política, saúde, direitos humanos, meio ambiente, movimentos sociais, entre outros). Definidas as temáticas, a jornalista, em diálogo com o bolsista, o chefe da comunicação e até mesmo com outras pessoas que trabalham na rádio, pensam possíveis nomes que possam participar para debater o tema. Escolhidos esses nomes, é a vez de entrar em contato, saber a disponibilidade e marcar. Essa preparação ocorre com dias de antecedência do programa que vai ao ar.

Na segunda parte da manhã, ela começa a organizar o roteiro do dia. Os participantes já foram contatados e confirmaram dias antes. Devem começar a chegar meia hora antes do programa ir ao ar. Enquanto ela trabalha no roteiro, o apresentador do programa, que é professor da universidade, chega e vai se ambientar com o tema. Eles trocam alguma ideia sobre o assunto e o roteiro, ou mesmo sobre um outro programa passado ou que ainda ocorrerá, enquanto os participantes não chegam. Quando os entrevistados chegam, ela recebe, explica como acontece o programa e como será a discussão. Depois disso, todos vão ao estúdio para se organizar. O programa é veiculado ao vivo, então, durante a transmissão, a jornalista permanece no estúdio acompanhando e recebendo ligações dos ouvintes com perguntas e comentários. Ao finalizar o programa, ela ainda vai novamente até a sala resolver possíveis pendências do programa do dia seguinte. Ela também trabalha 5h/diárias, mas relata que, por ser nova na função, já chegou a ficar mais tempo do que isso para aprender mais sobre a nova atividade e organizar o que for necessário.

Existem dias em que alguns participantes desmarcam de última hora, mandam um outro entrevistado sem avisar ou chegam atrasados. Em um dos dias da observação, um participante chegou atrasado e entrou depois que o programa já havia iniciado. Quando essas situações ocorrem e ela não tem uma solução no momento, entra em contato com o coordenador da comunicação para pensarem juntos uma solução. Além do contato constante com o chefe, a jornalista não tem, na rotina de trabalho, contato assíduo com os outros jornalistas da universidade, nem com jornalistas de fora da instituição. O contato maior é com as assessorias de imprensa, que muitas vezes viabilizam o telefone dos convidados; com os próprios entrevistados, que são diversos, desde professores da universidade a políticos, promotores, coordenadores de movimentos sociais; e com os ouvintes, como já citado anteriormente. A jornalista também tem uma relação estreita com o bolsista da rádio, chegando a ensinar para ele como entrar em contato com os

entrevistados e como fazer a produção do programa nos dias em que ela precisar se ausentar. Eles também conversam sobre assuntos pessoais e acadêmicos. Ao mesmo tempo em que existe uma relação de mestria dela para com ele, há também uma relação de parceria e ajuda entre ambos.

A outra jornalista que fica na rádio tem uma rotina mais ligada à assessoria de comunicação, particularmente ao trabalho da agência de notícias, já falado anteriormente. Ela, que havia ingressado na universidade há poucas semanas por meio de concurso público, chega por volta de 13 horas para desenvolver a pauta repassada pelo jornalista que fica mais à frente da agência. Como o produto final é uma reportagem longa de divulgação científica ou de projeto de extensão para o portal da agência, incluindo também uma produção para a rádio, no momento da observação participante, a jornalista tinha que produzir uma matéria por semana. Em alguns dias, ela passava a tarde apurando as informações. Em outros, ela estava na rádio, redigindo a matéria e complementando as informações por telefone. Havia dias em que ela estava estudando e pesquisando mais sobre o tema. E existiam outros dias em que ela se dedicava a produzir a matéria para a rádio, fazendo, inclusive a locução.

Aqui vou me deter a um dia típico de apuração de uma matéria, em que acompanhei a equipe. Antes de ir a campo, o jornalista responsável pela agência já havia marcado com o professor o dia da entrevista no laboratório. Ele havia fechado a data com o fotógrafo e pediu que as pessoas responsáveis pela parte administrativa da assessoria solicitassem um carro, já que o laboratório ficava em um campus diferente daquele onde estão os profissionais de comunicação. No horário marcado, por volta de 13h30, ela chegou na sala da assessoria de comunicação, o fotógrafo também e o motorista então nos levou até o local da pauta. Durante o trajeto, a jornalista foi bem receptiva à pesquisa, fez perguntas sobre o estudo e minha atuação profissional e falou também sobre a recente chegada à universidade. Chegando ao laboratório, o professor já estava esperando e ela começou a fazer a entrevista, enquanto o fotógrafo fazia as imagens. Ela usava o próprio celular para gravar o áudio da entrevista, e o fotógrafo utilizava a câmera do setor.

Enquanto eu e o fotógrafo aguardávamos a jornalista finalizar, ele comentou: “*as pautas da agência são as mais legais. Na agência você tem mais tempo, diferente da assessoria*”⁴⁹. Quando acabou a apuração, o motorista foi pegar a equipe novamente e levou de volta. A jornalista seguiu para a sala da rádio e começou a pensar como

⁴⁹ Diário de campo, 24/04/2019.

escreveria o texto. Havia ainda algumas entrevistas para fazer por telefone. Ela estava com dificuldades de usar o equipamento que grava as entrevistas e a locução, então, de vez em quando, procurava a jornalista que fica à tarde, no setor de jornalismo e trabalha há muitos anos na rádio, para ajudá-la a manusear o equipamento. Nos dias seguintes, a jornalista ficou trabalhando no texto. Como o dia da apuração ocorreu em uma quarta, no começo da semana seguinte, ela enviou o texto para o jornalista responsável pela agência. Ele fez as alterações e sugestões necessárias, em diálogo com ela, até que o texto foi enviado para o professor. O texto também passa pelas revisoras. Após a aprovação do pesquisador, foi feita a divulgação. As matérias da agência são assinadas, porque, segundo o jornalista, “*tem um pouco mais a mão do repórter*”⁵⁰. Depois desse processo, foi feita a versão para rádio.

A rotina dessa jornalista também é diferente de todas as outras já observadas aqui. Além de ter um tempo maior para produzir os textos, trabalhar com uma matéria mais longa e mais elaborada, a produção é setORIZADA: somente sobre pesquisas da universidade ou projetos de extensão. No momento da observação participante, ela não tinha tanto contato com o restante da equipe, a não ser com o jornalista responsável pela agência, que atua como um editor e produtor, sugerindo, marcando a pauta e corrigindo o texto antes de ser publicado, e com a outra jornalista da rádio que estava auxiliado no uso dos equipamentos. Não há contato também com ouvintes, nem com assessores de imprensa. O relacionamento mais próximo, além dos jornalistas já citados, é estabelecido com as pessoas que fornecem informações para as matérias, que normalmente são professores, pesquisadores ou coordenadores de projetos de extensão, estudantes ou a população beneficiada por aquele projeto.

5.2.4 Marketing

A rotina do setor de Marketing depende muito dos projetos nos quais os profissionais estão trabalhando no momento, já que não há uma demanda diária de publicação de textos ou divulgação de produtos. A única jornalista que atua na equipe, juntamente com o coordenador e mais cinco bolsistas, chega no começo da tarde à sala que fica ao lado da assessoria de comunicação. No período da observação participante, ela estava envolvida com a produção de conteúdo para um site que ainda seria lançado,

⁵⁰ Diário de campo, 22/04/2019.

sobre arte e desporto. Todas as atividades do projeto que vão sendo feitas por ela ou pelos bolsistas são atualizadas em um painel para que eles tenham conhecimento da situação do produto. É o que ela chama de trabalhar com o gerenciamento de atividades. Entre os projetos nos quais ela atuou ou atua estão o guia do estudante (on-line), o site de agenda (dedicado a divulgar todos os eventos da universidade), um livro sobre a universidade e uma campanha especial que dialogue com os docentes.

A jornalista organiza as ações necessárias para dar encaminhamento aos projetos e também trabalha diretamente na produção dos produtos que serão resultado dessas ações. Ela, além trabalhar na concepção e no planejamento das ações, faz a produção para captação do material (seja por escrito ou vídeo), produz o conteúdo (no formato que for necessário), edita a produção dos bolsistas até que o produto esteja pronto. A jornalista também atualiza constantemente alguns projetos que são contínuos, como o guia do estudante, que precisa de uma atualização regular. A sala onde ela fica, apesar de fazer parte da equipe da assessoria de comunicação, não é visitada constantemente pelo chefe da comunicação, já que existe oficialmente um coordenador específico, professor da universidade, para atuar à frente dessas atribuições de fortalecimento da marca da instituição.

Ela, ao ingressar na universidade por concurso público há mais de dez anos, atuou na assessoria de comunicação, mas, aos poucos, foi sendo chamada para trabalhar nas atribuições mais relacionadas à marca. Além disso, fez uma especialização na área de marketing, o que a ajudou a ter conhecimentos para aplicar na função que exerce hoje. A jornalista considera que, apesar de não trabalhar com produtos jornalísticos e ter uma rotina que se assemelha mais à atuação de um relações públicas, o que ela define como conhecimentos e habilidades do jornalismo são utilizadas o tempo todo. Eis algumas falas dela, durante uma visita a uma tarde típica de trabalho:

A gente também faz entrevistas para produzir dados. É importante ter conhecimento de técnicas de entrevista, de redação [...]. Eu acho muito jornalístico ainda o meu trabalho. Lido com as fontes, apuro, faço edição. É um trabalho de edição perene. Conteúdo escrito, impresso, audiovisual, eventos, porque fazemos ações dentro dos eventos. [...] dizem que a gente [jornalista] trabalha com generalidades, então eu estou fazendo isso⁵¹.

Como é possível perceber, apesar de estar muito próxima fisicamente da assessoria de comunicação e até de fazer parte administrativamente da mesma equipe, a

⁵¹ Diário de campo, 26/04/2019.

rotina de trabalho é diferente. Entretanto, vez ou outra, ela vai até a sala da assessoria tirar alguma dúvida com os jornalistas e tratar sobre questões relacionadas a projetos em que estejam trabalhando juntos. O contato diário mais próximo dela é com o coordenador que fica mais à frente dessas atividades relacionadas à marca e com os bolsistas, que auxiliam nos projetos, inclusive em habilidades não completamente dominadas por ela. Ao mesmo tempo em que ela faz um trabalho de treinamento com eles para poder direcioná-los e orientá-los melhor sobre as atividades desenvolvidas, como são bolsistas de áreas diversas, a jornalista também aprende com eles.

5.2.5 Pró-reitoria

Distante dos demais jornalistas da universidade, física e administrativamente, a jornalista da pró-reitoria desempenha suas atividades em uma sala em outro campus, dentro da estrutura da pró-reitoria, com o apoio de dois bolsistas de jornalismo, um de design e um de mídias digitais. Ela ingressou na universidade em 2012, por meio de concurso público, e já foi direto para essa unidade. No dia a dia, a jornalista costuma chegar no meio da manhã ao setor, mas tem flexibilidade para chegar mais cedo ou mais tarde, a depender da demanda. Os bolsistas fazem a clipagem on-line e o monitoramento das redes sociais daquilo que está circulando sobre a universidade. A equipe também produz material para as redes sociais do setor e dois sites institucionais, gerenciados por eles. Os bolsistas de jornalismo geralmente são as pessoas que redigem os textos, ela revisa e publica no canal definido.

Existe uma autonomia da equipe para publicação. Nem todos os textos precisam ser enviados para o pró-reitor ou outro gestor, antes de ir ao ar. *“Só os textos mais sensíveis, mais delicados ou quando tenho alguma dúvida mesmo [...] Se é um texto com muitos dados, prefiro que a pessoa responsável também veja se está tudo certinho”*⁵², explica a jornalista. Ela também redige alguns textos. Por redigir, atuar nas redes sociais, fazer foto, quando necessário, ela considera que trabalha com atividades jornalísticas. No entanto, não se considera uma jornalista, mas uma profissional de assessoria de comunicação. *“Eu não vou ouvir o outro lado. Eu vou escrever com a visão da pró-reitoria. Aproxima do jornalismo na forma de fazer a atividade, mas distancia no*

⁵² Diário de campo, 10/05/2019.

*propósito [porque ela trabalha ouvindo só um lado]*⁵³. A informante faz essa distinção entre as duas atividades, mesmo considerando que o jornalismo praticado na redação dos veículos de comunicação não é imparcial.

Em alguns dias, existe a necessidade de produzir textos que são encaminhados para a assessoria de comunicação publicar no portal geral da universidade. Ou então reportagens produzidas para o jornal mensal. “*A gente é uma espécie de correspondente*”⁵⁴. Essa parceria também ocorre quando aparece alguma demanda dos veículos de comunicação externos. Nesse caso, ela e os outros jornalistas da assessoria mantêm conversas pelo telefone para alinhar as respostas: quem vai responder e como será esse retorno. Mesmo administrativamente fora do bojo da comunicação, ela busca ter esse contato constante com os jornalistas da assessoria, inclusive com o chefe da comunicação. “*Acontece de recorrer a eles para saber como eu procedo, se eles têm alguma diretriz de como proceder em determinados casos*”⁵⁵.

Ela também se relaciona com os bolsistas e com os profissionais do próprio setor. Com os primeiros, a relação é de mestria, mas também de parceria. Os estudantes de jornalismo já chegam, segundo a informante, sabendo o que é um texto jornalístico, o que é um lide, mas é necessário saber como a pró-reitoria funciona e o direcionamento do trabalho. “*Com o tempo, eles vão ficando mais autônomo*”⁵⁶. Existem outros dois bolsistas que possuem conhecimentos diferentes do jornalismo (design e mídias digitais) e, dessa forma, dão suporte ao trabalho desenvolvido por ela e pelos bolsistas de jornalismo. Com as pessoas que atuam no próprio setor dela, ao mesmo tempo em que existe a parceria de fontes de dados para o conteúdo produzido, há alguns impasses em relação à prática como, por exemplo, a escolha do que será divulgado como notícia. “*As pessoas querem divulgar tudo, acham que tudo é notícia, que tudo deve ser publicado. Antes [dela chegar à pró-reitoria], o site não tinha preocupação com a hierarquização da informação*”⁵⁷.

Diferentemente dos demais jornalistas da instituição, por estar administrativamente ligada à pró-reitoria, o chefe direto dela é o pró-reitor. Apesar de considerar a relação boa e de manter parceria com ele no momento de apurar dados para os textos e mandar as respostas para os veículos de comunicação externos, ela diz que,

⁵³ Diário de campo, 10/05/2019.

⁵⁴ Diário de campo, 10/05/2019.

⁵⁵ Diário de campo, 10/05/2019.

⁵⁶ Diário de campo, 10/05/2019.

⁵⁷ Diário de campo, 10/05/2019.

em alguns casos, é necessária a intervenção do chefe da comunicação. *“Uma coisa sou eu falando e outra é o chefe da comunicação falando. Passa de chefe para chefe, é uma coisa de hierarquia [...] Tem o peso de ser professor e tem também essa posição de ser o chefe que responde pela comunicação como um todo”*⁵⁸. Nem todos os dias existe a necessidade de interagir com todos esses atores sociais. A rotina do setor, por vezes, é sazonal. Existem períodos do ano em que há uma maior necessidade de um trabalho proativo de produção de textos e atualização dos sites e redes sociais, por conta de projetos específicos da pró-reitoria.

5.3 CONSIDERAÇÕES

Apesar de fazerem parte do mesmo cargo, os jornalistas que trabalham nas universidades federais, conforme descrito acima, podem estar em diversas estruturas administrativas da área de comunicação – e até mesmo de outros setores – que requerem uma rotina diferente, a depender da função exercida. Existem atribuições e atividades em comum, como a produção de conteúdo sobre a universidade, a divulgação dessas informações em meios públicos, a manutenção do relacionamento com fontes diversas da instituição. Entretanto, o cotidiano, os formatos das equipes e a maneira de se relacionar entre si, os públicos de relacionamento, os meios de comunicação utilizados para difusão da informação e os produtos desenvolvidos vão se modificando, a depender do objetivo que se quer daquela estrutura. Essa diversidade na rotina é principalmente articulada a partir da divisão de tarefas. Essa divisão não modifica somente a rotina dos setores que possuem jornalistas, mas as atividades desenvolvidas por cada um desses profissionais individualmente.

Da divisão de tarefas entre os jornalistas, que pode ocorrer de maneira formal, por meio de documentos específicos para isso, como a nomeação em cargos, ou informal, a partir das habilidades que o chefe identifica no jornalista ou que o próprio profissional se propõe a desenvolver, surgem diferentes perfis profissionais, que contribuem para o processo de segmentação profissional (BUCHER; STRAUSS, 1961). A partir da observação participante, foi possível verificar que existe (1) o jornalista gestor, mais ligado às questões administrativas, à organização das equipes e à tomada de decisões; (2) o jornalista assessor de imprensa, mais direcionado a cumprir as atividades de contato

⁵⁸ Diário de campo, 10/05/2019.

com os veículos de comunicação externa e trabalhar a imagem da instituição com a mídia externa; (3) o jornalista repórter, que trabalha ativamente produzindo conteúdo noticioso; (4) o jornalista editor, que coordena a produção desses conteúdos noticiosos; (5) o jornalista divulgador científico, que produz especificamente conteúdos noticiosos relativos à pesquisa; e (6) o jornalista relações públicas, mais ligado às atividades de valorização da marca e de relacionamento com os públicos de interesse da instituição.

Essa divisão de tarefas implica em diferentes papéis sociais e estatutos, provocando mudanças de posicionamento na forma como os próprios jornalistas se identificam (STRAUSS, 1999). De uma maneira geral, a maioria dos jornalistas observados se identifica com o estatuto de jornalista. Existe um menor número que se identifica como servidor público, apesar deste último já ser oficialmente inerente ao cargo que o profissional ocupa. Há ainda aqueles que se identificam com o estatuto de jornalista, mas consideram que transitam em papéis sociais distintos: por vezes são mais repórteres, noutras são mais assessores de comunicação, em outras são divulgadores da ciência. Esse trânsito está sempre intimamente relacionado às atividades que desempenham naquele momento. A divisão de tarefas também se conecta aos diferentes contextos de interação, à forma como os informantes se relacionam com os diversos atores sociais. A depender da função desempenhada pelo profissional na organização, ele terá mais contato com os próprios jornalistas, gestores da universidade, professores, técnicos-administrativos de áreas diversas, estudantes, jornalistas de veículos de comunicação externos à instituição, grupos da sociedade em geral. A interação com cada um desses atores sociais exige negociações e um posicionamento diferente do jornalista. Conseqüentemente, ele passa por mudanças nos papéis sociais exercidos.

Nos próximos capítulos, com a inclusão dos dados gerados nas entrevistas e na leitura de documentos, essas primeiras inferências feitas durante a observação participante serão retomadas, ampliadas e relacionadas aos objetivos desta pesquisa e ao referencial teórico.

6 AUTOIDENTIFICAÇÃO DOS JORNALISTAS DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS

Este capítulo tem como objetivo descrever como o jornalista que trabalha nas universidades federais se define e se autoidentifica na interação com a pesquisadora. Para isso, serão interpretados, de forma indutiva, com base nos pressupostos teóricos do interacionismo simbólico, os dados gerados durante as entrevistas realizadas em maio de 2019 com dez jornalistas, lotados em universidades federais pelo Brasil e que estão trabalhando nos setores de comunicação, em rádio ou TV universitária. Acrescentam-se a isso dados obtidos durante a leitura dos documentos das universidades que tragam informações sobre essa autorrepresentação do jornalista no ambiente universitário.

Após um breve relato de carreira dos dez entrevistados, esta seção aponta questões sobre identidade e pertencimento a grupos. Em seguida, aborda a autoidentificação nos estatutos de jornalista e de servidor público.

6.1 BREVES RELATOS DE CARREIRAS

Conforme descrito no Percurso Metodológico, dez profissionais que trabalham em universidades federais do Brasil estão entre os entrevistados. Neste tópico, cada um deles será apresentado, a partir de um breve relato da carreira, que explica como chegaram ao jornalismo e à universidade.

João Lima é um homem de 63 anos de idade, que atua na rádio universitária de uma instituição localizada na região Centro-Oeste. Ele ingressou no jornalismo aos 16 anos, em um jornal local, para escrever uma coluna estudantil no jornal de maior circulação do estado. Desde então, fez carreira no jornal impresso com texto, diagramação e fotografia, mesmo sem cursar faculdade de Jornalismo. Em seguida, passou a dar aula na rede pública de ensino, mas manteve-se na redação. Depois de uns anos migrou para a TV aberta até que em 1983 ingressou na universidade – por meio de seleção, já que nessa época os concursos públicos ainda não estavam instituídos – e passou a dividir a atuação na televisão com a assessoria de comunicação da instituição. Três anos depois, assumiu a chefia da assessoria de comunicação da universidade, ficando somente lá. Até 2009, o jornalista ocupou por vários anos – com alguns intervalos – a chefia do setor.

Desde essa época, tem assumido somente as atividades de jornalista na rádio universitária, onde apresenta um programa de literatura.

Margarida Castanheira tem 29 anos e trabalha na TV universitária de uma instituição de ensino superior do Centro-Oeste. Escolheu ser jornalista por gostar de ouvir notícias no rádio sobre política. *“Quando você é muito adolescente, você não sabe direito o que quer ser, mas eu achei que seria interessante fazer aquilo, que eu gostaria de fazer aquilo. Eu escolhi jornalismo por isso. Não é nada muito profundo”*⁵⁹. Coursou jornalismo e, logo depois de formada, trabalhou na rádio universitária (como terceirizada), na assessoria de comunicação de um sindicato e na assessoria de comunicação do governo do estado. Começou a estudar para concurso pouco tempo depois, motivada pelas condições precárias do mercado de trabalho. Como já tinha experiência na universidade, optou por tentar concurso público apenas para instituições de ensino superior, até que passou em 2015 e foi chamada para trabalhar em 2016, já na TV universitária onde está atualmente.

Camélia Carvalho também é uma mulher, jovem, com 32 anos, que trabalha na assessoria de comunicação de uma universidade na região Sul. Ela decidiu ser jornalista ainda adolescente, porque queria encontrar uma forma de multiplicar conhecimento fora da sala de aula. *“Eu queria, justamente, isso: trabalhar com algo, trabalhar com texto e que eu tivesse possibilidade de multiplicar algum fato e que as pessoas tivessem acesso às coisas, às informações, ao conhecimento, a mundos diferentes”*⁶⁰. Fez curso de jornalismo e, logo após formada, foi trabalhar em um jornal local por meio ano. Também atuou como *freelancer* (trabalhadora temporária) em uma grande feira pelo governo do estado. Ela já estava fazendo concurso para vários órgãos, quando o trabalho de assessoria de comunicação na feira foi determinante para motivá-la ainda mais a querer atuar em um órgão governamental. No mesmo ano, ela passou, foi chamada e ingressou na universidade, aos 23 anos.

Joaquim Salgueiro tem 46 anos. É um homem que trabalha em uma universidade localizada na região Sul. Vindo de uma família em que ninguém tinha curso superior, ele havia se planejado para ser técnico metalúrgico. Ingressou, então, na escola técnica, o que, na opinião dele, abriu novos horizontes. Ele passou a pensar em ir além do ensino técnico, em uma perspectiva de colaborar um pouco mais com a sociedade. Escolheu ingressar no curso de Jornalismo pela possibilidade de contribuir, lidando com a

⁵⁹ Entrevista com jornalista 2, 20/05/2019.

⁶⁰ Entrevista com jornalista 3, 21/05/2019.

informação da forma mais clara e democrática possível. Passou por assessorias de comunicação e se aproximou, de acordo com ele, das atividades de relações-públicas. Depois de uma experiência com assessoria de comunicação, trabalhando na Floresta Amazônica, ele começou a ser chamado para apresentá-la em cursos de pós-graduação. Dessa aproximação com o ambiente acadêmico veio a oportunidade de dar aulas em uma faculdade particular. Em seguida, o interesse em ingressar em uma instituição de ensino superior. Prestou concurso e foi chamado em 2012. Passou alguns anos como chefe da assessoria de comunicação, hoje atua como jornalista no setor.

Jorge Pereira também é um homem de 40 anos, que trabalha na assessoria de comunicação de uma universidade. A instituição está localizada na região Nordeste. Ele escolheu o jornalismo por gostar de ler e escrever. Tinha um plano específico: trabalhar em jornal impresso. Após a faculdade de jornalismo, não conseguiu ingressar em uma redação de jornal, então foi em busca de trabalhar como *freelancer*. Trabalhou em campanha eleitoral, atuou com comunicação empresarial e ficou fazendo concurso. Em 2006, passou em um concurso de prefeitura. Continuou fazendo concursos para a área de jornalismo e, no começo de 2010, ingressou na primeira universidade onde trabalhou. Aos poucos, ele conta que foi deixando de lado o preconceito que tinha de atuar no serviço público. “*O plano era trabalhar em uma redação, mas as dificuldades e as experiências foram mostrando que havia possibilidade de realização profissional ali [serviço público]*”⁶¹. Em 2016, ingressou na assessoria de comunicação de uma outra universidade, onde estava até o momento da entrevista.

Violeta Moreira é uma mulher de 56 anos e trabalha na assessoria de comunicação de uma universidade localizada na região Nordeste. Escolheu jornalismo pelo acaso, segundo ela. “*Não teve ‘Ah, eu tenho um sonho de ser jornalista’.* Não, não foi. *Eu queria ser uma boa profissional*”⁶². Fez o primeiro vestibular para Engenharia Civil, mas, depois de traçar um perfil com uma especialista em recursos humanos, a indicação foi fazer Comunicação Social. Optou pela habilitação em Publicidade e Propaganda. No penúltimo ano, começou a estagiar no núcleo de rádio e TV de uma universidade. Nesse mesmo local, ingressou em um cargo público, que exigia apenas nível fundamental, para trabalhar como jornalista⁶³. Aproveitou as disciplinas que já tinha feito para concluir também o

⁶¹ Entrevista com jornalista 5, 15/05/2019.

⁶² Entrevista com jornalista 6, 14/05/2019.

⁶³ Como isso ocorreu na década de 1980, antes da Constituição de 1988 que instituiu os concursos públicos da forma como são realizados hoje, ela ingressou no serviço público, com exigência apenas do ensino fundamental e num regime de trabalho que seguia a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Com a

curso de Jornalismo, em 1987. Com as mudanças na Constituição de 1988, passou a ocupar o cargo de jornalista. Além da atuação na universidade, fez alguns serviços para prefeitura e trabalhou em campanhas eleitorais.

Açucena Campos tem 28 anos. É uma mulher e atua na TV de uma universidade da região Norte. Ela escolheu fazer um curso de graduação na área de Humanas por gostar de ler. Optou pelo Jornalismo, pois, além da leitura, poderia se dedicar à escrita e teria um mercado mais amplo do que História, por exemplo. Não teve experiência em redação, sempre atuou na área de assessoria de comunicação, desde a época dos estágios. Antes de ingressar na universidade onde trabalha desde 2015, passou pela assessoria de comunicação de ONGs, sindicatos e de um projeto da universidade. Apesar de tentar concurso para outros órgãos, ela se sentia mais motivada a fazer aqueles de universidade, por gostar de trabalhar com Educação e em um ambiente de produção de conhecimento. *“Os concursos voltados para a área de Educação, para as universidades, sempre foram os que me atraíram mais, por conta do meu interesse pela área, então foi uma oportunidade mesmo”*⁶⁴.

José Figueira é homem, tem 52 anos e trabalha na rádio de uma universidade da região Norte. Ele queria ser jogador de futebol, mas, como era um caminho difícil, achou que poderia trabalhar com jornalismo esportivo. Ingressou no curso de Jornalismo e, logo depois, começou a estagiar na assessoria de imprensa da universidade. Depois que se formou, passou a trabalhar em jornais locais da cidade onde mora. Atuou em outras editorias até que finalmente chegou à cobertura de Esportes. Do jornal, foi para uma rádio pública do governo do estado. Nessa época, já estava fazendo concurso. Passou para o concurso da universidade em 2005, mas só foi chamado em 2009. Assim que ingressou foi trabalhar na assessoria de imprensa, antes de ir para o rádio, onde está atualmente.

Gardênia Jatobá é uma mulher de 34 anos, que trabalha na rádio de uma universidade localizada na região Sudeste. Desde a época de escola, ela costumava se envolver em atividades ligadas à comunicação, como jornais, murais etc. No ensino médio, ingressou em um curso técnico de Eletroeletrônica. Não se identificou com a área e passou a se interessar pelo jornalismo. Leu alguns livros, principalmente de crônicas escritas por jornalistas, e decidiu cursar Jornalismo. Já como estudante, passou por uma TV comercial, um jornal impresso e pela rádio universitária. Quando concluiu o curso,

mudança após 1988, os profissionais que já estavam na universidade passaram do regime celetista para o estatutário (regido por lei específica dos servidores públicos federais).

⁶⁴ Entrevista com jornalista 7, 20/05/2019.

surgiu a oportunidade de ser contratada como terceirizada para a rádio, mas acabou sendo contratada para um projeto da mesma universidade de implantação da TV, em 2007. No ano seguinte, abriu um concurso público para trabalhar nessa mesma universidade, ela prestou e passou. Foi chamada então a trabalhar com as mesmas funções que tinha na época de terceirizada, mas agora como concursada. Por questões pessoais, em 2017 mudou de universidade. Na nova instituição, foi lotada na rádio universitária onde atuava até o momento da entrevista.

Petúnia Oliveira tem 29 anos. É mulher e trabalha na assessoria de comunicação de uma universidade localizada na região Sudeste. cursou um ano de Ciências Biológicas e não gostou. Depois de uma orientação vocacional, aliada à aptidão para a escrita e o gosto pela leitura, escolheu fazer Jornalismo. Após a conclusão do curso em 2014, começou a fazer uma pós-graduação na área de marketing e mídias digitais e passou a trabalhar como *freelancer*, em jornal e com organização de eventos. Em 2016, decidiu estudar para concurso. No ano seguinte, foi admitida no primeiro emprego formal, como assessora de comunicação da prefeitura. Nesse mesmo ano, ela passou no concurso da universidade e começou a trabalhar no cargo. Apesar de ter feito concurso para outros órgãos, sentiu-se atraída pelo trabalho na universidade por gostar da área de Educação. O clima na universidade, que ela considera dinâmico, e a carga horária também foram fatores que contribuíram para que ela se sentisse mais atraída por esse tipo de concurso.

Por meio dos breves relatos de carreira cada entrevistado, foi possível perceber que a maioria ingressou na carreira por possuir um curso superior na área e, na universidade, por meio de concurso público. No entanto, não é regra, especialmente entre as pessoas mais velhas, como João Lima e Violeta Moreira. No primeiro caso, ele fez um curso superior na área de Humanas e, na época, conseguiu se regularizar como jornalista e atuar no cargo. No segundo, depois do curso de Publicidade e Propaganda, ela começou a atuar em atividades consideradas de jornalista e só então fez uma segunda graduação em Jornalismo. Essas diferenças na maneira de fazer parte de um grupo profissional corroboram a ideia de que a constituição dos grupos não é um fato físico, mas simbólico, em que precisa haver reconhecimento entre os indivíduos – do grupo e fora deles para além dos atributos formais (como uma formação superior). Nos casos citados, mesmo sem passar pelo concurso público para jornalista, a prática de atuar com atividades

reconhecidas como sendo de jornalismo e as mudanças históricas do país⁶⁵, contribuíram para a afiliação dos entrevistados a um determinado grupo profissional.

Ao longo do tempo, por meio das interações, esses grupos constroem “pontos de consenso” (STRAUSS, 1999) e compartilham de discursos e práticas que passam a ser socialmente reconhecidos. A maioria dos entrevistados, por exemplo, disse ter escolhido fazer ou atuar com jornalismo, por causa de aptidão ou gosto para alguma atividade reconhecida pelo participante como sendo típica de um jornalista. Gostar de ler, escrever, de ouvir notícias e querer que a sociedade tenha acesso à informação estão entre algumas habilidades ou práticas que permitiram aos entrevistados se identificarem, no início da escolha de uma carreira, com o jornalismo. Essa forma de se identificar com um grupo profissional, como será visto posteriormente, perpassa o discurso dos entrevistados ao falar não somente sobre a escolha inicial, mas também sobre a função atual que ocupam na universidade. Nos próximos tópicos, a relação entre a identidade e a afiliação a grupos e os estatutos a que os jornalistas das universidades se filiam serão abordados mais detalhadamente.

6.2 SER JORNALISTA: O ESTATUTO PREDOMINANTE

Strauss (1999) defende que qualquer discussão sobre identidade tem a linguagem como ponto central. Isso porque, além da identificação da pessoa com a nomeação que cria um vínculo indissolúvel entre o nome e a autoimagem, existe uma marcação de fronteiras que coloca os objetos nomeados em classes de determinados sistemas. *“Nomear, então, não é apenas indicar; é identificar um objeto como algum tipo de objeto. Um ato de identificação requer que a coisa referida seja colocada dentro de uma categoria”* (STRAUSS, 1999, p. 38). Nas entrevistas realizadas, em interação com a pesquisadora, os participantes fizeram uso da linguagem para se definir, apontar a atividade desenvolvida e os recursos utilizados. Muitos identificaram-se como jornalista pelas atividades desempenhadas e os princípios a que recorrem durante a rotina de trabalho. Essa classificação, conforme Strauss (1999), não é essencialista, mas definida com relação a outras classes. Nesse caso, há diferentes maneiras de se identificar como jornalista, implicando em significados diversos para o termo.

⁶⁵ Aprovação da Constituição Federal de 1988, que instituiu os concursos públicos.

[...] à medida que nos deparamos com situações novas e com atos pouco familiares, são exigidas ampliações do vocabulário. Esses novos termos devem ser justificados perante outras pessoas importantes, que podem mostrar-se céticas quanto às nossas soluções conceituais. [...] A validação ou a recusa de validação por outras pessoas importantes acarreta inevitavelmente reinterpretções da nossa própria atividade. Além disso, como não apenas nós mesmos, mas também os outros estamos procurando fazer com que os julgamentos sejam mantidos por um tribunal aberto, e como a validação é buscada ativamente, não é de admirar que o “o novo sempre esteja emergindo” (STRAUSS, 1999, p. 53).

Por meio das entrevistas, é possível inferir que os participantes que trabalham nas universidades passam constantemente por esse processo de validação dos termos utilizados para se autoneoarem ou nomearem aquilo que fazem. Como eles não estão em um espaço que se institucionalizou socialmente como ambiente de jornalista – ou seja, uma redação de jornal, já que se trata de uma instituição pública de ensino, novas apropriações foram feitas, a partir da noção deles da prática, da teoria e dos discursos públicos do que seria jornalismo. A definição do jornalista e daquilo que é jornalismo, de acordo com o ponto de vista dos entrevistados, pode ser ampliada para além do espaço da mídia, incluindo o trabalho que eles desenvolvem dentro de um órgão público, uma instituição de ensino. Os participantes deixam transparecer essas nomeações em praticamente todo o curso das entrevistas. Para efeitos didáticos, neste tópico, serão trazidos os aspectos mais relacionados à nomeação da própria identificação, das atividades desenvolvidas e dos princípios utilizados. Na análise das entrevistas, os trechos que faziam referência ao primeiro aspecto foram classificados como Identificação e aqueles que tinham relação com os dois últimos aspectos como Práticas e Ideologias, respectivamente, conforme já explicado no percurso metodológico.

Autoidentificação, práticas e ideologias socialmente reconhecidos pelos entrevistados como sendo de um determinado grupo (no caso deste trabalho, dos jornalistas) estão intimamente relacionados. José Figueira, que trabalha na rádio universitária, ao ser questionado se ele se considerava um jornalista trabalhando na universidade, rapidamente respondeu que sim e completou: “*A gente faz matéria, faz produção, faz entrevista, faz entrada ao vivo, a gente consulta fontes, em um ritmo menor, em uma configuração diferente, mas a gente faz tudo isso*” (informação verbal)⁶⁶. João Lima acredita que é um jornalista por sempre trabalhar para “[...] *levantar o material,*

⁶⁶ FIGUEIRA, José. **Entrevista 8**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo.m4a (37min e 22seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

pesquisar a respeito, evidenciar e publicar” (informação verbal)⁶⁷. Violeta Moreira, Margarida Castanheira e Gardênia Jatobá consideram-se jornalista por trabalhar com notícias, informando a um público. Ao falar sobre essa autoidentificação, Violeta Moreira argumenta que é jornalista, ponderando que, quando trabalhava com rádio e TV, atuava mais jornalisticamente, na visão dela, mas, atualmente, mesmo na assessoria de comunicação, ela pode se considerar uma jornalista institucional.

Me considero, porque, de qualquer forma, apesar de assessoria ser tida como aquela que faz somente matéria chapa branca, nós temos um lastro muito maior de notícias, e a gente também atende um público que também procura informação, então, de certa forma, eu acredito que sim [que é jornalista]. A gente está lidando com a notícia e a gente tem todo aquele cuidado jornalístico. É verdade que, anteriormente, quando eu trabalhava no Núcleo de TV e Rádio, a atividade era bem diferente: era uma atividade mais voltada para programa, com muita consciência de jornalismo. Mas como eu estou dentro do serviço público, então eu posso considerar mais que eu sou jornalista de comunicação estatal. Então, é mais isso: institucional mesmo, porque sempre trabalhei nessa área (informação verbal)⁶⁸.

Camélia Carvalho, que também atua na assessoria de comunicação, considera-se jornalista por fazer reportagens e busca o mesmo termo usado por Violeta Moreira para se autoidentificar: jornalista institucional. *“Eu me sinto atualmente mais jornalista porque a gente produz mais e produz esses programinhas [vídeos com notícias]. Esse jornalista institucional, essa figura diferente, né?” (informação verbal)⁶⁹. Para a participante, a diferença do jornalista, chamado por ela de “institucional”, é a prioridade na divulgação de notícias para o público interno. *“A gente se preocupa muito mais com essa divulgação para a comunidade local e a comunidade acadêmica” (informação verbal)⁷⁰. Na visão de Açucena Campos, ela é jornalista por trabalhar com pautas que impactam a vida das pessoas e com a divulgação de informações importantes. E também**

⁶⁷ LIMA, João. **Entrevista 1**. [mai. 2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min. e 37seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁶⁸ MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

⁶⁹ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

⁷⁰ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

por contribuir com a transparência do que ocorre dentro da universidade, não sendo diferente do que um “jornalista de redação” faz no dia a dia.

Nem todo mundo tem acesso a uma universidade, então acho que o trabalho de jornalista... Assim como o jornalista de redação também tem esse papel de mostrar o que está acontecendo e levar informação de interesse público, o papel do jornalista de uma Universidade eu não vejo como muito diferente. Eu acho que é esse mesmo papel também: apresentar as informações, apresentar as pesquisas, o que está sendo feito, inclusive as dificuldades e os desafios (informação verbal)⁷¹.

Assim como Açucena Campos, em que a transparência está presente no discurso como um princípio jornalístico, há também quem se autoidentifique como jornalista a partir de princípios socialmente reconhecidos pelos próprios entrevistados como sendo do jornalismo. É preciso ressaltar que esses princípios, de acordo com Deuze (2005), fazem parte de uma ideologia ocupacional consensual, segundo ele, dentre o grupo profissional⁷². “[...] Significa compreender o jornalismo em termos de como jornalistas dão significado ao seu trabalho”⁷³ (DEUZE, 2005, p. 444, tradução nossa). Para Deuze (2005), os valores relacionados ao jornalismo, concebidos ao longo do tempo, como serviço público, objetividade, autonomia, urgência, ética podem ser transformados, a partir das mudanças na forma como os jornalistas vão se apropriando da atividade. No caso desse estudo, é possível observar negociações que os jornalistas fazem dos valores fundamentais da ideologia ocupacional do jornalismo durante a prática diária em uma universidade.

Jorge Pereira (informação verbal)⁷⁴, apesar de não se considerar um jornalista na universidade por achar que não faz “jornalismo de redação” e por avaliar que trabalha para promover a instituição, tem clareza que utiliza princípios nomeados por ele como de jornalista. A transparência, ao atender os veículos de comunicação e divulgar as informações, mesmo que seja uma pauta negativa para a universidade; a obrigação de informar a sociedade, de maneira verdadeira, correta e objetiva; não ser autoritário com

⁷¹ CAMPOS, Açucena. **Entrevista 7**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (01h e 32seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

⁷² Nesse caso, o termo ideologia não está sendo usado na perspectiva de lutas de classe, mas de uma coleção de valores, estratégias e códigos formais (DEUZE, 2005).

⁷³ Trecho original: “[...] means understanding journalism in terms of how journalists give meaning to their newswork”.

⁷⁴ PEREIRA, Jorge. **Entrevista 5**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 37 min. e 19seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

os colegas dos veículos de comunicação estão entre os princípios identificados por ele como sendo de jornalista. Violeta Moreira (informação verbal)⁷⁵ refere-se aos princípios levados em consideração na rotina de trabalho, como “cuidado jornalístico”. Camélia Carvalho (informação verbal)⁷⁶, mesmo se afirmando jornalista, pondera que um dos princípios considerados por ela como de jornalista não é cumprido, ao fazer os textos sobre a universidade: não olhar o lado negativo. No entanto, para ela, mesmo que o lado negativo não seja ressaltado, é possível fazer “verdadeiras reportagens”.

Alguns dos documentos das universidades, disponibilizados pelos jornalistas, também refletem essa identificação de quem trabalha no setor com atividades ou princípios considerados do jornalismo. O regimento interno do setor onde Joaquim Salgueiro trabalha utiliza expressões como “conteúdo de cunho jornalístico”, “produção de pautas”, “notícias do site”, ao fazer referência às atribuições da assessoria de comunicação. Expressões semelhantes estão na política de publicação da universidade onde trabalha Violeta Moreira. O documento, disponibilizado por Camélia Carvalho, define as atividades da equipe de comunicação refere-se à atuação do setor como responsável pela produção de “conteúdo noticioso”, manutenção de “produtos jornalísticos”, recebimento de sugestões de “pauta jornalística”, além de citar que os textos serão editados de acordo com “técnicas jornalísticas”. No documento da universidade de José Figueira consta uma lista de tarefas desenvolvidas pela assessoria de imprensa e finaliza dizendo que estão dentro desse bojo outras atividades que façam parte do “campo jornalístico”.

Nesse caso dos documentos, é interessante notar que o processo de validação da nomeação (STRAUSS, 1999), citado acima, que pressupõe o olhar e a avaliação do outro, não se restringiu a uma negociação entre os próprios jornalistas. Os documentos, além de passar pela aprovação interna dos setores de comunicação, que incluem publicitários, relações públicas, assistente em administração, entre outros profissionais, dependem da aprovação da gestão da universidade ou, pelo menos, da reitoria para ter força de orientação e ser levado em consideração pelos membros da comunidade acadêmica. É uma forma possível de justificação desses novos termos ou novas atividades que estão se

⁷⁵ MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

⁷⁶ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

inserindo no ambiente acadêmico, a partir do ingresso de pessoas que não são professores e que têm uma formação e uma prática vindas de um mundo social (STRAUSS, 1999) diferente, nesse caso o do jornalismo (TRAVANCAS, 1993; LANGONNÉ et al., 2019). “Esses novos termos devem ser justificados perante outras pessoas importantes, que podem mostrar-se céticas quanto às nossas soluções conceituais (STRAUSS, 1999, p. 53). Essas soluções, portanto, implicam em negociações com as “pessoas importantes”. Este aprofundamento das situações de negociação de identidade será visto no capítulo seguinte.

Por meio da linguagem, da comunicação e, portanto, do uso de terminologias comuns, as pessoas podem se identificar com determinados grupos, a partir não só da transmissão de ideias, mas dos sentidos compartilhados (STRAUSS, 1999). No caso deste estudo, até o momento, é possível inferir a identificação dos entrevistados com o que eles consideram como jornalismo – em maior ou menor grau, não somente pela questão formal (pela formação ou pelo ingresso no concurso em um cargo de jornalista), mas pela prática e pelos princípios compartilhados. Strauss (1999), ao comentar a afiliação aos grupos, afirma que, “[...] quando o grupo é grande, e sobretudo quando não possui um território delimitado, emergem então verdadeiras questões práticas e teóricas com relação a quem participa de verdade e em quem o grupo pode confiar para quê” (STRAUSS, 1999, p. 151). Essas questões podem levar às zonas de “discordância conceitual” e de “incomunicação”. Isso porque, no ponto de vista de Strauss (1999), os grupos são constituídos por pessoas que trazem símbolos referentes à afiliação a outros agrupamentos. Disso podem surgir subgrupos, dissidentes, “panelinhas”.

No caso em questão, os participantes defendem que são jornalistas ou fazem trabalho de jornalista em algum momento do dia, por trabalharem com produção de notícias ou por considerarem a atuação de assessor de imprensa uma modalidade do jornalismo. No entanto, existem aqueles que se dizem assessores de comunicação, por trabalharem com divulgação da universidade. Nesses casos, o assessor de comunicação pode ser considerado um subgrupo, uma identidade situacional (STRAUSS, 1999) ou um papel social (GOFFMAN, 2014) dos jornalistas, pois se modifica, como foi visto nas entrevistas, a depender da atividade que estão exercendo e o local de trabalho. Por exemplo, os entrevistados que atuam em rádio (João Lima, José Figueira e Gardênia Jatobá) ou TVs universitárias (Margarida Castanheira e Açucena Campos) têm mais facilidade de se identificarem como jornalistas, devido à rotina produtiva que, segundo eles, é a mesma compartilhada por jornalistas que trabalham em veículos de comunicação

de massa. Quando são lotados nas assessorias de comunicação, podem atuar como “jornalista de redação” ou assessores, a depender do tipo de atividade que estão desenvolvendo no momento. É feita, portanto, uma diferença entre dois papéis: jornalista-repórter (“de redação”) e o assessor de imprensa. No próximo capítulo, os diferentes papéis sociais desempenhados pelos jornalistas no dia a dia serão melhor detalhados.

Petúnia Oliveira, por exemplo, assume-se 50% jornalista, pois, ao falar sobre a atuação de jornalista, refere-se ao papel desempenhado de jornalista-repórter ou “de redação”. Para a participante, ela é jornalista, quando entrevista e cobre eventos, assim como os repórteres fazem nas redações de jornal, entretanto boa parte da carga horária é dedicada a questões administrativas da própria universidade, por isso não seria 100% jornalista. Aqui a entrevistada deixa evidente o outro estatuto ao qual se filia: o de servidora pública, que será abordado no próximo tópico. Nomeia-se como assessora de comunicação/imprensa e inclui essa tarefa dentro das atribuições do jornalismo. “[...] o assessor de imprensa, para mim, é jornalista, sim. Ele tem um trabalho tão expressivo quanto um jornalista de redação” (informação verbal)⁷⁷, afirmou. É importante ressaltar a relação que ela faz inicialmente entre a semelhança das atividades desempenhadas (trabalhar com entrevistas, cobrir eventos...), conseguindo, portanto, afirmar que o assessor é jornalista, e, ao mesmo tempo, diferencia ambos por considerar o jornalista como aquele que trabalha em redação. No trecho a seguir ela detalha melhor essas diferenças:

Nós que trabalhamos em Universidade, se a gente for ver, nós temos muito mais o papel de assessor de comunicação; não vou falar só de imprensa, para tentar englobar toda essa parte de produção de notícias, de alimentação de redes sociais, de contato com imprensa e redação. Tudo isso faz parte do nosso dia a dia. Um jornalista de redação só lida com as notícias. Um assessor de imprensa mesmo é responsável por coletar dados e identificar o que é de interesse para ser visto, para quem ele representa ser visto. Na minha opinião, isso também faz parte do trabalho do jornalista, sim. Então, é um outro lado. O jornalista de redação faz isso sem ter que representar uma instituição (informação verbal)⁷⁸.

Portanto, por ter feito concurso e exercer a profissão dentro de uma universidade pública federal (instituição pública), alguns participantes se identificam também com o

⁷⁷ OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

⁷⁸ OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

estatuto de servidor público. No próximo tópico, será discutida a autoidentificação nesse estatuto.

6.3 A AUTOIDENTIFICAÇÃO COM O ESTATUTO DE SERVIDOR PÚBLICO

A afiliação identitária a um grupo está relacionada ao estatuto ocupado por determinada pessoa, dentro de um contexto de interação (STRAUSS, 1999). No caso desta pesquisa, os entrevistados representam um estatuto, por formação e por cargo ocupado, de homens ou mulheres jornalistas e, em interação com a pesquisadora, deixam transparecer também outro estatuto que não faz parte só da afiliação formal, mas está presente nas práticas e nas ideologias compartilhadas: o estatuto de servidor público. Todos têm conhecimento do estatuto de mulher, pesquisadora e mestranda da autora deste trabalho e alguns também sabem que a autora compartilha dos mesmos estatutos de jornalista da universidade e servidora pública. Conforme Strauss (1999), espera-se que as pessoas, quando representam um determinado estatuto, apresentem atributos que a identifiquem com aquela representação. No entanto, esse estatuto pode se modificar, durante a interação, de uma base para outra. Ao pensar no contexto de um representante institucional, como é o caso dos jornalistas entrevistados, “[...] saber em qual tipo de *status* entre os muitos possíveis ele está atuando depende das muitas sutilezas do que é dito, por quem, em que contexto, como e em que sequência” (STRAUSS, 1999, p. 86).

Nas entrevistas, foram identificados, além do estatuto de jornalista, o de servidor público. A passagem de um estatuto para outro pode ser altamente institucionalizada, de uma maneira que as pessoas se movem em uma sequência ordenada (STRAUSS, 1999). Por exemplo, quando alguém deixa de ser estudante e transforma-se em um profissional formado, ao concluir o curso de graduação; quando uma noiva passa a ser esposa ou quando uma grávida se torna mãe, após a gestação. Os estatutos podem ser atribuídos também de uma forma menos rígida, mais livres e não-ritualística, como durante uma entrevista. No caso deste estudo, o estatuto de servidor público aparece nas entrevistas como um pertencimento mais formal, pelo fato do profissional ter passado pelo ritual de ingresso no serviço público, trabalhar em uma instituição e, portanto, considerar-se servidor público. Mas também surge quando o jornalista se percebe trabalhando com atividades administrativas e refletindo sobre princípios considerados por ele como pertencentes ao ambiente do serviço público.

Gardênia Jatobá, mesmo assumindo o estatuto de jornalista por trabalhar com notícias diversas em uma rádio universitária e dizer se apresentar como jornalista, em um momento da entrevista coloca-se como representante do estatuto de servidora pública. “*Eu me considero servidora pública da educação, antes de me considerar jornalista. É uma questão de identidade profissional. Pelo local onde eu trabalho, eu me considero servidora pública da educação*” (informação verbal)⁷⁹. Jorge Pereira não assume diretamente o estatuto de jornalista na entrevista, associando a princípios e algumas práticas, como já visto acima. Ao pensar no cargo que exerce, na responsabilidade de estar no serviço público e em todas as obrigações que ele tem por conta disso, ele se identifica como servidor, cumprindo um papel social de assessor de comunicação. Petúnia Oliveira, como já citado, por conta do trabalho com questões administrativas não se sente completamente no estatuto de jornalista. Ela achava que, por ser uma jornalista no serviço público, teria de cumprir essas atribuições somente se assumisse um cargo de chefia, mas são atividades que fazem parte do dia a dia.

O que me desagrada é a parte administrativa. Tem reuniões... Eu esqueci de mencionar também: a gente tem que ir nas reuniões. Tem reuniões que duram horas e horas e eu vejo que não levam a lugar nenhum. Enquanto eu estou ali naquela reunião, está chegando novidade. Às vezes tem demanda de imprensa. E eu sinto que eu estou perdendo tempo. Então, essa parte administrativa era algo que eu imaginava... A menos que eu quisesse assumir um cargo de gestão, que fosse convidada, eu imaginava que era algo que não teria. Resposta de processo, tudo isso é uma coisa que me chateia um pouco (informação verbal)⁸⁰.

Joaquim Salgueiro considera que deve seguir princípios da profissão de jornalista, mas que é um servidor público e precisa observar a função social do local onde trabalha. “[...] eu adoro viver nesse sistema de conflito” (informação verbal)⁸¹, disse, ao comentar um exemplo de um impasse que, na opinião dele, pode ocorrer, quando se coloca na fronteira entre os dois estatutos.

⁷⁹ JATOBÁ, Gardênia. **Entrevista 9**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (48min e 55seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação.

⁸⁰ OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

⁸¹ SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

Como jornalista, eu vou sempre falar com todos os lados, sempre vou ouvir [...] mas eu tento sempre mostrar que algumas situações, da forma como quer ser mostrada, pode impactar negativamente a percepção da sociedade sobre a instituição. Pode ser que naquele momento eu faça uma censura do tipo “esse assunto, não”, mas eu tento sempre evitar, porque eu não quero ter que voltar toda hora e dizer que é impossível; eu quero que a pessoa entenda por que não é possível. [...] Não posso me basear por todo mundo, mas, na função de jornalista, por muitas vezes eu chegava, olhava o que estava acontecendo, discutia o que era pertinente ou não e dizia que, se fizesse dessa forma, poderia colaborar. Mas, às vezes, [eu falava] nem como jornalista, mas como ente interno, uma pessoa que estava ligada com a Universidade e gostaria do melhor para ela (informação verbal)⁸².

O estatuto de servidor público também ficou evidente, em alguns casos, nos comentários sobre a participação sindical. A maioria dos entrevistados não está filiada a nenhum sindicato. Entretanto, dos dez jornalistas entrevistados, os três (João Lima, Camélia Carvalho e José Figueira) sindicalizados fazem parte do sindicato dos servidores e nenhum permaneceu no sindicato dos jornalistas. João Lima avalia que a atuação dos sindicatos dos jornalistas é mais voltada para empresas privadas, sem tantas demandas para o serviço público. “*O Sindicato dos Jornalistas daqui é mais atuante e indicado para quem trabalha na imprensa privada, na imprensa das empresas [...]. Na esfera do serviço público federal, ele não tem tanta demanda e nem essa influência*” (informação verbal)⁸³. Camélia Carvalho disse que na cidade onde mora não há atuação efetiva desse sindicato. “*Eu acabei perdendo o vínculo e acabei não indo mais atrás*” (informação verbal)⁸⁴. José Figueira deixou o sindicato dos jornalistas por questões burocráticas no processo de afiliação. No entanto, tem desejo de voltar por considerar que o sindicato dos jornalistas ainda é bastante atuante, até mais que o dos servidores públicos.

Atualmente, essa gestão que vai para o segundo mandato tem atuado bastante em tudo e qualquer questão, referente à nossa categoria, seja órgão público, seja órgão privado. A nossa presidente tem trabalho

⁸² SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta dissertação.

⁸³ LIMA, João. **Entrevista 1**. [mai. 2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min. e 37seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta dissertação.

⁸⁴ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 1 desta dissertação.

*bastante. Já entrou com pedido contra a Universidade nossa. Fez assembleia em defesa da nossa categoria (informação verbal)*⁸⁵.

Violeta Moreira foi sindicalizada aos dois, mas, ao contrário de José Figueira, considera que o sindicato dos jornalistas não tem muita ingerência no serviço público, mostrando também esse distanciamento das pautas de quem está no serviço público daqueles que estão trabalhando em outros lugares. “*Eu vim saber mais tarde, por conta das minhas atividades paralelas, que realmente era necessário eu ter o registro do sindicato. A partir do momento que eu deixo de fazer essas atividades, eu também saio do sindicato*” (informação verbal)⁸⁶. Dos não sindicalizados, os que expressaram o desejo de retornar – ou de se filiar – a um grupo sindical (jornalistas Margarida Castanheira e Gardênia Jatobá) disseram que se filiariam ao sindicato dos servidores públicos, evidenciando o estatuto de servidor público no momento de falar sobre essa escolha. Dos não filiados a nenhum sindicato, somente a Açucena Campos demonstrou interesse em procurar o sindicato dos jornalistas.

Por fim, é importante destacar que o processo de interação com a pesquisadora também pode ter participado dessa passagem entre estatutos percebida nas respostas dos entrevistados. Como todos identificaram o estatuto prévio da entrevistadora como pesquisadora e alguns tinha conhecimento que ela era jornalista de universidade também, percebeu-se uma tentativa de tornar coerente, nomeando e dando significado por meio da linguagem, a atividade profissional desenvolvida. Por terem conhecimento de como funciona o mundo acadêmico, por trabalharem na universidade, é possível que tenham levado em consideração a necessidade de rigor científico por se tratar de uma pesquisa, sendo constrangidos a buscar meios para explicar da melhor forma possível o trabalho que desenvolvem na universidade, forçando, assim, essa passagem de um estatuto para outro que faça mais sentido, já que um dado estatuto pressupõe atributos e habilidades que o outro não teria para identificá-lo naquele estatuto que inicialmente estava defendendo. Um exemplo é quando Petúnia Oliveira diz considerar-se somente 50% jornalista, pois, apesar de fazer atividades de jornalismo, tem também tarefas mais

⁸⁵ FIGUEIRA, José. **Entrevista 8**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (37min e 22seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

⁸⁶ MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

administrativas. Violeta Moreira e Camélia Carvalho, como visto acima, utilizaram o termo institucional para se referir de forma mais precisa ao tipo de jornalismo que faziam.

Ao mesmo tempo, a pesquisadora se deparou com a familiaridade dos jornalistas com o uso e a prática de entrevistas (BROUSTAU et al., 2012; PEREIRA; NEVES, 2013). Nesse caso, os jornalistas poderiam fazer o movimento de se manter em um determinado estatuto para que ocorra uma identificação na interação. Além disso, foi preciso ficar atenta ao confronto com a possibilidade de “erro do especialista”, ou seja, atribuir um grau de competência sobre o objeto que, de fato, o jornalista não possui (BROUSTAU et al., 2012), correndo o risco até mesmo de inverter os papéis desempenhados entre entrevistadora e entrevistados. “O pesquisador em jornalismo pode enfrentar, durante a entrevista, uma situação de quase-performance jornalística, sendo esta elaborada segundo um modelo midiático” (BROUSTAU et al., 2012, p. 18). Ambos os movimentos não foram perceptíveis durante as entrevistas. Não houve situações em que os entrevistados tenham feito perguntas para a pesquisadora, a não ser questões muito pontuais mais relacionadas aos objetivos da pesquisa ou à instituição a qual a entrevistadora faz parte. Também não se percebeu uma identificação com o estatuto do jornalista somente pelo fato da entrevistadora ser jornalista. Aqueles que tiveram dificuldade de se inserir no estatuto de jornalista não tiveram constrangimento em dizer isso e associar mais seu trabalho com um outro estatuto ou outro papel social. Esse, por exemplo, foi o caso de Joaquim Salgueiro e Jorge Pereira. Ambos tinham conhecimento do estatuto de jornalista da entrevistadora, mas não hesitaram em se identificar no estatuto de servidor público, desempenhando um papel social de comunicador/assessor de comunicação.

Joaquim Salgueiro, como já visto acima, representou-se no estatuto de jornalista e de servidor público, assumindo, inclusive, essa fronteira de conflito entre ambos os estatutos. Também, ao pensar no período em que esteve como gestor do setor de comunicação, o entrevistado afirmou desempenhar o papel social de comunicador em uma instituição pública por congregar tarefas que estivessem relacionadas a outras áreas da comunicação, além das atividades delimitadas como de jornalista.

Eu gostava de transitar em outras áreas e poder assimilar com outras áreas, para que eu pudesse fazer a maior transição entre elas. Eu acho que isso é a grande sacada de um gestor de comunicação: que consiga entender que os processos podem ser independentes, mas eles também podem ser trabalhados em conjunto. Então, eu sempre me coloquei como comunicador. Eu sempre coloco, para as pessoas que chegam na Universidade para trabalhar, de que elas podem pensar fora da caixinha, de que o jornalista pode também fazer

*papel de relações públicas e relações públicas, eventualmente, o de jornalista, sem criar muito atrito entre essas áreas, mas que um possa colaborar com o outro (informação verbal)*⁸⁷.

Jorge Pereira coloca-se no impasse entre dois papéis que podem ser desempenhados por um jornalista: “jornalista de redação” e assessor de comunicação. Não se reconhece desempenhando o papel de “jornalista de redação”, mas de assessor de comunicação, por estar dentro de uma instituição e ter que, apesar de usar princípios considerados como jornalístico, defender a universidade.

*Eu trabalho como assessor de imprensa, assessor de comunicação, mas eu tenho em vista que é importante manter a abertura com a sociedade. [...] Eu não vou dizer que eu trabalho com as técnicas de jornalismo de redação, porque eu não faço essa atividade dentro da Universidade, mas eu preciso ter, pelo menos, um princípio que me faça entender por que é importante atender uma pauta negativa, por que às vezes eu tenho que atender o colega que está pedindo informações. Às vezes, as perguntas são realmente incômodas para a Universidade, mas têm um sentido público no que ele [jornalista de redação] está fazendo - ou, pelo menos, deveria ter. Mesmo que tenham outras intenções ocultas, é relevante aproveitar as oportunidades para expor para a sociedade que a Universidade existe, que a Universidade tem seus procedimentos, que ela tem seus resultados. Não devemos deixar que uma pauta negativa seja tratada como segredo de estado. Está cada vez mais inviável adotar esse tipo de atitude. É nesse sentido que eu enxergo: os princípios éticos da profissão [de jornalista] transparecem para mim*⁸⁸.

Diante do exposto, observa-se que a identificação no estatuto de servidor público está relacionada ao local de trabalho, às atividades desenvolvidas e aos princípios a que recorre no dia a dia. Na interação com cada jornalista, outros estatutos foram identificados, como homem jovem, mulher jovem, homem de meia idade, brasileiros, entre outros de caráter mais pessoal ou relacionados a outras instâncias da vida, que não serão evidenciados aqui, por se tratar de um trabalho sobre identidade profissional. É importante ressaltar que as histórias de vida têm impacto direto na formação das identidades profissionais também (STRAUSS, 1999), no entanto, por motivo de foco e pertinência estão sendo trazidos somente aspectos da vida pessoal que tenham uma implicação mais direta nas escolhas profissionais.

⁸⁷ SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

⁸⁸ PEREIRA, Jorge. **Entrevista 5**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 37 min. e 19seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

6.4 CONSIDERAÇÕES

Os jornalistas que trabalham nas universidades federais identificam-se com aquilo que eles consideram como prática jornalística. Mesmo aqueles que não se referem a si como jornalistas de forma clara e verbalizada, têm identificações com o grupo, por meio das atividades exercidas (produção de notícias, cobertura de eventos, apuração, uso de entrevistas) ou dos princípios defendidos (transparência, ética, verdade, clareza), definidos pelos próprios entrevistados como jornalísticos. A identidade formal – ter uma formação em jornalismo ou estar ocupado um cargo que possui este nome – também gera um mecanismo de autoidentificação e pertencimento ao grupo de entrevistados, no entanto é perceptível que, ao explicar essa forma de se autorrepresentar, os entrevistados recorrem às tarefas desempenhadas e aos princípios que levam em consideração. Essa percepção confirma a afirmação de Strauss (1999) sobre a constituição de agrupamentos ser um fato mais simbólico e não físico. Para ocorrer essa identificação e o pertencimento é necessário o reconhecimento entre os indivíduos do grupo e fora dele.

Essa necessidade de reconhecimento provavelmente influencia na passagem entre estatutos, durante a interação com a pesquisadora. Ao reconhecer a interlocutora como parte do ambiente acadêmico e conseqüentemente alguém que busca interpretações para o fenômeno estudado, os jornalistas fazem o esforço de dar coerência, mesmo que nem sempre se tenha êxito, ao diálogo estabelecido e às explicações sobre a própria atividade profissional exercida. Alguns entrevistados, por exemplo, identificam o jornalista somente como o “jornalista de redação”. Nesses casos, por se diferenciarem de alguns aspectos práticos estabelecidos nas redações de jornais, eles não se consideram jornalistas e buscam alternativas nomeando-se como servidores públicos, cumprindo papel de assessores de comunicação/comunicadores. Ao mesmo tempo, é interessante notar que alguns jornalistas, mesmo considerando que são servidores públicos ou desempenham o papel social de assessores de comunicação, não têm problemas em se referir a si como jornalistas também, nem considerar que o assessor é um tipo de jornalista. Os mais velhos, por exemplo, que tiveram longos anos de experiência em redações de veículos de comunicação em geral, não hesitam em se identificar como jornalistas, mesmo trabalhando fora desse contexto de redação, como servidores públicos em uma instituição pública de ensino.

É provável que essa última interpretação, que mostra o jornalista desempenhando o papel de assessor de comunicação, tenha raízes na história do grupo. As afiliações, conforme Strauss (1999), “são produtos de um passado” (STRAUSS, 1999, p. 163). Portanto, aqueles entrevistados que trabalharam por longos períodos em redação de jornal, de alguma forma, estão ligados a esse passado que um dia os fez parte de um grupo. Além disso, Strauss (1999) também afirma que “[...] as identidades implicam não apenas histórias pessoais, mas também histórias sociais [...]. Se quisermos entender as pessoas [...], devemos estar preparados para considerá-las inseridas em um contexto histórico” (STRAUSS, 1999, p. 163). No caso do Brasil, por exemplo, historicamente, houve o reconhecimento dos assessores de imprensa como jornalistas, sem grandes conflitos, por negociação e consentimento dos órgãos sindicais brasileiros, como a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2007). O que passou a definir a profissão, conforme explica Adghirni (2012) e Sant’Anna (2009), foram as atividades de apuração, redação, edição e difusão da notícia, compartilhada por jornalistas de redação e por assessores de imprensa. Ou seja, o fato de ser jornalista de redação ou de trabalhar produzindo conteúdo considerado como jornalístico para empresas ou órgãos públicos não coloca os profissionais de lados opostos, mas parte de um mesmo grupo, com algumas tarefas diferentes.

Essa forma de se identificar mais com determinado estatuto por meio da divisão de tarefas pode ser percebida também nas entrevistas. Aqueles jornalistas que trabalham em rádio ou TV, como já citado acima, têm mais facilidade de se afirmar no estatuto de jornalista. Inclusive, Violeta Moreira que hoje está na assessoria de comunicação, mas já passou por rádio e TV universitária, considerava que no núcleo de rádio e TV ela desempenhava uma atividade com “muita consciência de jornalismo”. Segundo os entrevistados, a rádio ou a TV não têm a obrigação principal de trabalhar a imagem da instituição; ser porta-voz da universidade, quando necessário; atender demandas dos veículos de comunicação externo, tarefas consideradas por eles como sendo responsabilidade dos assessores de comunicação. Por outro lado, eles trabalham diariamente com produção de notícia, em alguns casos até temas que não têm relação direta com a universidade, entrevistas, apuração, *deadline*. Por isso, sob o ponto de vista dos participantes, apesar de trabalhar em um veículo de comunicação que pertence a uma instituição pública de ensino, eles estariam mais próximos do “jornalista de redação”, desempenhando o papel social de jornalista-repórter, diferente dos jornalistas que exercem o papel social de assessor de comunicação.

Diante do exposto, é possível inferir que os jornalistas das universidades federais transitam entre dois estatutos principais: o de jornalista e o de servidor público. É um grupo profissional que se forma, a partir da fronteira entre outros dois agrupamentos, com suas especificidades particulares. A partir da identificação desses estatutos, emergem papéis sociais desempenhados que podem se modificar, a depender das negociações feitas durante as interações, abordados de forma mais detalhada no próximo capítulo. Abaixo segue um quadro exemplificativo da autoidentificação dos entrevistados com os estatutos de jornalista e servidor público. Aqueles que possuem aspas de ambos apontam para algum tipo de identificação com os dois estatutos. Já aqueles que apresentam aspas em apenas um demonstraram identificação com um dos estatutos.

Quadro 4 - Entrevistados e identificação com os estatutos

Entrevistado	Estatuto de jornalista	Estatuto de servidor público
João Lima	<i>“Sou mais jornalista mesmo. Gosto de ir atrás da matéria, de levantar o assunto, ir atrás do entrevistado, de desmiuçar o assunto, dar uma pesquisa no que está acontecendo. Sempre foi assim: a atividade, em si, de jornalismo nunca mudou. Mesmo sendo chefe ou assessor, sempre tive essa preocupação de levantar o material, pesquisar a respeito, evidenciar e publicar.”</i>	
Margarida Castanheira	<i>“Como eu não faço esse papel de assessoria, não busco vender pautas para a imprensa, eu me sinto divulgando mesmo o que se faz dentro da Universidade, a pesquisa da Universidade e as atividades que são feitas dentro da Universidade. Eu me sinto jornalista”.</i>	<i>“Como há esse conflito... Eu sou servidora e quem acaba respondendo [por nós] por especificidade do nosso trabalho é o Sindicato dos Servidores Públicos.”</i>
Camélia Carvalho	<i>“A gente faz reportagens e... [...] sempre vai ter a questão de não ter tanto o lado negativo - digamos assim, mas eu acho que, em geral, a gente consegue ir trabalhar e fazer verdadeiras reportagens. Dependendo da área em que eu estou atuando naquele momento (em questão de jornalismo científico, que a gente faz também), eu me sinto uma jornalista, sim”.</i>	
Joaquim Salgueiro	<i>“Muito mais jornalista! Muito mais jornalista! Isso não significa que eu tenha me sentido menos as outras coisas, porque eu fui participar, por exemplo, de comitê de crise, que é uma coisa muito típica de relações públicas, fui colaborar para a produção de fotografias para campanhas para questões muito específicas. [...]. Mas eu me sentia, dentro de uma conjuntura da gestão da Universidade, atuando como jornalista [...]. Quando vou ver quais são as funções do jornalista, eu estava cumprindo as funções do jornalista.”</i>	<i>“Uma das coisas que eu levo de ser servidor público é que a gente não está trabalhando para o capitalismo imediato, mas trabalhando para suprir necessidades do cidadão, suprir necessidades da sociedade. Educação pública gratuita é uma das nossas atribuições, então eu já considero essa questão do servidor público uma questão [...] fundamental. A partir dela, você</i>

		<i>desenvolve o que realmente você quer desenvolver”.</i>
Jorge Pereira	<i>“Jornalista? Acho que, talvez, na técnica, na produção e também por esses princípios que eu te disse, por acreditar que eles são importantes. É importante o jornalista entrar em contato, questionar, ter acesso ao gestor. Às vezes, por um acaso, não é possível, mas, sendo possível, a gente sempre faz o que dá para que isso aconteça. O atendimento, a técnica de informação e de redação e produção de conteúdo.”</i>	<i>“Eu vejo assim: serviço público como um encargo; é um encargo que eu tenho. Então, são diversos deveres. É por isso que eu também considero importante atender pedido de informação da imprensa, sanar dúvida do cidadão (uma coisa que a gente faz também).”</i>
Violeta Moreira	<i>“Como eu estou dentro do serviço público, então eu posso considerar mais que eu sou jornalista de comunicação estatal. Então, é mais isso: institucional mesmo, porque sempre trabalhei nessa área.”</i>	<i>“Acho que ser funcionário público não é uma atividade, não é uma profissão. Eu acho que o funcionário público é apenas o vínculo empregatício que eu tenho.”</i>
Açucena Campos	<i>“Me considero uma jornalista, sim, porque a gente está trabalhando diretamente com pautas que impactam a vida das pessoas, com informações que são importantes para as pessoas terem conhecimento, informações que fazem diferença na vida das pessoas, além de ser um trabalho que também contribui para a transparência.”</i>	
José Figueira	<i>“A gente faz, sim [trabalho de jornalista]. A gente faz matéria, faz produção, faz entrevista, faz entrada ao vivo, a gente consulta fontes, em um ritmo menor, em uma configuração diferente, mas a gente faz tudo isso.”</i>	
Gardênia Jatobá	<i>“[...] eu me defino e me apresento como jornalista da Universidade. É assim que eu me apresento para fonte, ao telefone. É assim que eu me reconheço: como jornalista.”</i>	<i>“Eu me considero servidora pública da educação, antes de me considerar jornalista. É uma questão de identidade profissional. Para mim, isso foi sempre muito caro. Pelo local onde eu trabalho, eu me considero servidora pública da educação. Claro que eu exerço a função de jornalista.”</i>
Petúnia Oliveira	<i>“50% jornalista. Não é total jornalista, não. A dificuldade que é para a gente entrevistar e cobrir um evento, isso tudo faz parte da composição da notícia. E tem a parte administrativa, que acaba que ocupa uma boa parte da nossa carga horária. Mas, sim. Me considero, em parte, jornalista. Não sou uma jornalista 100%.”</i>	<i>“E tem a parte administrativa, que acaba que ocupa uma boa parte da nossa carga horária [...] O que me desagrada é a parte administrativa. Tem reuniões... Eu esqueci de mencionar também: a gente tem que ir nas reuniões. Tem reuniões que duram horas e horas e eu vejo que não levam a lugar nenhum. Enquanto eu estou ali naquela reunião, está chegando novidade.”</i>

Fonte: Produzido pela autora, com base nas entrevistas

A intenção até aqui não foi definir uma identidade única e específica para quem atua nas universidades, mas refletir e buscar interpretar processos acerca dessa identidade fluída e complexa, construída a partir dos processos de interação e negociações sociais.

No próximo capítulo, será o momento de definir os grupos que se relacionam com os jornalistas, durante a rotina de trabalho, e refletir sobre alguns papéis sociais desempenhados por eles, a partir das negociações de identidade no cotidiano de trabalho.

7 O JORNALISTA E AS NEGOCIAÇÕES DE IDENTIDADE NO COTIDIANO DE TRABALHO

Este capítulo tem como objetivo apresentar outros atores sociais com os quais o jornalista convive no cotidiano de trabalho e descrever situações de negociações de identidade que ocorrem no dia a dia. Para isso, serão trazidos os dados gerados durante a observação de campo, realizada em uma universidade, e as entrevistas com os dez jornalistas, lotados em uma instituição de ensino superior pública federal.

O capítulo inicia inserindo o jornalista da universidade nas questões de identidade situacional (STRAUSS, 1999) e dos papéis sociais (GOFFMAN, 2014). Em seguida, apresenta situações de negociação de identidade entre os próprios jornalistas (de dentro da universidade e de fora da instituição) e com os demais atores envolvidos.

7.1 IDENTIDADE SITUACIONAL E PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS PELOS JORNALISTAS NA UNIVERSIDADE

Do ponto de vista identitário, os jornalistas negociam posicionamentos e atitudes, de acordo com a forma como lidam com os pertencimentos concorrentes ou complementares ao que consideram vigente. Na interação com outro ator, isso dá origem a uma teia de negociação (STRAUSS et al., 1964), que resulta em acordos, entendimentos, contratos, pactos entre as partes por um dado momento. Esses processos de negociações só são possíveis, devido à identificação, durante a interação, da própria identidade e da identidade do outro. Quando uma situação está bem definida, não há dificuldades de desempenhar a interação. No entanto, em uma situação problemática (STRAUSS, 1999), é necessário que a pessoa faça a identificação da própria identidade e do outro naquele dado momento. Strauss (1999) define isso como identidade situacional.

No caso dos jornalistas nas universidades, a depender da instituição e da constituição da equipe, como já foi possível observar nos capítulos anteriores, situações já estão definidas, inclusive em documentos. No entanto, durante a rotina de trabalho, como se notou na observação de campo e também nas entrevistas, existem ocasiões, mesmo nas situações já estabelecidas, em que é necessário esse reconhecimento de identidade em um dado momento, provocando as chamadas situações de adaptação

estatutária, conforme explica Strauss (1999). Por exemplo, a chegada de novos jornalistas ou estagiários, a inclusão ou a exclusão de uma nova função para determinado jornalista, a mudança de reitorado na universidade, a produção de determinados textos e a cobertura da mídia externa sobre alguns temas da universidade. Isso ocorre a partir dos processos de interação e negociação.

Esses processos, de acordo com Strauss (1999) e com Goffman (2014), têm caráter cênico, semelhante ao que ocorre no teatro. Goffman (2014), fazendo referência a essa analogia, considera a identidade situacional como a representação de papéis sociais. Assim, os jornalistas que trabalham na universidade se autoidentificam como jornalistas e servidores públicos, conforme visto no capítulo anterior. No entanto, dentro dessas representações já estabelecidas e/ou identificadas por eles, podem assumir papéis sociais diferentes, diante das situações as quais é colocado. O papel social pressupõe um acordo entre o indivíduo e o outro, com direitos e deveres ligados a uma determinada situação social (GOFFMAN, 2014).

Durante a observação de campo e as entrevistas, foram enumerados os atores sociais que participam desses processos de interação. Os jornalistas, primeiramente, relacionam-se com outros atores sociais que são considerados por eles como jornalistas. Nesse bojo, estão aqueles que atuam na mesma instituição, seja no mesmo setor ou em unidades diferentes (assessoria de comunicação, TV e rádio), e aqueles que trabalham para os veículos ou as assessorias de comunicação externos. A interação com cada um desses atores é diferente e faz emergir papéis sociais diversos, a depender de como o jornalista negocia as próprias atividades exercidas dentro da própria universidade e/ou os valores que ele leva em consideração no trabalho.

Além disso, os jornalistas interagem com outros atores sociais, não considerados por eles como jornalistas, mas que estão envolvidos diretamente na atuação e são parte importante do trabalho desenvolvido. Nesta pesquisa, esses atores foram identificados por grupos: outros servidores técnico-administrativos e terceirizados (sejam aqueles que trabalham no setor de comunicação ou em outros espaços da universidade), estudantes e estagiários, professores e pesquisadores e reitoria e gestores da universidade. Os jornalistas também têm relação com outros grupos que fazem parte da sociedade, como as pessoas atendidas pelos projetos da universidade, os leitores dos textos noticiosos veiculados nas mídias da universidade, os egressos, os estudantes que gostariam de entrar na instituição. No entanto, para fins didáticos, este trabalho focará na interação com os

grupos que mais apareceram, durante a observação de campo e as entrevistas, em situações de negociação.

7.2 AS NEGOCIAÇÕES DOS JORNALISTAS COM OUTROS JORNALISTAS

A relação entre aqueles que se consideram e são considerados jornalistas, conforme os relatos das entrevistas e a observação de campo, é motivada por sentimentos de colaboração, parceria e confiança. Na universidade em que ocorreu a observação participante, identificou-se consensos na forma de trabalho e compreensão da rotina, sem grandes situações problemas, como já foi observado no capítulo que detalha esse processo. O grupo se entende participante de um mesmo propósito, mesmo não exercendo exatamente as mesmas atividades. Na verdade, há uma divisão entre quem atua na assessoria de comunicação, na TV e na rádio, e existe também uma forma de dividir as atribuições internamente em cada um desses setores, negociada entre os próprios jornalistas, que não é oficialmente regulamentada (com cargos específicos). Ou seja, existem aqueles jornalistas que desempenham papéis de repórter, outros de assessor de imprensa, uns de editor, outros de divulgadores da ciência e ainda há quem esteja mais relacionado às atribuições do marketing.

No dia a dia de trabalho, na assessoria de comunicação, por exemplo, cada um já chega sabendo exatamente o que vai priorizar, qual a sua primeira responsabilidade. Isso não impede que aquele que está mais livre auxilie no trabalho do outro ou assumam alguma atividade que prioritariamente não é sua. As demandas chegam no e-mail que todos os jornalistas têm acesso e cada um vai vendo o que pode fazer, não existe a figura de alguém que fica pautando os demais de forma verticalizada. A não ser o chefe, quando chega com alguma demanda que precisa ser cumprida. E, ainda assim, ele conversa com os jornalistas para saber a possibilidade de aquilo ser feito, a opinião deles sobre o tema. Na TV, que na época da pesquisa não contava com os técnicos em audiovisual e câmeras, foi necessário ampliar ainda mais os papéis desempenhados. As jornalistas deixaram de se dividir internamente entre aquelas que atuavam na produção, na reportagem e na edição para exercerem tudo isso ao mesmo tempo e assumirem inclusive, atribuições que eram dos técnicos em audiovisual, permitindo a continuidade da produção⁸⁹.

⁸⁹ No capítulo que descreve a observação participante, essa ausência dos técnicos está bem detalhada.

Petúnia Oliveira, por exemplo, trabalha em um setor de comunicação com mais uma outra jornalista. Não há hierarquia oficial entre elas, porque ainda não houve cargo de chefia criado no setor de comunicação. Então, no dia a dia, elas negociam o que cada uma pode fazer, de acordo com a disponibilidade, estabelecendo uma relação de colaboração e parceria. *“Ela está na Universidade desde 2012 e trabalhou até 2017 sozinha. Quando consegui mais uma vaga para jornalista, foi uma grande vitória e uma pessoa para ela dividir todas essas responsabilidades”* (informação verbal)⁹⁰. Apesar de ser uma relação mais horizontal do ponto de vista estatutário, em determinadas situações, a jornalista admite que recorre à colega de mais tempo de universidade para conversar, tirar dúvida e tomar decisões conjuntamente, já que, por conta da vivência há mais tempo na universidade, é a companheira de trabalho que responde mais pela maioria das questões. *“Muitas das reuniões, normalmente, quem vai - a menos que seja no meu horário... a maioria das reuniões são agendadas com ela. Então, ela responde mais pelo setor do que eu”* (informação verbal)⁹¹.

No setor de Camélia Carvalho também existe essa mesma postura. Apesar de oficialmente ter uma chefia designada, ela explicou que as cinco jornalistas que trabalham na assessoria de comunicação buscam atuar sempre em um formato de colaboração entre si. *“A gente procura trabalhar sempre cooperando, ajudando, formando duplas, trios, decidindo junto”* (informação verbal)⁹². Uma das conquistas dessa colaboração e ajuda mútua, segundo a entrevistada, foi que as jornalistas conseguiram solicitar afastamento para fazer pós-graduação, negociando o período que cada uma saia, enquanto outras permaneciam no setor. *“A gente está sempre em contato e se avisando uma coisa, para prestar atenção. Se a gente acha que tem uma coisa complicada que vai acontecer, que pode complicar para uma de nós, a gente avisa”* (informação verbal)⁹³. Ou seja, as

⁹⁰ OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

⁹¹ OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

⁹² CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

⁹³ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

negociações se estendem para além das atividades diárias e alcançam as condições de trabalho também, contribuindo ainda mais para o clima de parceria.

No discurso dos entrevistados, existe uma relação de confiança no trabalho realizado por cada jornalista e a sua respectiva equipe. É necessário que se pressuponha que o texto foi adequadamente apurado para chegar aquela versão final. Na rádio onde foi realizada a observação participante, por exemplo, os jornalistas negociam entre si os papéis desempenhados na rotina de trabalho – quem é a editora do jornal e quem são os repórteres – e, de forma autônoma, aqueles que ficam com o papel de repórter escolhem as pautas que aprofundarão e enviarão para compor a edição do jornal. Na assessoria de comunicação, os jornalistas que estão há mais tempo dão orientações para aqueles que chegaram mais recentemente. Nessa interação, existe uma relação de confiança na qual o jornalista que chegou recentemente concebe como adequadas e verdadeiras as orientações repassadas pelo jornalista mais antigo. Por outro lado, aquele jornalista que está há mais tempo também confia que o mais novo guardará as instruções entre o grupo, sem expor para quem não deveria alguma orientação que porventura venha a causar constrangimento. Por exemplo, quando os jornalistas explicam aos que chegaram mais recentemente como funciona a cultura organizacional da universidade, quais são os setores que, de alguma maneira, causam problemas ao trabalho desempenhado pela equipe de comunicação.

Diante do exposto, é possível verificar que a negociação de atividades e atribuições deixa evidente o papel social de parceiro de trabalho, aproximando os jornalistas como parte de um mesmo grupo profissional, ao mesmo tempo em que também aponta diferenças dentro desse mesmo grupo. Como mostrado acima, existem os repórteres, os assessores, os “chefes” (mesmo que não sejam oficialmente designados), os colaboradores que vão desempenhando esses papéis, a depender do tipo de negociação que precisam fazer no dia a dia para realizar o trabalho. Um exemplo é o que ocorre entre Petúnia Oliveira e sua colega de trabalho. Ambas são jornalistas e servidoras públicas, fora de cargos de chefia. No entanto, na interação entre elas, a colega assume o papel social de chefe, por ter mais tempo na universidade, e Petúnia Oliveira de colaboradora.

Os jornalistas também consideram que têm interação com outros jornalistas, quando estão em contato com aqueles que trabalham nos veículos de comunicação ou nas assessorias de comunicação de outros órgãos. Na observação participante e nas entrevistas, foi possível perceber que os jornalistas que atuam no setor de assessoria de comunicação (ou em atividades designadas por eles de assessoria de

comunicação/imprensa) têm mais contato com jornalistas de veículos de mídias externas. Isso porque é essa função, de acordo com os participantes, quem se responsabiliza prioritariamente por divulgar a universidade, por ser porta-voz da gestão universitária para os veículos de comunicação, por enviar respostas, em nome da instituição, para a sociedade. Já aqueles jornalistas que trabalham na rádio ou na TV universitária, como costumam fazer pautas de temas diversos que não necessariamente estão relacionados à universidade, acabam por ter mais contato com os jornalistas que são assessores de imprensa dos mais diversos órgãos.

Aqueles que têm mais contato com jornalistas e repórteres de veículos de mídias externas reconhecem que já existem acordos convencionados de apoio e ajuda profissionais. Os jornalistas da universidade, além de enviar respostas sobre a instituição, produzem material que pode ser utilizado pelos veículos. Na universidade onde foi realizada a observação de campo, os jornalistas que trabalham com divulgação científica elaboram um texto sobre algum projeto de pesquisa ou extensão para uma agência da universidade, que fica hospedada em um site de livre acesso. Nesse local, além da matéria, são disponibilizadas imagens e, por vezes, vídeos. *“A ideia é que os jornalistas possam pegar e replicar tal e qual, como uma agência mesmo”*⁹⁴. Violeta Moreira também explica que, por meio de um boletim eletrônico, os jornalistas de fora passam a saber as informações sobre a universidade e utilizam da forma como acham mais conveniente. *“Muitas das nossas coisas são publicadas pela imprensa, exatamente através desse boletim. [...] Às vezes, gera uma matéria de pesquisa, gera uma demanda; às vezes, uma nota gera uma demanda maior. Aí, eles fazem uma matéria da nota que a gente publicou”* (informação verbal)⁹⁵.

Dessas negociações, emergem os papéis sociais de colaborador, assessor e intermediador. Para desempenhar esses papéis, o jornalista transita entre o profissional que tem conhecimento da instituição onde trabalha e também conhecimento de habilidades, consideradas como práticas jornalísticas e seguidas pela mídia tradicional. Esses papéis ficam evidentes também na função de porta-voz da instituição, divulgando as respostas oficiais da universidade para os veículos de comunicação. Na observação participante e nas entrevistas, a maioria dos jornalistas partilham da ideia que, por

⁹⁴ Diário de campo, 22/04/2019.

⁹⁵ MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

trabalharem em uma instituição pública, não podem negar informações para os jornalistas dos veículos externos, por causa do interesse público e da transparência. Na assessoria de comunicação da universidade observada, por exemplo, foi notório o empenho da equipe em disponibilizar o mais rápido possível informações sobre a situação do orçamento da universidade em uma época de contingenciamento nas instituições federais de educação, por parte do Governo Federal⁹⁶. Os próprios jornalistas do setor reclamaram a demora da Reitoria em decidir como divulgar isso.

Essa postura permanece, mesmo quando a pauta é negativa para a universidade. No entanto, nesses casos, os jornalistas reconhecem que é preciso negociar posicionamentos. Para Jorge Pereira, é importante preservar a imagem da universidade, entretanto o bem da sociedade se sobrepõe a esse princípio.

Às vezes, eu fico me perguntando e acabo chegando na conclusão de que eu tenho que ser um mediador suficiente para que instituição não fique fechada em si (eu devo colaborar para que a Universidade converse, fale, se exponha e comunique), mas também devo colaborar para que esse contato seja proveitoso, tanto para a sociedade (que fica sabendo da Universidade) quanto também para mostrar que a Universidade não vai se fechar quando uma pauta é negativa - muito pelo contrário! A Universidade tem que buscar e se depurar. Então, se tem problemas, se tem dificuldades, erros... a pior coisa que se pode fazer em um cenário desses é se fechar. É o contrário: tem que pegar e resolver o problema. Dialoga, reconhece o que tem que reconhecer, defende o que tem que defender, e resolve o problema. Eu acho que é nesse ponto que eu enxergo a minha atuação, a partir da minha formação jornalística dentro da Universidade. Não é só uma técnica; é também uma postura política de reconhecer a importância de defender a Universidade, mas não defender a Universidade a qualquer custo contra o bem da sociedade (informação verbal)⁹⁷.

Camélia Carvalho também concorda que desempenha o papel de intermediadora, baseada nos princípios da transparência para os jornalistas dos veículos de comunicação externa. Dessa forma, presta contas e, conseqüentemente, acaba sendo transparente com a sociedade em geral. “A gente sempre tenta trabalhar com o que é mais correto dos fatos. [...] Sempre somos bastantes enfáticos com os gestores de que não é o caso de acobertar,

⁹⁶ Em abril de 2019, o Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, anunciou o congelamento de R\$ 1,7 bi do valor enviado por ano para as universidades públicas federais. A medida repercutiu nacionalmente, com manifestações nas ruas de várias cidades do país. Mais informações em <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/entenda-o-corte-de-verba-das-universidades-federais-e-saiba-como-sao-os-orcamentos-das-10-maiores.ghtml>>. Acesso em 2 de set.2019.

⁹⁷ PEREIRA, Jorge. **Entrevista 5**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 37 min. e 19seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

de não é o caso de fingir que não aconteceu” (informação verbal)⁹⁸. Essa situação também faz emergir o papel social de comunicadora pública, de acordo com o que tem se estabelecido teoricamente sobre Comunicação Pública. Definida dentro do escopo de “legitimidade do interesse geral” (ZÉMOR, 1995), a Comunicação Pública, não necessariamente restrita a uma função dos órgãos públicos (HASWANI, 2013), tem relação com princípios como cidadania, democratização, participação, diálogo, acesso à informação e interesse público (KUNSCH, 2013; ZÉMOR, 1995). “É a comunicação formal que diz respeito à troca e à partilha de informações de utilidade pública, assim como à manutenção do liame social cuja responsabilidade é incumbência das instituições públicas” (ZÉMOR, 1995, p.1).

Os jornalistas que estão nas rádios ou TVs universitárias geralmente têm contato com jornalistas que trabalham nas assessorias de comunicação de instituições diversas. Nesse caso, ele exerce um papel social de repórter, em busca de notícias, e também de colaborador do trabalho do assessor, por fazer a divulgação das demandas solicitadas. Na observação participante, foi possível verificar isso principalmente na rotina da jornalista produtora de um programa de entrevistas na rádio universitária e dos repórteres da mesma emissora. Como foi visto no capítulo da descrição da observação de campo, existe uma interação e uma negociação constante pelo WhatsApp entre os jornalistas da rádio e os assessores de comunicação. Além de sugerir pautas diretamente para os jornalistas, esses profissionais enviam áudio das fontes das matérias para que os repórteres possam aproveitar e também pedem áudios das entrevistas realizadas. “*O WhatsApp facilitou muito o trabalho. As informações já chegam direto no WhatsApp*”⁹⁹, disse um dos jornalistas.

Diante disso, é possível identificar que os jornalistas das universidades, a partir dos processos de interação e negociação com outras pessoas consideradas por eles como jornalistas, desempenham os papéis sociais de colaborador, parceiro, intermediador, assessor e comunicador público. Os papéis de colaborador e parceiro surgem quando, no momento da negociação, há a compreensão de que os jornalistas das universidades fazem parte do mesmo grupo profissional dos jornalistas de outros veículos de comunicação ou de outras assessorias. Já os papéis de intermediador, assessor e comunicador público

⁹⁸ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

⁹⁹ Diário de campo, 29/04/2019.

deixam evidente a posição do jornalista dentro do espaço público e universitário. Se por um lado eles se entendem como parte de um mesmo grupo profissional de jornalista, diante de outros jornalistas, por outro eles compreendem que são também servidores públicos e, portanto, precisam desempenhar papéis diferenciados, pelo compromisso social do cargo que ocupam e pelo conhecimento que tem da universidade. No próximo tópico, serão abordados os processos de negociações entre os jornalistas e os outros atores sociais e os papéis que emergem dessas situações.

7.3 AS NEGOCIAÇÕES DOS JORNALISTAS COM OUTROS ATORES SOCIAIS

Como já citado no capítulo teórico, Strauss et al. (1964), ao fazer estudos etnográficos em hospitais, discorreram sobre a negociação que emerge das interações entre diferentes profissões que atuam no mesmo ambiente de trabalho, como enfermeiros, residentes, médicos e chefes. Para os autores, não é o estatuto ocupado oficialmente que determina necessariamente como o indivíduo agirá, mas o contexto da negociação é que vai determinar quem a pessoa leva em consideração, no momento do ato, e quais são as situações que se tornarão padrão para aquela determinada atitude. Essas ações têm implicações na identidade dos grupos estudados. No caso dos jornalistas na universidade, não é diferente. Além de ser necessário o reconhecimento do outro na construção da identidade, as negociações feitas com outros atores sociais demonstram movimentos identitários do grupo. A depender da forma como interagem com outros atores sociais, os jornalistas podem se aproximar ou se afastar do grupo, ou ainda subgrupos podem passar a existir.

Com base na observação participante, nas entrevistas e nos dados colhidos nos documentos, foi possível identificar os grupos de atores sociais que interagem com os jornalistas e não são considerados por eles como jornalistas: outros servidores técnico-administrativos e terceirizados (sejam aqueles que trabalham no setor de comunicação ou em outros espaços da universidade), estudantes e estagiários, professores e pesquisadores e Reitoria e gestores da universidade. A seguir, serão apresentadas situações de negociações que ocorrem com cada grupo e que papéis sociais emergem dessas interações.

7.3.1 Servidores técnico-administrativos e terceirizados

Os servidores técnico-administrativos das mais diversas áreas e os terceirizados convivem com os jornalistas dentro e fora do setor de comunicação. Dentro das estruturas de comunicação, os jornalistas convivem geralmente com profissionais que também atuam em alguma área da comunicação, como publicitários, relações públicas, programadores visuais, técnicos em audiovisual e técnicos em fotografia. Existem também aqueles servidores ou terceirizados que trabalham nas questões administrativas de organização do setor. O mais comum, na observação participante e de acordo com a fala dos entrevistados, é que os demais profissionais atendam, de alguma forma, às demandas do jornalista. Ou que esses profissionais contem com os conhecimentos e participação dos jornalistas para cumprir suas demandas. Na universidade onde foi realizada a observação participante, fotógrafos, programadores visuais e até as pessoas que trabalhavam com funções mais administrativas, esperavam as solicitações que chegavam para os jornalistas. Seja na elaboração de uma peça gráfica, na cobertura fotográfica de um evento ou mesmo na marcação de carro para levar o jornalista até uma pauta.

Essa espécie de hierarquia tácita entre os jornalistas e os demais profissionais é uma negociação já introduzida na rotina de trabalho de todo o setor, sem que haja um estranhamento. “Normalmente, o trabalho é intermediado pela assessoria. O setor todo é articulado com a assessoria”¹⁰⁰, explicou um dos fotógrafos que, apesar de ficar fisicamente em uma sala diferente de onde os jornalistas estão, tem a maior parte do trabalho demandado por eles. Quando não atende às solicitações daqueles que atuam na assessoria de imprensa, recebe demandas da jornalista que trabalha no marketing. A exceção dessa lógica de funcionamento fica para demandas que chegam exclusivamente para os programadores visuais de peças gráficas, como confecção de logotipos, de campanhas publicitárias e materiais gráficos que vão diretamente para outros setores da universidade. “Trabalhamos com demandas internas [dos jornalistas] e externas [dos outros setores]. Desenvolvemos o design gráfico para a universidade inteira”¹⁰¹, afirmou um dos programadores visuais da universidade.

Nesses casos, os jornalistas desempenham o papel social de chefes de pequenas e temporárias equipes, que duram somente durante o tempo em que uma pauta ocorre ou

¹⁰⁰ Diário de campo, 23/04/2019.

¹⁰¹ Diário de campo, 23/04/2019.

que uma demanda está sendo cumprida. Na produção de alguma reportagem, em que o jornalista vai com o fotógrafo, é ele quem direciona a pauta, que sabe quem é o entrevistado, que sabe o endereço. Ao acompanhar uma jornalista da universidade observada na produção de uma matéria de divulgação científica (situação relatada com detalhes no capítulo sobre a observação de campo), ela quem já sabia sobre o entrevistado, que já dominava o tema da pauta e direcionou o fotógrafo e a pesquisadora. Também conduziu o motorista até o local e depois solicitou o carro de volta para pegar toda a equipe. Na rádio, as jornalistas que produzem o programa de entrevistas e o jornal acompanham a exibição ao vivo e repassam para o técnico de som e os locutores todo o roteiro e as orientações necessárias. Elas ficam atentas a todo o processo, corrigem o técnico ou os locutores, quando necessário, e, no caso da produtora do programa de entrevista, recebe e orienta os debatedores do dia.

Essa postura mais proativa dos jornalistas, mesmo que não sejam oficialmente chefes do setor, foi percebida constantemente no discurso dos participantes. Os próprios jornalistas combinam entre si aquilo que cada um prioritariamente se responsabilizará, assumem as pautas, colaboram com os colegas e a rotina do setor vai caminhando. Pode-se inferir que essa postura proativa, de uma forma de trabalho autônoma e horizontalizada, além do desempenho desse papel social de chefiar pequenas equipes temporariamente, é uma maneira de negociação que os jornalistas encontraram para interagir entre si e cumprir as atividades solicitadas. No entanto, pode provocar um estranhamento e/ou uma acomodação em pessoas que fazem parte de outros grupos e se inserem temporariamente na comunicação por algum motivo, modificando as formas de negociação. Dessa forma, na interação com outros servidores técnico-administrativos ou terceirizados que trabalham na comunicação e que não são jornalistas, o jornalista pode passar a desempenhar um papel não de colaborador, nem de chefe, mas de um profissional que possui atribuições específicas que só quem também é jornalista pode compreender ou de um profissional inflexível e de difícil convivência que acha que domina regras específicas de uma área que poucos compreendem. Por outro lado, o próprio jornalista, dentro dos limites organizacionais possíveis, pode ter uma tendência a assumir uma postura mais autônoma e independente, porque acredita que isso não ocorre por parte dos outros que não são jornalistas, mesmo aqueles que sejam chefes.

Fora do setor de comunicação, os jornalistas interagem com uma diversidade de servidores e terceirizados. Essa relação, de acordo com as entrevistas e a observação de campo, pode ser de colaboração ou de disputa por espaços que seriam da comunicação

ou do jornalismo. Com os motoristas da universidade, por exemplo, que são na grande maioria terceirizados, os jornalistas assumem mais uma vez o papel social de chefe temporário. É o jornalista quem orienta para onde o motorista vai, se vai ficar esperando ou não, quanto tempo precisa ficar esperando, onde deve buscá-lo, como já foi visto no caso acima, durante a execução de uma pauta na universidade observada.

No caso dos servidores, uma forma de se negociar essa identidade e a respectiva divisão de trabalhos, a partir desse entendimento identitário, é trabalhando conjuntamente, de uma forma que o jornalista desempenhe o papel social de repórter e, portanto, orientador e organizador da divulgação da informação, e o outro servidor desempenhe um papel de fonte qualificada. Na observação de campo, notou-se as duas situações: quando existia um entendimento do outro servidor desse papel do jornalista e quando não havia esse entendimento. No primeiro caso, uma servidora do setor de gestão de pessoas mantinha uma boa relação com os jornalistas, sendo inclusive parceira na produção do boletim de comunicação interna. A servidora de gestão de pessoas repassa as informações que os jornalistas precisam para fechar o boletim e divulgar o produto. Por outro lado, os jornalistas aproveitam para conversar com a servidora sobre demandas do setor, como cursos de capacitação para os servidores da comunicação, e outras solicitações de informações.

No segundo caso, também ocorrido durante a observação participante, uma parte da equipe da comunicação fez uma reunião com o chefe, e um dos temas tratados foi a divulgação de notícias por e-mail para os servidores, feita por bibliotecários da universidade. “*A biblioteca está fazendo assessoria de imprensa da universidade. Deu uma melhorada, porque antes eles mandavam era um jornal*”¹⁰², disse o chefe do setor de comunicação. A ideia que surgiu durante a reunião era que o chefe deveria conversar com o diretor das bibliotecas para resolver esse impasse e negociar que a produção de notícias é com a assessoria de comunicação. “*Distribuir notícias é com a gente. [...] Aqui todo mundo é da mesma área e todo mundo trabalha na mesma direção, num setor mais diverso não é assim*”¹⁰³, afirmou ele, contando com a concordância dos demais jornalistas que estavam presentes. Nesse caso, os jornalistas assumem o papel social de repórter, editores e divulgadores da informação que circula pela instituição, a partir de um argumento de divisão de tarefas no mundo social da universidade, em que cada pessoa ou grupo de pessoas é responsável por uma determinada atribuição.

¹⁰² Diário de campo, 12/04/2019.

¹⁰³ Diário de campo, 12/04/2019.

7.3.2 Estudantes estagiários

Com os estudantes, a interação mais comum é aquela em que faz emergir o papel social de tutor ou orientador do jornalista. Os setores de comunicação (assessorias, TVs e rádios) das universidades são locais em que os estudantes estagiam e interagem mais de perto com os jornalistas. Na instituição observada, os estagiários estavam presentes na rádio, na TV, no setor de marketing e na pró-reitoria em que havia uma jornalista. Em todos os casos, existe um acordo tácito em relação aos dois papéis exercidos: os alunos dão suporte ao trabalho dos servidores e, ao mesmo tempo, aprendem e são orientados por eles. Essa orientação muitas vezes ultrapassa o acompanhamento do trabalho referente ao setor, expandindo-se para as questões acadêmicas e profissionais. Na rádio universitária da instituição observada, a jornalista, além de orientar sobre o trabalho do programa, dava conselhos relativos à vida acadêmica e profissional do estagiário que trabalhava com ela.

Em um dos dias de observação, a jornalista precisava se ausentar, então repassou todas as orientações necessárias ao estagiário, tudo foi feito conforme a orientação dela. Repetiu todo o processo de edição e fechamento do roteiro, confirmação dos participantes, acolhida dos debatedores e acompanhamento do debate. Também falou com ele sobre o tema do programa, sugeriu perguntas e entrevistados que poderiam ser colocados no roteiro. Na TV ocorre o mesmo. Os estagiários acompanham as jornalistas nas pautas para ajudar em algo ou receber orientações de como fazer para quando precisarem fazer sozinhos. Na pró-reitoria, a jornalista contou que os estudantes já têm uma noção de regras jornalísticas de texto, como lide. Mas existe o acompanhamento e a orientação do trabalho desenvolvido por eles. “*Apresento a pró-reitoria para que eles se ambientem. [...] Escrevem, mandam, eu reviso e publico. Como tempo, eles vão ficando mais autônomos*”¹⁰⁴, explicou a jornalista. Esse processo também ocorre na rádio onde trabalha Gardênia Jatobá:

Eles atuam como repórteres - claro, depois de um certo tempo. Primeiro, eles vão um pouco aprender a linguagem do rádio (fazem oficina de locução); depois eles passam a acompanhar o jornalista quando o jornalista vai para a rua fazer matéria; depois eles passam a ir sozinhos. Tem esse processo. Claro que eles estão sob a coordenação da coordenadora de jornalismo, mas a

¹⁰⁴ Diário de campo, 10/05/2019.

*gente, como jornalista, acompanha muito o trabalho dos bolsistas. Eles estão em direto contato com a gente (informação verbal)*¹⁰⁵.

Na TV em que Margarida Castanheira trabalha, existe um revezamento em uma função prática de coordenador de produção. As quatro jornalistas que atuam no mesmo turno que ela fica, a cada época do ano, vão se revezando nessa função. Essa função não é criada oficialmente e nem as jornalistas recebem a mais para atuar como uma espécie de chefe da equipe. No entanto, ela acredita que seja importante a presença de alguém nesse lugar, principalmente para fazer atividades burocráticas, como a avaliação dos estagiários. Ou seja, na TV, as jornalistas orientam os estagiários, por meio da pauta que é produzida para eles. Os estudantes escrevem os textos que são revisados pelas jornalistas. E a pessoa que está nesse cargo temporário de coordenador de produção faz a avaliação dos estagiários. Na assessoria de comunicação onde Camélia Carvalho trabalha, existe um acompanhamento intenso das atividades dos estagiários. Na avaliação dela, ter os estudantes no setor demanda mais trabalho do que mesmo o retorno da colaboração, por compreender esse papel de orientação e tutoria para eles.

*A gente tem que fazer todo o treinamento deles, todo acompanhamento, definição de pauta, revisão de texto e tudo mais a distância. Eles demandam muito da gente. Posso dizer que os nossos estagiários, de maneira geral, vêm bastantes despreparados, apesar de serem alunos de final de curso - pelo menos para cá é realidade. Os detalhes de como trabalha e de como é o trabalho é treinado: tem que haver um treinamento, uma experiência. Os estagiários acabam demandando muito; não é uma forma de trabalho que nos desocupa, mas nos ocupa mais (comunicação verbal)*¹⁰⁶.

Por outro lado, em algumas situações o papel social de orientador dá espaço ao papel daquele que precisa aprender, como no caso de uso de equipamentos tecnológicos e de novos formatos. “*Existe um momento em que os bolsistas são chamados para ‘salvar’*”, explica uma das jornalistas da rádio da universidade observada, ao falar sobre o uso de softwares de edição. Como os estudantes vêm de uma geração mais nova, que já cresceu fazendo uso dessas novas tecnologias, existe uma facilidade maior de manusear

¹⁰⁵ JATOBÁ, Gardênia. **Entrevista 9**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (48min e 55seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação.

¹⁰⁶ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

equipamentos, utilizar programas e aprender novos formatos. Dessa forma, há um acordo tácito em que o estudante se dispõe a ajudar e fornecer conhecimento nesse aspecto, mesmo que o papel social de orientador e tutor seja do jornalista. A jornalista que trabalha com marketing na mesma universidade, por exemplo, conta não só com os estagiários de jornalismo, mas com aqueles de mídias digitais e computação, exatamente porque eles auxiliam nas questões tecnológicas.

7.3.3 Professores e pesquisadores

As negociações com os professores e pesquisadores fazem emergir nos jornalistas três papéis sociais: o de repórter, o de divulgador da ciência e o de colega de trabalho. O desempenho do papel de repórter surge na interação em que o professor assume o papel de fonte. Diariamente, os professores e os pesquisadores são procurados pelos jornalistas, seja da assessoria, de rádio ou de TV, para fornecer informações sobre um determinado evento, projeto de extensão, projeto de pesquisa, para dar entrevistas e para colaborar com a produção de conteúdo sobre a universidade. Nessa interação, negocia-se e estabelece-se uma relação de confiança, na maior parte das vezes tácita, em que o professor está repassando a informação correta e que o jornalista tratará esta informação com ética e responsabilidade. No entanto, em alguns casos, pode ocorrer uma outra maneira de se negociar esse papel de ambos, por exigência de uma das partes ou mesmo por um acordo entre ambos os lados.

Existem situações em que os professores pedem para ver o texto final, antes de ser divulgado pelo jornalista, para fazer alguma correção ou modificar informações. Segundo os jornalistas da universidade observada bem como os entrevistados, faz parte das convenções da profissão não mostrar o texto antes de publicado. Convencionou-se que o jornalista, ao receber a informação de uma fonte, tem o direito de usá-la de forma ética e responsável para informar as pessoas interessadas, sem receber nenhum tipo de regramento ou censura por parte das fontes. Existem exceções citadas por alguns jornalistas: quando eles estão atuando como porta-vozes da universidade (será abordado no próximo tópico) ou quando estão tratando com os pesquisadores e desempenham o papel social de divulgador da ciência. Margarida Castanheira disse que na TV esses casos de ter que mostrar o texto são raros. Alguns professores pedem, mas não é costume fazer isso. No entanto, em casos de matéria sobre ciência, ela abre a exceção. *“A não ser que seja uma matéria muito específica sobre ciência, que a gente tem um certo receio de dizer*

alguma coisa errada, pode acontecer de a gente pedir para o pesquisador ver antes. Mas eu mesma nunca fiz isso!” (informação verbal)¹⁰⁷.

Na universidade observada, um dos produtos da equipe da assessoria de comunicação era a agência. Como já citado no capítulo da observação de campo, as matérias da agência são enviadas para os pesquisadores responsáveis, a fim de que eles verifiquem se há algum problema na informação divulgada. Para os jornalistas, esse tipo de negociação previamente estabelecida com a fonte evita problemas futuros, já que se trata de um texto que aborda, na maioria das vezes, temas muito específicos de pesquisas que estão sendo desenvolvidas e o próprio pesquisador é quem tem a expertise de identificar se todos os termos estão sendo corretamente utilizados. Jorge Pereira, na assessoria de comunicação onde trabalha, também tem a mesma prática, a fim de evitar qualquer tipo de equívoco no texto final.

Por exemplo, se eu vou fazer um texto sobre divulgação de pesquisa e eu tenho alguma dúvida, eu até mostro o texto. Eu entro em contato e, dependendo, envio o trecho do texto ou mando o texto inteiro - depende da dificuldade e dos conceitos; depende desses aspectos. A preocupação é muito mais de conseguir passar os conceitos da maneira correta e de contextualizar isso de uma maneira que fique compreensível e eu consiga expor corretamente o procedimento da pesquisa e o sentido daquele achado. Mas não obrigatório! A gente nunca deixa como obrigatório; é uma opção, no sentido de ter um material correto (informação verbal)¹⁰⁸.

O outro papel que emerge da interação com o professor é de colega de trabalho, servidor que compartilha da atuação em uma mesma instituição, apesar de ter carreiras e algumas leis que regem a atividade diferentes. Essa interação nem sempre é amistosa. Na universidade observada, notou-se que os professores, em alguns momentos, buscavam os jornalistas, geralmente por e-mail, para atender demandas de publicação. Para o professor, os jornalistas seriam aqueles colegas de trabalho que atuam na publicação das informações que ele julga importante. Com uma espécie de serviço que o jornalista presta para a universidade e consequentemente para ele. Da mesma forma que é atendido no setor de Tecnologia da Informação, no conserto de alguma máquina, ou no setor de

¹⁰⁷ CASTANHEIRA, Margarida. **Entrevista 2**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min e 03seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹⁰⁸ PEREIRA, Jorge. **Entrevista 5**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 37 min. e 19seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

Gestão de Pessoas, com alguma demanda referente à documentação profissional, os professores têm a ideia de que os jornalistas são colegas de trabalho que estão prontos para fazer as publicações que eles desejam. No entanto, segundo os jornalistas, não funciona exatamente dessa maneira. Todos os pedidos que chegam são avaliados, de acordo com critérios que foram estabelecidos em documentos ou na prática¹⁰⁹, e aí sim os jornalistas decidem se publicarão, em que plataforma e com que destaque.

Em algumas interações, existe também, na visão de alguns jornalistas, preconceito por parte de alguns professores que os consideram como colegas de trabalho de uma outra categoria, uma categoria inferior. Camélia Carvalho, servidora técnica, jovem e mulher, relata que já percebeu situações de preconceito, especialmente com o passar do tempo, com o crescimento da universidade. Entre essas situações, ela destaca a questão da carga horária reduzida do jornalista, que é motivo de comentários negativos. “*As pessoas não compreendem e não entendem porquê e tem algumas pessoas que têm absoluto ódio*” (informação verbal)¹¹⁰. Mesmo assim, ela, que trabalha em uma universidade mais nova pós Reuni, acredita que em uma universidade mais antiga a situação seja mais difícil. Pode-se inferir que um dos motivos seja pela predominância de professores em cargos de poder em instituições que já existem há décadas. A universidade observada tem uma dessas situações. Pelo regimento, apenas professores podem ser pró-reitores, que são os cargos da mais alta gestão, juntamente com o reitor.

Por outro lado, dentro desse papel social de colega de trabalho existem as formas de cooperação. Petúnia Oliveira, que atua em uma universidade pequena com uma equipe bastante reduzida e tem dificuldades logísticas, explica que, de vez em quando, precisa contar com o apoio dos professores, que acabam se tornando parceiros da comunicação. “*Muitas vezes a gente pede as informações por e-mail mesmo e eles respondem. Quando a gente tem mais de um evento para cobrir e não consegue cobrir o outro de alguém, aí eles conseguem fazer foto e mandam para a gente também o material para ser publicado*” (informação verbal)¹¹¹. João Lima, que tem um programa na rádio, também conta com o apoio dos professores para produzir, principalmente com aqueles dos mestrados nas áreas

¹⁰⁹ Na universidade observada, esses critérios geralmente tinham relação com o aproveitamento do material por veículos de comunicação externo, o número de pessoas da comunidade acadêmica que serão atingidas por aquela notícia ou solicitações que chegavam da Reitoria.

¹¹⁰ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

¹¹¹ OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

Humanas, Saúde, Psicologia e Educação. “É um vínculo enorme. Muitos deles são não só meu público (recebo retorno, feedback, sugestões), como também muitos deles são nossos entrevistados, porque são autores de trabalhos importantes”¹¹², explicou, ressaltando a relação de colaboração que ele tem com esses docentes.

7.3.4 Reitoria e gestores da universidade

Na interação com a reitoria e os gestores da universidade (pró-reitores, assessores, diretores), o jornalista oscila entre o papel social de repórter ou assessor de comunicação e de subordinado aquela chefia. Ao mesmo tempo em que se vê como responsável pela informação; como aquele profissional que entende a melhor forma de divulgar determinado tema; como aquele que deve dar a opinião final sobre o que se publicar, quando e onde publicar, porque sabe o interesse do público e dos veículos de comunicação, ele também se insere em uma hierarquia institucional na qual o setor de comunicação, a TV, a rádio ou o próprio servidor estão subordinados à estrutura da administração superior, seja reitoria ou pró-reitorias. As negociações ocorrem principalmente relacionadas a essa sobreposição de papéis sociais durante as interações. Muitas vezes o jornalista precisa ser uma espécie de negociador para atender aos interesses das chefias e àquilo que ele entende como sendo mais adequado com base no que aprendeu sobre jornalismo e comunicação.

Na universidade observada, houve uma situação em que um tema polêmico chegou aos veículos de comunicação, envolvendo todas as universidades públicas federais em âmbito nacional. Foi a notícia do contingenciamento no orçamento das instituições, situação já citada neste capítulo. Na época, a maioria das universidades se mobilizou e publicou uma nota para explicar sua situação específica para os veículos locais e nacionais. O reitor da instituição observada demorou em dar uma resposta. Isso incomodou os jornalistas. “Todas as universidades se manifestando e a gente, não”¹¹³, reclamou uma delas. Eles já estavam recebendo várias ligações e pedidos dos veículos de comunicação sobre um posicionamento da universidade, além disso consideravam a necessidade da rapidez desta informação e que a publicação da nota facilitaria a resposta

¹¹² LIMA, João. **Entrevista 1**. [mai. 2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min. e 37seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

¹¹³ Diário de campo, 06/05/2019.

aos colegas jornalistas dos veículos de comunicação e à sociedade. No entanto, tiveram de esperar a decisão da Reitoria. Não tiveram a autonomia de publicar por conta própria, por se tratar de um texto que funcionaria como porta-voz do reitor e da gestão da instituição.

Até mesmo quando a nota finalmente ficou pronta no dia seguinte e os jornalistas foram revisar, havia limites na atuação deles. Apesar de considerarem que havia termos “muito acadêmicos” e que o texto estava bom, mas precisava ficar “menos sisudo”, não houve mudanças significativas. O texto foi publicado praticamente como veio da reitoria. Ou seja, mesmo considerando que existe autonomia de trabalho – alguns acreditam inclusive que a autonomia é maior do que nos veículos de comunicação de mídia, como ressaltaram os jornalistas da universidade observada e aqueles que foram entrevistados, algumas decisões precisam ser negociadas, a partir do entendimento desse papel social que cada um desempenha na universidade. Os próprios jornalistas fazem essa ponderação, como já foi visto no caso de textos sobre pesquisas acadêmicas, e também nessas situações em que estão envolvidos como porta-vozes da reitoria e da gestão como um todo. É como se, em certa medida, houvesse a autonomia e a independência de trabalho, mas, ao mesmo tempo, em determinados aspectos, existe um acordo tácito de subordinação de papéis. Violeta Moreira, ao falar das matérias de divulgação científica (visto no tópico anterior) e dos textos mais oficiais, explica que esses são os dois casos necessários de mostrar o texto e contar com a aprovação dos professores ou gestores:

Algumas vezes, é necessário; especialmente aquelas matérias que são comunicados oficiais e as matérias de pesquisa. As matérias de pesquisas que a gente faz, que é exatamente você pegar um trabalho de um mestrado ou doutorado (não é mais doutorando nem mestrando, porque já conseguiu avançar e a dissertação ou a tese já está disponibilizada) e elabora, mas é sempre em parceria com o autor do trabalho, para a gente não cometer nenhum erro de dar uma informação equivocada. Então, em geral, a gente mostra. Essas notas mais oficiais e as matérias de pesquisa que nós fazemos... E aquelas que exigem um cuidado maior com as pró-reitorias, os pró-reitores também revisam essas matérias (informação verbal)¹¹⁴.

Outra situação é no momento de chegada de sugestões de pauta na assessoria, na rádio ou na TV. Na universidade observada, a rotina de escolha das pautas que precisam ser feitas na assessoria acompanha a agenda do reitor. E existem algumas coberturas

¹¹⁴ MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

recomendadas que os jornalistas precisam fazer e não podem negar, por conta do pedido ou da presença do reitor, mesmo considerando que há pouco interesse da comunidade acadêmica sobre o tema e nenhum interesse dos veículos de comunicação em divulgar aquele assunto. São chamadas pelos jornalistas de pautas REC (recomendadas). “*A gente tem que obedecer*”¹¹⁵, comentou, em tom descontraído, uma jornalista ao falar sobre esse tema. Na TV onde Margarida Castanheira trabalha, a forma que eles encontraram de negociar pedidos que, na opinião deles, não têm tanto interesse do público em geral é pensando os formatos e as possibilidades. Buscam atender a maior parte dos pedidos, seja da reitoria ou de professores, no entanto dividem nos programas e nas plataformas, a depender daquilo que consideram mais importante. “*A Reitoria pediu, a gente faz. A diretora pediu, a gente também faz. Aí, a gente vai só encaixando no dia a dia. Mas, basicamente, a gente não nega os pedidos, só se não tiver mesmo muito a ver ou se a gente não tiver equipe para o dia, aí a gente nega uma coisa*” (informação verbal)¹¹⁶.

Diante do exposto, verifica-se que há normas estabelecidas nessa interação, a partir do reconhecimento dos papéis desempenhados. Mesmo que o jornalista desempenhe o papel de repórter ou de assessor, que, na concepção deles, é a pessoa que domina a informação e sabe o que fazer com ela, existe uma limitação hierárquica oficial por estar no serviço público, subordinado administrativamente a outras instâncias da universidade como reitoria e pró-reitorias. E, portanto, em algumas situações, é preciso considerar a opinião desses gestores ou atender suas demandas.

7.4 CONSIDERAÇÕES

O jornalista, atuando em uma universidade pública federal, é um profissional de perfil heterogêneo. Essa característica identitária tem relação não somente com o fato de transitar entre os estatutos de jornalista e de servidor público, mas também com as especificidades do ambiente universitário e, mais particularmente, da comunicação universitária, o que impacta no processo de divisão de tarefas no interior da instituição. A universidade, como visto até o momento, é um espaço diverso, que congrega diferentes grupos sociais e, portanto, ideologias e pertencimentos múltiplos

¹¹⁵ Diário de campo, 16/04/2019.

¹¹⁶ CASTANHEIRA, Margarida. **Entrevista 2**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min e 03seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

A comunicação nesse espaço não seria diferente. Como já sinalizado no primeiro capítulo deste trabalho e corroborado nos capítulos de análise até o momento, é perceptível o encontro entre jornalismo, comunicação, ciência e serviço público na comunicação das universidades. Portanto, o profissional que atua nesse ambiente, como o jornalista, tem a identidade marcada por essa multiplicidade de pertencimentos, sendo influenciado nas suas atividades e nas suas ideologias por diferentes práticas, valores e princípios que podem ser complementares ou absolutamente opostos. Essa diversidade atravessa as diferentes situações de interação e define formas de negociações particulares à universidade. É notório identificar que os jornalistas vão encontrando maneiras de significar a própria atuação e identidade, a partir dessas especificidades. Por exemplo, na forma como o jornalista resolve questões identitária, percebendo que transita entre dois estatutos; na maneira como o jornalista traz para a atuação técnicas de jornalismo, aprendidas na faculdade ou na experiência em redação, mas leva em consideração também os princípios da comunicação pública e a defesa à instituição; na tentativa de buscar uma relação de confiança com os pesquisadores e com os gestores, apesar da forma diferente de se comunicar particulares a cada um desses grupos; na busca por formalizar suas atribuições em documentos, querendo estabelecendo, assim, normas para a sua atuação.

Essa tentativa constante dos jornalistas de significar o próprio trabalho demonstra a dificuldade que a cultura universitária, provavelmente pela multiplicidade de atores e de ideologias, tem no momento de definir normas de interação e negociação. Mesmo com algumas já escritas e outras estabelecidas de forma tácita na relação dos jornalistas com os outros atores, são notórias as situações em que os profissionais precisam improvisar, fazendo, assim, emergir novos papéis sociais. Existem, por exemplo, as situações em que o setor tem um chefe oficial, mas outro(s) profissional(is) acabam atuando como tal. Há a própria divisão interna de atividades, feita entre os jornalistas para facilitar o trabalho, semelhante, em alguns momentos, a uma redação de jornal, com a figura dos repórteres e dos editores. O jornalista, quando precisa lidar com estagiários e bolsistas, muitas vezes sente-se na responsabilidade de atuar como orientador e tutor por estar se relacionando com estudantes em uma universidade. Os casos relatados não compõem uma lista exaustiva e definitiva no universo estudado. Até por se tratar de um estudo indutivo, em uma abordagem microsociológica, que está analisando um número específico de pessoas. A ideia foi identificar papéis sociais que podem ser exercidos pelos jornalistas,

durante as interações, e descrever situações que, conseqüentemente, têm relação com a identidade profissional.

Neste capítulo, foi identificado que o profissional que se considera na fronteira entre o estatuto de jornalista e de servidor público, dentro de uma universidade, pode desempenhar os papéis sociais de repórter, assessor de imprensa, editor, chefe, colega de trabalho, colaborador, comunicador público, divulgador da ciência, tutor, orientador. É importante ressaltar que, diante do contexto da universidade, novos papéis sociais podem surgir, a partir de outras interações. Assim, a identidade do jornalista da universidade não é única, pressupondo um rol específico de características e atividades. Mas algo complexo e em movimento, que depende diretamente das possíveis mudanças no ambiente universitário que vão ocorrendo ao longo do tempo. No caminho percorrido até aqui, a construção dessa identidade perpassa pela concepção dos jornalistas sobre a própria atividade e conseqüentemente os estatutos autoidentificados, pelas interações e negociações com os atores com quem o jornalista se relaciona que fazem emergir diferentes papéis sociais, pelos valores aos quais ele recorre na hora de desenvolver o trabalho, pelas atividades exercidas. Disso, será possível inferir os diferentes segmentos (BUCHER; STRAUSS, 1961) que atuam dentro desse mesmo grupo profissional.

No próximo capítulo, as discussões que foram feitas até o momento servirão de base para construir esses segmentos que compõem o grupo profissional denominado de jornalistas que trabalham nas universidades federais. Serão identificadas as tarefas desempenhadas em cada segmento, a ideologia envolvida nas atividades exercidas e as diferenças de negociações de identidade.

8 SEGMENTOS DOS JORNALISTAS DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

Este capítulo tem o objetivo de mostrar como o processo de segmentação se opera entre os jornalistas que trabalham nas universidades federais. Cada um desses subgrupos compartilha de uma ideologia, desempenha tarefas diferentes e possui formas diversas de negociar a identidade. Esses segmentos foram identificados a partir da observação de campo, das entrevistas e da leitura dos documentos, juntamente com as articulações feitas sobre autoidentificação dos jornalistas e papéis sociais representados nos capítulos anteriores.

Depois de uma discussão geral acerca dos segmentos e os jornalistas nas universidades, com base em Bucher e Strauss (1961), o capítulo apresentará cada um deles com suas ideologias, tarefas desempenhadas e negociação de identidade. Em seguida, será feita uma reflexão sobre as aproximações, os afastamentos e as complementaridades entre esses segmentos identificados. Por fim, o estudo articulará os achados sobre segmentos com os estudos em jornalismo no Brasil.

8.1 SEGMENTOS PROFISSIONAIS E O GRUPO DE JORNALISTAS DAS UNIVERSIDADES

Nos capítulos anteriores, foi discutida a forma como os jornalistas das universidades se autodefinem e que papéis sociais representam durante e rotina de trabalho. Essas reflexões permitiram identificar que, no grupo denominado de jornalistas que atuam nas universidades públicas federais brasileiras, apesar de ter integrantes que ocupam o mesmo cargo (mesma carga horária e plano de cargos e carreiras, por exemplo), não há uma unidade e uma homogeneidade, mesmo dentre aqueles que compartilham do mesmo ambiente de trabalho, mesma sala, universidade e cidade. Isso reforça a ideia das profissões como um processo, defendida por Bucher e Strauss (1961), que as consideram como “[...] amalgamações frouxas de segmentos que perseguem objetivos diferentes de maneiras diferentes e mais ou menos fragilmente mantidas juntas sob um nome comum em um período particular da história” (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 326, tradução nossa)¹¹⁷. Ou seja, as profissões são heterogêneas e se constituem a partir de subgrupos –

¹¹⁷Trecho original: “[...] loose amalgamations of segments pursuing different objectives in different manners and more or less delicately held together under a common name at a particular period in history”.

os segmentos – que estão em constante movimento e negociação, com pontos de consenso, mas também com zonas de discordância conceitual e incomunicação (STRAUSS, 1999).

Esses segmentos compartilham valores, que os diferenciam uns dos outros (BUCHER; STRAUSS, 1961). No estudo desenvolvido pelos pesquisadores, foi feita uma analogia com a profissão de médico e suas especialidades. Médicos de todas as especialidades compartilham do estatuto, no entanto possuem valores e pontos de vistas diferentes, em variados aspectos. Assim, vão se agrupando em segmentos diferentes. Na Medicina, os subgrupos podem ser definidos, a partir das divergências em relação ao senso de missão, atividades de trabalho, metodologia e técnicas, clientes (outros atores sociais que o médico se relaciona), coleguismos, interesses e associações e falsa unidade e relações públicas (BUCHER; STRAUSS, 1961). A interpretação dos sociólogos norte-americanos pode ser adaptada a outros grupos profissionais, como os jornalistas das universidades federais. Pelo que foi analisado até aqui, é possível perceber a constituição de diferentes grupos que, apesar de levarem em consideração a atividade comum de informar e comunicar à comunidade universitária, compartilham das mesmas técnicas e terem interesses parecidos, divergem na missão que exercem, nas atividades que desenvolvem, em algumas práticas, na forma de se relacionar entre si e com outros atores sociais e também na maneira de se apresentarem publicamente.

Os jornalistas que trabalham em rádios e TVs universitárias, por exemplo, além de informar a comunidade acadêmica, reconhecem que têm a missão de se comunicar com a sociedade em geral e atuar em um processo de educação e formação. De uma maneira geral, compreendem que as pautas produzidas devem versar sobre temas diversos e não somente sobre a instituição, mesmo aqueles que, no momento, por uma questão de contingenciamento de pessoas ou entendimento da gestão superior em relação à comunicação optam por abordar só a universidade em suas pautas. Também se relacionam com jornalistas que trabalham em outros órgãos para solicitar informações e se apresentam sem nenhuma dificuldade como jornalistas. Já aqueles que atuam nas assessorias de comunicação, dependendo da atividade que exercem, vão se inserindo em grupos distintos. Quem trabalha fazendo cobertura de eventos, pautas de divulgação de projetos da universidade, escrevendo e/ou editando textos noticiosos para o portal, aproxima-se, na opinião deles, do estatuto de jornalista de redação, o que se reflete no sentido de missão que eles partilham e na forma de gerir as interações com outros atores. Já os servidores que são porta-vozes da gestão ou, na prática, atuam como chefes, mesmo

que não oficialmente, têm como missão não só a disponibilização de informação para o público, mas a preservação da imagem da universidade. Possuem diferentes formas e técnicas de se comunicar com o público que atende: ao invés de demandar dos jornalistas que trabalham fora da universidade, são demandados. Geralmente criam a imagem pública de assessor de imprensa.

A forma como essas distinções vão aparecendo tem relação direta com as questões de identidade profissional constituída em situações de interação. Recorrendo à analogia dos segmentos da medicina, “[...] isso permite que se fale de tipos de patologistas ou tipos de grupos de pediatras de pessoas que organizam a sua atividade profissional de forma a distingui-las dos outros membros da sua profissão” (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 332, tradução nossa)¹¹⁸. A jornalista de TV Margarida Castanheira (informação verbal)¹¹⁹, por exemplo, diz que quase não tem contato com outros jornalistas de fora do seu setor, porque isso seria um trabalho dos colegas da assessoria de comunicação da sua instituição. Por esse motivo, ela se posiciona identitariamente sem dificuldades como jornalista, relacionando essa atuação ao trabalho de repórter e editora. Ou seja, para ela, há uma diferença entre aqueles que trabalham na TV universitária e aqueles que trabalham na assessoria. Camélia Carvalho (informação verbal)¹²⁰, que atua no setor de assessoria de comunicação, relatou já ter passado pelas duas situações, mas atualmente acredita que desenvolve um trabalho mais próximo ao do segmento de repórter/editor, por associar essa identidade à função de repórter. Nesse sentido, o seu discurso busca produzir distinções entre o trabalho em assessorias e de produção para as mídias universitárias:

Eu já atuei muito, especificamente, como assessora de imprensa, então eu tinha a atuação muito focada para a divulgação externa, para conseguir colocar pautas em veículos e atuar juntos aos assessorados mais diretamente, então eu acabava produzindo menos e focando mais na distribuição da notícia, nos contatos etc. Hoje, não. Hoje eu estou bem mais focada na produção, realmente. A divulgação, a distribuição do material da imprensa acaba sendo

¹¹⁸Trecho original: “*This allows one to speak of types of pathologist or types of pediatrician – groups of people who organize their professional activity in ways which distinguish them from other members of their profession*”.

¹¹⁹ CASTANHEIRA, Margarida. **Entrevista 2**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min e 03seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹²⁰ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

*o segundo passo, logo a consequência do meu trabalho. Não é o carro chefe (informação verbal)*¹²¹.

Nesse caso, existem especificidades que ela identifica como sendo de assessoria de imprensa, ao comentar o sentido de missão (atuação focada em divulgação externa), as tarefas (colocar pautas em veículos, distribuição de notícias) e os atores sociais com os quais se relaciona (assessorados).

Bucher e Strauss (1961), além da analogia com a Medicina, apresentam também uma proposta de estudar os segmentos como se fossem movimentos sociais. “Segmentos têm ideologia. Vimos que eles têm missões. Eles também tendem a desenvolver uma irmandade de colegas, liderança, organização, formas e veículos tradicionais e táticas para implementar sua posição” (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 332-333, tradução nossa)¹²². Entre as abordagens sugeridas pelos pesquisadores para desenvolver esses operadores de análise, está a situação de trabalho e a instituição como arenas. Ou seja, para Bucher e Strauss (1961), a situação de trabalho e a instituição não são simplesmente lugares em que as pessoas ocupam papéis fixos, mas são arenas em que esses papéis são representados e estão em constante mudança. Nesses espaços móveis, onde ocorrem as interações e as negociações, ou seja, nas arenas, é que os segmentos se desenvolvem:

Segmentos não são partes fixas, perpetuamente definidas do corpo profissional. Eles tendem a estar mais ou menos continuamente passando por mudanças. Eles tomam forma e desenvolvem, eles são modificados e desaparecem. O movimento é imposto a eles por mudanças em seu aparato conceitual e técnico, nas condições institucionais de trabalho e em sua relação com outros segmentos e ocupações. Cada geração se empenha em soletrar, novamente, sobre o que é e para onde está indo. Nesse processo, as fronteiras tornam-se difusas à medida que as gerações se sobrepõem, e diferentes localizações da atividade profissional articulam definições um pouco diferentes da situação do trabalho. Dessa fluidez novos grupos podem surgir (BUCHER; STRAUSS, 1961, p. 332, tradução nossa)¹²³

¹²¹ CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

¹²² Trecho original: “*Segments have ideology. We have that they have missions. They also tend to develop a brotherhood of colleagues, leadership, organizational forms and vehicles, and tatics for implementing their position*”.

¹²³ Trecho original: “*Segments are not fixed, perpetually defined parts of the body professional. They tend to be more or less continually undergoing change. They take form and develop, they are modified, and they disappear. Movement is forced upon them by changes in their conceptual and technical apparatus, in the institutional conditions of work, and in their relationship to other segments and occupations. Each generation engages in spelling out, again, what it is about and where it is going. In this process, boundaries become diffuse as generations overlap, and different loci of professional activity articulate somewhat different definitions of the work situation. Out of this fluidity new groupings may emerge*”.

Refletindo sobre os movimentos que ocorrem nas arenas onde os jornalistas das universidades federais representam papéis, nesta pesquisa foram identificados pelo menos seis segmentos: repórter/editor, assessor de imprensa, divulgador da ciência, gestor/administrador, relações públicas e comunicador público. Antes de partir para a construção desses segmentos que compõem a profissão e, conseqüentemente, contribuem para a construção de uma identidade profissional, foi necessário, no nos capítulos anteriores, discutir sobre a autoidentificação desses jornalistas e identificar que papéis sociais vão emergindo dessa atuação diária. A autoidentificação serviu para apontar em que lugar o jornalista, por meio do discurso e da interação com a pesquisadora, acredita estar e, assim, relacionar esses estatutos. Já a discussão sobre papéis sociais negociados no cotidiano das universidades contribuiu para que a própria pesquisadora pudesse identificar como os jornalistas, a partir da observação e do discurso emitido por eles, movimentam-se dentro desses estatutos e que papéis eles articulam junto aos diferentes atores sociais que com eles interagem no dia a dia.

Diante disso, foi possível descrever cada segmento da profissão, contribuindo para a compreensão da forma como a identidade profissional dos jornalistas da universidade se manifesta em diferentes situações de interações. A partir de agora, cada um será apresentado, sob os aspectos da ideologia compartilhada, das tarefas desempenhadas e das negociações de identidade com outros atores sociais.

8.2 SEGMENTOS: IDEOLOGIAS, TAREFAS E INTERAÇÕES

O objetivo desta seção é descrever os segmentos, com base nos operadores citados acima, a fim de dar uma visão panorâmica do processo de segmentação dos jornalistas das universidades públicas federais. A ideia também é identificar a que segmentos cada um dos entrevistados ou dos grupos encontrados na universidade observada se aproximam mais.

8.2.1 Repórter e editor

No segmento chamado de repórter e editor estão aqueles jornalistas da universidade, cuja construção identitária se aproxima do trabalho desenvolvido nas redações de organizações jornalísticas, seja no papel social de repórter, fazendo entrevistas, apurando informações, redigindo notícias para diferentes veículos, ou no

papel social de editor, escolhendo as pautas, pautando os colegas jornalistas, editando os textos, escolhendo aqueles que vão ser publicados. Nesse grupo, estão os praticantes que se sentem “mais jornalistas” por associar as atividades principais do jornalismo ao que é feito nas redações atualmente. Entre os jornalistas que mais se encaixam neste segmento estão principalmente os que trabalham nas rádios e TVs universitárias e alguns daqueles que atuam nas assessorias de comunicação com a produção de reportagens periódicas para alguma mídia universitária. No caso desta pesquisa, são os jornalistas da universidade observada que trabalham na rádio, na produção do jornal mensal, na produção de textos noticiosos para o portal e os entrevistados João Lima (rádio), Margarida Castanheira (TV), Camélia Carvalho (assessoria de comunicação), Açucena Campos (TV), José Figueira (rádio) e Gardênia Jatobá (rádio).

Ideologicamente, este grupo é guiado pelos princípios de interesse público, autonomia, ética e agilidade. Esses valores costumam prevalecer no discurso dos jornalistas, até mesmo quando há constrangimentos institucionais na prática, como a ocorrência de pautas negativas sobre a universidade. Nesse sentido, a maior parte dos jornalistas deste segmento considera que há necessidade de ir em busca da informação correta, de forma autônoma e ética, e informar da maneira mais adequada a comunidade acadêmica ou a sociedade, seja por meio dos veículos de comunicação externos (pelo envio de respostas aos jornalistas das redações) ou pelas próprias mídias da universidade. Quando há constrangimentos institucionais, como a recomendação da gestão de que determinada pauta não seja desenvolvida por questões políticas, há incômodos, por mais que a determinação seja acatada. Os jornalistas deste segmento também partilham da ideia do trabalho com agilidade ao falar sobre o cumprimento de deadline, a convivência com prazos apertados, o ritmo acelerado da rotina de produção de notícias (apuração, entrevistas, redação, edição) e a necessidade de manter a atualidade das mídias da universidade.

A atividade principal deste segmento, o núcleo da atividade profissional (BUCHER; STRAUSS, 1961), é a produção de conteúdo noticioso. Dentro dessa produção de notícias, estão outras atividades que já são decorrentes desta principal, como buscar fontes, apurar a notícia, fazer entrevistas, pesquisar sobre o tema. Com já citado no capítulo 5, os documentos disponibilizados pelos jornalistas citam como atribuições produção de “conteúdo de cunho jornalístico”, “produção de pautas”, “notícias do site”, “conteúdo noticioso”, manutenção de “produtos jornalísticos”, recebimento de sugestões de “pauta jornalística”. Os jornalistas que se encaixam neste segmento produzem esses

textos noticiosos para TV, rádio, portal e jornal digital. Existe somente uma diferença entre as escolhas das pautas: os jornalistas de rádio e TV (com exceção dos jornalistas que trabalham na universidade observada) disseram poder fazer matérias (ou ter pretensões, como no caso de Açucena Campos) sobre temas que não são necessariamente da universidade para veicular nas emissoras universitárias. Já aqueles que trabalham nas assessorias de comunicação, escrevendo para o portal, produzindo vídeos ou jornais impressos e/ou digitais, estão restritos a escrever e divulgar somente temas da universidade. Pode-se inferir que a ocupação, por parte das TVs e das rádios universitárias, de um espaço público no espectro de programação gera nos jornalistas uma ideia de responsabilidade por divulgar temas diversos, como uma forma de contribuição com a difusão de informação de interesse público e com os debates na esfera pública.

Os jornalistas deste segmento negociam a identidade nas interações com outros jornalistas, quando fica estabelecida a relação editor/repórter e há uma identificação como participantes do mesmo grupo, apesar de pequenas diferenças entre as tarefas, e também na relação que estabelecem com os outros atores sociais, identificados pelos jornalistas como fontes. Mesmo em uma relação horizontal, de profissionais que ocupam o mesmo cargo, existe um reconhecimento dos colegas de que alguns são editores e, portanto, são responsáveis por pautar, editar textos e pensar o produto final, e outros são repórteres, responsáveis por desenvolver as pautas. Para negociar essas posições, é preciso também uma estreita relação de confiança entre ambas as partes. É necessário que o jornalista que está no papel de repórter tenha confiança de que a pauta repassada é interessante e que o seu texto vai ser editado com responsabilidade. Os jornalistas no papel de editores precisam confiar nas informações escritas pelos repórteres.

Com as fontes, os jornalistas também buscam estabelecer uma relação de confiança, sem abrir mão do lugar que ocupam e do papel que exercem na universidade. Buscam ser reconhecidos como aqueles profissionais que sabem dar o tratamento adequado à informação e divulgam da forma mais apropriada. Para esses jornalistas, eles são os responsáveis por escrever o texto a ser publicado, sem interferências das fontes. O papel da fonte é de repassar as informações e ter confiança que o profissional vai usá-las de forma correta. Ao mesmo tempo em que o jornalista precisa confiar que as informações repassadas pela fonte são verdadeiras. Participante deste segmento costumam não achar adequado mostrar o texto para a fonte, antes de ser publicado, por exemplo. A negociação da identidade, para eles, ocorre no decorrer do tempo, à medida em que os textos são publicados, seguindo os princípios que consideram como jornalísticos, e os demais atores

sociais reconhecem essa atividade como própria do jornalista. Existe ainda, ao entrar em contato com essas fontes, o trabalho de explicar o que o jornalista faz, como o trabalho é feito, a fim de se aproximar mais dessa fonte e provocar esse reconhecimento de estatuto.

8.2.2 Assessor de imprensa

Neste segmento estão aqueles jornalistas que desenvolvem um trabalho denominado por eles de assessoria de imprensa. Como já visto em capítulos anteriores, uma parte considera-se jornalista por acreditar que a assessoria é uma das atribuições do jornalismo. Já outros jornalistas defendem que a assessoria está mais próxima da atuação de servidor público em um setor de comunicação, pois jornalista seria somente aquele identificado como jornalista de redação. Neste subgrupo estão principalmente os jornalistas que estão lotados em assessorias de comunicação das universidades. Durante a pesquisa de campo, observou-se que aproximaram-se mais deste segmento os jornalistas lotados na assessoria de comunicação, na TV e na pró-reitoria da universidade onde foi feita a etnografia e os entrevistados Joaquim Salgueiro (assessoria de comunicação), Jorge Pereira (assessoria de comunicação), Violeta Moreira (assessoria de comunicação) e Petúnia Oliveira (assessoria de comunicação). É importante ressaltar que os jornalistas podem se aproximar mais de um segmento ou de outro, em épocas e situações diferentes. Ou seja, o mesmo jornalista já pode ter feito parte de um segmento, mas, no momento, identificar-se com outro. É o caso de Camélia Carvalho que, no momento da entrevista, afirmou-se mais próxima do segmento anterior pelas atividades exercidas, mas que já esteve no segmento dos assessores de imprensa, quando desenvolvia tarefas relativas a esse subgrupo.

A ideologia deste segmento transita entre os princípios considerados como jornalísticos, vistos no tópico acima, e os valores relacionados à imagem e à valorização da instituição, associados ao segmento dos relações públicas, como será visto adiante. Ao mesmo tempo em que consideram o interesse público, a autonomia, a ética e a agilidade, ponderam a necessidade de seguir orientações institucionais por estarem dentro da universidade. Ou seja, os valores são relativizados em algumas situações, como no caso da autonomia. Existem momentos em que, por considerar as orientações institucionais, o jornalista opta por não fazer aquilo que, para ele, seria o mais adequado. As jornalistas que trabalham na TV da universidade observada, por exemplo, apesar de seguirem princípios e técnicas jornalísticas no trabalho desenvolvido, consideram-se

conceitualmente mais institucionais, devido às alterações na concepção da TV provocadas pela mudança de reitorado. “*Em alguns momentos, dependendo do reitorado, a gente se sentia fazendo mais jornalismo. [...] Mais recentemente, nos tornamos mais comunicação institucional*”¹²⁴, afirmou uma das jornalistas, explicando que antes a equipe tinha liberdade de fazer matérias sobre temas gerais, como política, economia, cidades, que não necessariamente tinham relação com a universidade. Atualmente, as jornalistas se dedicam a divulgar o que tem sido feito na instituição. “*A gente deixou os grandes temas. Apesar de achar a pauta jornalística mais importante, acho que é isso mesmo. [...] Apesar do meu espírito jornalístico, entendo que a universidade precisa do espaço dela [para se comunicar]*”¹²⁵, completou.

O núcleo da atividade profissional consiste exatamente nessa divulgação da universidade. Essa principal tarefa pode ser subdividida em algumas ações: produzir textos noticiosos que divulgam a universidade, notas oficiais com o ponto de vista da instituição e fazer atendimento aos jornalistas que trabalham nos veículos de comunicação externos. Nos documentos das universidades, essas atividades estão presentes, de maneiras distintas. De acordo com o regimento da universidade onde Joaquim Salgueiro trabalha, os jornalistas também atuam com identificação de “*releases*” e sugestões de “*pautas para a imprensa*”; planejamento e execução de atividades de relacionamento com a imprensa, com o objetivo de transmitir aos profissionais de imprensa informações sobre projetos e ações que ocorrem na universidade; manutenção dos contatos (*mailing*) dos veículos de comunicação; “*clipagem das matérias*” sobre a universidade que saem nos veículos de comunicação externa. O documento ressalta ainda a importância de um relacionamento profissional entre a universidade e os veículos de imprensa, de modo que se concilie o atendimento do “*interesse público*” e diálogo entre a organização e o veículo de comunicação externa.

Por causa dessa atividade principal de relacionamento com os veículos de comunicação para divulgar os temas da universidade, o jornalista desse segmento busca se afirmar como conhecedor da instituição e também dos processos que ocorrem na imprensa, negociando essa imagem de intermediador entre dois mundos distintos – o jornalismo e a universidade. Quando interagem com os jornalistas de outros veículos, procuram agir com precisão e rapidez, de modo a fazer com que a imprensa compreenda que compartilham da mesma identidade e trabalham juntos, apesar do diferente local de

¹²⁴ Diário de campo, 17/04/2019.

¹²⁵ Diário de campo, 17/04/2019.

trabalho e as distintas atribuições. No documento disponibilizado por Jorge Pereira, essa forma de atendimento é inclusive verbalizada. Diz que a mídia não é vista como “adversária” e que é preciso fazer atendimento aos veículos de comunicação de forma “rápida” e “resolutiva”, dentro outras características relacionadas a um bom atendimento. Quando estão em interação com a comunidade acadêmica, também buscam mostrar para o público interno que têm conhecimento sobre a rotina dos veículos de comunicação externo, porque são jornalistas e, portanto, estão autorizados a ocupar esse papel social de intermediador entre esses dois espaços diferentes, já que também são servidores público da universidade.

8.2.3 Divulgador da ciência

Neste segmento, estão os jornalistas que atuam com a divulgação das pesquisas da universidade e, portanto, desempenham o papel social de divulgador da ciência. Esses profissionais geralmente estão em contato com os centros de pesquisa da universidade e os programas de pós-graduação para mapear os estudos que podem render pautas. Trabalham como repórteres e/ou editores desenvolvendo textos, considerados por eles como jornalísticos, para diferentes mídias universitárias, a fim de que a sociedade tome conhecimento do que tem sido produzido na universidade, seja por meio dos próprios veículos universitários ou pelos veículos de comunicação externa que replicam a produção. Fazem parte desse segmento os jornalistas que trabalham na agência de notícias que divulga as pesquisas da universidade observada e a jornalista Margarida Castanheira (TV) que, apesar de se identificar prioritariamente com o primeiro segmento, a depender da atividade que desenvolve no seu trabalho, considera-se divulgadora da ciência.

Na ideologia que partilham, que se aproxima da ideologia do segmento dos jornalistas de redação, levam em consideração o interesse público e a ética, no entanto a autonomia e a agilidade tornam-se valores menores diante da preocupação com a pesquisa e o pesquisador. O divulgador da ciência entende-se como um mediador, um tradutor do discurso da academia e da ciência para o restante da sociedade. Portanto precisa de uma relação muito estreita com o pesquisador, deixando de lado a ideia de trabalho mais cheio de autonomia. A depender da especificidade do tema, o tempo para desenvolver esse trabalho também pode ser mais lento que o dos outros colegas dos demais segmentos, por necessitar de um entendimento maior antes de escrever sobre o assunto, relativizando o princípio da agilidade. Além disso, precisa lidar com a questão do tempo para o

pesquisador que, na maioria das vezes, é um tempo mais longo devido à maturação da pesquisa desenvolvida. Na universidade observada, por exemplo, a agência de produção de notícias de divulgação científica atua com a figura do editor e do repórter, seguindo alguns desses princípios jornalísticos, mas com especificidades. As pautas são produzidas em um ritmo mais lento, uma média de uma por semana. Esse segmento também tem uma aproximação com o dos comunicadores públicos, por considerar o princípio da responsabilidade com a informação pública e da prestação de contas com a sociedade.

A tarefa principal é a produção, redação, edição e divulgação de conteúdo sobre pesquisas científicas. Essa produção segue um tempo e uma dinâmica próprios. Geralmente, são matérias com uma certa profundidade, se comparadas à produção diária das mídias universitárias. Há também uma participação ativa do pesquisador que se torna não só fonte, mas um parceiro no momento de construir o material. Como é o pesquisador que detém o conhecimento sobre o tema, ele também é chamado para fazer a revisão do conteúdo, antes da publicação. Além disso, muitas vezes, é exigido um conhecimento mais amplo do jornalista e ele precisa passar um tempo investigando sobre o assunto em outras fontes, além do próprio pesquisador. É comum que o jornalista se detenha a fazer investigações, no processo de apuração, que extrapolam o âmbito da universidade para poder tratar melhor os temas das pesquisas. Muitas vezes é necessário contextualizar o assunto com abordagens que façam a aproximação entre a produção e um determinado contexto social, a fim de tornar mais didático e palatável ao público.

Aqueles que estão neste segmento se afirmam jornalistas na interação entre os demais colegas jornalistas, a partir do papel social de repórter e fonte, e também com os pesquisadores, com os quais desenvolvem a relação de repórter e fonte. Na interação entre os próprios jornalistas, existe primeiro uma relação de reconhecimento dos papéis desempenhados e de confiança no trabalho desenvolvido um pelo outro. Por se tratar de uma reportagem mais elaborada, para funcionar, o repórter precisa reconhecer o editor e o trabalho desenvolvido por ele de produção da pauta e na edição do texto, enquanto o editor precisa reconhecer o repórter nesse papel e confiar no texto final entregue por ele. Também existe negociação com os demais atores sociais, que são considerados pelos jornalistas como fontes. Os jornalistas mantêm uma relação próxima com as fontes de matérias de divulgação científica. Isso é necessário para que haja esse reconhecimento e confiança no trabalho que os jornalistas estão desenvolvendo. Na universidade observada, por exemplo, a equipe negocia esse posicionamento por meio do contato constante com os programas de pós-graduação para saber que pesquisas estão sendo desenvolvidas e

podem ser divulgadas e também por meio da parceria com o professor, mostrando o texto antes de ser publicado, como explicado acima.

8.2.4 Gestor e administrador

Neste segmento encontram-se os jornalistas que ocupam funções administrativas ou de chefia, mesmo que não oficialmente. São aquelas pessoas que se dedicam a atividades que, para muitos dos entrevistados, foram consideradas burocráticas, diferente do trabalho dos jornalistas na opinião deles e comuns ao ambiente de uma instituição pública. A atuação deixa de ser centrada na produção de conteúdo e outras atividades passam a ser exercidas: liderança de equipes, organização do fluxo do setor, participação em reuniões, tomada de decisões. Nesta pesquisa, na universidade observada, três jornalistas se aproximaram deste segmento: o chefe da estrutura de comunicação, a jornalista que trabalha na divisão administrativa da assessoria de comunicação e a jornalista que atua na divisão de uma pró-reitoria. Como já citado anteriormente, existe ainda uma jornalista, na assessoria de comunicação da universidade, que não está oficialmente em um cargo de chefia, mas desempenha funções que os colegas, por vezes, consideram que ela exerça esse papel social, como se houvesse uma hierarquia no grupo, apesar de todos compartilharem do mesmo estatuto.

Ideologicamente, o segmento dos jornalistas gestores e administradores atuam a partir de princípios predominantemente mais voltados para gestão e administração e os próprios valores da instituição. Organização, cumprimento de legislação, sentido de hierarquia e de tomada de decisões são alguns valores que foram observados na observação participante, nas entrevistas e nos documentos. O próprio uso de documentos para organizar burocraticamente o setor e as suas atribuições já apontam para a presença dessa ideologia da administração pública brasileira. Na universidade observada, por exemplo, a equipe participou durante anos de reuniões, seminários e pesquisas até que fosse fechado um plano de comunicação, que, no momento da pesquisa de campo, estava passando por revisão. O documento prevê toda a organização da comunicação na instituição, os objetivos, os setores, os cargos e as atividades. Existe, no funcionamento do setor de comunicação, uma hierarquia que costuma ser seguida, sem grandes problemas. O setor é subordinado à reitoria e, conseqüentemente, o chefe da comunicação também. Apesar de considerar que trabalha com o que ele considera autogestão ou gestão

colaborativa, as noções de hierarquia e tomada de decisões por parte do chefe fazem parte da rotina dos jornalistas.

Todos os dias o chefe do setor vai até a assessoria de comunicação, por exemplo, levar as pautas solicitadas pela reitoria. Além disso, os jornalistas tiram dúvidas com ele sobre o direcionamento de alguma decisão que precisa ser tomada. Um dos jornalistas que fica à frente do jornal mensal produzido pela equipe informou que, ao final do trabalho, antes de publicar, o chefe faz uma leitura “política” das matérias publicadas. Ou seja, é preciso esperar essa aprovação dele para saber se determinadas matérias serão publicadas ou não. Além dessa atuação do chefe, é possível identificar essa ideologia mais ligada ao institucional na forma de organização do setor. Na equipe da rádio, essa hierarquia e a dependência da decisão da chefia também foi percebida. Um dos jornalistas informou que, apesar do chefe da estrutura de comunicação não passar todos os dias por lá, nas pautas mais polêmicas a decisão é dele. Outra jornalista da rádio também repassa sempre as pautas para o chefe, a fim de que ele faça a análise se aquilo pode gerar um problema institucional ou não.

A principal tarefa desempenhada pelo segmento é a liderança da equipe e consequentemente a organização burocrática do setor, o planejamento de organogramas e dos fluxos diários, a tomada de decisões, o envio e o direcionamento das pautas, a orientação dos jornalistas, a participação em reuniões e a mediação da relação entre os demais jornalistas e a reitoria. Na universidade observada, o chefe do setor é o responsável imediato por essas atividades. No entanto, existem outros jornalistas que também são parte deste segmento. Dentro da estrutura da comunicação, por exemplo, há um pequeno setor responsável por cuidar das questões administrativas. Uma jornalista, em um cargo de chefe dessa divisão, é que faz essa organização mais burocrática do setor, como acompanhamento dos processos administrativos, o gerenciamento dos documentos internos e externos que chegam, solicitação de férias e licença, pedidos de carros para as pautas. Há também outra jornalista que coordena uma divisão em uma pró-reitoria. Além de estar em um setor mais administrativo, ela lidera uma equipe de estagiários e responde às demandas repassadas pelo pró-reitor.

Este segmento negocia a identidade com os colegas de trabalho, por meio da formalização no cargo ou do reconhecimento do outro da relação chefe/subordinado. Com já falado acima, por mais que o jornalista não seja o chefe do setor, o reconhecimento dos colegas pode colocá-lo nessa posição. Na universidade observada, uma das jornalistas é considerada “a editora” por muitos colegas, como se fosse um tipo de chefia

informalmente reconhecida. Ela é procurada, quando o chefe não está para tomar alguma decisão; o reitor faz ligações diretamente para ela, quando quer comentar alguma pauta; ela sugere pauta para os colegas jornalistas, além de ficar à frente do jornal junto com outro colega, orientando os demais nas pautas que devem ser feitas e no fechamento. Na universidade de Petúnia Oliveira, por exemplo, ocorre uma situação ainda mais recorrente com uma colega de trabalho dela. Como já citado em outro momento, não existe oficialmente a figura de um chefe no setor de comunicação onde ela trabalha, então a outra colega dela jornalista, por estar há mais tempo na instituição, foi reconhecida nessa posição. Além do patrimônio estar no nome da colega, é essa jornalista quem mais frequenta às reuniões e Oliveira (informação verbal)¹²⁶ também recorre a ela para conversar sobre alguma pauta que gere dúvidas.

Essas negociações, portanto, ocorrem a partir da necessidade de institucionalização dos serviços prestados por profissionais de comunicação dentro da instituição, quando os jornalistas precisam se organizar em equipe para atender às obrigações administrativas do serviço público e às demandas que chegam dos demais setores.

8.2.5 Relações públicas

Neste segmento estão os jornalistas que trabalham mais próximo ao que eles consideram que seja atribuição prioritária do profissional de relações públicas. Nas universidades públicas federais, existe oficialmente um cargo denominado de relações públicas e que é ocupado por um profissional com formação nessa área. No entanto, em muitos casos, por se tratar de profissionais que também atuam com comunicação, as atribuições deles e dos jornalistas se repetem ou se confundem. Pode-se inferir que esse subgrupo tenha surgido, a partir da ausência de profissionais de relações públicas em algumas universidades. Ou então pelas próprias mudanças do jornalismo, enquanto profissão, ao longo do tempo, como a chegada de jornalistas a instituições públicas, o uso de redes sociais na atividade profissional e a aquisição de novas habilidades e atribuições com o desenvolvimento tecnológico. Todas as tarefas e ações desenvolvidas por este

¹²⁶ OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

segmento são pensadas de uma forma que atinja, de maneira segmentada ou não, os públicos que compõem a universidade ou a sociedade em geral. Nesta pesquisa, foram identificadas como parte deste segmento a jornalista da universidade observada que trabalha no setor de marketing e a jornalista Violeta Moreira (assessoria de comunicação).

Ideologicamente, esse subgrupo tem princípios como valorização da imagem, a partir de uma relação adequada com os públicos. Na universidade observada, a jornalista que trabalha no setor de marketing, por exemplo, por atuar com esses valores, reforça que se aproxima mais da atuação de um relações-públicas, apesar de ainda ter um trabalho “muito jornalístico”. Ao desenvolver as atividades, o objetivo principal é como posicionar a marca da instituição onde trabalha, que já é consolidada, e de que maneira é possível atuar melhor com os públicos e aproximá-los da universidade. Considera que essa nova forma de pensar, esse novo conjunto de princípios e valores, ao colocar o trabalho em prática, provocou um afastamento das funções de repórter, mas não da atuação com jornalismo. O conhecimento do jornalismo, na visão da participante, ainda está presente no momento de produzir os produtos, mesmo que não sejam classificados por ela como jornalísticos, já que ela trabalha com entrevista, produção de dados e redação.

Todas essas tarefas desenvolvidas estão associadas à atividade principal de relacionamento com os públicos, de uma maneira que contribua com a construção de uma imagem positiva da universidade. Assim, a jornalista promove eventos e campanhas de engajamento, além da produção de conteúdos sobre a universidade, voltados para públicos específicos. Como trabalha por projetos, os produtos dependem muito do que está sendo desenvolvido em determinadas épocas. Durante a observação participante, a jornalista citou a produção do guia do estudante (on-line), do site de agenda (dedicado a divulgar todos os eventos da universidade), de um livro sobre a universidade e de uma campanha especial que dialogue com os docentes. Para ela, os trabalhos ainda são desenvolvidos na base da “tentativa e erro”, porque a universidade, apesar de ter o objetivo de trabalhar com os públicos, principalmente de forma segmentada, não tem verba para fazer pesquisas e aferir o que tem dado certo.

A entrevistada Violeta Moreira (informação verbal)¹²⁷ também considera que faz trabalho prioritariamente de relações públicas, por estar em contato com os públicos interno e externo e precisa atender alguma demanda que vem deles. “*A minha atividade,*

¹²⁷ MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6.** [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

como está muito restrita às redes sociais e essa parte de Fale Conosco, é mais de contato, realmente, com a comunidade” (informação verbal)¹²⁸.

Entre os demais colegas jornalistas, o subgrupo negocia a identidade, por meio de uma relação de parceria, mostrando que também atua na produção de conteúdo sobre a universidade e precisa do apoio dos colegas que também desenvolvem informações sobre a instituição, mesmo que em um formato e para um veículo diferente. Quando necessário, a jornalista da universidade observada que trabalha no setor de marketing, para contribuir com as pesquisas que ela desenvolve para os produtos criados, procura os jornalistas da assessoria de comunicação. Inclusive, alguns projetos contam com a parceria deles. Violeta Moreira precisa diariamente acompanhar a produção da assessoria de comunicação, para repercutir nas redes sociais ou responder ao Fale Conosco. Ou seja, necessita constantemente dessa parceria e reconhecimento dos demais jornalistas do setor. Em relação ao restante da comunidade acadêmica, não foi identificada nenhuma diferença de tratamento em relação aos demais colegas jornalistas e nem isso esteve presente no discurso das participantes. Percebeu-se que a negociação do estatuto de jornalista, nesse caso, ocorre por estarem no cargo de jornalista oficialmente, dentro da equipe de comunicação e trabalhar com produção de conteúdo.

8.2.6 Comunicador público

O último segmento identificado foi o que se optou por chamar aqui de comunicadores públicos. Neste subgrupo estão os jornalistas que acreditam atuar com comunicação pública ou que ideologicamente são mais ligados a princípios da comunicação pública, partilhando de valores como cidadania, democratização, transparência, prestação de contas, participação, diálogo, acesso à informação e interesse público. Nesses aspectos, convergem em alguns pontos com o segmento de jornalistas de redação, no entanto possuem uma visão mais ampla sobre as próprias tarefas desempenhadas, considerando-se um profissional que faz tarefas diversas, relacionadas à comunicação. Nesta pesquisa, foram identificados neste subgrupo o jornalista chefe da comunicação da universidade observada e os entrevistados Joaquim Salgueiro (assessoria de comunicação) e Jorge Pereira (assessoria de comunicação).

¹²⁸ MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

Ideologicamente, os jornalistas que fazem parte deste segmento geralmente priorizam a transparência na divulgação dos dados, o diálogo, o acesso e a democratização da informação e, conseqüentemente, a construção da cidadania e o interesse público. Na universidade observada, o chefe da estrutura de comunicação, por exemplo, considera que eles trabalham com comunicação pública pela divulgação de informações públicas relevantes daquilo que se produz na universidade. Ou seja, nesse caso estão envolvidos os princípios de acesso à informação, democratização do conhecimento e interesse público. Jorge Pereira (informação verbal)¹²⁹, ao defender a questão da transparência, considera que a universidade e o jornalista de redação devem trabalhar juntos pelo interesse público. Para isso, é necessário ser o mais transparente possível na divulgação das informações, mesmo ponderando o cuidado que se deve ter com a imagem da universidade, em casos de pautas negativas.

Em relação a essas atividades desenvolvidas, as tarefas principais do segmento dos comunicadores públicos são permitir o acesso à informação dos cidadãos e desenvolver comunicação que tenha interesse público. Isso pode ser feito a partir das mais diversas ações e dos mais diferentes produtos. O mais importante é pensar se essas atividades de comunicação estão ligadas aos princípios da comunicação pública. O jornalista Joaquim Salgueiro (informação verbal)¹³⁰ trouxe a ideia do profissional polivalente, que, como comunicador, desempenha atividades de áreas diversas, por mais que haja uma divisão oficial de atribuições entre as profissões que atuam na comunicação. *“Sempre me coloquei como comunicador. Eu sempre coloco, para as pessoas que chegam na universidade para trabalhar, de que elas podem pensar fora da caixinha”*¹³¹.

Na negociação da identidade entre os colegas jornalistas e os demais atores sociais com quem convive, transitam entre o estatuto de jornalista e o estatuto de servidor público. Ou seja, buscam se afirmar, nas interações, como profissionais que trabalham divulgando informação de interesse público, o que está relacionado aos princípios do jornalismo, e também se colocam como responsáveis pela prestação de contas da

¹²⁹ PEREIRA, Jorge. **Entrevista 5**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 37 min. e 19seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

¹³⁰ SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

¹³¹ SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

instituição com a sociedade, apontando para valores mais voltados ao serviço público. Joaquim Salgueiro (informação verbal)¹³², por exemplo, como comunicador no serviço público, acredita que está trabalhando para suprir as necessidades do cidadão e da sociedade. Para ele, uma maneira de negociar essa identidade é atuando com base nesses princípios, buscando pautar as escolhas com base no interesse dos públicos. “*Comunicação Pública [...] é a comunicação voltada para os públicos; “pelo, para e pelos” públicos*”¹³³. Uma das formas que ele encontrou foi estabelecendo que o jornalista deve circular pela universidade, buscando o que está acontecendo que é relevante para ser divulgado, procurando material de conhecimento científico para apresentar à sociedade. Nesse aspecto, também há uma aproximação com o segmento dos jornalistas de redação.

Diante do exposto sobre cada um dos segmentos, percebe-se que há um movimento de aproximação e afastamento entre eles em determinados aspectos. Por vezes, parece que se confundem, como no caso de alguns valores compartilhados pelos assessores de imprensa e os relações públicas. Em outros momentos, são complementares, como no caso das tarefas desempenhadas pelos comunicadores públicos, que podem ser atividades de qualquer um dos outros segmentos. E, em alguns momentos, são distintos como a forma de negociar a identidade dos jornalistas de redação e dos divulgadores de ciência. No próximo tópico, a relação entre esses segmentos será discutida, de forma a apontar essas proximidades, afastamentos e complementaridades entre eles.

8.3 APROXIMAÇÕES, AFASTAMENTOS E COMPLEMENTARIDADES ENTRE OS SEGMENTOS

O processo de segmentação entre os jornalistas das universidades federais apresentou seis segmentos que compõem o grupo profissional. No quadro, é possível observar um quadro panorâmico com as informações sobre os segmentos discutidas no tópico anterior, que deixam mais evidente esses movimentos dos subgrupos.

¹³² SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

¹³³ SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

Quadro 5 - Jornalistas das universidades e os respectivos segmentos

Segmento	Universidade observada	Entrevistados	Ideologia	Tarefas	Interações
Repórter/ editor	Jornalistas que produzem textos noticiosos para alguma mídia universitária Jornalistas da rádio	João Lima (rádio) Margarida Castanheira (TV) Camélia Carvalho (ascom) Açucena Campos (TV) José Figueira (rádio) Gardênia Jatobá (rádio)	Semelhante aos jornalistas que trabalham em redação: princípios de interesse público, autonomia, ética e agilidade	Produção de conteúdo noticioso (apuração, redação, edição, divulgação)	Com outros jornalistas: confiança, parceria e pertencimento Com outros atores sociais: fonte
Assessor de imprensa	Jornalistas da assessoria de comunicação Jornalistas da TV Jornalista que trabalha na divisão de uma pró-reitoria	Joaquim Salgueiro (ascom) Jorge Pereira (ascom) Violeta Moreira (ascom) Petúnia Oliveira (ascom)	Transitam entre princípios do segmento dos jornalistas de redação e dos relações públicas: interesse público, autonomia (apesar de ser relativizada), ética, agilidade, valorização da imagem da instituição	Divulgação da universidade: produção de textos, notas oficiais, atendimento aos jornalistas	Com outros jornalistas: intermediador e conhecedor da universidade Com outros atores sociais: intermediador e conhecedor do jornalismo
Divulgador da ciência	Jornalistas que atuam na agência	Margarida Castanheira (TV)	Aproximam-se do segmento dos jornalistas de redação, mas relativizam a autonomia e a agilidade, por estarem inseridos na ideologia da ciência: interesse público, ética, valorização da ciência e do pesquisador	Produção e divulgação de conteúdo sobre pesquisas científicas desenvolvidas na universidade	Com outros jornalistas: confiança, parceria e pertencimento Com outros atores sociais: fonte e parceiros de trabalho

Gestor e administrador	<p>Jornalista chefe da comunicação</p> <p>Jornalista chefe de uma divisão administrativa</p> <p>Jornalista que trabalha na divisão de uma pró-reitoria</p>	Nenhum dos entrevistados foi identificado neste segmento	Aproximam-se de princípios predominantemente mais voltados para gestão e administração e os próprios valores da instituição: organização, cumprimento de legislação, sentido de hierarquia e de tomada de decisões	Liderança de equipes: organização do setor, planejamento, tomada de decisões, envio e direcionamento das pautas, orientação dos jornalistas, participação em reuniões e mediação da relação entre os demais jornalistas e a reitoria	<p>Com outros jornalistas: formalização e/ou reconhecimento do outro</p> <p>Com outros atores sociais: formalização e/ou reconhecimento do outro</p>
Relações-públicas	Jornalista que trabalha no setor de marketing	Violeta Moreira (ascom)	Valorização da imagem da instituição, a partir de uma relação adequada com os públicos.	Relacionamento com os públicos: produção de conteúdo, atuação em redes sociais, eventos, campanhas	<p>Com outros jornalistas: parceria</p> <p>Com outros atores sociais: reconhecimento do estatuto pelo cargo que ocupam e pelo trabalho desenvolvido</p>
Comunicador público	Jornalista chefe da comunicação	Joaquim Salgueiro (ascom) Jorge Pereira (ascom)	Priorizam princípios ligados à comunicação pública: transparência na divulgação dos dados, diálogo, acesso e democratização da informação, cidadania e interesse público	Permitir o acesso à informação dos cidadãos e desenvolver comunicação que tenha interesse público, por meio de diferentes ações e produtos. Profissional que faz tarefas diversas	<p>Com outros jornalistas: afirmação do trânsito entre o estatuto de jornalista e de servidor público</p> <p>Com outros atores sociais: afirmação do trânsito entre o estatuto de jornalista e de servidor público</p>

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados da pesquisa

Diante do que foi observado e sistematizado no quadro 5, ao analisar o aspecto da ideologia, é possível perceber que o segmento dos jornalistas de redação, dos assessores de imprensa, dos divulgadores da ciência e dos comunicadores públicos têm um princípio comum: o interesse público. Por mais que haja um afastamento entre os jornalistas de redação e os assessores de imprensa, devido ao princípio de valorização da instituição, que esse último prioriza, ou mesmo uma diferença na forma como os divulgadores da ciência ou os comunicadores públicos concebem esse interesse público, é um valor recorrente no discurso daqueles que fazem parte desses segmentos. Pode-se inferir que esse é um princípio consolidado no grupo dos jornalistas das universidades, já que, dos seis segmentos, quatro fazem referência a esse aspecto. Também demonstra que há uma convergência entre a ideologia do jornalismo, da comunicação pública e da ciência, tornando-as complementares na base ideológica que move a atuação do jornalista da universidade.

Entre o segmento dos assessores de imprensa e dos relações públicas há uma convergência em relação ao princípio de valorização da imagem da instituição. São, portanto, dois segmentos que estão mais permeados pela ideologia do institucional e compreendem que a atuação dentro de uma instituição pública vai requerer ações diferentes daquelas defendidas pelos jornalistas de redação, por exemplo. O segmento dos divulgadores da ciência é afetado diretamente pela ideologia dos jornalistas de redação, no entanto diferem nos valores relacionados à agilidade e autonomia, mostrando que, nesse caso, deixam prevalecer a ideologia da ciência, como falado anteriormente. Já o segmento dos gestores e administradores se afasta dos demais, na medida em que seguem princípios que se relacionam à ideologia da administração pública brasileira.

Em relação às tarefas que exercem, existe uma aproximação do segmento dos comunicadores públicos com todos os outros, já que fazem atividades que os demais segmentos também exercem. Qualquer um dos jornalistas que fizer parte dos demais segmentos poderá, ao mesmo tempo, ser parte também dos comunicadores públicos, a depender da forma que estiver concebendo a atividade exercida. Se divulgar um texto noticioso, levando em consideração os princípios dos jornalistas de redação, permitindo o acesso do cidadão à informação, pensando no interesse público e na transparência dos dados, por exemplo, poderá ser identificado no segmento dos comunicadores públicos também. Essa aproximação de atividades ocorre também entre os divulgadores da ciência, os jornalistas de redação e os assessores de imprensa, por trabalharem com produção de texto noticioso, apuração, edição e divulgação. No entanto, existem diferenças na forma

de conceituar a atividade, trabalhar com as informações recebidas e administrar o tempo, fazendo-os parte de subgrupos distintos. Apesar de diferentes, é importante ressaltar que um mesmo jornalista pode transitar por todos eles, a depender do que estiver exercendo no momento.

No quesito tarefas, os segmentos, no dia a dia das estruturas de comunicação, acabam por se tornarem complementares. A comunicação consegue ser atuante em diversas frentes, conforme visto no primeiro capítulo deste trabalho, não só porque existem profissionais diferentes no mesmo setor – jornalistas, publicitários, relações públicas, programadores visuais, mas também porque os jornalistas, assim como outros grupos profissionais, passam por esse processo de segmentação, provocando uma divisão de trabalho, ainda que fluída e móvel e sempre passível de ser renegociada, dentro de uma mesma profissão. O segmento dos gestores e administradores não existiria se não fossem os outros segmentos, por exemplo, pois não haveria equipe para coordenar e orientar. As universidades que conseguem ter o segmento de divulgadores da ciência mais fortalecido, transformam isso em uma possibilidade de contribuir com o trabalho de outros segmentos, como os jornalistas de redação e os assessores de imprensa, já que esses podem fazer uso da produção daqueles primeiros. Existe ainda a possibilidade de atuar com outros tipos de conteúdo, de forma segmentada para os diferentes públicos, quando existe a participação do segmento dos relações públicas.

Na forma de interagir e negociar a identidade com os jornalistas ou com outros atores sociais, também existem diferenças e aproximações. Em todos os casos, entre os jornalistas que trabalham na mesma universidade, os segmentos negociam a partir da afirmação de que pertencem ao mesmo estatuto e de que são parceiros, apesar das diferentes tarefas exercidas. O segmento que convive mais constantemente com jornalistas dos veículos de comunicação externa, negociam a partir da afirmação do papel social de intermediador, apto a mediar a relação entre a universidade e os demais jornalistas, por conhecer os dois espaços. Já na relação com outros atores sociais, os segmentos se distanciam. Os jornalistas de redação, na negociação da identidade com os professores, por exemplo, estabelecem as posições de repórter e fonte. O segmento dos divulgadores da ciência também atribui esses papéis, mas negocia com a fonte uma relação de parceria que contribui com a produção e a revisão do conteúdo.

Os gestores e administradores também têm suas peculiaridades. Negociam a identidade a partir do reconhecimento dos outros atores sociais sobre o papel desempenhado por eles. Nesse aspecto, aproximam-se do segmento dos relações públicas.

Já os comunicadores sociais negociam a identidade a partir da afirmação desse trânsito entre o estatuto de jornalista e o estatuto de servidor público. Consideram-se comunicadores, com a especificidade do cargo de ocupar o cargo de jornalista, mas dentro do setor público e prestando um serviço para a sociedade, que pode abranger diferentes atividades, relacionadas à comunicação.

Diante do exposto, percebe-se que cada segmento e os movimentos de aproximações, afastamentos e complementaridades entre eles apontam para a construção de uma identidade diversa, plural e heterogênea do jornalista que trabalha nas universidades públicas federais brasileiras. A seguir, nas considerações, essa identidade será situada no fenômeno identitário do jornalismo brasileiro, no sistema de comunicação universitária e no contexto das pesquisas em jornalismo e comunicação das universidades.

8.4 CONSIDERAÇÕES

Depois de todo o percurso feito até aqui, de análise e interpretação dos dados colhidos durante a pesquisa, foi possível identificar seis segmentos que compõem esse grupo profissional chamado de jornalistas que atuam nas universidades federais brasileiras. Por se tratar de uma pesquisa microsociológica, com método indutivo, e que, portanto, estuda um universo específico dentro de um grupo maior, os seis subgrupos identificados – repórter/editor, assessor de imprensa, divulgador da ciência, gestor/administrador, relações públicas e comunicador público – provavelmente não serão os únicos segmentos encontrados dentro desse agrupamento profissional. Também não se referem a nenhum tipo ideal de profissional. De acordo com Bucher e Strauss (1961), os segmentos são dinâmicos e estão em constante movimento, podendo surgir novos, acabar os que existem ou mesmo transformarem-se, a depender das mudanças de contexto histórico, institucional e das novas formas de negociações. Para os objetivos desta pesquisa, esses segmentos já identificados conseguem dar fundamentos à discussão sobre a identidade dos jornalistas que atuam nas universidades, balizando aspectos interessantes a serem observados.

O grupo profissional de jornalista das universidades federais é heterogêneo. Essas diferenças têm relação direta principalmente com o local de trabalho, as tarefas desempenhadas e as necessidades encontradas – tamanho e variedade da equipe, presença ou não de outros profissionais de comunicação, recursos técnicos utilizados e relacionamento com outros atores sociais. A depender desses fatores, o jornalista vai se

identificando mais com um segmento do que com outro, transitando entre esses subgrupos. Ou então segmentos vão surgindo ou desaparecendo. Um exemplo é o caso de uma jornalista que trabalha na TV da universidade observada e que relatou se identificar mais com ideologias de um segmento (comunicador público) há alguns anos e atualmente ter se afastado disso por conta de mudanças na relação dos jornalistas e dos profissionais de comunicação com a gestão superior da universidade. Outro exemplo é a situação de Camélia Carvalho que atualmente compartilha ideologia e tarefas do segmento de repórter/editor, mas disse que, no passado, por conta das atividades que desempenhava, sentia-se mais assessora de imprensa.

Essa heterogeneidade percebida entre os jornalistas das universidades permite refletir sobre o fenômeno identitário no jornalismo brasileiro, em contraposição a visões dominantes. Este estudo compreende, de início, que “não existe uma realidade, idêntica em todas as épocas e em todos os países, designada pela palavra jornalismo” (CHARRON; DE BONVILLE, 2016, p. 124) e que “a prática do jornalismo incorpora novas rotinas vindas de fora da sua atividade tradicional e que é, nesse sentido, construída por um conjunto de atores heterogêneos que participam ativamente da sua elaboração” (LE CAM; PEREIRA; RUELLAN, 2015, p. 14). Essas ideias se contrapõem às visões funcionalistas sobre profissão, que enxergam esse fenômeno como um grupo relativamente homogêneo, com membros que compartilham identidade, valores, definições de papéis e interesses, com um certo espaço para algumas diferenças, alguns membros fora da linha, mas que são considerados desvios temporários (BUCHER; STRAUSS, 1961), que não provocam, de fato, transformações no grupo profissional.

Ao abordar o jornalista como um tipo ideal, os estudos funcionalistas têm a tendência de estudar o jornalismo como resultado de uma trajetória linear e universal (PEREIRA, 2008), com pouco espaço para os conflitos sociais que ocorrem no cotidiano da atuação, para as diferenças de contextos históricos e institucionais e para as negociações que o jornalista precisa fazer ao buscar se compreender identitariamente e desenvolver o seu trabalho. Esta pesquisa vai na contramão dessa tendência. Partiu de um fenômeno que ocorre no Brasil, exatamente dentro desse processo de considerar a heterogeneidade da profissão e as diferenças sociais de cada local, chamado de jornalismo das fontes (SANT’ANNA, 2006). Por aqui, não se denomina jornalista somente aquele que trabalha em redações de jornal, TV, rádio ou portais, mas também o profissional que atua em mídias de corporações e órgãos públicos, incluindo o trabalho nas mídias universitárias. Esse processo de transformação no jornalismo brasileiro foi ocorrendo ao

longo do século XX, ampliado pela censura da imprensa tradicional na Ditadura Militar (1964-1984) e pela necessidade dos novos grupos sociais que estavam se organizando se comunicarem no processo de reabertura democrática (SANT'ANNA, 2006). Além disso, foi legitimado pelos órgãos sindicais brasileiros, como a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) que reconheceram, sem conflitos, a atuação dos assessores de imprensa como jornalistas plenos (ADGHIRNI, 2012).

Ao chegar à universidade, como a pesquisa demonstra, essa heterogeneidade do grupo profissional de jornalistas no Brasil tornou-se ainda mais evidente. Além do jornalista ter saído das redações e buscado outros espaços institucionais, como universidades, tribunais, assembleias legislativas, empresas, em cada um desses locais os profissionais foram perpassados por novas ideologias, diferentes formas de atuar e interações diversas que, aos poucos, foram (e permanecem) transformando a identidade desses jornalistas. No caso estudado, percebe-se que, em vários momentos, os jornalistas reconheceram a necessidade de, a partir dessas interações, negociar as atividades realizadas ou as questões ontológicas sobre o jornalismo e passar a exercer diferentes papéis sociais, para manter o espaço e garantir a sobrevivência do grupo profissional dentro da universidade. Os segmentos mostram, na prática, como os profissionais buscam resolver essas questões no dia a dia e se constituir enquanto grupo profissional reconhecido.

Os achados referentes aos subgrupos estudados também apontam para questões sobre essa arena onde os jornalistas fazem suas negociações: a comunicação universitária. Esse espaço, que institucionalmente, na universidade, é composto por setores especializados com atuação em diferentes mídias, como rádio, TV, portais, outros, consiste em um local simbólico, atravessado por diferentes ideologias – institucional, científica, jornalística -, em que o jornalista busca se reconhecer e se legitimar, enquanto profissional, por meio das negociações. Nesse processo, infere-se que a comunicação universitária, apesar de manter um núcleo central de serviços de comunicação e informação, é uma arena plural, com múltiplas e diferentes tarefas, que podem se modificar, a depender das interações e negociações que os profissionais vão fazendo no dia a dia. Assim como não há um tipo ideal de jornalista a ser perseguido em diferentes contextos e países, não há um ideal de comunicação que possa ser identificado de forma linear em todas as universidades, nem na mesma instituição. No momento atual, no contexto em que as universidades brasileiras estão, a comunicação encontra-se da forma foi apresentada nesta pesquisa. Isso não quer dizer que, ao longo dos anos, esse cenário

não se modifique, acrescentando outras tarefas e outras formas de negociação nessas arenas.

Por fim, a ideia dos segmentos aponta para a mesma pluralidade da comunicação universitária, já encontrada no levantamento de pesquisas feito no capítulo 2. No início deste trabalho, foi possível identificar estudos que investigam a comunicação nas perspectivas do apoio para o Ensino e/ou Extensão e/ou Pesquisa, da divulgação científica, da comunicação pública e da comunicação institucional/organizacional. Esta pesquisa não se insere especificamente em nenhuma das abordagens identificadas. Percebeu-se também que os estudos eram muito focados na pesquisa das estruturas de comunicação (assessoria, TV, rádio) ou em ensaios teóricos sobre o tema. Esta investigação pretendeu trazer uma outra perspectiva teórico-metodológica para os estudos de comunicação universitária, com uma forte ancoragem empírica, e o foco nas interações do dia a dia dos jornalistas, analisadas à luz dos pressupostos da sociologia das profissões. Nesse caso, do interacionismo simbólico.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um momento histórico do Brasil de mudanças significativas no jornalismo e questionamentos constante sobre a função e a importância das universidades, esta dissertação se propôs a tratar do encontro entre os dois, a partir do estudo da construção da identidade profissional do jornalista que atua nas universidades públicas federais. Esse profissional, que trabalha em diferentes estruturas de comunicação universitária – assessorias de comunicação, TVs e rádios, desenvolvendo múltiplas tarefas relacionadas às atividades de jornalismo e comunicação, transita entre o jornalismo, o serviço público e a academia. Atua, portanto, em um ambiente permeado de ideologias distintas, em interação com diferentes atores sociais, o que pode provocar o surgimento de papéis sociais e formas diversas de negociar no dia a dia de trabalho, trazendo implicações na identidade desse grupo profissional.

A identidade dos jornalistas foi investigada, com base nos pressupostos teóricos do interacionismo simbólico, especialmente das ideias desenvolvidas por Strauss (1999), Goffman (2014) e Bucher e Strauss (1961), sobre identidade, interações e estatuto; identidade, interações e papéis sociais e profissões e segmentos, respectivamente. Para construir o caminho dessa pesquisa, foi escolhida uma abordagem qualitativa e microsociológica, desenvolvida por meio do método indutivo com metodologia etnográfica. Ou seja, optou-se por tratar o problema de pesquisa investigando um grupo específico, diante de um grupo profissional mais amplo, a partir de técnicas de observação de campo, entrevistas semiestruturadas em profundidade e leitura de documentos relativo à comunicação na universidade. Não se buscou inicialmente dados ou evidências para corroborar ou negar teorias, pelo contrário, a construção teórica foi sendo construída aos poucos, à medida que os dados foram sendo gerados e examinados, como é próprio do método indutivo.

Diante das possibilidades na pesquisa em jornalismo apresentadas, considerou-se que esse foi o caminho mais adequado para se chegar às respostas aos questionamentos iniciais. As perguntas que orientam essa pesquisa são as seguintes: *Como os jornalistas que atuam em atividades de jornalismo e comunicação nas universidades federais se definem? De que forma os jornalistas negociam a própria identidade, em interação com atores sociais diversos? De que maneira os jornalistas se organizam e se constituem como um grupo profissional, diante de um cenário plural de atividades desempenhadas,*

diferentes ideologias e interações diversas? Como os questionamentos tratam de autodefinição dos profissionais, interações, negociações, ideologias que permeiam o grupo profissional, o interacionismo simbólico surgiu como uma opção teórica interessante, já que possui pesquisas consolidadas sobre esses conceitos aplicados a outros grupos profissionais, inclusive jornalistas. Para investigar melhor o que os próprios jornalistas falam sobre si e as negociações que fazem durante o dia a dia de trabalho, foi necessário observar esse grupo com uma lupa, tentando extrair aquilo que aparentemente é comum e ordinário, mas que contribui significativamente para a construção dessa identidade profissional. Por isso, a escolha por uma metodologia que proporcionou a possibilidade de imersão, mesmo com limitações de tempo e logística, no discurso e nas práticas desses profissionais.

Os jornalistas das universidades federais se autoidentificam em alguns momentos como jornalistas e, em outros, como servidores públicos. Transitam, portanto, nesses dois estatutos principais, apontando para uma constituição de um grupo profissional a partir dessa fronteira difusa entre esses dois agrupamentos. A identificação com a prática jornalística, observada com mais recorrência nas entrevistas, vem a partir da análise que os participantes fazem da própria atividade que exercem. Mesmo aqueles que não se referem a si como jornalistas de forma clara e verbalizada, identificam-se com o grupo, por meio das atividades exercidas (produção de notícias, cobertura de eventos, apuração, uso de entrevistas) ou dos princípios defendidos (transparência, ética, verdade, clareza), definidos pelos próprios entrevistados como jornalísticos. A identidade formal – ter uma formação em jornalismo ou estar ocupando um cargo que possui esse nome – também gera um mecanismo de autoidentificação e pertencimento ao grupo dos jornalistas, apesar de, no momento de dar explicações, os participantes recorrerem às tarefas desempenhadas e aos princípios que levam em consideração, mostrando que essa construção da identidade, apesar das formalidades, está intimamente relacionada à *práxis*.

A identificação com o estatuto dos servidores públicos não foi identificada em todas as entrevistas. Dos 10 entrevistados, seis (Margarida Castanheira, Joaquim Salgueiro, Jorge Pereira, Violeta Moreira, Gardênia Jatobá e Petúnia Oliveira) citaram argumentos na entrevista que mostraram posicionamento no estatuto de servidor público. Essa identificação, no caso dos entrevistados, está relacionada a diferentes fatores. No caso de Margarida Castanheira, foi possível perceber a partir do reconhecimento de instâncias sindicais. Na opinião da participante, ela é servidora, e o sindicato que trata das questões desse grupo é o dos servidores públicos. Os jornalistas Joaquim Salgueiro e

Jorge Pereira posicionaram-se no estatuto de servidor público, a partir dos princípios que levam em consideração na hora do trabalho (trabalhar para suprir necessidades do cidadão, trabalhar para suprir necessidades da sociedade, sanar as dúvidas dos cidadãos). Já Violeta Moreira levou em consideração o vínculo empregatício formal, pelo fato de ser servidora pública federal. Quem também considerou as questões formais foi a entrevistada Gardênia Jatobá, ao considerar que a identidade primeira dela é ser servidora pública federal. Petúnia Oliveira posicionou-se neste estatuto ao citar as atividades administrativas, que não deveriam fazer parte das funções dos jornalistas, mas por serem servidores públicos, essas tarefas acabam fazendo parte do trabalho.

A identificação de um, de outro ou dos dois estatutos não impede que os jornalistas apresentem uma identidade situacional (STRAUSS, 1999) ou desempenhem diferentes papéis sociais (GOFFMAN, 2014), a depender das negociações feitas durante as interações. Ao exercer diferentes papéis sociais, os jornalistas interagem de forma diversa com os atores sociais com os quais se relaciona, são influenciados de forma diferente pelas ideologias existentes na universidade e atuam com tarefas distintas no cotidiano. Essa composição e variedade de papéis sociais que vão sendo identificados por meio das interações atuam ativamente no processo de segmentação dos jornalistas que trabalham na universidade. É a partir dos segmentos (BUCHER; STRAUSS, 1961) que compõem esse grupo profissional que os jornalistas vão negociando a identidade, nessa arena atravessada por ideologias e atores sociais diversos, que é a comunicação universitária. Nesta pesquisa foram identificados seis segmentos: repórter/editor, assessor de imprensa, divulgador da ciência, gestor/administrador, relações públicas e comunicador público.

Cada um desses segmentos é adepto a ideologias e princípios diferentes, que atravessam o ambiente universitário. Também se relacionam com atores sociais diversos, com quem negociam a identidade nas situações cotidianas de interação. Aqueles que fazem parte do segmento de repórter/editor estão impregnados da mesma ideologia daqueles profissionais que atuam nas redações de veículos de mídia externa, seguindo princípios, como interesse público, autonomia, ética e agilidade. Os assessores de imprensa seguem esses valores, mas há limites, por conta do princípio de valorização da imagem da instituição. Os divulgadores da ciência também seguem princípios parecidos, mas relativizam a autonomia e a agilidade, porque estão permeados pela ideologia da ciência, que orienta um tempo diferente de maturação das pesquisas e valoriza, prioritariamente, o conhecimento do pesquisador. Os gestores e administradores são adeptos à ideologia institucional durante a atuação, com princípios voltados para gestão,

administração e para os valores da instituição. Os relações públicas assemelham-se aos assessores de imprensa no princípio de valorização da imagem da instituição. E os comunicadores públicos priorizam princípios relacionados à comunicação pública, como transparência e acesso às informações públicas.

Ao negociar a identidade com os atores sociais (outros jornalistas, professores, servidores técnico-administrativos e terceirizados, estudantes e gestores), cada um desses segmentos identifica-se em um papel social e faz um reconhecimento da posição identitária daquele com quem está estabelecendo uma interação. Ao observar as interações feitas com outros jornalistas, é possível identificar a negociação de identidade, a partir da relação de confiança, parceria (relações públicas) e pertencimento ao mesmo grupo (jornalistas de redação e divulgador da ciência); do desempenho do papel de intermediador e conhecer da universidade (assessor de imprensa); da formalização de cargos e/ou reconhecimento dos outros neste cargo (gestor/administrador); e da afirmação do trânsito entre o estatuto de jornalistas e o de servidor público (comunicador público). Nas interações com outros atores sociais, as negociações de identidade ocorrem a partir do reconhecimento da relação de repórter-fonte (jornalistas de redação e divulgador da ciência); da identificação do outro como parceiros de trabalho (divulgador da ciência); do desempenho do papel de intermediador e conhecer do jornalismo (assessor de imprensa); da formalização de cargos e/ou reconhecimento dos outros neste cargo (gestor/administrador); e da afirmação do trânsito entre o estatuto de jornalistas e o de servidor público (comunicador público).

Esse processo de segmentação dos participantes auxilia na compreensão da identidade do jornalista das universidades federais. Na verdade, são identidades, no plural, que convivem e se entrelaçam dentro de um mesmo grupo profissional, que, em comum, além da filiação formal ao cargo, tem o objetivo de trabalho, que é a divulgação de informações, jornalísticas ou não, sobre a universidade ou não, produzidas dentro do ambiente universitário. Apesar dos aspectos em comum, *a priori*, o desenvolvimento dessa atuação se dá das formas mais diversas possíveis, como mostrou a segmentação. Esses profissionais, portanto, não possuem uma identidade única e padronizada, que pode ser identificada para todos aqueles que estão no cargo de jornalista, seja na mesma universidade ou não. O grupo é heterogêneo, com tantos segmentos quanto as interações cotidianas forem apresentando. Nesta pesquisa, foram identificados seis, o que não impede que, futuramente, um desses subgrupos deixe de existir e outro novo apareça. Ou seja, a identidade (ou as identidades) constrói-se a partir das interações e vai sendo

moldada por esses processos, tendo muito mais a ver com algo que está em movimento, a depender das circunstâncias e da época, do que com algo formal, único ou padronizado para todos os jornalistas.

Essa forma de conceber este estudo traz contribuições à pesquisa em jornalismo e comunicação universitária. Cooperar com o avanço da pesquisa em jornalismo no Brasil, quando propõe um olhar menos funcionalista sobre a profissão, resgatando a pesquisa empírica e etnográfica, mais identificada com o paradigma sociocêntrico, o contra-hegemônico, em um espaço em que o paradigma hegemônico ainda é o midiocêntrico (MOTTA, 2005). Ou seja, é uma pesquisa que desloca o olhar do jornalismo todopoderoso, ditando uma visão de mundo para a sociedade, para apresentar o jornalismo permeado de contradições e sujeito a negociações, atravessado pelas contradições sociais e pressões da sociedade civil. Afasta-se do modelo funcionalista por tratar o jornalismo como passível de mudanças e não homogêneo. No caso desta pesquisa, as diferenças dentro de um grupo profissional não foram consideradas apenas desvios temporários, como na visão funcionalista, mas aspectos fundamentais na construção da identidade profissional e que têm a possibilidade de provocar alterações e mudanças que ocasionam transformações.

Esta investigação também contribui com a pesquisa em comunicação universitária. De acordo com o panorama apresentado no capítulo 1 deste trabalho, nenhum estudo se debruçou a analisar a comunicação feita na universidade, a partir de uma investigação sobre o profissional jornalista. Nem levou em consideração a base teórica usada nesta pesquisa. Ou seja, este trabalho apresenta outras possibilidades de se estudar a comunicação universitária, com foco na pesquisa empírica, sem o objetivo de encaixar essa comunicação em um padrão específico e dizer como deve ser, mas pensando em descrever como se processa no cotidiano de trabalho dos profissionais e buscando compreender o fenômeno. Dessa forma, foi possível, além de discutir a identidade dos jornalistas, inferir aspectos sobre a comunicação universitária, que é a arena de negociações dos profissionais. Essa arena é plural, com atuação em diversas frentes – assessoria, divulgação científica, comunicação pública, gestão – e em diferentes veículos – portais, TVs, rádios. Transforma-se à medida em que os profissionais vão interagindo e buscando formas de negociações.

Apesar das contribuições para a pesquisa e para a *práxis*, este estudo possui limitações de tempo, de espaço, de verba, do próprio modelo metodológico e do aprendizado da pesquisadora. Por se tratar de uma dissertação, desenvolvida em um

mestrado, foi necessário estabelecer um cronograma e seguir à risca, sem a possibilidade de ampliar o corpus da pesquisa, por exemplo. A observação de campo de 30 dias só teve condições de ser feita em uma universidade. Pensou-se em fazer a observação em mais outra instituição, no entanto seria necessário cortar a etapa de entrevistas em profundidade. Essa opção foi rejeitada, já que se acreditou que as entrevistas dariam uma visão geral e mais diversa dos profissionais e da comunicação das universidades, pois foram entrevistados jornalistas de todas as regiões do Brasil. De fato, as entrevistas contribuíram para complementar as informações colhidas na observação participante. Os limites de espaço têm relação com os limites de tempo, já que seria difícil encaixar no calendário o deslocamento para diferentes lugares, em um país tão grande quanto o Brasil, e fazer as entrevistas *in loco*. Essa possibilidade permitiria um conhecimento mais amplo da pesquisadora sobre o local onde os jornalistas trabalham e sobre o qual eles relataram nos seus discursos. No entanto, não foi possível. Soma-se a isso o limite financeiro também, já que não há facilmente verba suficiente para financiar pesquisas de mestrado e nem a pesquisadora possuía incentivo próprio exclusivo para isso.

Considera-se que o modelo metodológico, utilizado nessa pesquisa, foi o mais adequado para responder aos questionamentos iniciais, como já falado anteriormente. Por nenhum outro método, as experiências descritas e interpretadas nesta pesquisa poderiam ser mensuráveis. No entanto, existem limitações. Por se tratar de uma abordagem microsociológica, que estuda um grupo específico dentro de um universo mais amplo, não é possível fazer generalizações que deem conta de explicar o fenômeno por completo. Ao trazer dados gerais sobre o universo dos jornalistas das universidades, escolher uma instituição com uma boa quantidade de jornalistas para a pesquisa de campo e selecionar os entrevistados entre pessoas que estão em universidades de regiões diferentes, buscou-se dar uma dimensão mais ampla do que pode ser encontrado na comunicação das universidades. No entanto, os resultados não podem ser generalizados. É possível que haja situações específicas em outras localidades, que esta pesquisa, pelas limitações, não deu conta de captar. Como inclusive já foi dito, podem existir outros segmentos, ao entrevistar mais alguns outros profissionais, que não foram identificados no corpus escolhido.

Outra limitação diz respeito ao processo de aprendizagem da pesquisadora. Aqui peço licença para mais uma vez falar em primeira pessoa. Por ser minha primeira experiência mais aprofundada em pesquisa, com uma abordagem teórica e metodológica novas para mim, o desafio foi constante durante todos esses meses. Houve até uma certa

ingenuidade de minha parte de achar que o fato de estudar aquilo com o que trabalho me daria facilidade de lidar com o tema. Até certo sentido, realmente houve essa facilidade, principalmente durante a observação participante, no momento de compreender certas questões vivenciadas pelos jornalistas. No entanto, a cada capítulo foi necessária uma desconstrução daquilo que eu imaginava que seria o trabalho do jornalista em uma universidade para não cair em essencialismos e acabar caminhando em direção a uma pesquisa mais funcionalista. A figura do orientador, fazendo esse contrapeso e me levando constantemente a reflexões sobre a própria maneira de me expressar no texto, foi fundamental nessa tarefa. Mesmo assim acredito que o exercício desse olhar desconstruído ainda precise evoluir nesse processo de aprendizagem em pesquisa que espero eu não acabe por aqui.

Pensando nesse processo de aprendizagem e, conseqüentemente, nas perspectivas de trabalho futuro, a partir do que foi desenvolvido nesta pesquisa, existem algumas possibilidades. Uma delas é estudar a identidade do profissional de comunicação que trabalha na universidade, não focando só no jornalista, mas trazendo para o estudo os outros que trabalham nas estruturas de comunicação. Como o trabalho do jornalista na universidade está constantemente rodeado por outros atores sociais, existe também a possibilidade de desenvolver um estudo, baseado na perspectiva dos mundos sociais (LANGONNÉ et al., 2019; PEREIRA, 2018; TRAVANCAS, 1993), que investigue as redes de cooperação (BECKER, 1974), por exemplo. Há ainda a opção de desenvolver um estudo com os jornalistas, a partir do aspecto da carreira, investigando como esses profissionais deixaram aquilo que faziam anteriormente para se dedicar ao ingresso em uma instituição de ensino superior pública. Todas essas alternativas de pesquisa partem do princípio de fugir dos essencialismos e da visão funcionalista de conceber as profissões, preferindo uma abordagem mais sociocêntrica.

Por fim, todo o processo desta investigação, desde as primeiras leituras, passando pela descoberta de uma nova possibilidade de olhar, de construção e desconstrução do objeto, de ir à campo, observar, entrevistar, gerar dados, até o trabalho de análise e interpretação das informações colhidas, deixam para mim um aprendizado valioso sobre pesquisa e reflexões acerca do fazer jornalístico. Todo esse percurso de quase 20 meses – e diversas experiências e surpresas na vida acadêmica, e também na vida pessoal – me ensinou a desconstruir padrões, a observar de outra forma o já conhecido e a ter um olhar generoso e curioso para o desconhecido. Que esse aprendizado não pare por aqui.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. **Mudanças estruturais no jornalismo:** travessia de uma zona de turbulência. In: ADGHIRNI, Zélia Leal; MOURA, Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique (Orgs). *Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias*. p. 61-79. Florianópolis: Insular, 2012.

ALLARD, Faye; ANDERSON, Elijah. Ethnography. In: KEMPF-LEONARD, Kimberly et al. **Encyclopedia of social measurement:** Volume I. Philadelphia: Elsevier Science, 2005. p. 833-843.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

AVELAR, Kamilla Morando; LOPEZ, Debora Cristina; SILVA, Luana Viana e. Panorama das webrádios de universidades federais do Sul do Brasil. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p.98-108, jul-dez 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2016v13n2p98>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p98>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

BECKER, Howard S. Art As Collective Action. **American Sociological Review**, [s. l.] v. 39, n. 6, p. 767-776, dez. 1974. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/2094151>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2094151>. Acesso em: 03 nov. 2019.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C. David. **Teoria da Comunicação**. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119-138. 1980.

BOARATTI, Márcia; SIGNATES, Luiz. Estado e Comunicação: o caráter público das emissoras estatais: a Rádio Universitária de Goiânia como estudo de caso. **Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 4, n. 1/2, p.143-158, jan-dez 2001. DOI: <https://doi.org/10.5216/c&i.v4i1/2.24028>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24028>. Acesso em: 7 maio 2018.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Brasília, DF: Presidência da República, [1967]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 03 nov. 2019.

BRASIL. Lei 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. Brasília, DF: Presidência da República, [2014]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm. Acesso em: 03 nov. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 out. 2019.

BRASIL. Lei 8.977, de 6 de janeiro de 1995. Dispõe sobre o Serviço de TV a Cabo e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2011]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8977.htm. Acesso em: 03 nov. 2019.

BRASIL. Lei 11.091, de 12 de janeiro de 2005. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11091.htm. Acesso em: 03 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ofício circular nº 015/2005/CGGP/SAA/SE/MEC**. Brasília, DF: Ministério da Educação. 28 nov. 2005. Assunto: Descrição dos cargos técnico-administrativos em Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/canalcggp/oficios/oc01505.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

BROUSTAU, Nadège et al. A entrevista de pesquisa com jornalistas: introdução. **Sur Le Journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, [s.l.], v. 1, n. 1, sep. 2012. Disponível em: <https://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/17>. Acesso em: 05 set. 2019.

BUCHER, Rue; STRAUSS, Anselm. Professions in process. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 66, n. 4, p.325-334, jan. 1961. DOI: <https://doi.org/10.1086/222898>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/222898>. Acesso em: 03 nov. 2019.

CARDOSO, Ruth (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. SP: Paz e Terra, 1986.

CASTILHO, Alessandra de. Colégio de Gestores de Comunicação (Comp.). **Relatório final: Política de Comunicação nas IFES**. Brasília: Andifes, 2018.

CARMO, Vanessa Aparecida do; PESSONI, Arquimedes. A divulgação científica nas universidades do grande ABC: inovações ou repetições de formatos? **Comunicação & Informação**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.87-104, 11 out. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/ci.v19i1.36973>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/36973>. Acesso em: 2 maio 2018.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. As mutações do jornalismo: modelo explicativo e orientações metodológicas. In: CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016, p. 123-159.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; COMASSETTO, Leandro Ramires; RHODEN, Valmor. A integração pelas ondas do rádio: a rede educativa da Universidade Federal do Pampa. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 29, p.21-40, jan/jun 2016. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/3757>. Acesso em: 2 maio 2018.

CRUZ, Cassiana Maris Lima. Comunicação organizacional e pressupostos da comunicação integrada: a experiência em uma universidade na implementação/reestruturação do jornal institucional. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, p.193-209, jan/jun 2007. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/199/190>. Acesso em: 5 maio 2018.

DESLAURIERS, Jean-pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, p. 127-153, 2008.

DEUZE, Mark. What is journalism?: professional identity and ideology of journalists reconsidered **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, [s.l.], v. 6, n. 4, p.442-464, nov. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884905056815>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884905056815>. Acesso em: 03 nov. 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Manual de assessoria de comunicação**. 4. ed. Brasília: FENAJ, 2007. Disponível em: http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf. Acesso em: 02 ago. 2019.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciência Sociais**, [s.l.] v. 17, n. 48, p. 91-107, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000100007>. Disponível em: <http://ref.scielo.org/rpygfg>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>. Disponível em: <http://ref.scielo.org/xsfz99>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HASWANI, Mariângela Furlan. **Comunicação pública: Bases e abrangências**. São Paulo: Saraiva, 2013.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. In: MATOS, Heloiza (Org.). **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. São Paulo: Eca/USP, 2013. p. 3-13. *E-book*. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/quarto..pdf>. Acesso em: 7 set. 2017.

LANGONNÉ, Joël et al. Os mundos sociais do jornalismo: introdução. **Sur Le Journalisme, About Journalisme, Sobre Jornalismo**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.12-16, 15 jun. 2019. Disponível em: <https://www.surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/379>. Acesso em: 27 jun. 2019.

LE CAM, Florence; PEREIRA, Fábio Henrique; RUELLAN, Denis. Introdução: Mudanças e permanências do Jornalismo. In: Dione Oliveira Moura, Fábio Henrique Pereira, Zélia Leal Adghirni. (Org.). **Mudanças e permanências do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 11-23.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. Diálogo público, instituições científicas e democracia: reflexões sobre a constituição de uma política de comunicação organizacional. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, [s.l.], v. 39, n. 2, p.161-174, ago. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-58442016211>. Disponível em: <http://ref.scielo.org/tjqfym>. Acesso em: 5 maio 2018.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MEAD, George H. **Espírito, Persona y Sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. Paidós Ibérica: Barcelona, 1982.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Pesquisa em jornalismo no Brasil: o confronto entre os paradigmas midiacêntrico e sociocêntrico. **Eptic: Revista eletrônica internacional de Economia, Política da informação, da Comunicação e da Cultura**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 23, 2005. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/339>. Acesso em: 03 nov. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil**: identidades, práticas e transformações no mundo social. 2008. 469 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1155>. Acesso em: 03 nov. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; NEVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. **Intexto**, Porto Alegre, n. 29, p. 35-50, dez. 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/41898>. Acesso em: 03 nov. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. As notícias como prática coletiva e convencional: a abordagem beckeriana aplicada aos estudos do jornalismo. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p.389-419, 29 jun. 2018. Universidade Federal do Tocantins. <<http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p389>>.

PINTO, Kamyla Álvares. O Interacionismo Simbólico como abordagem teórica para compreensão dos sentidos narrados por mulheres jornalistas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. p. 1-14. Disponível em:

<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1430-1.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2018.

ROCHA, Sibila. Suplementos jornalísticos e universidade: informação ou imagem. **E-compós**, [s.l.], v. 7, p.1-13, dez. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.30962/ec.v7i0.120>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/120>. Acesso em: 2 maio 2018.

SANT'ANNA, Francisco. Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo. **BOCC**: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/esp/anopub.php?anopub=2006>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das Fontes**: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro. Brasília, DF: SEEP Senado Federal, 2009.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras**: a busca da identidade. São Paulo: EdUSP, 1999.

STRAUSS, Anselm; SCHATZMAN, Leonard; BUCHER, Rue; EHRLICH, Danuta; SABSHIN, Melvin. **Psychiatric ideologies and institutions**. New York: The Free Press of Glencoe, 1964.

TRAQUINA, N. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: BARROS, A.; DUARTE J. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 98-109.

VELHO, Gilberto. Anselm Strauss: indivíduo e vida social. *In*: **Espelhos e máscaras**: a busca da identidade. São Paulo: EdUSP, 1999.

VICENTE, Maximiliano Martin; VERSUTI, Christiane Delmondes. Rádio educativa e mídias sociais digitais: perspectivas e desafios da Fanpage da Rádio Unesp FM. **Organicom**, São Paulo, v. 12, n. 22, p.145-160, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2015.139274>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139274>. Acesso em: 2 maio 2018.

VOISIN, Jane. Extensão e Comunicação: anotações para um debate. **Intercom**: revista brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 24, n. 2, p.1-7, jul/dez 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/rbcc.v24i2.457>. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/457/426>. Acesso em: 2 maio 2018.

ZÉMOR, Pierre. **La communication publique**. Paris: P.U.F., 1995. Tradução resumida: Elizabeth Brandão. Disponível em <https://comunicacaopublicaufes.files.wordpress.com/2011/12/comunicacaopublica-pierrezemor-traducao.pdf>. Acesso em 7 set. 2019.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer et al. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão em radiojornalismo: a experiência da Rádio Ponto UFSC. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p.101-112, jul-dez 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n2p101>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p101>. Acesso em: 26 mar. 2018.

APÊNDICE A – Entrevista 1¹³⁴

LIMA, João. **Entrevista 1**. [mai. 2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min. e 37 seg.)

Entrevistadora: Alô!?

Entrevistado: Pois não!?

Entrevistadora: Oi, pronto! Aqui é a Gabriela.

Entrevistado: Eu tenho Vivo. Aliás, eu tenho Claro e tenho Oi. Tanto faz para você?

Entrevistadora: Tanto faz, tanto faz. Não tem problema, tá? Qual é a idade do senhor?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: A idade do senhor?

Entrevistado: 63 (meia-três).

Entrevistadora: 63 (meia-três)! Certo! Então, eu vou começar, tá?

Entrevistado: Tudo bem!

Entrevistadora: Eu queria que o senhor começasse me falando um pouco por que o senhor escolheu ser jornalista e o resumo das suas experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistado: Eu comecei com 16 anos de idade, em um jornal local. Ainda era estudante de colégio, do nível médio, quando eu comecei já escrevendo uma coluna estudantil em um jornal de maior circulação do Estado. Aí partir disso, de escrever diariamente uma coluna estudantil, sobre notícias do meio estudantil... Depois disso, fui para um outro diário, chamado... Isso em 1973. Aí, fui para outro diário, onde eu aprendi a fotografar. Então, eu escrevia e fotografava. Já fazia coberturas completas, de texto e fotos (imagens), aos 17 anos. Não havia, naquela época, faculdade de Jornalismo aqui, então a gente ia aprendendo na redação. Isso foi em 73. Fiquei até 78 nesse jornal, fotografando, diagramando e escrevendo. Eu fazia diagramação, fotografia e texto (reportagens). Cobria policiais, Geral e Cultura (Artes) - bem variado, de tudo um pouco. Aí, me tornei, em 78, professor da Rede Pública de Ensino e continuei trabalhando na área de Jornalismo: dando aula à noite e, de dia, na redação. Em 1982, eu ingressei na Rede Globo local. Em seguida, assumi como chefe de reportagem da Globo local. Isso foi em 82. Eu fazia não só edição,

¹³⁴ Os nomes utilizados nas referências das entrevistas são todos pseudônimos. A cidade citada faz referência ao local onde a entrevistadora estava no momento da entrevista.

como nós também tínhamos alguns programas. Criamos alguns jornais e alguns programas de entretenimento e o jornalismo diário, dentro da redação. Portanto, fiquei muito na redação, até ingressar na Universidade em 1983, na Assessoria de Comunicação. Em 83, eu entrei na Universidade e permaneci um período. Eu trabalhava dois períodos: um período na Universidade e outro período na televisão. Foi até 85. Em 86, eu saí e fiquei só na Universidade, porque eu assumi a chefia da Assessoria de Comunicação da Universidade. Então, não dava mais para eu ficar em dois empregos. Eu tinha que ficar o período integral na Universidade. Então, larguei mão da televisão (da Rede Globo local) e assumi a chefia da Assessoria de Comunicação Social, que era jornalismo... fotografia etc. Montamos uma equipe. Isso já estava em andamento desde os anos 82/83/84. Assumi a chefia e assim foi. Toda administração de reitores que havia mudança, eu permanecia no cargo como Chefe de Assessoria.

Entrevistadora: Então, você foi convidado? Você foi convidado para trabalhar na Universidade?

Entrevistado: Não. Foi um processo seletivo na época, antes da era dos concursos. Nos anos 80, havia um processo seletivo, que era tipo um vestibular: fazíamos prova, fazíamos redação. Era um processo seletivo, com candidatos disputando vagas. Eram duas vagas e uma das vagas foi a minha. A outra vaga foi para um outro colega meu, que aposentou agora, recente. Aí, nós dois nos efetivamos. Isso aí foi nos anos 80. Naquele tempo era Fundação Universidade Federal - não era Universidade daqui, como é hoje. Era uma fundação. Então, era carteira registrada, era CLT; era diferente. Quando em 88 - fim dos anos 80, início dos 90 -, ela foi federalizada, deixando de ser fundação para ser autarquia, nós fomos efetivados. Todos os funcionários que estavam na ativa foram efetivados. Aí, em 87, começaram os concursos públicos. Foram seis anos depois que eu entrei.

Entrevistadora: Você permaneceu chefe da assessoria de comunicação até quando?

Entrevistado: Pois é... é por gestão: cada reitor era quatro anos. Eu fiquei como redator normal até 83, 84, 85, 86. Em 85, mudou o reitor; em 86, assumiu um novo reitor e me convidou para um cargo de confiança de chefe de assessoria. Então, foram quatro anos (de 85 a 89). Aí, mudou de reitor. Aí nos anos 90, até 94, foi um outro reitor e eu continuei no cargo. Aí, de 94 até 98, teve outro reitor e eu continuei no cargo. Aí, em 98, entrou um novo reitor e eu saí do cargo. Três anos depois, ele me convidou novamente para retornar ao cargo; então, em 2001, eu voltei para a assessoria e fiquei até 2009. Em 2009, houve uma nova troca de reitor e entrou uma reitora. Aí, eu saí em 2009 e não voltei mais como chefia. Agora, eu sou do quadro de jornalistas; trabalho, atualmente, na rádio. É uma rádio

que, inclusive, naquela gestão de 2008/2007/2006/2009, fui eu quem criei o projeto da rádio. Foi para o Ministério das Comunicações, com todo aquele tempo de burocracia, mas foi aprovada. Já está no ar tem dois anos - três anos, aliás. Essa rádio é onde eu estou agora, fazendo o meu programa, um especial de Literatura, semanal. É lá que eu estou agora, na rádio que foi criada naquela gestão.

Entrevistadora: O que motivou a sua escolha de trabalhar na Universidade? Por que você fez o processo seletivo na época?

Entrevistado: A Universidade sempre foi muito dinâmica. Ela realizava projetos culturais de alta importância na área de música, literatura, teatro. Nessa época, eu cobria muito isso no jornalismo e eu gostava muito. Como era em uma universidade de ponta (era o ícone das realizações aqui no estado), era muito promissor trabalhar na área lá, dentro da Universidade. Me interessei porque ela tem muita interação com a sociedade, era muito integrada à sociedade. Também porque é um veículo interessante para trabalhar na comunicação dela. Eu fui atraído por esse campo. Aí, resolvi que iria fechar a imprensa diária...

A entrevista foi interrompida, por causa da ligação que caiu.

Entrevistado: Alô?

Entrevistadora: Pronto! Voltamos aqui. Caiu a ligação.

Entrevistado: Então, como eu estava dizendo, era atraente, era uma coisa interessante de poder interagir com todos os projetos culturais, com todos os projetos de ponta de universidade dentro da sociedade. A Universidade sempre foi integrada com a sociedade, né? Então, era um atrativo muito interessante trabalhar nesse campo da Comunicação Externa. Esse foi um ponto decisivo para mim.

Entrevistadora: E hoje, do que você gosta no trabalho atual, que você desempenha hoje?

Entrevistado: Hoje, eu me considero realizado no seguinte sentido: foi difícil para criar o projeto da rádio. Ela tem uma boa aceitação dentro da cidade, tem uma programação completa (música, cultura, ciência, tecnologia, inovação, área de Humanas); ela tem uma programação bem variada e ela tem uma boa aceitação dentro da comunidade. Casualmente, por ter sido eu quem deu o pontapé inicial para criar essa rádio, então a minha realização hoje é saber que estou atuante ainda em um projeto que eu fiz parte da criação. Isso é muito satisfatório; dá muita satisfação pessoalmente. Imagine: a gente à véspera de encerramento de carreira - já estou fechando uma carreira -, dentro de um projeto que a gente criou, fez nascer, ajudou a fazer nascer, dentro de uma equipe

dinâmica logicamente (porque tem outras pessoas importantes nesse processo, que ajudaram a criar essa rádio). Ela está funcionando a contento e é bastante satisfatório.

Entrevistadora: A rádio é ligada a alguma fundação? É um programa da extensão?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: A rádio... qual é o status da rádio hoje? Ela é um programa de extensão? Ela é ligada a alguma fundação?

Entrevistado: Não. Ela é ligada à Reitoria da Universidade e é ligada à Secretaria de Comunicação Social. Ela é uma das divisões. Tem a divisão de audiovisual; tem a divisão de jornalismo - que é a assessoria de imprensa. A rádio é uma divisão: divisão de Rádio. Então, é uma rádio oficial, legalizada junto ao Ministério da Comunicação. Está, atualmente, em fase de caráter experimental, porque a Anatel exige uma série de coisas e leva de dois a três anos para deixar de ser de caráter experimental. Mas ela tem uma programação e um encontro de programadores, de locutores, de jornalistas, estagiários já bem segmentado e bem constituído; então, é uma rádio que já está tocando a todo vapor, diariamente. Nesse sentido, é uma realização ver um projeto sair do papel e se tornar realidade.

Entrevistadora: O senhor se aposenta quando?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: O senhor se aposenta quando?

Entrevistado: Esse ano eu já me aposento, eu acredito.

Entrevistadora: Como é a sua rotina de trabalho, atualmente? Eu queria que o senhor descrevesse um dia típico de trabalho.

Entrevistado: Como eu faço o programa de rádio (tenho um programa semanal), eu vou atrás de eventos de livros, não só literários, mas também livros técnicos (de Educação, de Engenharia, de Geografia, de Estatística). Onde existe a palavra “publicação” de livros e tem uma editora, a gente está procurando esses autores e reverenciando os temas deles. Muitos desses livros, muitos desses autores são professores de curso de diversas áreas (Humanas, Biológicas e Tecnológicas) da própria Universidade. Outros são autores independentes de outras universidades estaduais, particulares, e também do setor privado da sociedade. Então, a rotina de trabalho que a gente faz é de introdução: levantar os temas, levantar os livros que vão ser publicados, levantar os autores, os projetos culturais e depois sair atrás deles gravando, ou nos eventos ou após os eventos ou independente dos eventos. Lançamento de livros, palestras, conferências, encontros - diversas atividades relacionadas ao lançamento de obras, a gente está organizando, cobrindo e

buscando fazer a parte de introdução, agendamento, depois entrevista e edição semanal. Então, é um trabalho semanal: toda quarta-feira, às cinco da tarde, vai ao ar. Então, é um trabalho ininterrupto. É basicamente isso! Como não temos uma equipe grande (a equipe é bem contadinha, porque tem área musical e outras áreas da rádio), eu fico com todas as tarefas dessas funções: produção, agendamento, entrevista e edição (junto com o técnico, que é quem mexe na máquina). Semanalmente, já faz dois anos que eu estou nisso. Completou agora, nessa semana, dois anos.

Entrevistadora: Qual é a duração do programa?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: A duração do programa.

Entrevistado: Ele começou com 40 minutos - ficou um ano e meio com 40 minutos. De meio ano para cá, ele caiu para 25 minutos - é a duração dele. É um programa só de entrevistas e de leitura de trechos de textos das obras. É basicamente isso.

Entrevistadora: O senhor se considera um jornalista, trabalhando na Universidade?

Entrevistado: Sim, sim. Com registro. Eu tenho um DRT, que é um de menor número na cidade. Pelo tempo de trabalho... Comecei em 73, aos 16 anos de idade, dentro de uma redação de jornal. Depois, eu tenho curso superior na área de Humanas (não na de Jornalismo). Além disso, há 25/30 anos atrás, fiz o processo para que eu pudesse ser enquadrado dentro de todas as exigências sindicais e legais como jornalista e fui parar como jornalista no quadro da Universidade.

Entrevistadora: Sim. Pelas atividades que você faz na Universidade, você se considera que é um jornalista? Você acha que é mais assessor de comunicação? O que você acha?

Entrevistado: Sou mais jornalista mesmo. Gosto de ir atrás da matéria, de levantar o assunto, ir atrás do entrevistado, de desmiuçar o assunto, dar uma pesquisa no que está acontecendo. Sempre foi assim: a atividade, em si, de jornalismo nunca mudou. Mesmo sendo chefe ou assessor, sempre tive essa preocupação de levantar o material, pesquisar a respeito, evidenciar e publicar.

Entrevistadora: Então, mesmo trabalhando dentro de uma instituição pública, você considera que trabalha com jornalismo, por desenvolver essas atividades?

Entrevistado: Sim! A atividade do jornalismo independe de estar em uma instituição pública ou privada. Eu tenho a visão clara sobre isso porque eu trabalhei em ambos os aspectos: tanto na pública quanto na privada. Trabalhei em rádio, jornal e televisão. Dentro da Universidade, eu não mudo o teor da notícia: a reportagem a ser focalizada e demonstrada, quem está promovendo, o que está acontecendo, quando estará acontecendo

- isso não muda. O que muda é o enfoque, porque... Por exemplo, você tem editoria de Política. Uma coisa é você trabalhar em um jornal e trabalhar na editoria de Política ou da editoria de Economia ou na editoria de Internacional - são enfoques. Se você trabalhar na Universidade, você vai ter um mundo de editorias também, voltados para a difusão do conhecimento, para a difusão do saber universitário. Então, é como uma outra série de editorias, mas o sistema de trabalho é o mesmo. Então, o trabalho é ligado com as dissertações com canais de rádio, jornal e TV da cidade, porque eles querem levantar assuntos que estão dentro da universidade: uma pesquisa sobre a dengue, sobre tal epidemia, “tal médico generalista” ou “tal médico cardiologista”. De um lado ficam esses na imprensa e, do outro lado, dentro da universidade, ficam nós ou fico eu. Sempre levantei os melhores nomes, os melhores trabalhos, para agilizar o meio de campo para a imprensa. Então, é um trabalho de duas pontas: do lado de lá e do lado de cá. Eu não tenho uma divisão ou uma ação inteira, não. Pelo contrário: quebrar esse muro, quebrar esse isolamento é que é o atrativo principal dessa função de jornalismo.

Entrevistadora: Então, o senhor considera que é complementar ao trabalho das redações?

Entrevistado: Sim! Não só complementar, como é fundamental. As televisões, os jornais, hoje, irem dentro do campus coletar a notícia, é uma coisa quase inviável. Se eu tiver alguém da área de jornalismo lá dentro, que viabilize para eles as notícias, que viabilize as fontes, que agende essas fontes e proponha os assuntos e os temas e as matérias... Sem eles, é muito difícil. Eu sei porque eu já trabalhei em televisão e eu precisava da assessoria dos órgãos públicos, de outros órgãos, seja um posto de saúde, seja um banco, seja uma prefeitura. Qualquer órgão sempre tem alguém da área lá dentro, para te auxiliar na sua busca por matéria.

Entrevistadora: Hoje, para quem é que você - não escrever, mas - prepara o seu programa? Quem é esse público?

Entrevistado: O público são professores da rede pública e da rede privada, professores da própria Universidade da área de Humanas e de todas as áreas, porque os livros são diversificados: tem livros desde a área de Computação até livros sobre Radiologia, área médica; e Literatura também, porque tem contos, poesias e trabalhos literários; temas de mestrado e de doutorado na área de Humanas e Filosofia, Psicologia e Sociologia, Geografia, História. É uma efervescência de temas de livros que circulam impressionante. Então, o ano inteiro fazendo entrevista e ainda fica devendo... Eu tenho dois anos e não consegui um terço da capacidade da produtividade geral de todas as unidades da

Universidade. Então, é preciso escrever o roteiro para apresentar o programa, para a apresentar a pesquisar, para falar do livro. Tem que ter uma coisa escrita inicialmente, para você ir executando na rádio. Não é solto, né?

Entrevistadora: Certo! Você se relaciona com outros jornalistas? Dentro do seu programa, não, né?

Entrevistado: Eu preciso, sim. Atualmente, por exemplo, eu estou precisando de uma jornalista da Academia de Letras. Olha só: ela levanta umas coisas que estão acontecendo na Academia de Letras, levanta nomes de eventos importantes, seminários e palestras importantes, conferências importantes, que, se eu for procurar com o presidente, é difícil, porque ele está super agendado, não atende. Então tendo o jornalista que cuide disso... Inclusive, eu falei com ela ainda essa semana. Ela ajeitou, agora, entrevistas para mim, de acordo com os temas que eu estava procurando. Então, agora é o contrário: eu, como um profissional de rádio, procuro assessoria de setores que lidem com livros - assessorias de editoras. Esses dias, eu procurei uma assessoria de uma editora de grandes livrarias que vendem grandes volumes de livros, para saber, por exemplos, quais os livros mais lidos da semana, do mês. Eu procuro e profissional de lá para me auxiliar. Então, é o contrário.

Entrevistadora: Sim! E jornalistas dentro do seu setor? Existem alguns que você tenha contato ou se relaciona?

Entrevistado: Sim! No meu setor, por exemplo, tem uma jornalista, que está sempre me ajudando na produção, levantando tema, fazendo agendamentos. Ela também é responsável pelo jornal da rádio. Mas ela também, em certo momento, me ajuda na produção das minhas entrevistas e reportagens. Então, é uma das que eu conto basicamente, porque a equipe é pequena, então não dá para diversificar muito.

Entrevistadora: A outra pessoa que você se relaciona é o técnico, né?

Entrevistado: Sim! É o que mexe nas máquinas para copiar, para ajudar na edição, cortar, diminuir, aumentar, pôr músicas, fazer a trilha, enfim.

Entrevistadora: Na rádio, existe algum tipo de orientação sobre como deve ser feita a cobertura da Universidade ou você fica muito à vontade e tem uma certa independência e autonomia de trabalho?

Entrevistado: Tenho. Há certa autonomia dentro da minha área de trabalho porque eu tenho segurança no que eu faço. Eu tenho doutorado em Literatura, então, sendo nessa área, eu tenho bastante segurança no que vou falar, no que vou fazer, no que vou mostrar, como vou mostrar, que livros e de que maneira vou mostrar o escritor, de que maneira

vou entrevistar o escritor ou o editor ou o conferencista ou o palestrante. Eu tenho muita segurança, então faço uma coisa dentro das normas - vamos dizer assim - normais de rádio. Tem exageros, tem apelações, mas de forma que seja atraente para o público; não é aquela coisa formal demais ou oficial - não! Ela é aberta e ela funciona como uma rádio comercial, só que sem ser comercial. Tem aquela coisa de estar formalizado, bem descolada, vamos dizer.

Entrevistadora: Mas você recebe alguma orientação por parte da equipe da Assessoria ou da Reitoria? Há alguns pedidos de coisas para divulgação?

Entrevistado: Só sugestões, só sugestões. Tipo assim: *“tal tema, tal escritor ou tal livro poderia ser uma boa para entrevista”*. Sugestões! São apenas sugestões de pauta. Nenhuma norma rígida, do tipo *“não pode isso! Não pode aquilo”*.

Entrevistadora: Sim. A sua relação com os públicos internos da Universidade: você tem relação com estudantes, com professores?

Entrevistado: Sim! Com o pessoal do mestrado, principalmente os mestrados da área de Humanas, ou na área de Saúde e Psicologia, na área de Educação, também com professores da pós-graduação, da graduação. É um vínculo enorme. Muitos deles são não só meu público (recebo retorno, feedback, sugestões), como também muitos deles são nossos entrevistados, porque são autores de trabalhos importantes.

Entrevistadora: Entendi!

Entrevistado: Assim como professores das escolas municipais, estaduais e particulares, que trabalham com Literatura, com o ensino de Artes Literárias e que trabalham com Língua Portuguesa nas escolas. Também é um público com quem eu trabalho muito.

Entrevistadora: Eu tenho uma pergunta, mas eu acho que a resposta para você, como você trabalha sozinho, a pessoa de referência talvez seja você mesmo, né? A pergunta era sobre se tem alguma pessoa de referência no seu grupo de trabalho, hoje. Por que essa pessoa se tornou alguém de referência?

Entrevistado: Não tem, porque eu sou o único do quadro da Universidade - quadro de concursados - que tem o título nessa área, nesse ramo, que é a Literatura. Os outros não são do quadro, estão contratados terceirizados - a equipe inteira de jornalistas. Tem os estagiários, mas são os estudantes de jornalismo. Então, sendo assim, os referenciais são aqueles que eu trouxe da pós-graduação.

Entrevistadora: Você tem estagiários no seu programa?

Entrevistado: Não tenho. Eu tinha, no passado, lá no comecinho. Depois, houve os cortes, as diminuições, aí os estagiários foram priorizados para o jornal diário. Então, no jornalismo diário é onde eles estão alocados.

Entrevistadora: Tem alguma situação que te deixa um pouco estressado ou decepcionado com o seu ambiente de trabalho?

Entrevistado: Não. Isso, não. De jeito nenhum! Eu não fico sentado em uma mesa, o tempo inteiro. Eu trabalho circulando muito. Nossas entrevistas são todas gravadas - elas não são ao vivo. Eu círculo muito, para ir tranquilo. Hoje, por exemplo, eu entrevistei um cronista; amanhã eu vou entrevistar um doutor em Informática, que tem que desenvolver um *software* e eu vou ouvir um pouco sobre aquele *software*. Então, é bastante variada a temática. Então, eu saio muito nesse sentido: hoje eu estou em um lugar; amanhã eu estou em outro; depois eu estou em outro. A cada semana, para cada programa, eu vou a algum lugar, porque tem um tema diferenciado e uma pessoa diferenciada. Então, não tenho esse tipo de dificuldade, não.

Entrevistadora: Você trabalha com coberturas polêmicas ou não? Sempre é o mesmo tema de Literatura?

Entrevistado: Tem polêmicas também. Por exemplo, esses dias mesmo teve uma escritora de livros eróticos. Naturalmente, ela falou sobre o processo criativo dela e como ela cria as histórias a partir de outros livros eróticos publicados. A questão do erotismo e o fato de ela ser mulher gera preconceito. “De que maneira isso se manifesta na rede social?”. Então - vamos dizer assim - ela desabafou muitas coisas que ela tinha trancadas. Não é uma dificuldade esse tipo de abordagem; é só saber como se diz - assim como se faz com os outros temas. Não tenho tido reclamações nem críticas a esse respeito.

Entrevistadora: Quando eu perguntei de polêmico era no sentido não só do assunto polêmico, mas de receber isso: alguma reclamação, alguma chamada de atenção - seja da Reitoria ou mesmo do público.

Entrevistado: Não. Nenhuma, nenhuma! Tem toda liberdade. Nunca houve qualquer... Pelo contrário, é só elogios. É até estranho porque “*gostei de tal programa*”; “*aquele da semana passada estava muito bom*”. É normal! São abordagens variadas, então dá para agradar uma vasta linhagem de ouvintes, desde aqueles mais técnicos até os mais literatos. Então, eu tenho tido esse tipo de cobrança, não.

Entrevistadora: Você acha que o assessor de imprensa - o jornalista que está dentro da Universidade, que trabalha na assessoria, por exemplo, ou mesmo em alguns programas da rádio e que divulguem a Universidade - é jornalista também?

Entrevistado: Sim! É jornalista. O melhor chefe da comunicação, que é chefe da rádio, é jornalista. Todos os chefes das divisões são jornalistas: a chefe geral, a subchefe, a chefe de divisão. Todos são jornalistas.

Entrevistadora: De uma maneira geral, você acha que o assessor de imprensa é jornalista?

Entrevistado: Sim! Já houve relações públicas também, mas agora já faz tempo que não tem um relações públicas na chefia. No nosso caso específico, é sempre jornalista. Nos anos 80 teve um relações públicas como chefe.

Entrevistadora: Agora, pensando de uma maneira geral, não só na Universidade, mas na função de alguém que exerce assessoria de imprensa: você acha que essa função é trabalho de um jornalista? Assessoria de imprensa é fazer jornalismo?

Entrevistado: A assessoria de imprensa?

Entrevistadora: Você considera que a assessoria de imprensa é fazer jornalismo?

Entrevistado: É uma atividade de jornalismo, sim. Aqui nós não temos faculdades e nem muitas demandas que seriam dos relações públicas. Não tem mais. Então, essa atividade é de jornalismo - pode ser jornalista radialista ou jornalista de televisão ou repórter de TV, mas é de jornalismo, sim. É por causa das especificidades que o cargo exige: exige experiência de jornalismo.

Entrevistadora: Por conta da atividade que desempenha no dia a dia?

Entrevistado: Isso! Colocar um economista, um filósofo ou um historiador não é a mesma coisa. Os relações públicas tentaria, mas nós não temos um quadro de relações públicas que poderia suprir essa demanda. Então, fica nas mãos do jornalista e o ideal seria isso.

Entrevistadora: Você acha que o jornalista não deixa de ser jornalista porque assumiu um cargo de assessoria de imprensa?

Entrevistado: Não! A função básica dele é jornalismo; ele tem que ser. Ele tem que saber levantar a pauta, levantar a fonte, preservar ou não a fonte, vender aquela imagem para a imprensa, passar aquilo adiante. É uma experiência de natureza jornalística. Se não for dessa área, não exerce bem a função e quem vai sofrer com isso está lá na ponta, que é a imprensa: vai ter muitas matérias que não vai ter a fonte, vai ter muita matéria que não vai estar contente como a redação desejava, porque não tem o jornalista na parte de dentro da instituição para uma orientação.

Entrevistadora: Para você que tem experiência em outros lugares (redação de TV e tudo mais)...

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: Você tem experiência em outras áreas do jornalismo, como redação de TV, jornal. Qual é a diferença que você acha entre trabalhar na Universidade e trabalhar com jornalismo nesses outros lugares? Tem diferença?

Entrevistado: Não. Não! Porque você tem que levantar a fonte da mesma maneira como se você estivesse dentro da redação da TV. Por exemplo, hoje me ligo um jornalista para saber de um escritor que eu entrevistei. Vamos supor que eu entrevistei um escritor que fez um livro interessante. Ele me ligou. Eu me sinto como se fosse corpo da redação daquela TV, para poder ir atrás do telefone daquele escritor, para poder conversar com aquele escritor, para poder disponibilizar isso para entrevista, para poder reunir a obra dele para eu poder repassar isso para a redação. Então, eu sempre defendi essa hipótese nas reuniões de trabalho, quando eu era chefe da assessoria: nós somos uma parte dos jornais e TVs dentro da Universidade. Nós trabalhamos dentro da Universidade igual trabalham em jornal e TV, com a diferença que lá é correria, porque todo dia tem que ter um giz de pauta na mão - o *deadline*. “*Às cinco da tarde tem que encerrar*”. A diferença é que nós não temos esse *deadline* e essa correria que tem lá. Mas nós somos parte integrantes daquele processo daquela rádio, daquele jornal, daquela televisão, que nos solicita tal e tal matéria.

Entrevistadora: Você considera que tem essa identificação entre os jornalistas que estão na Universidade e os jornalistas de fora. Pensando no servidor público: tem diferença entre um servidor público de uma outra área qualquer e um servidor público jornalista, em relação às responsabilidades, ao modo de se trabalhar? Você vê alguma diferença?

Entrevistado: Sim! Tem muita diferença. Quem trabalha com registro de diploma ou com estatística: tem aquela coisa concentrada naquilo ali; todo dia tem aquela tensão sobre os números no centro daquele registro. Aquele é o expediente dele. Jornalista, não. Ele tem que estar com ele. Por exemplo: há uma informação de que tem pacientes deitados no chão do corredor do hospital da Universidade. Jornalista tem que ir; o jornalista da Universidade tem que ir lá para ver se isso é fato e ver quantos pacientes estão deitados no chão e se isso se corresponde ao fato, se é verdade. Se for verdade, ele tem que voltar para a assessoria e comunicar a imprensa que isso procede e que o Doutor Tal vai falar por que aquele paciente está no chão. Então, a natureza do trabalho do jornalista é diferente da natureza do trabalho burocrático dos outros técnicos; é completamente diferente. Você está dentro da redação, conectado a um universo de informações, indo atrás, ligando, indo ver, participando de cobertura, tem que fotografar para mandar para

a imprensa, tem que fazer release do que aconteceu hoje à tarde para mandar para todos os jornais. Então, nunca é um dia igual ao outro. Não existe uma rotina. Não existe uma semelhança. Enquanto os servidores trabalham com a folha de pagamento, todos os dias ele faz religiosamente aquelas mesmas atividades; o jornalista, não! Ele faz atividades diferentes a cada dia. De segunda a sexta - vamos por aqui: são cinco dias de trabalho diferente. Cinco dias em outros técnicos administradores são cinco dias iguais.

Entrevistadora: Qual foi a última capacitação que você fez: curso ou formação?

Entrevistado: Eu fiz todas as capacitações: fiz de língua portuguesa, fiz várias de redação (vários cursos técnicos de redação), fiz especialização, fiz mestrado, fiz doutorado. Fiz tudo o que eu tinha direito de fazer. Fiz todos os cursos. Eu acho que de capacitação eu fiz cinco cursos. De pós-graduação, eu fiz três cursos: especialização, mestrado e doutorado.

Entrevistadora: O último foi em que área?

Entrevistado: O doutorado?

Entrevistadora: Sim. Ele foi o último que você fez?

Entrevistado: Foi no ano passado. Foi em Literatura.

Entrevistadora: “Literatura”. Você é sindicalizado?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: Você é sindicalizado?

Entrevistado: Se eu sou sindicalizado?

Entrevistadora: Isso!

Entrevistado: Sim, sou!

Entrevistadora: Mas é o Sindicato dos Servidores, dos Jornalistas ou dos dois?

Entrevistado: Só dos Servidores. Eu era dos Jornalistas até um tempo atrás. Depois extingui; não precisou mais. O Sindicato dos Jornalistas daqui é mais atuante e indicado para quem trabalha na imprensa privada, na imprensa das empresas - caso de dissídio coletivo, reajuste, demissão, admissão, mudança de cargos. Na esfera do serviço público federal, ele não tem tanta demanda e nem essa influência. Tem um sindicato nosso, dos servidores públicos. Aí, sim. Mas são raras as ocorrências.

Entrevistadora: Tem alguma demanda específica dos jornalistas que trabalham na Universidade para o Sindicato dos Servidores Públicos?

Entrevistado: Não. No momento, é só a questão salarial. Eu acho que é a questão do ajuste ou de alguns benefícios que eles querem. Não tem uma coisa... Já foi pior. Agora

está mais tranquilo. Não tem uma corrente mais saltitante, não. Está mais para águas paradas do que para águas agitadas.

Entrevistadora: Para finalizar, eu queria fazer uma última pergunta. Ela tem mais a ver com a sua atividade que você desenvolveu como chefe da assessoria do que com a sua atividade de hoje. O que eu queria saber é como, na época em que você estava como chefe da assessoria, você negociava determinadas coberturas que poderiam manchar a imagem da instituição ou poderia ser alguma situação polêmica, que envolvesse a Reitoria. Como você lida e negociava isso no dia a dia?

Entrevistado: Sempre fui... Até causei alguns transtornos porque sempre fui a favor da verdade, até por ser jornalista e até por ter grandes amigos e companheiros na imprensa. Citei agora o exemplo de paciente sentado no chão. Isso já ocorreu e isso eu já vi. O que acontece? Chega no reitor e fala *“Reitor, o hospital está tratando mal a população. Tem gente lá que não tem maca e nem cama e eles estão deitado no chão. Vai sobrar para aqui. Eu não vou falar que não tem isso, não. Vou ter que falar para a imprensa que isso realmente ocorre. Agora, a questão básica é a seguinte: providências podem ser tomadas para evitar esse tipo de quadro, coisas podem ser feitas para que isso não aconteça. É outra história. Mas que isso vai a conhecimento da imprensa, isso vai. Não vamos mascarar nada e nem pintar o que não existe. Vamos administrar as crises”*. Então, a imprensa toma conhecimento desses problemas. O que eu fazia? Chamava todos os secretário do campus e eu dava uma entrevista coletiva, onde o reitor explicaria a situação e o diretor responsável pela crise ou do hospital (ou de obras, como acessibilidade e escadarias, prazos que venceram)... Então, vinha o responsável por isso e o reitor, para explicar para a imprensa que isso é um fato, mas que ia ser tomada tal, tal e tal providência. Nunca mascaremos a realidade. Dentro disso, já tive várias discussões, minhas e com os reitores da época, porque, em alguns casos, eles ainda achavam que (?) para ver a imprensa e levar a imprensa. Eu: *“mas já está nas mãos da imprensa. A imprensa já tem essa informação. O que não vai acontecer é eu ir lá e mascarar a informação”*. Eu acho que a gente tem que trabalhar para ver como fica para mudar essa realidade. O que realmente é uma falha da instituição precisa ser corrigida: era essa a minha condição. Sempre tive uma posição assim, diante das crises, administrando dessa maneira. Aí, envio à imprensa que está certo, colocava tudo o que tinha que fazer e, a partir daquilo lá, partíamos para as providências para solucionar os problemas. A imprensa acompanhava depois até a solução. Aí, acabava sendo um final bacana, porque

as coisas se resolviam e ficava bem no final. Nunca teve um problema maior que eu tivesse que passar alguma coisa justa ou que tivesse que coibir a informação.

Entrevistadora: Por que você achava importante lidar dessa maneira?

Entrevistado: Porque essa é a função do assessor: a função dele é intermediar uma instituição com a imprensa com transparência. Não se pode ser transparente coibindo ou mentindo ou escondendo fatos. É esclarecendo fatos e o que tiver de errado tem que ser resolvido. Então, a questão mais básica é essa: estão cobrando solução, então vamos solucionar. Ninguém está cobrando o que não existe; ninguém está inventando a roda. Tem um problema que precisa ser solucionado, então esse problema tem que ser solucionado. É assim que é.

Entrevistadora: Você falou do caso que a imprensa tomou conhecimento. Mas vocês faziam também matérias de alguns problemas na Universidade?

Entrevistado: Sim! Com certeza! Está dentro dos nossos veículos de comunicação, que eram os jornais internos que havia, boletins, reuniões de grupos de trabalho. Eram colocadas as questões, os problemas, os nós, as amarras em alguns pontos. Era basicamente dessa maneira que funcionava.

Entrevistadora: Aí, escutava a administração para saber qual era o posicionamento da Universidade?

Entrevistado: Sim! Sempre tem que ter um posicionamento oficial e uma solução para aquele problema. Aí, depois, a imprensa acompanhava, por uma semana, duas semanas, um mês que fosse. A imprensa dava continuidade até solucionar, até um desfecho. Sempre havia um desfecho positivo.

Entrevistadora: Está certo, então. Pois eu agradeço a sua participação e a sua colaboração com o meu trabalho, tá bom? Quando estiver perto do período de defender (a previsão é no final do ano), eu aviso e divulgo o trabalho.

Entrevistado: Está bem. Depois, me manda uma cópia.

Entrevistadora: Sim! Obrigada! Boa noite.

Entrevistado: Estou à disposição. Obrigado! Boa noite.

APÊNDICE B – Entrevista 2

CASTANHEIRA, Margarida. **Entrevista 2**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (45 min e 03 seg.)

Entrevistadora: Alô?

Entrevistada: Oi!

Entrevistadora: Oi! Tu está me ouvindo?

Entrevistada: Estou. Estou ouvindo.

Entrevistadora: Certo! E aí, a gente pode começar?

Entrevistada: Claro! Pode falar.

Entrevistadora: Pronto! Eu queria que tu começasse falando por que tu escolheu ser jornalista e quais foram as suas experiências profissionais, de forma resumida, até chegar na Universidade.

Entrevistada: Tá! Então, é muita coisa, mas vamos lá. Eu escolhi ser jornalista porque eu ouvia muito rádio ao ir para a escola. Eu ia de carona com o meu tio e gostando de ouvir as notícias e tals. Foi bem na época do Mensalão - acho que era por volta de 2005. Aí, eu gostei da linguagem do rádio. Eu acho que, naquela época, quando você é muito adolescente, você não sabe direito o que quer ser, mas eu achei que seria interessante fazer aquilo, que eu gostaria de fazer aquilo. Eu escolhi jornalismo por isso. Não é nada muito profundo, mas foi de ver e ouvir. Das minhas experiências profissionais: eu trabalhei com rádio, na Rádio Universitária; trabalhei em um sindicato também; com assessoria de imprensa também, para o governo do estado. Depois, eu passei nesse concurso e vim para cá. Aí, vim trabalhar na TV Universitária. Mas, basicamente, a minha trajetória profissional sempre foi relacionada à Universidade, especialmente o ensino, tanto é que quando eu decidi estudar para concurso, muito motivada por conta do mercado, que não era bom e pagava mal... eu decidi porque já gostava do trabalho que eu fazia na Rádio Universitária, como terceirizada. Aí, eu decidi fazer concurso apenas para instituição de ensino. Então, eu tentei em outras universidades e IF's (dois IF's). É isso!

Entrevistadora: Então, a sua escolha por estar na sua Universidade por que já era o que tu gostava?

Entrevistada: Era! Eu trabalhava na Rádio Universitária com um programa de educação, um programa diário, e eu gostava muito daquilo já, só que eu não tinha estabilidade - o que, para mim, era importante - e também não ganhava bem. Mas eu queria continuar em uma Universidade.

Entrevistadora: Qual foi o ano em que tu entrou na Universidade?

Entrevistada: Na Universidade, no meu curso?

Entrevistadora: Não! Que você entrou mesmo, no concurso.

Entrevistada: Eu passei no concurso de 2015 e comecei a trabalhar em janeiro de 2016.

Entrevistadora: E quais são as diferenças que tu percebe de trabalhar na Universidade e trabalhar em outros lugares (trabalhar no Governo do Estado, trabalhar no sindicato)? Quais são as principais diferenças?

Entrevistada: Eu acho que é uma questão política. Todos esses ambientes têm direcionamento político. Mas, por exemplo, no governo do estado é muito mais forte, então, se muda a gestão, muda totalmente a forma de pensar a comunicação e você fica muito refém disso. Quando eu trabalhei no Governo do Estado, eu trabalhei na Secretaria, aí mudou o secretário; aí, muda todo o seu trabalho também. Era assessoria de imprensa o que eu fazia, então os jornalistas me pediam coisas e, lá dentro, algumas coisas eles pediam para eu dificultar mesmo, para eu não falar tão abertamente. Isso era muito ruim! Eu não me sentia fazendo jornalismo, na época. Tanto na Prefeitura como no Governo do Estado, quando muda de Secretário, foi muito ruim para mim: não gostei dos secretários que entraram e das coisas que tinha que fazer. Na Universidade, eu acho que, por mais que tenha uma certa interferência da gestão, você é mais livre para propor coisas e tal, você tem mais liberdade para pautar, mesmo tendo uma diretriz do que publicar e do que fazer.

Entrevistadora: Como é a sua rotina de trabalho, atualmente? Tu chega...? Como é que é: horário e as atividades que você desempenha?

Entrevistada: Então, trabalho de segunda a sexta, das 8h às 13h. O horário é de cinco horas de jornalista. Aí, eu faço produção de pauta, tanto para mim ou para estagiárias - a gente trabalha muito em parceria com estagiários, estudantes de Comunicação. A gente orienta eles nas pautas. Mas eu também faço um trabalho de publicação e de redes sociais. A gente tem Instagram, Facebook, Twitter e YouTube. Eu que alimento essas redes. Basicamente, eu tenho que alimentar todos os dias, trazer coisas todos os dias, mais divulgando o trabalho que a gente faz. É isso! Atualmente, estou fazendo uma série documental. Eu estou mais voltada para isso do que para a produção diária. De vez em

quando a gente tem alguns projetos especiais, uns trabalhos mais diferentes, aí a gente fica mais focados nesses, aí se reveza lá na TV.

Entrevistadora: É sobre o quê a série?

Entrevistada: Essa série é sobre uma viagem que foi feita em uma disciplina. É uma disciplina transdisciplinar, então vão estudantes de vários cursos. É uma disciplina sobre tópicos especiais sobre a Amazônia. Eles viajaram pela Amazônia, durante 20 dias, para conhecer territórios, populações, outras universidades no meio do caminho. Aí a gente foi acompanhar mesmo - eu e um companheira de trabalho -, e aí estamos fazendo essa série documental sobre a vivência amazônica dessa viagem.

Entrevistadora: E o que você gosta no seu trabalho atual?

Entrevistada: O que eu gosto de fazer? Eu gosto, basicamente, disso: surgiu uma atividade dessa, que é de uma disciplina, aí a gente tem liberdade de propor essa pauta e, às vezes, dependendo da viabilidade financeira (se vai ser possível ir ou não), a gente consegue executar os projetos. Então eu gosto disso: a gente pode fazer coisas diferentes; a gente tem oportunidade de fazer coisas diferentes; a gente sai um pouco da rotina. Além de mim, eu tenho uma colega que tem mais interesse para essa coisa de parto, parto humanizado, então ela fez um documentário sobre parto. Uma outra colega fez um documentário sobre violência doméstica - na verdade, não foi nem violência doméstica; foi violência contra a mulher, de um modo geral. Mas sempre buscando relação com os professores e com disciplinas da Universidade. Tem que fazer essa relação.

Entrevistadora: Então vocês trabalham com temas gerais, mas tentando usar as fontes que vocês têm dentro da Universidade?

Entrevistada: É! A gente pode usar e usa bastante fontes externas, mas é importante que tenha essa conexão com a Universidade. Então, em algumas pautas, por exemplo, a gente busca mesmo no repositório institucional de dissertações e teses. Então, a gente está sempre olhando ali o que vale uma pauta, porque, algumas vezes, tem algo que vale algo maior. Aí, vai muito do interesse de cada jornalista: eu já tive uma curiosidade com a Amazônia e me interessei por isso, aí eu fui atrás de viabilizar essa viagem. Essa colega dos partos humanizados já conhecia o trabalho de uma professora, então ela conversou com essa professora, que indicou outras fontes - não só da Universidade que ela indicou, mas veio de uma pessoa da Universidade.

Entrevistadora: Fora essas séries documentais, o que vocês têm de rotina mesmo, diariamente? Tem programa diário?

Entrevistado: A gente tem, na verdade, um programa... tem dois programas que saem mais: que é um programa de reportagem [e outro de] informe. A gente pauta todo dia esses dois programas. À medida que a gente vai pautando e produzindo e editando, eles já vão sendo lançados no ar. Então, todo dia tem matéria nova no ar. A gente pauta isso: a gente pauta eventos que acontecem na Universidade, que a gente deixa mais para o informe, por ser uma coisa mais curta. As reportagens a gente faz mensal sobre os eventos. A gente busca fazer mais reportagens sobre as pesquisas que estão sendo feitas, né?

Entrevistadora: Então, esses dois programas são mais voltados para os temas da Universidade mesmo?

Entrevistada: É! Sim! Aí, tem outro também que nós fazemos desde a produção até contactar professores. A gente pega algum tema ou que está sendo discutido na atualidade ou um tema que tenha a ver com a pesquisa do professor. Convida duas pessoas para debaterem e eles debatem entre si. Não tem mediação de jornalista. A gente só faz esse contato, basicamente.

Entrevistadora: Vocês divulgam a produção no canal do YouTube e tem um canal também na TV fechada, né?

Entrevistada: Tem! Só que, quando a gente pensa a produção, hoje em dia, a gente pensa pensando na internet. Eu estou falando por mim, mas eu acho que é o que todo mundo meio que pensa lá na TV. A gente acaba que faz mais para a internet, mas o veículo principal seria a TV. Acho que, com a mudança dos tempos e com essa força da internet, acaba que a gente produz pensando na internet.

Entrevistadora: Mas o canal é só de vocês na TV fechada ou tem produção de outras universidades?

Entrevistada: Tem produção de outros lugares. A gente não daria conta de fazer uma produção o dia inteiro. A gente não teria perna para isso. Então, tem produção de outras TVs, tem uma parceria com a Associação Brasileira de TVs Universitárias, então acaba que usa produção de muitos outros canais.

Entrevistadora: É aquele Canal Universitário que vocês ficam?

Entrevistada: O nosso? Ele é só na TV fechada. Existe um projeto da TV ir para a TV aberta também, para compartilhar com o canal da Câmara (TV Câmara). Parece que está quase saindo já.

Entrevistadora: Mas esse canal da Net é aquele Canal Universitário, que vocês dividem com outras instituições de ensino?

Entrevistada: Não é que a gente divide com outras instituições. A gente tem esse canal; é nosso. Aí, a gente usa outros programas de outras TVs na nossa programação. Mas não é outro canal dividido com outras TVs universitárias, não.

Entrevistadora: Entendi! E o que te deixa mais estressada no ambiente de trabalho, que tu fica um pouco decepcionada ou desanimada?

Entrevistada: Lá na TV especificamente, eu acho que é relacionamento. Eu já cheguei em um ambiente em que havia uma divisão de turnos (manhã e tarde), aí há essa competição entre os colegas. A gente sente que existe, sabe? Eu acho que isso é a coisa mais chata.

Entrevistadora: Mas, então, é mais relacionamento dentro da TV, e não com outros públicos?

Entrevistada: Não! Relacionamento dentro da TV, entre os próprios colegas; entre os turnos, na verdade. Eu acho que é a parte mais chata. Eu acho que a gente, dentro, não sabe se comunicar, a gente não sabe sanar problemas - eu penso isso. Quando eu cheguei, já existia um pouco isso e eu acho que, com a chegada de mais servidores, isso foi ficando mais forte. Só que também não é aquela coisa declarada, sabe? É só algo que se sente. Tem alguns momentos de crise, mas, no dia a dia, meio que fica ali. Não sei se dá para entender o que eu estou querendo dizer, mas no dia a dia não dá para perceber que é uma disputa declarada; a gente só sabe que existe.

Entrevistadora: Não há conflitos, enfrentamentos no dia a dia.

Entrevistada: Não! No dia a dia, não. Já houve, em momento de crise. Já houve!

Entrevistadora: E são quantos na sua equipe de trabalho de jornalistas?

Entrevistada: Somos quatro jornalistas de manhã e quatro jornalistas à tarde - isso na produção. Acaba que tem outros dois jornalistas que ficam na programação - um à tarde e outro de manhã.

Entrevistadora: E vocês têm a figura de um chefe, de um diretor?

Entrevistada: É, a gente tem um diretor, mas, na produção, é basicamente a gente que decide. Somos quatro jornalistas, mas a gente se reveza. A cada ano um de nós fica como coordenador da produção, que aí facilita na coordenação das atividades, quem vai para determinada reunião. Então, a gente faz esse revezamento anual, para não sobrecarregar para ninguém, porque a gente não recebe por isso. Esse coordenador fica responsável pela avaliação dos estagiários e fica com algumas atividades burocráticas também.

Entrevistadora: Há alguma divisão de tarefas entre quem atua de manhã e quem atua à tarde?

Entrevistada: Sim! Somos quatro, né? Eu, por exemplo, nesse momento sou responsável por alimentar as redes sociais, além da produção. Tem uma outra jornalista que sobe as matérias para o YouTube, porque isso demanda um trabalho, de ficar subindo mídia (a internet demora, tem que escrever o texto que vão para o YouTube). Quem fica com as redes sociais também tem que pensar em como vai divulgar determinado produto, que texto que vai fazer, então é uma atividade extra. Mas todos fazem produção também. E tem o jornalista que fica coordenando todas as atividades e também é responsável por mandar a pauta diária para todo mundo. A nossa pauta, a gente fecha todos os dias. Então, hoje esse jornalista fechou a pauta de amanhã.

Entrevistadora: A equipe da tarde trabalha em uma outra lógica? É uma outra rotina, independente de vocês?

Entrevistada: É mais ou menos parecida: também tem jornalista que vai subir vídeos à tarde. Todo dia a gente tem muitos vídeos para subir: são, em média, uns seis vídeos e alguns são muito grandes. A gente, às vezes, faz íntegra de eventos. A reunião do Conselho Universitário, por exemplo, que às vezes, tem duas horas, duas horas e meia. Isso demanda um tempo, então sempre tem jornalista de manhã e tarde que fica responsável por fazer essa subida dos vídeos e postar coisas nas redes sociais. Mas, basicamente, é isso. Também tem a figura de um coordenador à tarde e os outros dois jornalistas ficam livres para pautar também. Mas todo mundo produz pauta, para si ou para os estagiários.

Entrevistadora: Entendi! Existem outros profissionais, além dos jornalistas. Essa divisão que você falou, esse clima de competição entre os turnos, isso repercute nos outros profissionais também? Eles também seguem isso?

Entrevistado: Sim. Acaba que vai para a TV toda. Eu acho que falta - sei lá - alguém de fora que venha e consiga olhar e entender o que acontece e tentar propor ações para acabar com isso. Acho que é possível, mas acho que falta alguém experiente nisso, de relacionamento, de gestão de pessoas.

Entrevistadora: Essa divisão chega ao ponto de, por exemplo, vocês da manhã fazem um programa e quem é da tarde faz um outro programa? Ou todo mundo trabalha no mesmo programa?

Entrevistada: Todo mundo tem que pautar as reportagens, mas acaba que tem um programa ou outro que só a manhã faz ou só a tarde faz. Mas as reportagens todo mundo tem que fazer, todo mundo faz.

Entrevistadora: Como é a relação com os jornalistas de fora da Universidade? Você tem contato?

Entrevistada: Como a gente não é assessoria de imprensa, a gente quase não tem contato com outros jornalistas.

Entrevistadora: A relação com os profissionais de dentro de Universidade, com a comunidade acadêmica, de uma maneira geral, com os gestores, com os professores, com os técnicos, qual é o público que vocês têm mais contato?

Entrevistada: Qual é o público o quê?

Entrevistadora: Que vocês têm mais contato.

Entrevistada: Eu não saberia dizer se é com professor ou se é com estudante. A gente é muito procurado por esses dois públicos. É um professor que quer divulgar sua pesquisa, os estudantes que querem divulgar suas atividades. A gente tem contato com esses dois públicos. Tem estudante que quer divulgar uma banda ou atividades culturais também. Então eles nos procuram muito nas redes sociais. Os professores às vezes vão lá na TV mesmo para divulgar alguma coisa ou um projeto que eles estão executando no momento. Então, tem contato com esses dois públicos.

Entrevistadora: E com a gestão da Universidade, vocês têm muito contato ou vocês ficam mais livres?

Entrevistada: Não. Na gestão anterior, a gente demandava mais da Administração; a gente que buscava um contato e tal. Agora, nessa gestão, a gente é muito demandado; eles procuram muito a gente. Por exemplo, a cada ano a reitora pede para a gente fazer uma entrevista de avaliação, só para avaliar a gestão daquele ano - o que a gente sempre faz. Eles têm a campanha também: todo ano eles estabelecem um tema para a campanha institucional. A gente acaba fazendo muitos vídeos institucionais para poder divulgar essa campanha. Então, tem reuniões para fazer definições do que vai ser pautado durante o ano e alguns programas chave.

Entrevistadora: Essas decisões do que vai ser divulgado na TV e do que vocês vão produzir, elas partem de vocês ou tem muita orientação da reitoria ou é misturado?

Entrevistado: Eu acho que é meio misturado. A Reitoria pede coisas também. Tem a nossa chefe que também pede. “*Ah, isso aqui tem que fazer*”, porque ela é cobrada por algum professor. Então, ela acaba “*então, faz*”. Algumas coisas que, a nosso ver, não seria interesse de mais pessoas, mas a gente acaba fazendo. E também tem o nosso: a gente que decide a pauta. Pelo o que a gente vê que está acontecendo, a gente busca nas

redes sociais ou alguma coisa que acha que é interessante e que pode gerar interesse, aí a gente vai fazendo.

Entrevistadora: Como é que vocês negociam no dia a dia essa vontade dos diversos públicos com o que vocês acham que deve ser feito?

Entrevistada: É tranquilo! A Reitoria pediu, a gente faz. A diretora pediu, a gente também faz. Aí, a gente vai só encaixando no dia a dia. Mas, basicamente, a gente não nega os pedidos, só se não tiver mesmo muito a ver ou se a gente não tiver equipe para o dia, aí a gente nega uma coisa. Mas, geralmente, a gente tende a atender o público, inclusive os públicos de professores, de estudantes, de servidores - a gente sempre faz alguma coisa. Por exemplo, às vezes tem um professor querendo divulgar um evento e quer que a gente vá fazer a cobertura desse evento - às vezes, eles querem na íntegra. A gente diz que não é possível. Às vezes, a gente vê que para uma reportagem nem rende, mas a gente opta por divulgar o evento. Então, de alguma forma, a gente sempre divulga.

Entrevistadora: Então a maneira que vocês encontram para atender, mesmo quando são pedidos que vocês acham que não vai render, é procurando outras alternativas?

Entrevistada: É! A gente vai encaixando em outros programas. Às vezes, uma pauta de um professor, um assunto muito específico, uma pesquisa muito específica, que a gente não conseguiria mostrar em imagens, a gente sugere o [programa de entrevistas], porque ele conversa com outro pesquisador sobre isso, aí ele consegue divulgar para o público dele. É um programa que a gente faz mais para que os professores possam divulgar para os seus públicos. A gente, então, tem que ter os dispositivos. Às vezes eles usam em sala de aula esses programas ou mandam para outras universidades, então é um programa bem visualizado. A gente tem [um] com 40 mil visualizações.

Entrevistadora: E a sua orientação do que vai ou não virar matéria ou entrevista ou programa, a orientação mesmo da programação da Universidade, daquilo que vocês cobrem. Você me disse que não tinha nada escrito. Como é que vocês definem isso? É entre vocês? É caso a caso?

Entrevistada: Eu acho que é caso a caso e, às vezes, é entre a gente. Às vezes vai da cabeça do produtor, que já pensa “*isso daqui rende uma reportagem*”; “*isso aqui é só um informe*”. Às vezes, quando a gente tem dúvida, pergunta um para o outro: “*o que você acha? A gente faz o quê com isso?*”. Ali, conversando, a gente decide.

Entrevistadora: Mas tem uma linha editorial?

Entrevistada: Quando vem da Reitoria, ele já vem com a ideia pronta: “*a gente quer um vídeo institucional sobre isso*”; “*a gente queria que vocês fizessem um programa de*

debate sobre mulheres” (isso aconteceu no passado). A gente até propôs para eles: “*pode ser um programa de áudios*”; eles: “*pode!*”. Aí, a gente vai e faz.

Entrevistadora: E a linha editorial da TV. Quando você chegou, alguém informou para você? Vocês debatem isso? Como que é?

Entrevistada: Não! Não houve. Quando a gente chegou, inclusive, a diretora estava de férias e tinha uma outra jornalista. Aí, ela falou, passando o que, praticamente, a gente fazia, mas é bem aberto. A única coisa que a gente sabe é que precisa buscar um elo com a Universidade; tem que ter esse elo forte. Por isso, a gente recorre mais ao repositório, busca coisas que estão sendo feitas dentro da Universidade mesmo (atividades que estão sendo feitas ali). Mas não tem uma linha editorial. Nos últimos tempos, por conta dessa polarização política no País, a gente tem tido um cuidado maior com eventos políticos (manifestações), que antes a gente super cobria. Teve uma matéria, por exemplo, sobre um confronto de estudantes de direita e esquerda e um grupo que queria a volta da monarquia. Essa matéria foi uma reportagem super engraçada - acho que de três minutos. Não uma matéria engraçada; essa reportagem foi engraçada, ao nosso ver. A gente fez, mas hoje em dia a gente tem mais cuidado de pautar ou não. A gente tem evitado isso.

Entrevistadora: Por conta dessa questão da polarização?

Entrevistada: É! Desde o ano passado, na verdade. Quando houve os cortes, a gente fez uma matéria, uma maior, uma matéria de 10 minutos, sobre a manifestação na Esplanada. Teve uma repercussão negativa, a administração não gostou da matéria. Teve uma repercussão negativa na Administração; acho que os estudantes gostaram da matéria. Aí, a gente tem tido mais cuidado no que vai pautar e como vai pautar. Por exemplo, agora a gente fez a cobertura dessa manifestação do dia 15 de maio. Mas tem que ter um certo cuidado do que vai sair. A gente evita falar expressamente do Bolsonaro. As falas falavam mais dos cortes na educação, no orçamento do que do Presidente, em si. Houve esse cuidado.

Entrevistadora: Então, vocês têm a liberdade para pautar e fazer as matérias com os temas que vocês acham interessante, mas existe um certo direcionamento da administração?

Entrevistada: É! Existe! O direcionamento da administração é mais sobre o que não se pautar ou então... Por exemplo, no caso [da campanha], eles: “*vamos mostrar coisas que a Universidade faz, que é bacana, aí usa essa hashtag nas coisas, para pode melhorar a imagem da Universidade ou gerar esse sentimento de patrimônio nas pessoas*”. Mas eles não dizem o que fazer, né? Eles só pedem para a gente buscar pautas positivas. Nessas

mais polêmicas (manifestações), eles não falaram “*não faz*”. A gente faz, mas busca, com a experiência do ano passado... Acho que é muito isso: o jornalista vai aprendendo com o constrangimento também. Você não chega em uma redação de jornal e o seu chefe vai lá te dizer o que você vai fazer e o que não. Acho que você vai aprendendo fazendo errado e fazendo certo, o que pode e o que não pode. Eu acho que é o que acontece lá. Então, com a experiência do ano passado a gente passou a ter mais cuidado com essa cobertura. Então, a gente fez, mas se preocupa até com as músicas que estão sendo tratadas no protesto. A gente já tem um certo cuidado de não deixar passar.

Entrevistadora: Vocês precisam mostrar a produção de vocês para alguém, fora do setor, antes de ir ao ar (para um professor, para um gestor)?

Entrevistada: Não! Assim, os estagiários fazem os textos, a gente edita, aí, depois de editado, a gente vai lá e libera. É basicamente assim. Se eu sou a jornalista e eu faço a matéria, uma outra jornalista vai lá e olha também, edita o texto e vai também na edição para liberar. A gente sempre pede o olhar um do outro para evitar erros. Mas quando é um assunto mais polêmico (manifestação, falar de orçamento), que pode ter alguma retaliação do Governo, aí a gente mostra para a diretora. “*Olha aqui. Vê se está ok*”.

Entrevistadora: Fora do setor, não? Não precisa mostrar para ninguém fora do setor?

Entrevistada: Não. A gente não mostrou, né? Nesse ano, aconteceu de a gente perguntar. Como ano passado deu problema, a gente acabou perguntando. Aí a pessoa disse: “*ok!*”. Foi uma assessora lá da reitoria. “*Ok! Mas cuidado porque é uma matéria institucional, então tem que ter cuidado na abordagem e na edição disso*”. Mas a gente não mostrou.

Entrevistadora: E tem algum professor que pede, algum pesquisador?

Entrevistada: Às vezes, pedem. A gente explica que não, que a gente não costuma fazer isso. Mas é raro pedirem. Às vezes, a pessoa pede para ver a pergunta, inclusive, né? Mas a gente costuma não fazer isso, a não ser que seja uma matéria muito específica sobre ciência, que a gente tem um certo receio de dizer alguma coisa errada, aí pode acontecer de a gente pedir para o pesquisador ver antes. Mas eu mesma nunca fiz isso!

Entrevistadora: Mas no sentido de uma colaboração e não de uma censura, né?

Entrevistada: Isso! Exato!

Entrevistadora: Certo! Trabalhando na Universidade, você se considera uma jornalista?

Entrevistada: Sim! Claro! Acho que até pelo fato de eu trabalhar na TV. Como eu não faço esse papel de assessoria, não busco vender pautas para a imprensa, eu me sinto divulgando mesmo o que se faz dentro da Universidade, a pesquisa da Universidade e as atividades que são feitas dentro da Universidade. Eu me sinto jornalista.

Entrevistadora: Mas você acha que o assessor de imprensa é jornalista também?

Entrevistada: Eu acho que tem diferença. Eu trabalhei como assessora de imprensa e é bem diferente mesmo.

Entrevistadora: Mas por quê?

Entrevistada: Porque, pelo menos o que eu via, tinha muito cuidado com o que passar para a imprensa. Em alguns momentos, até algumas informações eram ocultadas da imprensa.

Entrevistadora: Você acha que o jornalista não deveria fazer isso?

Entrevistada: Eu acho que não. Ocultar algo de interesse público? Acho que não!

Entrevistadora: Então, você acha que hoje, na condição que você está hoje, na TV, você é mais jornalista, mais assessora de imprensa, mais servidora pública ou mais divulgadora da ciência?

Entrevistada: Eu acho que é jornalista e divulgadora da ciência - essas duas.

Entrevistadora: É o que você faz mais hoje?

Entrevistada: É!

Entrevistadora: Dentro do seu setor, você tem uma pessoa que fica na direção da TV. Por estar na direção da TV, essa pessoa acaba sendo uma pessoa de referência para o grupo, para vocês tirarem dúvidas. A pessoa que vocês têm de referência para tirar dúvidas, para levar uma pauta mais polêmica, é a pessoa que está na direção da TV ou tem alguma outra (alguém que está mais tempo lá)?

Entrevistada: A gente busca a diretoria mais para saber se a gente tem o aval para fazer. Mas discutir o direcionamento, o quê abordar, como fazer, a gente acaba fazendo entre os colegas que estão mais próximos, que estão na ativa, na reportagem. Então, a gente conversa entre si, mais do que com a diretora, em questão de abordagem e do fazer mesmo jornalístico. Com ela, a gente busca mesmo só saber se pode, se não pode e o que que faz.

Entrevistadora: Com ela, é uma leitura mais política, né?

Entrevistada: É! É só para saber se tem o aval ou não, se ela vai comprar ou não a ideia.

Entrevistadora: Vocês têm contato com públicos externos à Universidade: gente que manda pauta?

Entrevistada: Sim! Tenho.

Entrevistadora: Com quem? Quem é esse público, na verdade?

Entrevistada: Às vezes, tem gente que... Por exemplo, eu produzo um programa de literatura também. Aí, muitas pessoas que escrevem livros acabam entrando em contato, para deixar o livro lá, para a gente poder produzir. Então, tem essa coisa com a cultura e

com gente da cultura. Por exemplo, a gente também tem um programa de música, então são bandas e cantores, que buscam a gente também. Mas tem uma produtora cultural que fica responsável por esse programa de cultura. Mas a gente é buscado por isso. É muito pelas redes sociais. A pessoa vem: “*ah, eu tenho uma banda. Queria saber se vocês me divulgariam*”.

Entrevistadora: Tu falou das situações de coberturas polêmicas, que até tu teve oportunidade de passar por essa experiência. Quando tem alguma cobertura polêmica, que há interesse divergente na própria Universidade, entre a própria comunidade acadêmica, ou é algum tema que a imagem da Universidade pode ser manchada sob algum aspecto, como é que tu costuma se posicionar e agir?

Entrevistada: Como assim? Me posicionar em que sentido?

Entrevistadora: Como jornalista mesmo, na hora que você vai defender a pauta ou se você escuta e como é que você resolve isso no final?

Entrevistada: Geralmente, eu tenho a tendência a me interessar por pautas mais polêmicas. Por exemplo: quando teve o impeachment da Dilma, em 2016, no ano em que eu entrei, eu conversei, falei com alguns colegas para a gente fazer cobertura da abertura do processo de impeachment. É uma coisa mais polêmica, porque tem gente que pode pensar “*por que a Universidade vai se meter com Política?*”. Não estava, necessariamente, relacionado à Universidade, né? Mas a gente pensou nessa questão histórica, né? Aí, foi. Depois também eu fiz um outro mini-doc, ouvindo pesquisadores da Universidade sobre como a história seria registrada: seria golpe ou seria impeachment? É uma coisa mais polêmica, mas eu tenho uma tendência a fazer e depois esperar se vai ser censurado, se pode ou não. Eu fazia muito mais isso no começo. Acho que ano passado, depois desse estresse por conta da cobertura da manifestação, que a gente recebeu reclamação mesmo da administração, hoje eu tenho mais cuidado, hoje eu fico me perguntando o que vale à pena para mim mesmo, como pessoa, mais do que como profissional.

Entrevistadora: Entendi! A manifestação foi na época das eleições?

Entrevistada: Do que você está falando?

Entrevistadora: Essa manifestação que tu falou que deu problema.

Entrevistada: Não. Ela foi em abril do ano passado.

Entrevistadora: A Universidade tem vários tipos de profissionais que são técnicos-administrativos, como os jornalistas. Você vê alguma diferença na atuação dos jornalistas

e de outros técnicos em relação à responsabilidade? Tem a diferença da carga-horária, né? Mas e em relação a outras coisas?

Entrevistada: Não sei se eu já tinha refletido sobre essa diferença, mas a gente tem um papel que eu considero muito importante, que é o de divulgar. A gente é muito buscado na Universidade por isso! Sempre buscam, porque entendem ali a comunicação como uma ponte até a sociedade. Essa responsabilidade é de inclusive passar a informação certa: não deturpar aquela pesquisa. Então, acho que a gente é um apoio para a pesquisa, inclusive, dentro da Universidade. Claro que cada servidor tem a sua função e o seu papel. Eu acho que a gente teria essa responsabilidade a mais.

Entrevistadora: Por trabalhar com informação?

Entrevistada: Isso! E com divulgação, né?

Entrevistadora: Qual foi a última capacitação que tu fez (capacitação ou curso de formação)?

Entrevistada: Que eu fiz foi a minha especialização. Mas tem já um tempo: foi em 2017. A Universidade oferecia, acho que até esse ano, um curso de capacitação. Acabou que, por eu estar fazendo outras coisas na minha vida privada, eu não fui atrás, eu não fiz. Mas também faço curso de idiomas - agora eu lembrei -, na Universidade, inclusive.

Entrevistadora: A sua especialização foi em quê?

Entrevistada: Foi em Marketing e Mídias Digitais.

Entrevistadora: Você é sindicalizada?

Entrevistada: Não. Esse é um problema. Eu queria. Eu quero, mas, como na universidade tem uma divisão... Há pouco tempo, foi criado um novo sindicato, né? Então, tem o [sindicato] que é dos servidores todos, e tem esse outro, esse novo, que é só de nível superior. Aí, eu fiquei meio confusa para qual que foi e, como não me decidi, acabei indo para nenhum.

Entrevistadora: E tu também não faz parte do Sindicato dos Jornalistas?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Então, hoje você não é sindicalizada, mas não é por conta de algum problema da atuação do Sindicato em relação às reivindicações dos jornalistas. É mais por essa estrutura mesmo do Sindicato que você explicou.

Entrevistada: Como há esse conflito... Eu sou servidora e quem acaba respondendo a gente por especificidade do nosso trabalho é o Sindicato dos Servidores Públicos. Aí, eu não me sindicalizei ao Sindicato dos Jornalistas. Eu não me sindicalizei a ele por isso. Só que, dentro da Universidade, eu fiquei em dúvida de qual me sindicalizar, se era o

sindicato de todos os servidores, ou seguir só o do nível superior. Fiquei confusa e até hoje não me resolvi. Mas eu pretendo, sim, me sindicalizar. Acho que é importante.

Entrevistadora: Está certo! Pois era isso! Eu agradeço a sua participação e a disponibilidade.

Entrevistada: De nada! Valeu!

Entrevistadora: Pois obrigada! Boa tarde.

Entrevistada: Valeu! Tchau!

APÊNDICE C - Entrevista 3

CARVALHO, Camélia. **Entrevista 3**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 06 min. e 42 seg.)

Entrevistada: Oi, Gabriela. Tudo bem?

Entrevistadora: Tudo bem! E aí, tudo certo? A gente pode começar?

Entrevistada: Aham! Deixa eu colocar um fone aqui, que eu fico mais tranquila.

Entrevistadora: Está certo!

Entrevistada: Quando não tiver mais ruído, a gente já começa.

Entrevistadora: Se você precisar dar alguma coisa, alguma coisa, você me avisa, tá bom?

Entrevistada: Tá! Está bem. A gente vai se falando. Só um momento! Pronto! Está me ouvindo bem?

Entrevistadora: Pronto! Estou! E você está me ouvindo bem?

Entrevistada: Ouço. Deu uma cortadinha, mas eu acho que vou ouvir bem.

Entrevistadora: Tá! Eu queria que tu começasse falando por que escolheu ser jornalista e resumisse as suas experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistada: Está bem! Bom, eu decidi ser jornalista bem cedo - eu era adolescente, tinha uns 13/14 anos. O que me motivou, na época, foi que eu queria uma forma de multiplicar o conhecimento, mas não o conhecimento de sala de aula. Eu queria, justamente, isso: trabalhar com algo, trabalhar com texto e que eu tivesse possibilidade de multiplicar algum fato e que as pessoas tivessem acesso às coisas, às informações, ao conhecimento, a mundos diferentes. Eu lia muito a revista *National Geographic* e aquele texto me encantava. Eu falava: “eu quero fazer isso”. Das minhas experiências antes de trabalhar na Universidade... Eu entrei na Universidade com 23 anos apenas, então eu trabalhei, antes disso, quando era estudante, e fiz estágio na área de comunicação em eventos - na assessoria de comunicação e eventos - durante mais ou menos um ano. A gente fazia eventos grandes, eventos corporativos, fazia assessoria de imprensa para algumas empresas, essas coisas assim. Aí, eu saí e fui fazer estágio no jornal da minha cidade. Era o maior jornal de cidade da região - ainda é. Eu fiz estágio lá por um ano e saí por seis meses, porque fiquei me dedicando ao final da faculdade. Voltei e trabalhei mais meio ano lá, logo depois de formada. Aí, nesse meio ano entre sair do [jornal] e entrar na [universidade], eu fiz um *freela* (um trabalho temporário) em [uma feira]. E eu

trabalhei como *freelancer* para a assessoria do governo do Estado na feira. Eu estava fazendo concursos na época, e essa experiência de dez dias foi determinante para a minha vontade de investir em concursos, porque eu vi que eu tinha oportunidade de trabalhar com jornalismo, de um jeito mais leve e - digamos assim - a ver com a minha personalidade e com a minha experiência de trabalhar em assessoria de imprensa; trabalhar de um jeito interessante a assessoria de imprensa dentro de um órgão governamental. Aquela experiência como contratada em um órgão governamental foi determinante para eu ver o rumo que eu realmente queria tomar, que tinha mais a ver com a minha personalidade, com a minha formação, com o meu engajamento. Isso me deu um gás nos concursos que eu fiz. Foi uma época em que abriram muitos concursos. Logo, em outubro, saiu o resultado do concurso. Eu fiz esse concurso no final de setembro, início de outubro; no final do mês já saiu o resultado; e nos últimos dias de dezembro eu estava nomeada na [universidade].

Entrevistadora: Você quando começou a fazer concurso, você fez para outros órgãos ou você fez exclusivamente para instituições de ensino?

Entrevistada: Eu fiz para vários órgãos. Eu fiz para companhia de energia elétrica aqui do Estado; eu fiz para a Petrobras; eu fiz para o Senado. Quando eu passei, eu estava focada no concurso do TRT [Tribunal Regional do Trabalho]. Aí surgiu o concurso da [universidade] também. Eu me inscrevi até em uma prorrogação. Foi uma época que começaram a abrir primeiro os tribunais... A [universidade] foi uma das primeiras instituições de ensino para a qual abriu concurso nessa janela que eu podia fazer. Depois de ter entrado, eu fiz vários concursos para instituições de ensino, mas acabei optando por não sair da [universidade].

Entrevistadora: Então, quer dizer que o seu interesse não era entrar, especificamente, em uma instituição de ensino, mas no serviço público de uma maneira geral?

Entrevistada: No serviço público, mas em uma instituição de ensino. Como a minha mãe trabalhou 34 anos em um IF, era o que eu tinha mais afinidade, era onde eu tinha mais interesse. Quando eu vi os concursos abrindo para as universidades, para os IFs, foram os concursos que me interessaram mais, que me chamaram mais atenção e que me fizeram levar mais a sério - digamos assim.

Entrevistadora: Mas por que? Por qual motivo?

Entrevistada: Pela área de atuação mesmo. O que me motivou foi que eu queria multiplicar as oportunidades de as pessoas conhecerem as coisas, conhecerem oportunidade de mundo, possibilidades de mundo e trabalhar em uma instituição... Cara,

aconteceu tudo muito rápido, mas logo que eu entrei na [universidade] - o que me motivou a fazer outros concursos que eu acabei não assumindo -, eu vi que era aquilo o que eu queria fazer: eu queria trabalhar nessa assessoria, trabalhar com jornalismo, trabalhar em uma assessoria de comunicação, em uma instituição de ensino que me permitiria fazer com que a educação... Eu poderia ajudar com que a educação chegasse a mais pessoas. A noção que eu tenho é que a Universidade tem uma proposta inclusiva de educação, então isso para mim fazia muita diferença. Nosso trabalho era muito de formiguinha - e ainda é - de explicar para as pessoas que ela, sim, é uma universidade pública, ela é uma universidade gratuita, que ela está ali para quem tem vontade de estudar, para quem quer mudar a sua realidade. Eu vi que eu me realizaria como profissional, mas nessa área: trabalhando com educação, realmente me sentindo parte da construção... Eu sei que é bastante utópico, mas realmente me sentindo parte da construção de um país diferente - era isso o que me motivava.

Entrevistadora: E quais as diferenças que você percebe em relação ao seu trabalho na Universidade e os outros trabalhos que você teve?

Entrevistada: Acho que é principalmente essa sensação de construção social, de não estar sendo explorada e de me sentir podendo construir mais com a sociedade e fazendo algumas pautas que às vezes parece que a gente está... “ah, é um serviço!”. Eu trabalhei na editoria de Cidade durante muito tempo, então poderia ser aquela pauta de buraco de rua, pauta de algum problema ou pauta de alguma questão das cidades. “Ah, isso dá um *baita retorno*”, mas às vezes na editoria, nas empresas, o interesse da empresa fala mais alto que o interesse público. Na instituição pública, o que me chamou a atenção foi que, primeiro, eu tinha uma liberdade editorial bastante grande, por incrível que pareça (apesar de ser uma assessoria, a gente tinha uma liberdade de atuação, uma liberdade editorial bastante grande) e a questão do retorno direito desse público, de atuar tão diretamente com o retorno da sociedade - eu acho que é a principal diferença. O que me desencantou um pouquinho com a redação foi o quanto a gente encontrava certos entraves da questão mercadológica - a venda de jornal, a questão dos interesses políticos que as empresas jornalísticas têm com as mídias, os interesses dos donos das empresas, essas coisas.

Entrevistadora: Como é a sua rotina de trabalho?

Entrevistada: Eu trabalho a jornada reduzida - a gente trabalha cinco horas. Eu trabalho pelo turno da tarde. Geralmente, eu inicio o meu trabalho com uma conversa rápida com as minhas colegas que trabalharam pela manhã, para a gente trocar ideias do que está acontecendo, como está andando o dia - digamos assim. Depois a gente organiza as

demandas dos e-mails. Geralmente a gente recebe muita demanda por e-mail. Eu tenho bastante esse papel de dar uma organizada, tabelas de tarefas, essas coisas assim. Eu tenho que fazer um parêntese: nossa assessoria de comunicação, como a gente tem uma instituição muito grande, se organiza em duas cidades. Eu fico na Reitoria, mas a coordenação do setor fica em [em outra cidade]. Então, a gente tem que se organizar muito. A gente se utiliza muito de recursos online, para se organizar, para se comunicar, porque tem uma parte da equipe que fica lá e uma parte da equipe que fica aqui. Atualmente, nós somos mais jornalistas aqui do que lá, mas a chefia fica lá, a equipe de criação de arte, publicidade - toda essa parte - fica lá. A gente está sempre conversando e organizando para dar conta das demandas. Eu gosto de organizar tabelas, organizar coisas, para a gente poder mostrar o que a gente está fazendo e ter um controle e não ter - como já aconteceu - duas pessoas atendendo a mesma pauta, aquelas confusões que acontecem (que não deveriam, mas acontece). Então, minha rotina de trabalho é bastante autodeterminada. Eu me organizo a partir das demandas e verifico também o que está acontecendo naquela semana: estar por dentro do calendário acadêmico, estar por dentro do calendário geral, para a gente poder acompanhar e propor pautas conforme as necessidades da semana. Um exemplo seria acompanhar o ENEM, além de outras questões da Universidade - essas questões de calendário geral. Então, geralmente, é iniciar o dia observando as demandas, verificando o que vai ser atendido primeiro, vendo o que precisaria de ter contato com outras chefias, com o reitor, com o pró-reitor, com o vice-reitor, para poder organizar esses contatos que são mais difíceis de encaixar na agenda deles e dando prioridade de atendimento sempre às demandas externas, porque a gente sabe que, quando a gente faz assessoria... A gente faz tanto assessoria interna quanto externa (a gente atua em todas as frentes), então, quando chega uma demanda externa, eu acaba dando prioridade a essas demandas, porque a gente sabe que o jornal tem hora para fechar, as redações têm um *deadline* muito mais fixos e difícil de cumprir do que o nosso próprio. Outra coisa que também faz parte da minha rotina de trabalho é, a partir da segunda-feira, organizar a gravação do nosso programa para as redes sociais. Eu já ia fazendo as minhas pautas ou ia observando as pautas dos colegas para ver o que eu ia colocar no [programa], porque eu era a responsável tanto a parte de gravar... eu fazia produção, edição... A edição, não! Não a edição de vídeo, mas toda a questão editorial. Então, eu já ia me organizando e organizando com o colega da parte de vídeo como a gente ia fazer, solicitando as artes necessárias para o pessoal de arte antecipadamente - atuando em todas as frentes, realmente.

Entrevistadora: Na parte de produção, você faz produção de texto para o portal, o vídeo para as redes sociais? Faz de tudo assim, de tudo um pouco...?

Entrevistada: Para as redes sociais, a minha atuação é basicamente no vídeo do [programa]. Eu pedi para não ficar muito à frente das redes sociais. O pessoal da publicidade cuida mais das redes sociais, que a gente que é mais importante, que tem mais equipe. Não é que tem mais equipe. Eu organizo melhor a equipe. Eles teriam mais possibilidade de ficar nas redes sociais. Mas a gente produz para o portal e o portal alimenta as redes sociais. Basicamente, nossa produção é de texto para o portal.

Entrevistadora: O que você gosta no seu trabalho atual?

Entrevistada: O que eu gosto?

Entrevistadora: Aham!

Entrevistada: Eu gosto muito de fazer o [programa]. Foi um desafio para mim, porque eu não era muito chegada em fazer vídeo. Eu achei muito interessante e foi um desafio que oxigenou minhas possibilidades de trabalho. Eu achei gostoso de fazer; me trouxe bastante satisfação. Eu achei, principalmente, que teve muito retorno da comunidade acadêmica, de prestar mais atenção. A gente coloca ele bem factual. “Datas de editais”; “oportunidades de trabalhos” - coisas bem factuais que estão acontecendo na Universidade. A gente viu que teve bastante retorno. As pessoas ficaram mais por dentro dessas datas, desses prazos, das oportunidades, dos eventos diferenciados que a Universidade estava promovendo. Esse retorno foi muito bom. Foi um investimento de trabalho que eu sinto que vale muito à pena. Outra coisa que eu gosto bastante de fazer - sempre gostei - é assessoria de imprensa: acompanhamento de entrevistas, treinamento de assessorados. Essas coisas assim eu sempre gostei bastante de fazer e gosto bastante de fazer, apesar de ter menos oportunidades atualmente. Mas eu acho que seriam dois destaques da minha rotina de trabalho.

Entrevistadora: E o que te deixa mais estressada ou desanimada no seu ambiente de trabalho?

Entrevistada: Atualmente, são as questões de políticas internas. São bem complicadas algumas coisas, principalmente estar sempre lutando para que os gestores, os assessorados, compreendam o papel da comunicação, compreendam que a gente não está ali para assessorar A ou B - a gente está ali para assessorar a Universidade. Por mais que a gente tenha o nome de “assessoria”, o que a gente tem que colocar na rua é o nome da Universidade, e não o nome de uma ou outra pessoa. O que mais me estressa é ter que lidar com as vaidades de gente, digamos assim. E, principalmente, as questões de mau

gerenciamento interno. A gente tem bastante autonomia - autonomia é bom -, mas a gente precisa ter respaldo também. Ter autonomia não significa não ter respaldo da chefia. Não ter respaldo da chefia ou não poder contar com a chefia ou a chefia não saber muitas vezes fazer as coisas, não saber gerenciar, não saber dividir as tarefas, não participar da divisão de tarefas da equipe, não participar da produção, não participar, não dar espaço nem para a gente poder organizar uma pauta... Essas coisas internas do setor da chefia são fatores que me stressam bastante. Me stressam tanto que eu tive que sair de licença por conta do meu estado de saúde - algumas coisas assim. Então, eu estou sentindo há bastante tempo.

Entrevistadora: Essa chefia que você estava falando por último é a chefia do setor?

Entrevistada: É! É a chefia da assessoria. A gente não tem outras subdivisões internas.

Entrevistadora: Tem um chefe que concentra...?

Entrevistada: ...tudo que é de comunicação. Mas ele não toma decisões. Ele é uma pessoa que tem bastante dificuldade de tomar decisões. Ele não era do setor; não atuava na Universidade na área. Ele tem bastante dificuldade de tomar decisões sozinho; ele sempre depende da equipe e isso é bastante stressante: fazer o trabalho da gente e fazer o trabalho do chefe. É um fator bastante stressante para todos! Como a chefia fica em [outra cidade] e a gente fica no Gabinete da Reitoria, que está a um degrau abaixo - ou vários degraus teoricamente abaixo -, acaba tendo que responder diretamente ao reitor ou ao vice-reitor, porque com o reitor a gente não tem um intermediário. Temos que lidar com isso constantemente e mais toda a produção, que é bastante stressante.

Entrevistadora: O chefe é professor?

Entrevistada: Não. Ele é técnico em audiovisual.

Entrevistadora: [Você trabalha em] uma Universidade mais nova. Você percebe que a cultura dessa predominância de professores nos cargos ou nessa predominância de professores no poder é menor do que em universidades mais antigas?

Entrevistada: Não, não. Na verdade, não. Isso todo mundo sabe. Tem alguns cargos que se dá preferência para os técnicos, mas em grande medida há predominância dos professores.

Entrevistadora: Você se considera uma jornalista, trabalhando na Universidade?

Entrevistada: Me considero. Eu acredito, como eu estava dizendo no início, que eu posso trabalhar muito bem como jornalista mesmo. A gente faz reportagens e... Cara, sempre vai ter a questão de não ter tanto o lado negativo - digamos assim -, mas eu acho que, em geral, a gente consegue ir trabalhar e fazer verdadeiras reportagens. Dependendo da área

em que eu estou atuando naquele momento (em questão de jornalismo científico, que a gente faz também), eu me sinto uma jornalista, sim.

Entrevistadora: E você acha que o assessor de imprensa é jornalista?

Entrevistada: Olha, essa pergunta é bem complexa. Eu acho que os assessores são híbridos. Ele ser jornalista é essencial, mas ele é um híbrido: ele não é só jornalista e ele não é só assessor de imprensa. Eu acho que o assessor de imprensa vai ser mais que um jornalista em alguns sentidos, porque ele vai ter que ter uma atuação de relações públicas, vai ter que ter noção muitas vezes até de marketing, então ele vai além do jornalismo; e, às vezes, ele vai ser menos que um jornalista e vai fazer menos que um jornalista que está no lado de fora. Eu, pelo menos, na minha experiência de jornalista no interior do estado, eu acredito que, às vezes, como assessora de imprensa, eu consigo atuar melhor que um jornalista em um veículo de comunicação amplamente dominado por questões de políticas locais.

Entrevistadora: Hoje, você se sente, dentro da Universidade, mais jornalista, mais assessora de imprensa, mais servidora pública ou mais divulgadora da ciência?

Entrevistada: Hoje, eu me sinto mais jornalista. Eu já me senti mais assessora de imprensa, mas hoje eu me sinto mais jornalista.

Entrevistadora: Por quê? Pela produção dos trabalhos?

Entrevistada: Pela produção, pela produção. Eu já atuei muito, especificamente, como assessora de imprensa, então eu tinha a atuação muito focada para a divulgação externa, para conseguir colocar pautas em veículos e atuar juntos aos assessorados mais diretamente, então eu acabava produzindo menos e focando mais na distribuição da notícia, nos contatos etc. Hoje, não. Hoje eu estou bem mais focada na produção, realmente. A divulgação, a distribuição do material da imprensa acaba sendo o segundo passo, logo a consequência do meu trabalho. Não é o carro chefe. Então, eu me sinto atualmente mais jornalista porque a gente produz mais e produz esses programinhas. Esse jornalista institucional, essa figura diferente, né? A gente se preocupa muito mais com essa divulgação para a comunidade local e a comunidade acadêmica mais diretamente do que intermediada pela comunicação externa.

Entrevistadora: E para quem é que você escreve? Quem é o seu público?

Entrevistada: Como eu escrevo no portal, eu sempre penso que eu estou escrevendo para a comunidade externa, mas também para a comunidade acadêmica. Nisso eu sempre tento pesar que a gente tem muito mais.. A comunidade acadêmica é composta, numericamente, muito mais pelos estudantes do que pelos servidores, como um todo - eu não sei números

-, apesar de saber que quem mais acessa o portal talvez sejam os servidores da comunidade acadêmica. Mas eu sempre penso que eu estou escrevendo para a comunidade externa, porque o portal é a primeira cara para a comunidade externa. Mesmo quando o assunto é interno, ele está no portal, porque a gente não tem uma intranet, então o portal acaba sendo aquele receptáculo de tudo. Mas a gente sempre atua, eu atuo, pensando na comunidade interna. Às vezes, a gente compra algumas brigas de *“isso não é assunto para o portal”*, *“não deveria sair assim no portal”*, *“o portal não serve para isso”*, *“a gente pode abordar certos assuntos com um fotos mais de prestar contas para a comunidade externa do que da comunidade como um todo”*, porque o portal é essa cara para o mundo. Então, eu sempre penso que a gente não pode escrever para quem já conhece a gente; tem que escrever lembrando que sempre vai estar lendo alguém que pode não conhecer, que pode estar em contato com a [universidade] pela primeira vez por meio daquele texto.

Entrevistadora: Os textos que você faz passam só pelos seus colegas de setor ou vocês precisam mostrar para alguém de fora do setor? Tem alguma interferência nesse sentido?

Entrevistada: Não! A gente tem autonomia total. A gente escreve e publica no portal direto. A gente não tem nenhuma edição interna. Se acontece, é porque a gente se sente mais seguro pedindo para outra pessoa ler ou com alguns temas que são muito específicos, principalmente algo que envolva orçamento e que tenha detalhes bem mais complexos ou algum posicionamento diante de uma grande crise... Eu não atuei no início, mas eu imagino que teve um texto de posicionamento da Universidade diante dos cortes do Ministério da Educação. É com esse tipo de texto que a gente acaba tendo uma conversa e um vai e vem com o reitor ou com quem tenha demandado o texto ou quem está apontado para nos acompanhar naquele assunto... O reitor e o pró-reitor nos auxiliam com essa autorização, mas, em geral, os textos não passam por um crivo, não passam por uma leitura externa - só nesses casos específicos, que, às vezes, a gente como jornalista se sente mais seguro se tiver um especialista que veja o texto e nos ajude no posicionamento. (?) comunidade, que ela não sabe, exatamente, o texto jornalístico; é o posicionamento da Universidade ao público. A gente sabe que em outros lugares não são os jornalistas que fazem essas notas. Na nossa organização (desorganização) acaba que nós que temos que escrever. Nesses casos, a gente acaba pedindo a opinião ou a visão deles diante desse texto, por uma questão de respaldo. Mas o texto comum, o texto ordinário do dia a dia, não passa por supervisão nenhuma.

Entrevistadora: Vocês têm um documento, que você até me passou para ver, que tem algumas orientações sobre cobertura, funcionamento do setor. Mas você me disse que não tem nada mais detalhado, né? É um documento bem geral, com algumas orientações, mas sem nada muito detalhado. Essa orientação do que vai ser ou não cobertura jornalística, do que vai virar pauta ou do que não vai virar pauta, do que vai sair para o portal ou do que não vai sair para o portal, vocês foram aprendendo durante ao longo do tempo? Como é a negociação disso?

Entrevistada: Quando nós chegamos, os dois primeiros jornalistas, já tinha o setor de comunicação colocado - tinha só a chefia e umas estagiárias. A chefia era um professor e ele era muito relacionado ao que a Reitoria, naquele momento, considerava que era pauta, considerava que era interessante, tudo pelo jeito do *feeling*, digamos assim. O pessoal percebia, pela percepção jornalística, pela percepção de ter trabalho... Quem estava na chefia, naquele momento, em outros lugares foram atuando e foram fazendo aos moldes de outras Universidades e foram definindo as pautas e isso meio que nos passou como cultura do setor. A gente tinha essa reitoria que era muito forte, que tinha uma visão de universidade muito idealista, o que nos ajudou a moldar a determinação da pauta. Mas foi sendo construída, principalmente com os jornalistas tomando a frente. Foi algo que foi sendo construído nos primeiros anos e sempre atuou como uma cultura institucional. Uma coisa que eu falo muito nas reuniões que a gente tem de equipe é que, até o momento, a gente tem sorte na nossa equipe de comunicação (tanto jornalistas como demais profissionais) que todo mundo ali é bastante comprometido. Foram formados pela [universidade], apesar de ser uma Universidade nova; têm muito comprometimento com a Universidade. A gente tem muitas pessoas que são da região e que sonharam com essa Universidade. Então, a gente tem, como eu digo, sorte porque todos são muito comprometidos e todos trabalham com o mesmo direcionamento de que a gente trabalha para a Universidade, a gente faz assessoria da Universidade como um todo, e é trabalhar com a verdade, com a prestação do serviço público acima de tudo. Por que eu digo sorte? Porque, infelizmente, a gente sabe que, apesar de ser concurso público, pode entrar alguém que tenha outros interesses. E a gente não tem um documento; a gente não tem uma política de comunicação aprovada pela comunidade acadêmica que norteiam a atuação dessa forma. Por enquanto, a gente vai fazendo os pontos que todos estão de acordo e um vai conversando com o outro. A gente vai, como equipe... Organicamente isso vai acontecendo. Me preocupa que a gente não tem um documento mais detalhado,

com mais respaldos jurídicos, para poder apresentar. *“Olha, gente, faz assim, porque foi acordado pela comunidade acadêmica”*. Eu sinto falta desse retoque.

Entrevistadora: Como vocês negociam vontades divergentes, do tipo: vocês atendem um público diverso e um professor ou estudante ou gestor quer que determinada pauta saia dessa maneira e vocês, enquanto jornalistas acham que não deveria ser dessa maneira? Como vocês lidam com isso e negociam isso no dia a dia?

Entrevistada: Essa questão do “sair dessa maneira” entra em um dos fatores estressantes que você me perguntou lá no início. É algo que a gente tem que se basear, realmente, nos princípios jornalísticos geral; a gente tem que trazer argumentação teórica mesmo; a gente tem que trazer a argumentação do que funciona e do que não funciona e explicar para a pessoa o papel da assessoria; tem que fazer palestras, praticamente, para as pessoas diariamente explicando por que vai ser assim e por que vai ser assado. Dependendo do público, se é docente, às vezes as pessoas desistem, simplesmente não querem mais saber e criam seus próprios canais de divulgar as coisas; às vezes, a gente consegue explicar e ensinar. Na minha estratégia de comunicação, geralmente eu tento fazer a pessoa pensar junto comigo o por quê, sabe? *“Por que isso vai assim para o portal?”*, *“por que isso ajuda e como?”*, *“qual é o interesse?”*, *“qual é o significado para a imagem da Universidade?”*. É ir fazendo o exercício que a gente faz. Fazer uma pauta junto com a pessoa muitas vezes funciona muito mais. A pessoa: *“Realmente, você tem razão”*. Ou as pessoas simplesmente se ofendem e aí é conflituoso. É complicado, porque tem que apelar para uma chefia, que nem sempre está disponível ou apelar para um documento que não tem ou apontar para algumas diretrizes que nem sempre são satisfatórias. A gente tenta negociar assim: conversar, mostrar. Em geral, funciona. A gente vê muita cara feia. *“Ah, mas saiu matéria assim na minha fala”*. Mas por que a sua fala seria relevante? *“É porque eu tenho cargo tal”*. E? Às vezes, a gente tem que fazer umas caras de... e deixar a pessoas pensando naquilo sozinha, porque a gente já definiu que ia sair sem a fala dela. A gente acaba ficando no meio de um fogo cruzado das vaidades e dos egos. Mas a questão da sorte ainda: todo mundo da equipe bate o pé e defendo o seu texto, defendo o que é melhor para a instituição e no que a gente acredita coletivamente que é melhor para a instituição. Não vamos, simplesmente, ficar aceitando fala de pessoas porque elas acham interessante aparecer ali. Mas a gente já teve, já teve alguns conflitos, não conosco, mas internos. *“Fulano falou em tal matéria, mas ela não estava envolvida naquele projeto. Ela estava mentindo que ela estava envolvida”*. A gente já teve. Não tem evidência para provar que a pessoa estava mentindo, então a gente não tem como modificar a matéria antes de a

matéria chegar no ar. Aí os setores vão ter que se resolver e nos apresentar alguma coisa para provar que aquilo não estava adequado ou alguma coisa assim.

Entrevistadora: Vocês já chegaram a ter que tirar alguma matéria do ar porque alguém não gostou ou porque a reitoria achou que deveria tirar?

Entrevistada: Não. Não que eu me lembre. Claro que alguma coisa já saiu do ar, mas foi muito mais por algum erro de verificação. Ao mesmo tempo, a gente é muito cuidadoso, para manter essa questão da autonomia. Mas eu não me lembro de *“eu quero que isso saia do ar”* - isso nunca aconteceu.

Entrevistadora: Você entrou na Universidade muito nova. Você era nova, mulher e técnica administrativa, jornalista. Você entrou no ambiente de universidade, apesar de ser universidade nova, que traz a cultura das instituições: uma predominância de professores, às vezes pessoas mais velhas, já doutores e tudo mais. Você percebeu algum tipo de preconceito pela sua posição e essa posição de algum professor ou de gestores, que te trataram diferente por conta disso?

Entrevistada: Sim! A gente percebe. Ainda bem que a [universidade], principalmente [onde trabalho], tem muitos professores jovens - a equipe é muito jovem. Toda a equipe administrativa quando eu entrei era muito jovem; eu não era exceção. O meu caso de ser recém formada e ter passado nesse concurso e começado a trabalhar na Universidade foi comum a uma leva de colegas meus, que prestaram o mesmo concurso. Então, se agradava ou não agradava, as pessoas acabaram tendo que se adaptar. Mas são muitos professores jovens também, professores recém-doutorandos, recém-mestrandos, recém-mestres e recém-doutores. Na questão da juventude, no início, eu não sentia tanto. No início a Reitora também era uma mulher e a reitoria era muito feminina. Depois, a segunda gestão que entrou também era mulher e tinha muitas pró-reitoras. Essa questão claro que surgia, que vinha à tona, mas - digamos assim - as pessoas se controlavam um pouco, porque, querendo ou não, a reitora era mulher e isso ajudava todas as outras mulheres e todas as outras profissionais que estavam ali. Mas é claro que aconteceu aqueles *“você é a menininha que tira a foto?”* - coisas assim. A gente percebe vários professores que não conseguem compreender como a gente pode achar que tem (?) uma reunião, que a gente não é professor. Tem diversas coisas que a gente sente que acontece. Não sei se é ingenuidade minha, mas eu quero acreditar que acontece em menor escala do que em outras instituições mais antigas, mas acontece, sim. Agora, conforme o tempo está passando, a Universidade está aí tem mais tempo, tem mais pessoas mais velhas que fizeram o concurso também, os que eram jovens já não são tão jovens assim. Aumentou

a gama de profissionais e a gente sente que tem mais alguns preconceitos. Na esteira do que está acontecendo no país, algumas pessoas estão se sentido mais liberadas para colocar os preconceitos em público, né? Então algumas coisas a gente sente, sim. Até comentários entre colegas e com professores sobre a nossa carga horário reduzida. As pessoas não compreendem e não entendem por que e tem algumas pessoas que têm absoluto ódio pelo fato de a gente ter a carga horário reduzida porque a gente é jornalista.

Entrevistadora: Entendi! Você hoje trabalha com quantos jornalistas? São quantos jornalistas no setor?

Entrevistada: São cinco, todas mulheres.

Entrevistadora: Todas ficam no mesmo lugar que você?

Entrevistada: Não. São quatro aqui e uma [na outra cidade].

Entrevistadora: Como é a relação de vocês na rotina de trabalho? É de parceira? É de cooperação?

Entrevistada: Em geral, é de parceria e de cooperação, principalmente nós aqui - não por uma questão física, mas por uma questão de estilo de trabalho. A gente procura trabalhar sempre cooperando, ajudando, formando duplas, trios, decidindo junto. A gente tenta sempre manter uma relação de parceria, até por isso as colegas conseguiram sair para a pós-graduação. A gente está sempre em contato e se avisando uma coisa, para prestar atenção. Se a gente acha que tem uma coisa complicada que vai acontecer, que pode complicar para uma de nós, a gente avisa. Com as minhas colegas, eu me sinto trabalhando em parceria.

Entrevistadora: E com os outros profissionais do setor? Tem muitos outros cargos que trabalham com vocês?

Entrevistada: São ao todo 18 pessoas na assessoria. Aqui nós somos quatro jornalistas, tem uma relações públicas, um assistente de administração e um técnico de áudio e vídeo. Aí as parcerias variam conforme mais proximidade e oportunidade das tarefas e algumas afinidades, porque - querendo ou não - somos seres humanos e temos questões de afinidades entre as pessoas como um todo. [Na outra cidade] não sei se vou lembrar de todos os cargos certinho, mas a gente tem técnico de áudio e vídeo, programador visual, um publicitário e vários assistentes de administração. Hoje eu tenho bem menos contato com os assistentes de lá, por exemplo, porque eu não trabalho com compras. A gente conhece os colegas, fala com eles, mas interage menos. Com o pessoal da arte, eu tenho bastante contato, com quem a gente também mantém uma parceria de trabalho e sempre a gente se encontra, faz reuniões setoriais etc e sempre funciona muito bem. Eu tenho

mais dificuldade, realmente, é na relação com o meu chefe, porque eu acho que as chefias têm um ônus bem grande e às vezes as pessoas não estão prontas para encarar o ônus. Ao mesmo tempo, a gente não tem chefia. Tem algumas coisas que... atuação 24 horas não é possível! Então, eu sinto que a chefia às vezes tinha que ficar mais à frente dessa atuação de ficar disponível para o reitor, para desonerar um pouco o reitor que está na base, porque é muito difícil ficar 100% do tempo disponível no WhatsApp para o reitor, não tendo um cargo, não fazendo parte da gestão, não tendo participado das reuniões que os gestores participam.

Entrevistadora: Você ainda tem alguma interação com os jornalistas de fora, da imprensa?

Entrevistada: Tenho. Tenho principalmente com os da cidade. É menos do que eu gostaria, porque, como eu não me formei aqui e eu não sou da cidade (faz dez anos que eu moro aqui), como eu venho de outra cidade originalmente, é diferente de ter quem estuda junto, quem cresceu junto, ainda mais em cidade pequena, que as pessoas se conhecem. Mas eu tenho até amizade nos veículos e tenho interação; claro que interação baseada na interação profissional, mas tenho alguns...

Entrevistadora: É mais nesse aspecto da interação profissional mesmo.

Entrevistada: Ah, sim! Isso, sim. A gente tem uma rede de contatos, uma rede de fontes da cidade, da [universidade] e até de fora, que a gente mantém a interação

Entrevistadora: Mas essa interação é mais o quê? Demanda deles de eles pedirem fontes e tudo mais?

Entrevistada: A gente trabalha muito mais com a gente distribuindo e entrando em contato do que sendo demandado, porque, geralmente, a gente é esquecido. Muitas vezes citam “as quatro Universidades do estado” - não são cinco. Nós estamos aqui também, sabe? Então, a gente precisa estar sempre se fazendo ser lembrados, porque a gente está em uma região de subdesenvolvimento do estado. A gente não está em uma região do estado que aparece na novela; a gente está na parte mais pobre do estado e a gente tem largas estações de terra sem cidade nenhuma, os municípios são muito grande, então a gente acaba em uma área esquecida do estado, então a gente tem que se fazer ser lembrado. Os veículos de comunicação da cidade não são tão fortes para fora dessas cidades, então a gente tem que se fazer circular, para poder estar nos veículos estaduais e para também balancear isso com a presença nos veículos locais, nas rádios - que ainda é um veículo de comunicação muito forte no interior do estado. Então, a gente tem os nossos parceiros na cidade, que é os dois lados: ser demandado e pedir espaço para a

divulgação dos nossos materiais principais (época de Sisu, época de Enem, para falar dos cursos que a gente está oferecendo) e coisas assim, de estar sempre enviando material e solicitando o espaço de divulgação. A gente é demandado por fonte etc, mas é aquela fonte específica, em menor escala, pela natureza da localidade. Os veículos locais quando têm essas pautas demandam fontes ou não trabalham dessa forma (de fonte científicas) e a gente está muito longe dos grandes centros, onde tem outras universidades, com outros profissionais, com quem os veículos preferem conversar. Os jornais locais fortes são de cidades que já têm universidades, então eles formam outras redes de contato.

Entrevistadora: E a relação com o público interno da Universidade? Qual é o público que vocês se relacionam mais: gestores, professores, estudantes, técnicos administrativos?

Entrevistada: Gestores!

Entrevistadora: Vocês ficam mais ligados aos gestores então?

Entrevistada: A gente fica mais ligado aos gestores, com certeza. Por uma questão numérica: são [muitos] campi; nós somos uma assessoria para atender todos os gestores, todos os campi, então a gente não consegue estar junto, no dia a dia do campus. Isso acaba prejudicando muito o contato geral com os professores, técnicos e estudantes. Aí, como a gente está na reitoria, próximo de vários gestores, a gente acaba tendo mais contato com os gestores inicialmente.

Entrevistadora: Essa relação como é?

Entrevistada: Oi?

Entrevistadora: E como é essa relação com os gestores?

Entrevistada: Olha, depende do gestor, mas, em geral, ela é bastante tranquila. Tem alguns que são mais parceiros, mais próximos; outros têm mais dificuldades de responder a assessoria de comunicação e de compreender principalmente o tempo da demanda da comunicação - principalmente, se for uma demanda externa, que é sempre para hoje; o prazo não é uma semana, não é dois dias. Então, é sempre uma negociação. A gente fica no meio do caminho, fazendo uma mediação mesmo. Nós trabalhamos com mediação entre esses gestores e os veículos. Mas depende da temática; depende de qual é o gestor; depende até das relações interpessoais. Teve alguns casos que já deu conflitos entre os colegas gestores e aquele colega pede “*olha, prefiro não atender essa pró-reitoria ou esse gestor*”. Como teve um conflito, os outros colegas assumem. Assim a gente vai fazendo: “*Olha, gente, eu prefiro não lidar com essa temática*”. A gente vai conversando e vai ajustando, para todo mundo ter uma convivência harmoniosa.

Entrevistadora: Vocês têm estagiários?

Entrevistada: Temos em [na outra cidade] estágio obrigatório do curso. Isso é algo bem complexo, porque a gente tem cinco estagiários que mudam - ficam quatro meses e mudam todo semestre. A gente tem que fazer todo o treinamento deles, todo acompanhamento, definição de pauta, revisão de texto e tudo mais à distância. Eles demandam muito da gente. Posso dizer que os nossos estagiários, de maneira geral, vêm bastantes despreparados, apesar de serem alunos de final de curso - pelo menos para cá é realidade. Os detalhes de como trabalha e de como é o trabalho é treinado: tem que haver um treinamento, uma experiência. Os estagiários acabam demandando muito; não é uma forma de trabalho que nos desocupa, mas nos ocupa mais.

Entrevistadora: Vocês têm relação com o público externo, com a sociedade, de uma maneira geral?

Entrevistada: Desculpa! É que cortou um pouco a ligação. Pode repetir?

Entrevistadora: Na relação de trabalho, a assessoria de comunicação tem alguma relação com o público externo?

Entrevistada: A nossa relação com o público externo?

Entrevistadora: Sim!

Entrevistada: A gente tem com os jornalistas e, muitas vezes, a gente tem com os organizadores de eventos, atividades do público externo (que são do público externo, no geral) que a universidade é parceira. Por exemplo, tem um festival de cinema na cidade e o pessoal de cinema entra em contato conosco e a gente dá um apoio na divulgação que eles estão fazendo, porque a [universidade] é parceira - esse tipo de contato com a comunidade.

Entrevistadora: Entendi! Você relatou essa coisa do chefe que não pode chegar e levar os problemas para ele e a dificuldade de tomar decisão, mas existe uma pessoa de referência no seu grupo de trabalho que faça esse papel de você chegar e tirar dúvida e perguntar que caminho é melhor para determinada pauta ou ação?

Entrevistada: Não! Na verdade, por eu ser a mais antiga, eu acabo tendo esse papel diante das minhas colegas. Mas é bem na parceria e é bem no conversar mesmo, mas eu não tenho uma referência.

Entrevistadora: Hoje você é a jornalista mais antiga do setor?

Entrevistada: Isso! É mais por uma questão de antiguidade. É só por isso mesmo. Elas acabam “*como vocês faziam antes?*”, “*como era?*”. Não é por nenhum outro motivo. Aí acaba que eu não tenho com quem me respaldar em algumas coisas. Claro, eu troco

algumas ideias com os meus colegas, a gente decide junto, mas é uma atuação bastante solitária às vezes.

Entrevistadora: Em uma situação de uma cobertura polêmica (não sei se você passou por isso) na qual existem interesses divergentes dentro da mesma Universidade ou que a Universidade possa ter a imagem manchada sob algum aspecto, como é que vocês costumam se posicionar e lidar com isso dentro da comunicação?

Entrevistada: A gente sempre tenta trabalhar com o que é mais correto dos fatos, ser bastante sincero com o que aconteceu. Sempre somos bastantes enfáticos com os gestores de que não é o caso de acobertar, de não é o caso de fingir que não aconteceu. Na verdade, acaba sendo sempre a comunicação quem puxa a gestão das crises e somos nós, jornalistas mesmo ou alguns colegas da arte e da publicidade, que atuam bastante também e geralmente pressionam os gestores. *“Olha, isso está acontecendo e a gente precisa abordar. A Universidade precisa se manifestar”* - sempre em uma perspectiva de prestar contas ao público e para a sociedade e não se defender. A gente acredita que sempre é prestar contas e esclarecer, pedir desculpas no momento que tem que pedir desculpa. Ter em mente que nós somos um serviço público, então nós temos que servir a esse público, nós temos que estar sempre muito atentos ao interesse público. A gente acredita que esse é o melhor caminho para preservar a imagem da Universidade. Então, sempre a atuação é nesse sentido. Às vezes, a gente não consegue; às vezes, a resposta é muito mais lenta do que a gente gostaria. Já tivemos, sim, um conflito interno sério recente, em função de coberturas polêmicas - em função de uma polêmica que estava acontecendo e que a gente acreditava que a Universidade tinha que se manifestar de uma certa forma e os gestores não queria se manifestar. Quando se manifestaram, não quiseram se manifestar da forma que a comunicação entendeu como a melhor forma de vir a público. Nisso que entra o desgaste e a questão conflitante, muitas vezes.

Entrevistadora: Então, quando chega uma situação mais delicada, vocês não publicam sozinhos, mas vocês conversam antes com os gestores?

Entrevistada: A gente conversa antes com os gestores, com certeza. Como eu estava falando antes, o que envolve uma nota pública, um posicionamento da Universidade, algo que é mais de opinião, a gente procura que mais pessoas se envolvam, até porque a nossa chefia não tem esse perfil de definir, de decidir. Sempre pergunta para a gente sobre o que a gente acha...

A entrevista foi interrompida, por causa da ligação que caiu.

Entrevistada: Oi!

Entrevistadora: Oi! A ligação caiu, mas a gente já está pertinho de acabar, tá?

Entrevistada: Tá. É só porque eu estava falando e não sei até onde você ouviu.

Entrevistadora: Você está falando que, às vezes, acontecem esses casos e o seu chefe pede para vocês falarem com outro gestor.

Entrevistada: Isso! Nesses casos, realmente, a gente tenta falar com o máximo de pessoas que tenham competência para lidar com o caso específico. Às vezes, acontece de a gente ter que se aconselhar com o setor jurídico - a Procuradoria Jurídica -, porque a gente tem que ter consciência que o que é publicado no site da Universidade é materialidade de prova de algum processo, de alguma coisa. Quando são casos mais polêmicos, a gente tem que estar mais atentos aos detalhes e sempre estar respaldado. Ter o máximo de pessoas pensando juntos sempre é benéfico, né? A gente tem essa postura quando é mais delicado: tomar todo cuidado possível. Isso nos permite ter bastante autonomia para o trabalho ordinário, para o trabalho do dia a dia. Os gestores se sentem bastante seguros e não precisam supervisionar o que a gente está fazendo.

Entrevistadora: Em relação à atuação dos jornalistas, tem a questão da carga horária de 25 horas. Você me falou que isso é até uma questão contra as pessoas na Universidade, mas você percebe outras diferenças, além da carga horária, na atuação do técnico administrativo que é jornalista e de outros técnicos administrativos que estão em outros cargos na Universidade?

Entrevistada: Eu percebo diferença de postura, comprometimento, dependendo, mas eu acho que tem a ver talvez com o tipo de formação que a gente tem. Mas tem muito a ver com as pessoas mesmo, tem a ver com que está ali naquele cargo e o nível de comprometimento daquele profissional com a instituição, o nível do comprometimento dela com o serviço público. Eu acho que a formação do jornalista nos permite enxergar com mais facilidade o que é esse interesse público, por que a gente está ali e também circular mais nas reuniões em outros setores. A gente tem uma visão de Universidade talvez privilegiada, que nos torna mais comprometidos com a instituição do que alguns outros cargos que não circulam e ficam muito presos a suas realidades, que não tem contato com os estudantes, por exemplo. Eu tenho colegas que estão presos nas suas atuações e não têm contato com estudantes, não têm contato com professor. Isso torna essas pessoas em menos engajadas na Universidade como um todo, por não terem contato mesmo. Eu acho que a natureza da nossa formação e do nosso cargo nos permite ter mais essa circulação e essa visão e de desenvolver essa postura - digamos assim.

Entrevistadora: Qual foi a última capacitação ou formação que você fez?

Entrevistada: A última formação que eu fiz foi o meu mestrado, realmente. Faz um ano que eu defendi, mais ou menos.

Entrevistadora: Foi um mestrado em comunicação ou em outra área?

Entrevistada: Não! Foi um mestrado em Letras, em Linguística Aplicada.

Entrevistadora: Você é sindicalizada?

Entrevistada: Sou! Mas a minha situação é uma coisa meio estranha: eu sou sindicalizada em outro órgão, por uma questão bem bestinha do plano de saúde. Minha mãe era servidora do IF e eu migrei o plano de saúde que eu tinha com ela - eu migrei o meu de dependente para titular. Com isso, eu precisei me sindicalizar lá. Fiz toda a minha sindicalização lá. O nosso sindicato aqui na [universidade] é muito incipiente; não tem bem uma organização. Eu acabei... Eu contribuo lá, mas participo de todas as ações e das mobilizações com categoria aqui. É uma coisa meio híbrida.

Entrevistadora: Você é sindicalizada ao Sindicato dos Jornalistas?

Entrevistada: Já fui; não sou mais.

Entrevistadora: Por algum motivo específico?

Entrevistada: Não tem atuação aqui. Eu acabei perdendo o vínculo e acabei não indo mais atrás.

Entrevistadora: O sindicato dos servidores, como é que você avalia a atuação do sindicato dos servidores em relação às reivindicações dos jornalistas que atuam nas universidades? Tem alguma coisa?

Entrevistada: Eu nunca percebi essa pauta. Acho que não é uma pauta de interesse geral; pelo menos, não, internamente. Eu sou sindicalizada em um lugar, mas acompanho as reuniões e as assembleias - quando tem - em outros. Nas nossas assembleias, isso não é uma questão. Surge como geral “como melhorar a comunicação”, mas não é específica a pauta dos jornalistas enquanto servidores.

Entrevistadora: Tá certo. Pois era isso! Eu agradeço demais a sua colaboração e a disponibilidade de contribuir com a pesquisa.

Entrevistada: Imagina! Eu fico feliz de poder participar, fico feliz em saber que a colega está fazendo sua pesquisa e está contribuindo - é sempre ótimo para a gente. Eu estou louca para ler o seu trabalho. Eu peço desculpas por toda essa confusão: a gente ter trocado tantas vezes a data.

Entrevistadora: Tranquilo! Pois está bom.

Entrevistada: Era isso? Eu te ajudei? Falei muito ou falei pouco?

Entrevistadora: Está ótimo! A previsão é que eu defenda em dezembro. Depois que eu defender, eu aviso. Algumas pessoas pediram para ler, aí eu aviso, sim.

Entrevistada: Sempre é bom ter uma pesquisa certinha sobre a nossa atuação. É maravilhoso!

Entrevistadora: Obrigado, tá? Bom dia!

Entrevistada: Obrigado por você ter lembrado da colega aqui. Um abraço!

Entrevistadora: Um abraço! Tchau!

Entrevistada: Tchau!

APÊNDICE D - Entrevista 4

SALGUEIRO, Joaquim. **Entrevista 4**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 14 min. e 56 seg.)

Entrevistado: Alô?

Entrevistadora: Alô!

Entrevistado: Oi, Gabriela.

Entrevistadora: Acho que deu algum probleminha na ligação. Mas vamos lá. Eu queria que você começasse falando por que você escolheu ser jornalista e as suas experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistado: Tá! Vamos lá. Eu comecei a fazer o ensino... Tem que recordar que eu venho de uma classe média baixa. Não tive instruções reais por parte da minha família, porque ninguém da minha família tem curso superior, então as minhas descobertas foram por experiência mesmo (experiência e possibilidade de ter acesso a algumas instâncias). Onde eu estou querendo chegar é que eu decidi, nesse cenário, fazer escola técnica. Os sistemas das escolas técnicas é igual ao dos institutos federais. Programei a minha vida para ser técnico metalúrgico - eu sou técnico. Só que, durante a escola técnica... Eu entendo que a escola técnica tem o mesmo sentido da Universidade: abrir sua mente para visualizar novos horizontes. Eu sempre fui muito inquieto em relação às situações sociais, sempre me coloquei a favor da possibilidade de poder ajudar o outro. Então, eu fui perdendo essa questão do desejo de ser técnico, do ponto de vista do receio de me tornar um tecnicista para tentar pensar com uma perspectiva de colaborar um pouco mais. Com esse “colaborar um pouco mais”, eu transitei em algumas possibilidades: uma delas foi ser professor na área de Letras; Sociologia, porque eu me interessava muito pela pesquisa social; e o Jornalismo, pela questão de poder contribuir com lidar com a informação de forma mais clara e democrática possível. Nesse meio termo eu encontrei o jornalismo, na época, como desafio, porque as outras eu teria mais fácil acesso. Na época, o jornalismo na universidade onde eu me formei era o quinto curso mais disputado. Eu me coloquei nesse desafio: trabalhando como técnico, indo para a universidade pública, fazendo um curso que não era para pobre. Por isso eu tive que fazer o curso em seis anos. Então, foi uma jornada de resistência, eu chamaria. Ao concluir o curso de jornalismo, me veem várias ideias, mas em termos profissionais, enquanto eu estava no curso, eu me

desvinculei da atividade de técnico metalúrgico, porque eu não conseguia associar as duas atividades. Trabalhei com duas assessorias, e ficou muito claro que assessoria, para mim, era uma forma de desenvolver algo que estava além do jornalismo. Há pouco tempo, eu fui me identificando como um ser de comunicação de uma forma mais integrada, não apenas para o jornalismo. Eu me identificava muito com relações públicas. Fui para assessoria, para empresas de assessoria que prestam assessoria para outras empresas. Ao mesmo tempo, com a experiência de indústria, levei para a revista da Federação das Indústrias. Também eu tive uma - digamos assim - sorte do destino de recém-graduado, com pouca experiência, de ter sido chamado para trabalhar em um contrato temporário de um ano para [uma empresa pública] - isso no interior do estado [que eu morava]. Talvez, naquele momento, as pessoas não queriam ir para o interior do estado. Me encantava a ideia de que eu estava também me envolvendo com a atividade industrial, não estava perdendo um pouquinho daquilo que me levou a fins (a indústria). Nisso, eu fiquei 10 anos trabalhando para a [empresa pública] por contratos continuados - eu não era concursado. Nesses contratos, nos três últimos anos, eu passei na Floresta Amazônica. Eu trabalhei na floresta como um profissional de comunicação, identidade quase de relações públicas, que tinha que diminuir os conflitos internos e externos, no desenvolvimento de uma grande obra de engenharia [um gasoduto]. Com isso, eu tinha que lidar com o público de mais ou menos 5 mil operários de obra, para poder fazer a comunicação interna, para promover o bem-estar para essas pessoas e também tinha 60 comunidades na minha área de atuação, então eu tinha que direcionar as atividades para poder diminuir os conflitos sociais que, com certeza, acontecem. A função do profissional de comunicação também é diminuir os impactos, de uma forma que ela seja mais limpa, direta, de igual para igual. Essa foi a minha experiência.

Entrevistadora: Alô?

Entrevistado: Oi?

Entrevistadora: Pronto!

Entrevistado: Eu fui convidado por alguns professores de alguns cursos de pós-graduação para apresentar essa experiência. Essa aproximação com a área acadêmica me rendeu um convite para dar aula em faculdade particular, por um ano. Quando eu estava dando aula, eu conheci a proposta da [universidade]. Por que não participar de um projeto como esse que estava nascendo? Não tive muito receio de novidades, porque sempre gostei de aventura, na verdade, mas essa seria uma possibilidade de colaboração do conhecimento com essa proposta de universidade. Então, foi aí que eu cheguei com o

jornalismo e cheguei até o ponto de ser da universidade que hoje estamos mais ou menos há oito anos - é o tempo que eu tenho de cargo efetivo.

Entrevistadora: Como foi o processo de ingresso na Universidade?

Entrevistado: Foi por concurso público. Era uma universidade nova, então deu quatro vagas para jornalista, o que já era muito diferente das outras universidades já consolidadas. Prestei concurso público no ano de 2012/2010/2011 - não tenho certeza. Efetivamente, eu fui chamado para trabalhar em 2012. Foi por concurso público. Das quatro vagas, eu fiquei em quarto lugar e fiquei esperando a minha vaga e fiquei feliz quando saiu o resultado.

Entrevistadora: Hoje o que você mais gosta do seu trabalho?

Entrevistado: Eu sempre me joguei em desafios e talvez eu não conseguiria ter me enxergado antes em uma outra universidade, porque o meu caminho profissional estava me levando cada vez mais para desenvolver conflitos. Eu estava sendo especialista em resolução de conflitos. Eu ia continuar na [empresa pública] se não tivesse entrado em um momento de crise. Só que isso me levou para uma universidade e faculdades para lecionar, que me levaram para uma universidade. Então, foi um aprendizado muito curto de tempo, mas foi um grande aprendizado. A única coisa com a qual eu conseguia fazer uma relação era que eu estava também na área de conflitos, porque uma universidade nova, em uma cidade média, com dificuldades de entender o novo, naturalmente, gera conflitos. Então, eu fui com esse espírito. Então, o meu trabalho sempre foi pensando nisso: nas possibilidades de diminuir os conflitos, na expectativa de aproximar os públicos ouvidos. Então, eu sempre busquei trabalhar dessa forma. Eu pouco tive a chance de me considerar, especificamente, como jornalista, aquele que produz conteúdo, porque essa produção de conteúdo estava totalmente imersa em várias atividades - eu não conseguia dissociar uma coisa da outra. Na verdade, eu acabei ficando por alguns anos no cargo de gestão e isso me traz outras responsabilidades. Eu lembro muito do quanto era gostoso trabalhar a pluralidade e a diversidade e transformar isso em uma possibilidade de conteúdos e tentar levar isso para a cidade, porque a cidade não conhecia essas possibilidades.

Entrevistadora: Sim! Entendi! Você até citou um pouquinho na sua resposta, mas eu queria que você falasse sobre as diferenças entre o seu trabalho na Universidade e o seu trabalho nas suas experiências anteriores. Que diferenças você percebe entre os dois?

Entrevistado: As semelhanças são, principalmente, no que diz respeito a resoluções de conflitos. Realmente, a [universidade] teve um desgaste muito grande na cidade, porque

a cidade não se preparou para receber a Universidade. A Universidade parece que chegou como se fosse um OVNI. “*Eu estou aqui. Vou me estabelecer. Vocês vão aprender a lidar com a Universidade*”. Eu acho que faltou um pouco de humildade na época. Na minha experiência anterior, eu chamaria isso de “*vamos fazer reuniões*”, de poder de socializar o conhecimento, “*vamos fazer audiências públicas*”, “*vamos transformar algo que possa ser estranho em uma oportunidade*”. Na verdade, era o que eu levava para as minhas comunidades. Só que é tudo uma questão de gestão também - eu chamo isso de gestão principal, do principal gestor, de como ele se posiciona, no caso, o reitor. Existia um interesse muito grande de consolidar uma universidade naquela região, que foi escolhida em termos políticos também e também econômicos. Eu sempre lido com essa problemática: faltou conversar com as partes envolvidas - significa conversar principalmente com a comunidade. O profissional de comunicação tem uma facilidade talvez muito fácil de falar com as partes que movem a questão político-econômica da coisa, mas, para lidar com a parte social, ele tem uma problemática meio que estrutural, mas que também vem da academia e dos próprios cursos de comunicação, que não percebem isso, ou seja, não trabalham isso de uma forma mais contundente. Então, esse foi um grande desafio do pessoal de comunicação na Universidade: eu diria que era convencer o gestor que a forma não era aquela e tentar fazer tudo o que tem que ser feito sem muita ajuda da gestão.

Entrevistadora: Dentro da Universidade - você chegou a citar -, você não se considerava tanto um jornalista. Você achava que fazia mais papel de quê, dentro da Universidade?

Entrevistado: Certo! Veja bem: eu nunca deixei de fazer coisas que eu amo - que era produção textual (eu fazia, mesmo sem ter foco naquele momento) e atendimento da imprensa (que era um dos grandes gargalos, eu poderia dizer, porque a imprensa não estava entendendo a relação). Eu ter que falar com os meus pares me fazia bem, no sentido de ter o meu trabalho como jornalista. Mas eu me considero como comunicador. Eu gostava de transitar em outras áreas e poder assimilar com outras áreas, para que eu pudesse fazer a maior transição entre elas. Eu acho que isso é a grande sacada de um gestor de comunicação: que consiga entender que os processos podem ser independentes, mas eles também podem ser trabalhados em conjunto. Então, eu sempre me coloquei como comunicador. Eu sempre coloco, para as pessoas que chegam na Universidade para trabalhar, de que elas podem pensar fora da caixinha, de que o jornalista pode também fazer papel de relações públicas e relações públicas, eventualmente, o de jornalista, sem criar muito atrito entre essas áreas, mas que um possa colaborar com o outro. Eu não

deixei de atuar como e executar tarefas de jornalista, mas eu também executava tarefas de publicitário às vezes, executava tarefas de relações públicas e tentava transitar dentro das possíveis áreas, para que pudesse ter um pouquinho de harmonia.

[00:20:37] Entrevistadora: Entendi! Você acha que o assessor de imprensa é jornalista?

[00:20:43] Entrevistado: O assessor de imprensa?

[00:20:45] Entrevistadora: Assessor de imprensa é jornalista?

[00:20:48] Entrevistado: Eu não acho exatamente isso, mas a experiência tem mostrado, para mim, que vários assessores de imprensa são jornalistas. Existem padrões nos Estados Unidos que me parecem - também não tenho total propriedade - que os relações públicas atuam mais fortemente nessa área de assessoria de imprensa. No Brasil, há algo que me parece um movimento de que os jornalistas preferem abraçar essa área para si. Eu sei que atender (?) de produção fica fácil, porque você entende um pouco do mecanismo de produção do trabalho dele, da complexidade do trabalho dele, que ele tem *deadline*, que ele precisa confiar e ter fontes. Isso me faz acreditar que, percebendo essa necessidade do colega que trabalha na grande imprensa de veículos de comunicação, eu consigo dialogar com ele de uma forma mais facilitada, atendendo o meu objetivo - que é fazer assessoria - e também o objetivo dele, que é buscar as informações da melhor forma possível. Assessoria de imprensa sempre foi o queridinho para mim dentro da Universidade. Se eu não estava protagonizando, se eu não estava atuando de uma forma muito direta, eu estava muito próximo do assessor que pudesse fazer esse meio de campo. Eu sempre quis... Na [universidade], a gente tem que tomar um cuidado fundamental, porque a gente tinha essa problemática do não entendimento de como a Universidade foi criada ali, e por que essa Universidade não foi passada de conhecimento e de informação para a comunidade local. É isso!

Entrevistadora: Então, na Universidade, você acha que você é mais assessor de imprensa do que jornalista, é mais servidor público, divulgador da ciência - também tem esse lado de quem trabalha nas universidades? O que você acha que, na sua atuação, você é mais?

Entrevistado: Eu me considero mais assessor de imprensa. Eu gosto da ideia, porque para mim vem a questão da perspectiva de resolução de conflitos, que faz parte da minha trajetória profissional. Mas eu acho que... Por ser servidor público... Uma das coisas que eu levo de ser servidor público é que a gente não está trabalhando para o capitalismo imediato, mas trabalhando para suprir necessidades do cidadão, suprir necessidades da sociedade. Educação pública gratuita é uma das nossas atribuições, então eu já considero essa questão do servidor público uma questão - a gente não falou - fundamental. A partir

dela, você desenvolve o que realmente você quer desenvolver. A questão científica, é, para mim, um dos primordiais, por quê? A Universidade faz ciência em tecnologia, em ciências humanas e ainda em ciências aplicadas - colocando quem é mais poderoso aí. A questão é que ela produz ciência e como essa produção de ciência pode ser melhor compreendida para os públicos que dela fazem parte: professor que tem que conhecer a atividades dos seus pares; estudante; e o corpo técnico, porque o corpo técnico também tem que sentir participativo para que ele possa fazer o papel fundamental dele. Então, eu acho que a divulgação da ciência é um caso básico também de todo comunicador, de todo jornalista que trabalha em uma Universidade. No meu caso, eu sempre incentivava os meus colegas jornalistas que produzissem matérias sobre divulgação científica da melhor forma possível e que ficassem muito à disposição dessa necessidade. Como eu estava naquele momento com o cargo de gestão, pensando em uma questão mais estratégica, então eu tentava me especializar mais na questão de assessoria da Universidade mesmo. Eu me sentia mais - digamos assim - confortável, mais pontualmente produtivo nessa área. Mas agora, que estarei retornando às minhas atividades jornalísticas, eu vou fazer o que eu aprender a fazer: eu vou difundir conhecimento. Eu acho que esse é o DNA de um profissional que atua em uma assessoria de comunicação.

Entrevistadora: Como era a sua rotina, na época - um dia típico de trabalho?

Entrevistado: Eu nunca conseguia ficar não antenado nas situações, porque eu já tinha um histórico de uma boa aproximação com estudantes. Eu sempre apostei muito em estudantes. Eu costumo dizer: a universidade pode não ter técnico e pode não ter professor, mas tem que ter estudantes, porque só técnico e professor não faz a universidade. Eu sempre tive muita facilidade de relação com os estudantes - isso como gestor e como não gestor. Então, eu costumava frequentar mesmo os locais que eles frequentavam. Eu quis pouco ficar dentro de escritório porque eu acreditava - e sempre acreditei - que o jornalista deve ficar pouco em escritório. Ele deve circular! Quanto mais circular, mais conhecimento e informações ele tem condições de captar. Então tem que conversar com professor no corredor, conversar com estudante no pátio, pegar o ônibus que os estudantes pegam. Eu solicitei isso ao meu novo gestor, que eu tivesse essa possibilidade de estar andando mais, circulando mais, porque a partir daí eu tinha condições de desenvolver produtos. Olhando a realidade que eu estava vendo, naquele momento eu poderia estar desenvolvendo uma matéria, já pré-agendando um material audiovisual (aí demandaria mais tempo e mais técnica e pessoas), poderia vir a encontrar uma pauta de imprensa e apostar nisso, poderia desenvolver produtos para as redes

sociais. No tempo em que eu fui gestor, eu fui muito feliz, porque a forma com que eu queria que os meus jornalistas da equipe atuassem, eu estava atuando, inclusive eu era convidado - eram convites agradáveis - por exemplo, por parte de estudantes, para participar de reuniões de estudantes. Eu não estava, naquele momento, como um olheiro ou como um espião, mas eles começaram a entender que a participação de um profissional de comunicação poderia ajudá-los em divulgação. Então, foi isso! Eu considero que eu fui muito feliz essa questão de também atuar de uma forma não escritório, mas cumprindo metas de horário, cumprindo metas de produção de material e também não deixando de atender as demandas de escritório, é claro! Mas também porque a minha troca de gestão de reitoria - é uma questão política e eu também tinha essa ideia de fazer valer o que eu pensava antes: o profissional de comunicação é aquele que circula.

Entrevistadora: Nessa época, você se sentiu mais jornalista?

Entrevistado: Muito mais jornalista! Muito mais jornalista! Isso não significa que eu tenha me sentido menos as outras coisas, porque eu fui participar, por exemplo, de comitê de crise, que é uma coisa muito típica de relações públicas, fui colaborar para a produção de fotografias para campanhas para questões muito específicas - o DNA do publicitário. Eu não deixava de fazer isso. Mas eu me sentia, dentro de uma conjuntura da gestão da Universidade, atuando como jornalista, cumprindo o papel da qual a lei - eu não vou lembrar dela; a 1100 e pouco - dos servidores públicos [refere-se à lei 11.091/2005]. Quando vou ver quais são as funções do jornalista, eu estava cumprindo as funções do jornalista.

Entrevistadora: Existe algum tipo de orientação verbal ou por escrito sobre essas coberturas da Universidade? Eram negociações que ocorriam entre vocês, a depender da pauta ou já tinha essas orientações?

Entrevistado: Essa orientação minha era verbal, não era por escrita, de que o profissional tem que circular e não existia, naquele momento, qualificação específica para determinadas áreas. Todo mundo tinha que produzir para título de conhecimento; todo mundo tinha também que produzir para falar do dia a dia, do cotidiano, da Universidade. Para mim, a função... Como gestor, eu deixava para mim a função de exercer assessoria à reitoria, porque eu não queria obrigar - no sentido de deixar como obrigação - um jornalista, colega meu, a fazer assessoria de reitoria. Eu queria deixar os jornalistas livres para produzir material de conhecimento científico. Então, era realmente verbal, apesar de que existia, na nossa Política de Comunicação... A Política de Comunicação jogava, pincelava algumas questões que falavam sobre Comunicação Pública, que é a

comunicação voltada para os públicos; “pelo, para e pelos” públicos. Então, a gente tentava sempre associar dessa forma. É a forma que eu acredito que quando eu for voltar agora, alguns jornalistas devem continuar executando, à exceção se tiver a orientação de um superior de mudar, mas no período que eu estava atuando na função de profissional de comunicação jornalística, eu acho que os meus gestores entenderam a minha proposta e me davam essa positiva liberdade. Eu não sei se era uma liberdade consensual em função da minha ideia, da minha proposta, ou do tipo “*é melhor não mexer com ele, porque ele acabou de sair de um cargo de gestão*”. Particularmente, eu não sei, mas também não vou fazer esse tipo de juízo, não.

Entrevistadora: Mas entre você e os seus colegas jornalistas... Você disse que não tem especificamente uma orientação por escrito de como fazer a cobertura. Tem algumas coisas que vão sendo acordadas - você mesmo conversou com a gestão - sobre a sua atuação. Mas existem pautas ou existem momentos em que você percebe que há um direcionamento, do tipo “*não pode falar dessa maneira*” ou “*a gente não pode tratar sobre esse assunto*”, “*é melhor não falar sobre isso*” ou que precisa mostrar o texto para uma outra pessoa de um outro setor, fora do setor de comunicação? Como é que vocês lidam com isso na rotina?

Entrevistado: Praticamente, Gabriela, quando chegava a esse nível, eu assumia a responsabilidade para mim, porque eu era gestor de comunicação. Se eu visse que tinha um impedimento específico porque é um assunto espinhoso, é um assunto que mexe com a gestão, eu tentava resolver isso. Eu não queria que um colega meu jornalista passasse por essa situação, porque a gente não está preparado para ficar negociando correções toda hora, a gente não está preparado para ficar pedindo correção de texto ao entrevistado. Como jornalista, a gente não se prepara para isso. A gente se prepara para ter autonomia. Então, quando vinham questões dessa natureza, eu assumia a responsabilidade para mim, porque eu era o gestor de comunicação. Justamente, reforçando, eu queria que o meu grupo de jornalistas se dedicasse àquilo que um jornalista tem que fazer, então dificilmente eu passava esse tipo de pauta para alguém da minha equipe, para não sentir esses possíveis constrangimentos. Eles existem? Existem! Existe mesmo. Eu atuei muito próximo deles. Também, todas as questões que eram delicadas, a gente discutia em reuniões de pauta. A gente tem pelo menos uma reunião de pauta semanal - pelo menos, uma semanal -, mas, dentro das possibilidades ou das diretrizes, a gente montava mais de uma reunião por semana, na qual a gente discutia também olhares, percepções. Eu aprendi muito, inclusive, com a minha equipe de jornalistas e com as percepções que eles tinham,

porque a gente não pode ficar limitado ao que a gente pensa ou ao que você está vivendo naquele momento. Então, essa troca de experiência, mesmo que ela não tenha sido redigida, mesmo que não tenha virado um documento, uma normativa ou - sei lá - um manual de procedimento, ela estava na pluralidade do nosso dia a dia. Quando eu fui para ser apenas jornalista, eu não peguei essas pautas. Eu não sei exatamente se foi uma forma de entendimento de que eu estava no lugar do outro e era o que eu desejava para o outro ou se politicamente não era interessante eu pegar esse tipo de pauta.

Entrevistadora: Então, normalmente, as pautas do setor, vocês têm autonomia de trabalhar, de definir o que vai ser pauta ou não, dentro do próprio setor de comunicação. É isso?

Entrevistado: Total autonomia. Sim! Não existe influência. O que existe é a percepção do modelo interior organizacional entender que aquilo que ele está pensando é pauta. A gente pode definir as estratégias: estudar que o que ele está propondo é pauta ou não. Eu acho que isso é um direito do jornalista pensar; está na profissão do jornalista. Então, muitas vezes, eu ia para uma reunião e dizia *“o que você acha que é uma pauta ou uma matéria jornalística, de repente, pode virar uma campanha interna”*, *“de repente, a gente pode trabalhar isso de uma outra forma e não necessariamente com a produção de uma pauta”*, porque, para quem não conhece o processo, tudo é pauta. Estou falando de uma forma genérica, mas a minha experiência mostrou assim. Até em função disso, nós criamos veículos diferenciados. Tem que lembrar que é uma universidade nova. Não temos televisão, não temos rádio, não temos nada. O site é a nossa principal vitrine. Mas o que não cabia no site, a gente transformou em boletim, aí muitos discursos organizacionais, que, no início, eu sentia uma dificuldade de convencimento do pessoal de o que ele estava propondo não era uma pauta jornalística, mas poderia ser um informe apenas. O informe tem uma pegada jornalística, mas ele é administrativo. O jornalista pode transformar um informe em uma coisa mais agradável. Eu tinha uma percepção de que ele queria aparecer de alguma forma. Se não aparecia, não dava a impressão para ele de que estava acontecendo e a gente criou alternativas de comunicação, de que poderia ter outros meios que pudessem apresentá-los. Então, foi um pouco dessa luta diária de convencimento, a ponto de que aqueles que acreditavam em determinada forma, já chegava para mim *“eu já entendi que não é. Então, esse aqui pode servir para outro meio?”*. É isso! É educação constante o que a gente tem que fazer. Para uma universidade que tem pouco tempo de vida, é um desafio maior.

Entrevistadora: Então quer dizer que a ingerência que vocês tinham no setor, na verdade, não era bem ingerência; era mais nesse sentido das demandas que vêm e que às vezes é diferente o que a pessoa quer daquilo que o profissional de comunicação acha que deve ser feito? É nesse caso?

Entrevistado: Sim. E eu sempre lembrava que a gente era superior em relação a isso; Quem passava pela comunicação sem definir como (?). Isso não foi tão fácil em alguns momentos. Existia uma etapa de comprar briga. Mas é isso: ou você se consolida pela paz ou pela guerra. A gente optava pela paz em todo momento, mas é lógico que não conseguia agradar a todo mundo - a verdade é essa! Mas eu sempre considerei que nós tínhamos que ter autonomia sobre o que a gente iria produzir.

Entrevistadora: Quem são os públicos internos de vocês? Para quem vocês escrevem?

Entrevistado: Internos são esses macros aí, que compõem o público da Universidade: os docentes, os técnicos e os estudantes. É claro que tem subgrupos, aí você tem que ficar um pouco mais antenado nisso: são as comissões, são os coletivos. A gente tem que valorizar o que há internamente. Só que nem tudo a gente cobre. É um trabalho de formiguinha do profissional. É nesse “circular” que você pode identificar possibilidades: possibilidade de identificar uma pauta, possibilidade de levar aquele assunto para a imprensa para se tornar conhecido na comunidade. Eu, como jornalista, desenvolvi projetos de extensão. Criei uma webrádio; criei um projeto de pesquisas internas, para trazer pessoas de fora; criei um movimento para fazer eventos internos para levar também a Universidade para fora. Os nossos públicos não são totalmente isolados. Eles têm que se intercomunicar. No final de tudo, é a sociedade! Esse é o grande público. Que a sociedade entenda o que a Universidade está fazendo. Não vai entender os pormenores, não vai entender as políticas internas, mas, no final, o que a gente está produzindo é conhecimento, criando novos pensadores, novos profissionais, que busquem melhorar a vida dessa sociedade.

Entrevistadora: Então, vocês escrevem tanto para o público interno quanto para o público externo, né?

Entrevistado: Sim, sim! Tanto é que a gente criou meios diferentes para falar com públicos diferentes. A gente trata os dois públicos - interno e externo, tratando-os com igual. (?) o nosso site institucional; é onde o (?) tem acesso. Agora, outras formas... Por exemplo, na minha gestão eu solicitei a criação de um boletim, que fosse encaminhado para a comunidade, sobretudo de como eles poderiam interagir com a Universidade. A gente tinha uma vez por semana um boletim que a gente mandava por e-mail. As pessoas

se cadastravam e recebiam. Vinha do que elas podiam participar, os cursos livres, tudo o que a Universidade se envolvia com o público externo. Só para você entender: a gente tinha um boletim para o público interno, tinha um boletim para público externo, para que pudessem buscar a Universidade e entender a função da Universidade. Então, tinha essa diversidade de meios. Agora, eu fiquei sabendo, por exemplo, que criaram um novo meio, no qual fazem divulgação científica em audiovisual. Eu achei muito bom, cara. É perfeito, porque ele aproxima muito facilmente as pessoas. Pegou-se um tema muito bacana, que é facilitar o acesso à informação sobre a ciência. Me parece que eles estão tendo sucesso com isso. Nem foi na minha gestão. Fiquei muito feliz.

Entrevistadora: Como costuma ser a relação com os jornalistas de fora?

Entrevistado: Internos?

Entrevistadora: Não, os de fora, os da imprensa.

Entrevistado: A nossa atuação de jornalistas que buscam a Universidade são os locais, os estaduais (que aí influencia a capital) e os nacionais. É claro que, em momento de crise, por exemplo... A gente teve a questão [de uma revista de circulação nacional], que foi fazer uma matéria bastante encomendada, de forma que a profissional passou lá três dias, tendo contato com várias pessoas. Tivemos um trabalho lindo de assessoria de imprensa com ela. Ela, aparentemente, ficou maravilhada com o que viu e ouviu. Quando voltou, veio uma matéria que desconsiderava tudo o que aconteceu, porque o objetivo era atacar o projeto do governo. Ela pediu desculpas depois. Isso acontece! Mas a gente sempre respeita o profissional. Cada um tem a sua responsabilidade. Mas a Universidade é atacada, mas, mesmo assim, nós estamos sempre, de uma forma muito cordial e sustentável - digamos assim...

Entrevistadora: Você se considera um porta-voz da reitoria?

Entrevistado: Naquele momento de gestão, sim. Naquele momento de gestão, eu já cheguei a fazer esse papel.

Entrevistadora: Mas vocês acham que vocês são assessoria da reitoria, da Universidade? Vocês têm que atender a todos os públicos? Como é isso?

Entrevistado: Na verdade, tem que atender todos os públicos, mas a assessoria da Reitoria, para mim, é o menor efeito, é o menor efeito, porque o atendimento é para o público. O atendimento é bem mais macro do que micro. Por isso que eu dizia: “*mantenha uma equipe com foco na comunicação pública e em todos os quesitos que baseiam essa comunicação pública e deixa que a parte mais institucional eu, como gestor, faria*”. Isso, para mim, foi uma forma de resguardar a minha equipe. Eu pensava dessa forma: eu tinha

que resguardar a minha equipe, para trabalhar para o foco que ela deveria trabalhar. Eu assumi esse papel. Eu vou dizer que é a melhor forma? Não sei dizer! Eu arrisquei naquele momento. Eu precisava manter minha equipe feliz, alinhada, fazendo as coisas que eles acreditam. Pensei: se alguém tem que sofrer, esse alguém sou eu. No mundo que eu posso imaginar como melhor, eu penso em uma assessoria que não seja para a Reitoria. Para isso, você tem outros cargos, como chefe de gabinete. Isso não impede que tenha apoio, mas não pode ser o fundamental.

Entrevistadora: Entendi! É como se fosse uma das atribuições, mas não é a atribuição principal - atender a Reitoria.

Entrevistado: Exatamente! Quando você fala de Reitoria, você está dentro de um organograma de gestão; você está subordinado ao seu reitor, quando você é gestor de comunicação. Então, resta saber quanto você tem de capacidade de exercer essa política e não deixar a Reitoria sobrar para o seu... Ser superior que a equipe de comunicação naquele momento. Por exemplo, eu passei por duas gestões. Eu tive um reitor, claramente, que entendia que a assessoria de comunicação era dele e tinha o outro reitor que me dava total autonomia para eu desenvolver o meu trabalho - eu sendo o [gestor] de comunicação dos dois, um em cada momento. Com o primeiro, eu não tive como negociar; com o segundo, eu tive.

Entrevistadora: Entendi! Em uma situação mais delicada, em uma cobertura mais polêmica, que tem interesses divergentes dentro da própria Universidade, e correndo o risco de a imagem da própria Universidade ser manchada, sob algum aspecto, como você costuma se posicionar? Eu não estou falando do assessor, mas do profissional jornalista mesmo, que trabalha nessas várias dimensões.

Entrevistado: Eu penso assim: eu sou jornalista, tem princípios que eu tenho que seguir que são próprios da minha profissão, eu sou um servidor público e estou dentro de uma instituição que tem sua função social também e eu adoro viver nesse sistema de conflito. Como jornalista, eu vou sempre falar com todos os lados, sempre vou ouvir, mas, ao final, eu tento... eu sempre (?), parece que eu sou educador, mas eu tento sempre mostrar que algumas situações, da forma como quer ser mostrada, pode impactar negativamente a percepção da sociedade sobre a instituição. Pode ser que naquele momento eu faça uma censura do tipo “esse assunto, não”, mas eu tento sempre evitar, porque eu não quero ter que voltar toda hora e dizer que é impossível; eu quero que a pessoa entenda porque não é possível. Como eu, na função de servidor público, com a suposta estabilidade, você vê que tem um processo natural para trabalhar com pessoas por muito tempo, então quanto

menos desgaste, melhor! A educação, para mim, é um grande processo, nessa onda. Eu não posso me basear nem por todo mundo, mas, na função de jornalista, por muitas vezes eu chegava, olhava o que estava acontecendo, discutia o que era pertinente ou não e dizia que se fizesse dessa forma, poderia colaborar. Mas, às vezes, nem mesmo como jornalista, mas como ente interno, uma pessoa que estava ligada com a Universidade e gostaria do melhor para ela. Mas é claro que você acaba atuando como profissional também, inevitavelmente. Te ajuda falando disso ou não?

Entrevistadora: Nesses casos mais complicados, tem alguma pessoa no seu grupo de trabalho que seja referência para dialogar, para conversar, para perguntar o que se deve fazer? Você já faz um tempo que trabalha na Universidade, então já tem uma certa experiência. Não sei se você é essa pessoa; talvez seja. Mas se tiver outra também... Porque, às vezes, é o próprio gestor. Os jornalistas ali têm uma dúvida se escrevem o texto de determinada forma, se aquilo vira pauta ou não, então, muitas vezes, procuram o gestor; mas, às vezes, tem um outro colega que está há mais tempo, que já entende mais como são as questões políticas na Universidade e aquela pessoa virou uma certa referência também. Eu queria saber se tem alguém no seu grupo de trabalho e quem seria essa pessoa e por que ela chegou a ser essa referência.

Entrevistado: Eu tenho uma dificuldade em relação a isso, porque, querendo ou não, somos praticamente... Todos entramos na mesma época. Então, tem muita gente iniciando o serviço público ali, da mesma forma que eu. Os gestores iniciais já não estão mais lá, então as pessoas que começaram a Universidade com um vínculo efetivo já não estão mais lá, até mesmo para a gente fazer esses questionamentos de experiência das pessoas. O que eu acho mais difícil é a falta de experiência do grande grupo, por isso que eu considero fundamental também que depois que os profissionais de comunicação entenderam que eles deveriam (?) das universidades - a criação do Cogecom [Colégio de Gestores de Comunicação, ligado à Andifes], com a possibilidade de reuniões e grupos de discussão... *“Na minha Universidade está acontecendo assim. Como você está fazendo aí?”*. Me parece que isso deu um pouco mais de autonomia e entendimento de que a gente pode resolver as coisas. Não estou falando que todos somos super poderosos, mas muitas angústias que eu tinha, como profissional de comunicação, eu passei a dividir com colegas. *“Alguém está passando a mesma situação que eu?”*, *“Como você está agindo nessa situação?”*. Isso me ajudou muito.

Entrevistadora: Isso com os jornalistas de fora, com jornalistas, RPs de outras universidades.

Entrevistado: Sim! Essa é uma lacuna que existe porque a Universidade é nova e não tem uma pessoa de referência. Os meus colegas mais experientes têm a mesma experiência que eu. A quem eu vou recorrer na Universidade? Todos têm a experiência igual. É claro que as figuras, dependendo da gestão que tiver, de chefe de gabinete são muito importantes, dependendo da forma como eles se articulam. Geralmente, chefe de gabinete é escolhido pelo reitor pela facilidade que ele tem de circular com os vários públicos. Geralmente! Como ele tem essa coisa de transitar entre vários, dependendo de quem esteja no momento, o perfil, essa poderia ser a pessoa, mas eu não tive uma ótima experiência com isso, não. Só acho que poderia ser. O reitor está sempre muito ocupado com várias coisas. Eu acho que a assessoria deveria mais assessorar a Reitoria no sentido de dar indicações para o reitor de como proceder do que o reitor dizer para a assessoria como proceder em relação ao trabalho dela. Eu entendo o que eu tenho que fazer. Talvez eu não tenha experiência em instituição pública, com a característica de universidade. Oito anos estando na Universidade, eu ganhei experiência. Mas fica muito difícil o reitor querer ensinar como fazer comunicação. Isso, realmente, é muito complicado. Como eu tento trabalhar com educação e também busco educar dentro das possibilidades, a gente pode ser uma peça importante para sugerir como proceder em algumas situações.

Entrevistadora: Quais são as situações - se tem alguma situação - que te deixa mais chateado e estressado com o seu ambiente de trabalho?

Entrevistado: Eu fico muito chateado quando a comunidade não percebe a importância de uma universidade.

Entrevistadora: A comunidade que você diz é a cidade, né?

Entrevistado: Externa! Isso, a cidade. Por quê? Eu nunca tinha trabalhado em outra universidade, mas já estudei em universidade pública. Eu tinha a ideia de que toda a universidade era um patrimônio, que a comunidade tinha uma admiração. Eu trabalhava com essa hipótese, porque eu, na época que era cidadão e tinha acesso a uma universidade pública, era assim que eu via, com admiração. Nesse momento que estamos vivendo, eu não estou conseguindo ver isso e isso me aflige muito. Infelizmente, nós temos casos... Hoje, existem pessoas que estão fazendo pouco caso de universidade pública. Mas muitas universidades públicas... Apareceu essa onda meio neoliberal, que discute se deve ter universidade pública ou não. Isso engrossa um discurso, que é nacional. Isso me dá uma inquietação muito grande.

Entrevistadora: Entendi! Vocês, hoje, têm estagiários em comunicação no setor?

Entrevistado: Tem uma questão: nós não temos curso de comunicação, então são estudantes de cursos que se aproximam (Cinema, Letras) e que desenvolvem atividades específicas dentro da assessoria, e não necessariamente jornalismo - isso eu vou deixar bem claro. Eu tinha um projeto de extensão, por exemplo, e também incentivava colegas meus a fazer outros projetos de extensão sendo bolsistas, para que pudessem colaborar conosco. Essa questão de colaboração sempre foi muito bacana, a ponto que eu tive colaboradores não estagiários e não bolsistas - são pessoas que acreditavam no nosso trabalho. Isso principalmente quando se referia à assessoria de imprensa, porque poucos conseguem enxergar a diversidade que existe na universidade e eles se colocavam à disposição para isso.

Entrevistadora: Você conseguia ter projetos de extensão mesmo sendo servidor técnico? A [universidade] te permitia?

Entrevistado: Isso foi uma conquista nossa. Como eu falei, como a Universidade é nova... Só um detalhe: eu era responsável pelo projeto de extensão, mas tinha uma professora que entrava também. O técnico pode ser o responsável, mas um professor está associado também.

Entrevistadora: Entendi! Mas você acha que, pelo o que você conhece de outras universidades mais antigas, na universidade nova tem bem menos essa predominância de professores em tudo? Os técnicos têm mais liberdade, você acha?

Entrevistado: Eu não sei precisar isso, mas eu acho que deveria ter. Se não tem, é porque não acordaram ainda, porque os técnicos hoje estão se aperfeiçoando não para competir com professor, mas para colaborar com o professor. Estamos todos no mesmo barco. Não dá para a gente agir de uma forma como se fossem três públicos diferentes em uma universidade. Nós somos uma universidade. Então, para mim, é uma felicidade ter uma professora que dialoga com o meu projeto e ter estudante que está desenvolvendo atividade no meu projeto e a gente não vai criando hierarquia. Isso, para mim, na universidade nova foi possível. Mas eu ainda não consigo ver nas outras, porque eu também não circulei por elas. Eu também não tenha essa expertise agora para dizer para você. Eu só percebo que muitos técnicos colegas meus de outras universidades gostariam de mais liberdade de trabalho. Isso eu percebo, mas também não é base de dados, então não tenho como te apresentar que é uma tendência. Mas eu acho que devia sim! Eu acho que técnico devia participar mais de várias coisas. Essa coisa de limitar a participação de um técnico por comissão, pela LDB [Lei de Diretrizes e Bases da Educação]... Eu acho que o técnico tem que ir lá e atuar mesmo que de forma não oficial, para mostrar que quer

também, senão a gente vai continuar achando que tem que seguir os mesmos regimes do monarquismo, dos padrões antigos. Então, eu acho que os técnicos têm que fazer uma revolução unida dentro da universidade.

Entrevistadora: Como é que você diferencia - se você diferencia - a atuação dos jornalistas dentro da universidade de outros servidores públicos que trabalham dentro da universidade? Tem muita diferença na responsabilidade e no ritmo de trabalho? Como é que você percebe isso?

Entrevistado: Eu acho - mas é tão difícil falar isso - que nós temos responsabilidades. Toda equipe técnica tem responsabilidades, mas nós lidamos com prazos muito apertados. O fruto do nosso trabalho tem que vir muito rápido; ele não pode ser demorado. Então, a gente tem uma dinâmica que diferencia um pouco de outros cargos. Muitos cargos também atuam com a questão do planejamento. Eu também quero dizer que o jornalista pode atuar também em planejamento, só que ele tem que cumprir algumas coisas básicas que são por lei. Para isso que ele foi concursado. Então, eu acho muito pesado, às vezes, o que o jornalista tem que fazer e ainda levando em consideração o prazo de trabalho nos escritórios semanais. O jornalista tem que fazer o trabalho dele, também tem que desenvolver planejamento, tem que atuar junto à Universidade, tem que interagir com os públicos e tem que entregar trabalhos quase que diários (se você for contar com ponto de vista de cumprir uma pauta diária). É possível? É possível cumprir uma pauta diária, mas fazer uma pauta diária e fazer tudo isso ao mesmo tempo é um trabalho muito complicado. Então, eu acho que o jornalista... Talvez, porque eu esteja nessa função de jornalista... Se eu fosse um economista, eu diria que um economista tem muito mais trabalho - isso porque mexe com o orçamento, que é muito sensível e de muita responsabilidade. Ok, concordo! Mas, por essas situações que eu expus, eu acho que a gente tem muita responsabilidade também, quando comparado com alguns.

Entrevistadora: Você é sindicalizado?

Entrevistado: Eu já fui, mas não nesse momento. Mas eu também nem entendi porque eu não fui. Eu só deixei passar e depois não senti falta.

Entrevistadora: Mas é o Sindicato dos Servidores?

Entrevistado: Ah tá! Eu pensei que era o Sindicato dos Jornalistas.

Entrevistadora: Você foi sindicalizado aos dois, a um deles?

Entrevistado: A nenhum! Eu não estou sindicalizado a nenhum. Eu faço parte da primeira geração de servidores, que não é sindicato.

Entrevistadora: Mas você já foi sindicalizado ao sindicato dos jornalistas?

Entrevistado: Já! Já fui!

Entrevistadora: E o dos servidores é o quê? O que foi que você falou?

Entrevistado: É uma associação. É que, na verdade, existe o sindicato dos professores e, na [universidade], não existe sindicato dos servidores, dos técnicos - só existe associação. Mas, particularmente, eu não me associei por questões políticas; foi uma questão de ver um grupo trabalhando e o interesse em prol do coletivo, tanto é que estou até hoje afiliado e estou fora do alcance de possíveis benefícios. Então, nesse momento, eu não tenho uma afiliação, não tenho fins políticos.

Entrevistadora: Mas você não se filiou a nenhum dos sindicatos ou não está filiado a nenhum dos sindicatos, atualmente, porque você acha que eles não cobrem as reivindicações dos trabalhadores, dos jornalistas? Por qual motivo?

Entrevistado: Eu vou falar uma coisa feia: eu estou um pouco afastado por estudo e eu não estou pensando sobre isso agora. No dia em que eu voltar a trabalhar, eu já pensei a respeito disso. Mas, nesse momento, eu não estou conseguindo fazer essa associação.

Entrevistadora: Certo! O mestrado, você está fazendo em quê?

Entrevistado: Mídias e cotidiano. Não tem relação com a atividade do dia a dia nosso. São percepções sobre o impacto da mídia no cotidiano das pessoas. Infelizmente, eu não vou trazer para a Universidade, dizendo “*olha como que eu contribuí*”. O estudo é para contribuir com a sociedade.

Entrevistadora: Entendi! Pronto. Pois era isso! Vou te liberar agora. Agradeço a sua participação.

Entrevistado: Desculpa se eu fiquei nervoso em algumas situações. Não é fácil ficar nesse outro lado. “*Meu Deus, ela está fazendo uma pergunta. O que eu faço agora?*”.

Entrevistadora: A gente está sempre acostumado a estar do lado de quem pergunta, e não no de quem responde.

Entrevistado: Exato, exato!

Entrevistadora: Pois obrigado. Uma boa tarde para ti.

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistadora: Tá! Tchau!

APÊNDICE E - Entrevista 5

PEREIRA, Jorge. **Entrevista 5**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h 37 min. e 19 seg.)

Entrevistadora: Alô?

Entrevistado: Alô! Tudo bom, Gabriela?

Entrevistadora: Oi! Tudo bom. A gente pode começar?

Entrevistado: Podemos!

Entrevistadora: Pronto! Eu queria que você começasse falando por que você escolheu ser jornalista e resumindo suas experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistado: Vai ser um desafio, mas vamos lá! Eu acabei escolhendo jornalismo porque eu sempre gostei bastante de ler e também eu fui descobrindo escrevendo, aí eu fui me interessando bastante. Ainda mais novo, eu lia jornal. Aí eu fui meio cultivando o grande plano. Era bem específico: ser jornalista de jornal impresso. Claro que com a escolha e com o percurso acadêmico e também, especialmente, a (?) do mercado de trabalho, eu acabei passando por outras experiências, menos essa que eu tinha expectativa, apesar de ter feito tentativas e ter buscado me inserir. Então, eu acabei tendo um pouco de experiência ainda no período de informalidade com agência de comunicação. Fiz um - digamos assim - *freelas* em campanha eleitoral. Fiz um *freela* de algo mais na linha de comunicação empresarial, mas isso quando se tem que isso foi em uma cidade interiorana, então foi em escala bem reduzida dos grandes centros. Eu consigo entrar no setor público em 2006, por meio de um concurso para a Prefeitura. Lá eu ocupava um cargo com uma descrição meio coringa, que era “agente administrativo”. Então, tinha uma série de atribuições mais ou menos genéricas e outras atividades que a Administração atribuía. Essa partezinha no final da descrição foi meio o que deu sustentação para a escolha da Administração, de me direcionar, enquanto agente administrativo, e por conta da minha formação, para o Departamento de Comunicação da Prefeitura. Lá eu trabalhei de agosto de 2006 até janeiro de 2010. Cheguei a pegar estabilidade lá, quando fui chamado para assumir a vaga de jornalista na [universidade]. Claro que, apesar de já ter uma certa experiência no setor público - que era uma área com a qual eu nunca tinha imaginado trabalhar, até por conta de certo preconceito com o setor público; preconceito de achar que não tinha vaga, que não era tão importante, era uma atividade menor... O plano era

trabalhar em uma redação, mas as dificuldades e as experiências foram mostrando que havia possibilidade de realização profissional ali e foi também ajudando a repensar essa concepção, essa ideia prévia que não era interessante trabalhar ali. De janeiro de 2010 até janeiro de 2016, eu trabalhei na [universidade onde trabalhou primeiro]. Nesse período, então, eu fui para a [universidade onde trabalha atualmente], que é onde eu estou trabalhando até hoje.

Entrevistadora: Então, você está aí desde 2016?

Entrevistado: Isso!

Entrevistadora: A sua escolha por trabalhar na Universidade veio muito dessa - como você falou - questão de realidade mesmo: houve a dificuldade de se inserir na redação, então você acabou fazendo concurso. Foi assim? Aí você chegou na Universidade.

Entrevistado: Isso! Isso! Inclusive, a gente sabe - pelo menos na minha região - que naquele período estava bem complicado de inserção. Eu fui mais um de vários comunicadores que acabam não conseguindo se colocar exatamente nas empresas e nas funções que desejavam. Então, isso me custou bastante tempo de decepção. As dificuldades financeiras que advêm disso daí também fazem a pessoa buscar outras opções. Eu cheguei a fazer concursos para áreas além da comunicação. Eu estava fazendo, praticamente... Chegou um ponto que eu falei: “*Eu preciso sair dessa situação informal*”, porque fazer *freela* em uma cidade do interior não é uma perspectiva que, de fato, eu pensava em futuro. Não dá perspectiva nenhuma. Então, eu comecei a fazer diversos concursos: fiz concurso para banco, fiz concurso para IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], Ministério do Trabalho. Estava, realmente, a um ponto de já largar a comunicação. Eu estava fazendo concursos que apareciam. Quando eu vou para [cidade onde assumiu o concurso da Prefeitura] - eu já fui desesperançado -, a pessoa que estava cuidando das contratações observou que eu tinha formação em jornalismo e eu tinha feito especialização. “*Vamos aproveitar*”. A ocupação desse cargo era para ser na Secretaria de Planejamento - eu ia trabalhar, provavelmente, perto do setor de planejamento de obras, alguma coisa assim. Pela titulação, eles me alocaram no gabinete do Prefeito, uma situação totalmente inesperada. Eu fiquei sabendo, literalmente, no dia que eu fui lá assinar a documentação para tomar posse. Eu já fui assumir a vaga pensando “*Depois, um dia, quem sabe, eu volto*”. Eu já estava totalmente desesperançado. Não estava alimentando muita expectativa. Eu queria sair da situação de dificuldade financeira, de fazer trabalhos esporádicos e mal remunerados, em uma cidade interiorana

e sem grandes perspectivas de conseguir sair dessa cidade interiorana e ir para um grande centro.

Entrevistadora: O concurso na Universidade foi meio por acaso? Foi o concurso que você passou ou você fez uma escolha?

Entrevistado: O da Prefeitura foi - digamos assim - um dos concursos que eu fiz e foi o que me chamou primeiro, foi o que me chamou para a posse. Nessa época, em 2006, já tinham definidos os cursos que funcionariam naquela cidade, já tinha uma divulgação prévia das principais vagas [de concurso] que seriam ofertadas e já constava que “*vai ter duas vagas para jornalismo*”. Geralmente, cada Universidade nova acaba sendo criada com, pelo menos, duas vagas de jornalista, para começar. Eu posso te falar que eu meio que coloquei como objetivo: “*é daí que eu vou dar o próximo passo no retorno à Comunicação*”. Efetivamente, passei um tempão me preparando. Esse concurso saiu em 2009. De 2006 a 2009, eu fiquei todo esse tempo vidrado nisso. Eu disse: “*é a oportunidade de sair dessa situação*”. A Prefeitura era melhor que nada, mas ainda não estava tão legal. O que acontecia? Minha situação não era de jornalista. Eu era um agente administrativo que, por acaso, se formou em jornalismo, então eu estava no gabinete por uma decisão do Prefeito. Eu poderia ser aproveitado em uma próxima gestão ou não. Não era uma situação assim tão confortável.

Entrevistadora: Por que você imaginou que trabalhar na Universidade poderia ser interessante?

Entrevistado: Primeiro: por ficar vinculado a um cargo já próprio para a atividade de comunicação. Você passa a fazer parte de uma equipe que é mais ou menos estável. Você entrar em um cargo de comunicação na Universidade, você já elimina o risco de “*pode ser que eu não seja aproveitado*” ou “*pode ser que eu seja cortado, demitido*”. Essa estabilidade é importante porque ela te ajuda também a pensar com mais tranquilidade a aprender coisas novas e, de repente, assumir outras funções. Então, isso foi uma coisa interessante. Outra: o próprio ambiente da Universidade é um ambiente no setor público muito mais interessante do que uma Prefeitura. Vamos concordar! As possibilidades são maiores: tu tem um contato com outras áreas, conhecimento; você tem possibilidade de desenvolver um trabalho que, ao meu ver, é mais interessante (para o meu gosto), que é a popularização da ciência; você pode colaborar para divulgar o que a Universidade produz; você pode colaborar para divulgar os projetos de extensão. Então, são possibilidades que me atraíram muito. E claro - eu não vou ser hipócrita - a realidade do vínculo empregatício e da remuneração são bem mais interessantes do que a realidade

que a gente vê no mercado privado - são atrativos complementares. Consegui juntar uma tranquilidade financeira com uma realização pessoal. Para mim, as possibilidades de atuação, a partir da Universidade Federal, são substituídas - digamos assim - aquela vontadezinha de trabalhar em uma redação com jornalismo. Mas uma vez que se faz essa transição para trabalhar com assessoria de comunicação, é bom abraçar logo e não ficar com dúvidas a respeito do que você tem que fazer. Para mim, foi bem vantajoso. Digamos que consolidou uma escolha que estava provisória; ela ficou confirmada a partir daí.

Entrevistadora: E o que você gosta no seu trabalho atual, na função que você desempenha atualmente?

Entrevistado: O que eu gosto?

Entrevistadora: É.

Entrevistado: Uma coisa que eu gosto bastante é do contato com pesquisadores. Eu diria que o trabalho de extensão, o trabalho de pesquisa, o resultado, o processo de pesquisa são coisas que me interessam bastante. São as pautas o que eu mais gosto de trabalhar. É com essa divulgação. Atendo todos os outros aspectos e contribuo com moderação de rede social, contribuo com a comunicação interna. Hoje, eu sou responsável pelo informativo interno. Tem - digamos assim - uma certa rotina variada, mas, dessa rotina, tudo o que eu mais gosto é divulgação de pesquisa e de resultados científicos.

Entrevistadora: Você falou da sua rotina. Como é a sua rotina de trabalho? Tu poderia descrever um dia típico de trabalho?

Entrevistado: Posso! Posso, inclusive, incluir uma rotina mental. Normalmente, quando eu chego, a primeira coisa é verificar alguma demanda no e-mail do setor. Eu tento sempre ter tarefas agendadas. Como é uma universidade nova, a gente está começando a colher os primeiros frutos, então os projetos de pesquisa estão mais amadurecidos. A nossa extensão demorou um pouquinho para ser estruturada, então ela vai começar a frutificar a partir do ano que vem. Então, por conta disso, é um período muito bom para organizar processos, analisar o resultado que teve até o momento. Então, eu acabo tentando atualizar o clipping; outro dia eu faço uma busca para ver se eu encontro outros veículos para alimentar. Mensalmente tem o informativo, então ele tem o ciclo de produção mensal - e isso acrescenta algumas tarefas e de contato com a Administração. Tem as demandas que vão sendo solicitadas. Hoje a gente tem demandas por divulgação de notícias, divulgação de eventos - são tarefas que estão um pouco menos programadas. A gente está tentando alterar esse perfil e colocar a divulgação de pesquisa - que já está mais adiantada - como parte da rotina. A gente tem umas tratativas com a própria Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-

Graduação no sentido de organizar um fluxo constante de informações a respeito dos projetos concluídos, para que a gente coloque isso na cultura institucional, inclusive como contrapartida de fomento. Então, isso são coisas que a gente está tentando alterar. Esse tipo de iniciativa também faz parte. Mas, hoje, a rotina está - digamos assim - mais dividida na gestão do perfil no Twitter, do Facebook e do Instagram. Facebook e Instagram, eu colaboro um pouquinho. Eu trabalho mais com o Twitter, postagens no portal e envio de releases, a preparação do informativo interno. Algumas pautas a gente consegue sugerir como forma de divulgar a Universidade, mas tem ainda as demandas que vão chegando, espontâneas. Não sei se eu consegui deixar claro, mais ou menos.

Entrevistadora: Sim! Deu para entender. Com essas diferenças que você percebe, dessa sua rotina e do seu dia a dia, tanto das atividades que você faz com, às vezes, de questionamentos que vêm outras instâncias - fora a comunicação - e a sua atuação na Prefeitura, por exemplo? Quais são essas diferenças?

Entrevistado: As diferenças? Eu diria que a principal diferença é que a Prefeitura... Como você já tem uma prefeitura nova ou uma boa parte dela (a parte gerencial dela) é nova a cada quatro anos. Isso gera uma tendência a um pensamento de curto prazo. Então, as coisas são todas para ontem e elas estão visando um período de tempo muito curto. Eu acho um pouco mais complicado manter políticas, práticas que se sustentem e se aprimorem ao longo do período. Na Universidade, já tem uma possibilidade maior. Existe, claro, uma tendência a apresentar resultados, mas ela é muito mais fraca. Eu percebo que tem uma possibilidade de trabalhar com vistas a, realmente, aprimorar os costumes das pessoas que estão na organização. Por exemplo, eu consigo imaginar que, uma vez que se estabeleça uma nova prática para divulgação de pesquisa, ela vai tender a se manter, pela relativa estabilidade - apesar de haver trocas a cada quatro anos, mas existe uma estabilidade de coisas que funcionam. Isso vai sendo agregado à cultura, até porque nem sempre a troca é total - você pode ter continuidades (e, geralmente, acontecem algumas continuidades - o que está funcionando bem tende a ser mantido; não existe uma coisa de arrasar com a terra anterior, para começar tudo do zero). Essa é uma diferença. E, claro, a cobrança em termos de comunicação, a partir da Prefeitura, está muito voltada para uma construção da imagem perante os setores, mas a finalidade da construção da imagem também é uma coisa... eu não sei se é tanto uma diferença ou uma similaridade. Eu percebo que a Prefeitura, às vezes, tem uma tendência maior a falar para fora; ela quer apresentar certos resultados, ela quer construir uma imagem de que as coisas estão andando. A Universidade, às vezes, no falar para fora, acaba confundindo um

pouquinho e acaba falando muito mais facilmente para dentro - acaba tendo a facilidade de se preocupar muito com o que a sua própria comunidade interna vai pensar e se descuida do extramuros. As preocupações são parecidas, mas com qual público cada organização está querendo falar? Eu acho que a Prefeitura se preocupa bastante com a imagem pública e a Universidade se preocupa também, mas talvez se preocupa menos com isso. Uma evidência disso são essas campanhas que a gente tem que fazer agora para valorizar a Universidade, porque a gente se vê, de certa forma, com o total desconhecimento das pessoas, especialmente o pessoal que está impactado pela “comunicação da nova era” e não conseguem enxergar a importância das instituições. De certa forma, tem um pouquinho de responsabilidade da Universidade - aí eu não vou dizer do setor de comunicação da Universidade, mas eu digo da Universidade mesmo - de falar mais para fora, de falar com o público e de se expor mais.

Entrevistadora: Você se considera um jornalista, trabalhando na Universidade?

Entrevistado: Jornalista no sentido de jornalista de veículo?

Entrevistadora: É, se você se considera “*eu, realmente, sou um jornalista; eu faço uma atividade de jornalismo*”.

Entrevistado: Olha, eu, hoje, eu diria que eu já enxergo que tem os valores da profissão que, certamente, são desejáveis. Eu acredito que sim. Eu tenho que responder os pedidos de informação da imprensa. É claro que você não tem o controle do que a imprensa vai fazer com essas informações, mas eu acho que é importante que se dê o retorno, uma materialização do princípio de transparência. É importante você responder, é importante você manter esse canal aberto. Então, eu acho que sim. A gente tem alguma coisa dos princípios éticos da profissão, que eu acho que são relevantes, mesmo eu não sendo jornalista. Isso eu tenho bem claro: a minha atuação não é uma atuação de jornalista de redação dentro da Universidade; ela é uma atuação muito voltada para promover a Universidade. Eu tenho que informar a sociedade? Sim! Tenho que ser verdadeiro, correto, objetivo nessa comunicação? Sim! Mas eu não vou fazer uma averiguação da Universidade, como, por exemplo, um jornalista de redação deve fazer. Às vezes, eu fico me perguntando e acabo chegando na conclusão de que eu tenho que ser um mediador suficiente para que instituição não fique fechada em si (eu devo colaborar para que a Universidade converse, fale, se exponha e comunique), mas também devo colaborar para que esse contato seja proveitoso, tanto para a sociedade (que fica sabendo da Universidade) quanto também para mostrar que a Universidade não vai se fechar quando uma pauta é negativa - muito pelo contrário! A Universidade tem que buscar e se depurar.

Então, se tem problemas, se tem dificuldades, erros... a pior coisa que se pode fazer em um cenário desses é se fechar. É o contrário: tem que pegar e resolver o problema. Dialoga, reconhece o que tem que reconhecer, defende o que tem que defender, e resolve o problema. Eu acho que é nesse ponto que eu enxergo a minha atuação, a partir da minha formação jornalística dentro da Universidade. Não é só uma técnica; é também uma postura política de reconhecer a importância de defender a Universidade, mas não defender a Universidade a qualquer custo contra o bem da sociedade.

Entrevistadora: Então, você acha que você está em um cargo de jornalista, que não é igual ao jornalista de redação, mas que você trabalha a partir dos princípios jornalísticos?

Entrevistado: Sim! Sim! Eu diria que os princípios jornalísticos têm que ser uma baliza para contrabalancear uma postura que seja de defesa intransigente. Por mais que seja importante defender a Universidade, comunicar, mostrar a Universidade, a gente precisa também ter a clareza de que, por vezes (e, claro, tem muita acusação falsa, tem muita escolha equivocada que acaba gerando efeitos e indo a público), a gente também não deve impedir que a Universidade se depure. Então, se eu for um jornalista de redação dentro da Universidade, eu não consigo nem desempenhar a minha função de jornalista dentro da Universidade e nem ser o assessor, nem trabalhar como assessor da Universidade. Eu acho mais viável... Eu trabalho como assessor de imprensa, assessor de comunicação, mas eu tenho em vista que é importante manter a abertura com a sociedade, é importante dialogar, é importante aprender quando a pauta é negativa, é importante mostrar que as crises que acontecem podem ser também formas que abrem espaços que a Universidade existe, que a Universidade tem suas coisas boas. Tem muita crise que acontece por má interpretação, mas tem, infelizmente, casos que, realmente, foi feita coisa errada e que você tem que lidar com isso. Então, eu acho que é importante... É uma mescla! Eu não vou dizer que eu trabalho com as técnicas de jornalismo de redação, porque eu não faço essa atividade dentro da Universidade, mas eu preciso ter, pelo menos, um princípio que me faça entender porque é importante atender uma pauta negativa, porque às vezes eu tenho que atender o colega que está pedindo informações. Às vezes, as perguntas são realmente incômodas para a Universidade, mas tem um sentido público no que ele está fazendo - ou, pelo menos, deveria ter. Mesmo que tenham outras intenções ocultas, é relevante aproveitar as oportunidades para expor para a sociedade que a Universidade existe, que a Universidade tem seus procedimentos, que ela tem seus resultados. Não devemos deixar que uma pauta negativa seja tratada como segredo de estado. Está cada vez mais inviável adotar esse tipo de atitude. É nesse sentido que eu enxergo: os princípios

éticos da profissão transparecem para mim. Por exemplo, eu não vou tentar fingir ou - digamos - de alguma forma limitar a atuação do colega, pedindo para ele mostrar o texto antes de publicar. Inclusive, já teve vez que eu repreendi gestor porque fez esse pedido a repórter - faz alguns anos isso -, por quê? Porque além de ser inócua - a pessoa não vai mostrar -, é péssimo! Você passa uma ideia de autoritarismo, passando a ideia que você está enxergando o jornalista de redação como o seu assessor de imprensa. É uma confusão total, é péssimo! Então, é nesse sentido, entendeu? É dessa forma!

Entrevistadora: Essa coisa de mostrar o texto: vocês fazem isso, no dia a dia do setor de comunicação?

Entrevistado: Nem sempre. Depende do assunto. Eu noto que, quando tem um tema muito delicado... por exemplo, tem uma pauta bem delicada. Para ser mais exato: agora, nós temos um assunto que é super difícil de tratar, que é questão orçamentária, com termos e mecânicas orçamentárias que a gente não lida todo dia, então fica bem complicado de entender. Para você falar sobre isso, você precisa entender minimamente. Nesses pontos, especificamente quando tem esse olhar político e, especialmente, técnico, a gente mostra, inclusive para não passar o vexame de publicar o negócio, gerar uma repercussão por algum erro e depois ter que refazer. Então, é melhor a gente mostrar o texto. Agora, eu diria que, tranquilamente, uns 90% dos textos não são... eu não mostro o texto para a fonte, porque são coisas mais simples, são mais corriqueiras. Por exemplo, se eu vou fazer um texto sobre divulgação de pesquisa e eu tenho alguma dúvida, eu até mostro o texto. Eu entro em contato e, dependendo, envio o trecho do texto ou mando o texto inteiro - depende da dificuldade e dos conceitos; depende desses aspectos. A preocupação é muito mais de conseguir passar os conceitos da maneira correta e de contextualizar isso de uma maneira que fique compreensível e eu consiga expor corretamente o procedimento da pesquisa e o sentido daquele achado. Mas não obrigatório! A gente nunca deixa como obrigatório; é uma opção, no sentido de ter um material correto. Textos mais delicados, tudo bem! Um assunto delicado, como esse agora da questão orçamentária, eu acho que é importantíssimo. Você bate o texto junto porque você tem ali do seu lado uma pessoa que está dominando aquela informação. Passar uma informação equivocada do valor que foi contingenciado e do impacto desse corte nas atividades da Universidade é muito ruim. Você pode acabar gerando uma repercussão por parte da comunidade que vai entender da maneira totalmente equivocada. Você corre o risco também de suavizar tanto a coisa a ponto de as pessoas não se darem conta do que está acontecendo. Ainda tem o risco de você passar uma informação errada e ser

desmentido depois pelo próprio MEC. É meio que inescapável. Nesse momento, não tem como. Você tem que estar junto com um *expert* para poder explicar direitinho o que está acontecendo. Uma outra ocasião na minha rotina - isso foi sobre o informativo interno: ele é praticamente um informe, a partir da Administração, em que se repassa informações sobre serviços, oportunidades, melhorias e comunicados diversos. Para ir trabalhando com uma aquisição de credibilidade e ao mesmo tempo aprimorando essa prática de se comunicar com os públicos, a gente adota a lógica de sempre fechar o texto em conjunto com o setor que está originando a informação. Então, é nesse caso. São de seis a oito textos por mês. Em geral, a maior parte da nossa produção não é fechada em conjunto com outro setor. A gente tem bastante autonomia, eu diria. Nos posts das redes sociais também: a gente consegue imprimir um estilo muito próprio, então não temos um cerceamento das nossas escolhas de linguagem. A gente deve se precaver contra o engano quando o assunto é bastante delicado.

Entrevistadora: Entendi! Você acha que assessor de imprensa é uma coisa e jornalista é outra ou você acha que assessor de imprensa é um jornalista?

Entrevistado: Essa é uma pergunta boa! Eu acho que o assessor de imprensa tem a formação jornalística, tem a noção dos princípios de atuação, mas ele não deve atuar como jornalista de redação dentro da Universidade. Eu acho que aí fica uma postura inviável, porque você não consegue manter uma relação de confiança com os gestores e você não consegue com isso também incentivar que as práticas comunicativas se aprimorem - até mesmo no sentido de transparência, de democracia -, porque você vai deixar as pessoas com a impressão que você é um inimigo que está ali, que você é uma pessoa que está ali para investir ou para divulgar as coisas de qualquer forma. É a impressão que eu já notei que algumas pessoas - especialmente por alguma experiência prévia negativa ou até por preconceito... as pessoas acabam tendo, até com a assessoria de imprensa, com a assessoria de comunicação. Então, eu acho que são papéis bem diferentes. O objetivo do assessor de comunicação está muito ligado a uma, eu não diria uma defesa intransigente e a qualquer custo, mas, sim, a uma promoção da instituição para a qual ele trabalha no debate público. Então, é uma inserção em vários níveis. Não é só aparecer bem. É também saber comunicar, saber explicar quando tem uma pauta negativa. É aproveitar oportunidades para mostrar que a instituição também tem pessoas produzindo saber, tem pessoas produzindo questionamentos que podem ser úteis para discutir vários temas na sociedade; que a instituição tem lá seu impacto; que ela faz uma diferença na vida da comunidade, mesmo que nem sempre se esforce para mostrar isso. Um jornalista de

redação já tem um compromisso mais amplo com a sociedade, então ele tem uma liberdade maior para abordar determinados assuntos, que nem sempre são positivos para a instituição. É ele que vai propor esse tencionamento, e aí o assessor de imprensa ajuda, justamente, que a instituição responda da melhor maneira possível. Esse “melhor maneira possível” não é só sair bem na foto; é dar informação que é necessária, informação que é possível, informação que existe, e que se abre, e que não se feche na dificuldade. Ela tem que se abrir, ela tem que trabalhar essa dificuldade de resolver seus problemas - ainda mais em termo de universidades públicas, que são mantidas com recursos do Tesouro Público. É um dever que se tem com o contribuinte. Então, acho que são papéis diferentes, sim. A formação acadêmica é igual, mas o papel social é diferente. Eu não diria, necessariamente, antagônico. Eu acho que por vezes, sim, é antagônico. Eu acho até saudável que seja, mas um antagônico dentro de um limite de civilidade, de utilidade para a população.

Entrevistadora: Muitas vezes é complementar também, né?

Entrevistado: Sim! Tem vezes que é complementar, por exemplo quando a gente consegue indicar um especialista para ajudar a explicar um determinado fato, seja ele social, um fenômeno natural. A gente está contribuindo para um entendimento e é um entendimento que vai beneficiar não só a Universidade (porque ela se vê ali divulgada indiretamente), mas porque você também ajuda a espalhar uma informação que pode ser útil para muitas pessoas. Eu acho que é importante. É importante, por exemplo, quando tem essas matérias sobre temas que muitas vezes são mal abordados ou eles são alvo de interpretação muito simplista por parte da população. Por exemplo: políticas afirmativas, cotas raciais ou cotas para pessoas trans e LGBTI, e por aí vai. São temas delicadas que aparecem na esfera pública. Se a Universidade adota políticas a respeito, às vezes, a pergunta chega meio enviesada, já chega meio que criticando... se não é um prejuízo, se não vai gerar prejuízo para alguém. São debates que é pior se abster. É importante participar deles.

Entrevistadora: Você acha que hoje, na sua atuação, você é mais jornalista, mais assessor de imprensa, mais servidor público ou divulgador da ciência?

Entrevistado: Eu acho que dos três últimos, um pouco de cada, um pouco de cada. A gente às vezes associa a ideia de servidor público - até por conta de práticas... não é uma ideia totalmente infundada. A gente sabe que lá na origem do nosso Estado, a gente teve muita prática patrimonialista, muito uso das funções públicas como prêmio. Infelizmente, às vezes, a gente percebe alguns exemplos vivos de gente que acha que ganhou na loteria

porque passou em um concurso. Eu vejo assim: serviço público como um encargo; é um encargo que eu tenho. Então, são diversos deveres. É por isso que eu também considero importante atender pedido de informação da imprensa, sanar dúvida do cidadão (uma coisa que a gente faz também)... Às vezes, a pessoa não entende o edital; às vezes, a pessoa nem leu o edital. Ela já leu a notícia e já fica com uma dúvida pequena. Aí ela entra em contato com a gente. *“Pessoal, vamos responder. Temos que ser úteis. Temos que ser urbanos, gentis, porque é um dever”*. O meu salário vem dos impostos que o pessoal paga. Eu não vejo como um prêmio. *“Ganhei um prêmio! Agora eu estou garantido para o resto da vida”*. Eu acho que eu tenho que fazer por merecer. Eu acho que eu tenho que, na atuação, justificar até para mim mesmo. *“Eu estou sendo útil; eu estou ajudando”*. Uma resposta minha que resolve as dúvidas de alguém ajuda essa pessoa a participar de um processo seletivo e pode fazer muita diferença na vida dela. Eu tento conferir esse sentido à questão de ser servidor público e realmente prestar serviço. Eu não tenho problema com isso. Jornalista? Acho que, talvez, na técnica, na produção e também por esses princípios que eu te disse, por acreditar que eles são importantes. É importante o jornalista entrar em contato, questionar, ter acesso ao gestor. Às vezes, por um acaso, não é possível, mas, sendo possível, a gente sempre faz o que dá para que isso aconteça. O atendimento, a técnica de informação e de redação e produção de conteúdo... Assessor de imprensa? É importante, ainda mais hoje que a gente tem um cenário tão complicado, em que todo mundo fala com todo mundo, mas pouca gente ouve, pouca gente lê. A gente fala muito. As pessoas vivem em um período que se escreve tanto, se fala tanto, se grava tanto vídeo... Ainda se tem que falar que as pessoas têm preguiça de ler textos longos. Então, é um cenário muito complicado. Você presta um serviço útil quando você ajuda a organização a se posicionar nesses diferentes contextos de contatos com as pessoas. Então, eu acho que é importante, sim. Eu diria que é um pouquinho de cada. Um pouquinho de cada é importante.

Entrevistadora: E você também é divulgar da ciência, né? Você disse que faz matérias...

Entrevistado: Eu digo assim: quando eu estava na [primeira universidade onde trabalhou]... Eu fiquei mais tempo lá também. Mas ela também se organizou em um período que tinha mais recursos. Se for comparar com o período de governo, ela pegou um período de bonança, de certa forma, em termos de recurso. Isso, claro, faz a diferença. Eu vejo isso muito presente aqui. Naquele período de bonança, o desenvolvimento foi bastante rápido, porque você consegue dar vazão a iniciativas que vão umas apoiando as outras, às vezes até sem que isso tenha sido planejado no mínimo detalhe, mas você

percebe que as coisas vão se apoiando. Hoje está mais difícil, porque tem várias coisas que dependem de recurso. Você precisa de dinheiro para montar um laboratório; você precisa de dinheiro para...Se você vai fazer uma atividade de extensão que requer deslocamento, você vai ter que ter o transporte, vai ter que ter diárias. Isso faz uma diferença grande. Então, como eu dizia, por conta desse período de bonança, eu vejo que eu conseguia me apoiar muito mais no sentido de divulgador ou popularizador (conforme o termo que a gente queira usar), porque tinha uma produção. Eu fiquei lá tempo suficiente para pegar essa parte da colheita, dos projetos serem concluídos e gerarem outros projetos e outras etapas; então, eu tinha bastante material para divulgar. Aqui tem também, mas ainda em uma proporção quantitativa mais modesta. Qualitativa, tem coisas interessantes. Tem coisas que dependem um pouco do tempo, Gabriela. Eu preciso de tempo para o projeto de pesquisa ter resultado, esteja maduro e que a etapa esteja concluída. Essa, digamos, é a parte que eu não estou conseguindo exercer ainda da mesma forma que eu exercia.

Entrevistadora: Entendi!

Entrevistado: Mas eu gosto de enxergar isso como uma faceta do trabalho, sim.

Entrevistadora: Na hora que você vai escrever um texto, para quem você imagina que está escrevendo? Existe algum tipo de orientação de como deve ser feita a cobertura? Eu sei que vocês têm um documento, que eu até li, mas, fora o documento, essas orientações de cobertura acontecem também entre vocês, entre o próprio setor? Como ocorre isso?

Entrevistado: Hoje, eu diria que a gente não tem, no nosso setor, um outro documento que nos dê essa orientação ao nível técnico, essa orientação em termos de como escrever e para quem escrever. A gente tem algumas ideias, até de observação da imprensa aqui; então, a gente já tem alguns preceitos que a gente segue, como forma de garantir que a informação vai chegar com menos chance de problema, principalmente no envio para a imprensa. Eu gosto de escrever texto razoavelmente longos, porque é o tipo de assunto que pede. Para projeto de pesquisa ou alguma coisa assim, eu acho que cabe. Geralmente, a gente escreve para o portal. Isso é um ponto importante de dizer: a gente não tem um outro veículo nosso que a gente escreva - uma revista ou um jornal semanal - dentro da instituição. O que a gente tem, praticamente, é o nosso portal e os perfis de rede social. Então, para a imprensa, já pensando na prática dos jornais daqui da região, são textos mais enxutos; a gente já tenta condensar a informação. Se vai fazer, por exemplo, um release, você sabe que o pessoal vai tentar encurtar ou não vai explicar tanto. Eu, algumas vezes, faço uma versão reduzida de um texto mais longo. Em termos de uso de palavras:

o mais simples tanto quanto possível. Eu já gosto de lançar mão de recursos online, então, se eu tenho um termo científico, ou eu consigo explicar ele no texto mesmo ou eu uso um *mouseover*, para aparecer ali aquele conceito. Eu acho que para o portal cabe ter um conteúdo mais rico, mais interessante. Para envio para a imprensa, a gente se vê obrigado a simplificar um pouquinho, porque você tem o cenário de imprensa interiorana - equipes enxutas, pessoalmente já acumulando tarefas, tempo de produção mais ou longo. Você acaba tendo um monte de tarefas para realizar antes de colocar aquela edição no ar. É uma dinâmica de já ter pouca gente trabalhando, então a gente já tenta se adequar em termos de envio para a imprensa regional; a gente já tenta levar em conta essa realidade. Fazendo agora essa reflexão, eu acho que dá para melhorar alguns aspectos, em termo da linguagem se tornar ainda mais acessível, de modo que, de repente, alguém, com nível educacional mais baixo, também consiga aproveitar aquele texto, que também consiga compreender, que não se assuste tanto. É deixar as informações significativas e ao mesmo tempo acessíveis. Isso em termos de texto. Em termos de imagens, para as redes sociais, a gente acaba utilizando muito material enviado por alunos, professores. O nosso Instagram tem uma boa fatia de alimentação, justamente, dessa produção, desse *repost*. A gente percebe que agrada, o pessoal gosta. É uma forma de eles se verem. Mas isso a gente foi experimentando, vendo experiências de outras universidades e meio que arriscando. Então, a gente já tem uma ideia. O pessoal aprecia, gosta e se sente motivado a contribuir. Mas a gente não tem um manual que nos indique a melhor forma que nos oriente ou outro setor que olhe todo o processo e consiga diagnosticar gargalos. A gente vai tentando atacar cada gargalo à medida que ele se torna mais visível para a gente ou que ele se torna incontornável. É até importante dizer isso: hoje, a gente tem dois jornalistas, uma pessoa na coordenação da assessoria, e três assistentes administrativos que, por conta da formação acadêmica, desempenham funções no audiovisual, na programação visual. Mas a gente tem apenas duas pessoas com cargas na área de comunicação que tem perspectiva de se aposentar nessa função, que vai poder trabalhar com essa equipe por 20, 30 anos. É uma máquina bem ajustada para trabalhar.

Entrevistadora: Como é a relação de vocês, na rotina de trabalho?

Entrevistado: A gente, agora, está em um momento de transição, Gabriela, porque esse mês teve a troca de coordenação. É a nossa segunda troca de coordenação desde o início das atividades da Universidade, em 2014. Claro que cada pessoa que esteve na função de assessor deixou marcas na rotina e na atividade. A gente está vendo agora como vai ficar. Hoje, a gente tem uma colaboração boa para a rede social entre a programação visual e o

setor de jornalismo, para fazer encarte, para programar peças que vão divulgar alguma campanha ou algum evento. A relação é boa. A gente tem uma relação é boa e amistosa, mas a contribuição é um pouco mais esparsa com o audiovisual. O audiovisual tem produzido uns conteúdos de caráter um pouco mais permanentes, então ele não entra tanto no factual; tem sido mais vídeo institucional mesmo. Então, eu não sei se isso vai alterar agora, com a nova coordenação, mas eu acho que, de qualquer modo, pode ser uma boa. Acaba aprimorando o nosso contato. Tem um fator que nos impede, atrapalha um pouquinho: por questão de espaço, a gente está dividido em duas salas. Em uma sala, você tem o audiovisual e a programação visual; na outra sala, você tem a coordenação e o jornalismo. A relação é boa, tranquila. Que eu saiba, não tem grandes tensões. Mas isso afeta um pouco na colaboração que poderia surgir, mais imediata. Você poderia falar com a pessoa que está ali na sua frente e na mesma sala.

Entrevistadora: Era isso que eu ia perguntar: se vocês ficam muito divididos, cada um nas suas atribuições, ou se vocês conversam muito entre si.

Entrevistado: Pois é! A conversa acontece bastante dentro de cada sala e ela é boa entre as duas salas, porque tem respeito pelas atribuições - cada um sabe que precisa do outro e sabe como seu trabalho complementa o do outro. A questão é que a gente nem sempre consegue levantar da cadeira e ir lá conversar. Às vezes, o tempo não permite, né?

Entrevistadora: Então você tem mais contato com os jornalistas mesmo, né?

Entrevistado: Isso! Eu tenho mais contato com a minha colega jornalista e com a coordenação.

Entrevistadora: Para discutir alguma pauta ou demanda, vocês discutem juntos?

Entrevistado: Discutimos juntos! Mas é aí que tá: isso acontece pouco! Acontece pouco! Eu acho que precisava acontecer mais. Eu acho que não é uma questão de má relação; eu acho que é uma questão de simplesmente de: eu estou com bastante coisa para fazer, mas eu consigo levantar para falar com o colega; às vezes, até trocar uma ideia besta. Às vezes, uma ideia sem grande compromisso pode ser o começo de uma proposta diferente, uma reflexão, uma mudança na rotina. Eu até confesso: tem dias que eu chego e eu tenho tanta demanda para atender que, quando eu vou levantar, já está acabando o expediente e eu não fui ali, eu não vi os colegas. Tem dias seguidos que eu, pelo menos, acabo não vendo. Às vezes, acaba passando na sala para dar um “oi”. Agora, por exemplo, nessa mudança de coordenação, nós já tivemos duas reuniões. A mudança foi agora no dia 1°. Dia 1°, não! Foi no dia 2 de maio. Já tivemos duas reuniões! A coordenação anterior já havia feito também algumas reuniões, já começou a provocar mais reuniões entre nós. Para

mim, ficou muito claro: não temos um problema de relação entre nós; é que a gente está distante. A gente está em uma sala e eles estão em outra sala. A gente tem ideias que se complementam, só que a gente não conversa tanto quanto deveria.

Entrevistadora: Entendi! E a relação com os públicos internos da Universidade (os gestores, os professores, os técnicos, os estudantes)? O acesso que você tem é mais pelas redes sociais ou você tem algum contato direto com alguns deles?

Entrevistado: Com alunos, é mais a rede social mesmo. Já com os setores e com os colegas, especialmente o setor de reitoria, a gente tem contato que eu diria que é um contato mais fácil. A gente circula. O pessoal tem uma ideia bem mais clara de onde a gente está e o que a gente faz. Às vezes, eles não compreendem muito bem como. Eles sabem o que a gente faz, eles têm uma ideia. Às vezes, eles acham que a gente faz muito mais coisas. Tem gente que a gente faz pouco. Mas a relação é mais próxima com a reitoria. A gente tem três campi. Com esses públicos, é mais distante, por mais que a gente provoque, a gente manda e-mail, a gente se coloca à disposição. Mas a gente acaba tendo solicitações de divulgação; especialmente divulgação de eventos tem acontecido bastante. Está toda hora rolando um evento ou ligado a um projeto de pesquisa ou é uma atividade de extensão ou é uma campanha (ligadas a esses meses, por exemplo, Novembro Azul, Outubro Rosa) e mais as atividades de extensão que estão brotando, que estão nascendo. Essa parte do contato é muito movimentada. A divulgação de notícias movimenta um pouco também; vem melhorando aos poucos - já foi mais distante. Mas tem margem para melhorar ainda esse contato com os colegas de outros campi.

Entrevistadora: Como é que vocês resolvem ou negociam questão do tipo de chegar pautas para vocês, sejam da reitoria sejam de professor, que a pessoa quer que seja feita daquela maneira e vocês, enquanto jornalistas, acham que devem ser feitas de outras maneiras? Isso acontece? Como é que vocês costumam resolver?

Entrevistado: Acontece! Acontece! A gente, primeiro, acaba discutindo entre nós, porque, por vezes... Às vezes, até a proposta da pessoa faz sentido; às vezes, até faz sentido. A maioria das vezes, não! A pessoa acaba percebendo que a gente fez alguma divulgação... Isso acontece um bocadinho em pesquisa e aconteciam algumas vezes comigo na [na outra universidade]: você faz um título, mas a pessoa quer, inclusive, um título similar. Ela quer exatamente a mesma coisa, só que mudando os personagens da história. Tem a Bela Adormecida e ela quer o Belo Adormecido também. Querem as coisas mais ou menos iguais, mas às vezes o assunto não permite; fica até estranho, fica ridículo. Então, tem coisas que a gente acaba conversando primeiro sobre como é que a gente vai

propor. Eu, geralmente, faço o seguinte: quando chega um pedido assim, a gente avalia e conversa entre si. Eu sou da postura de não dizer apenas o “não”; eu já chego com uma alternativa. Eu digo “*não! Mas a gente tem essa possibilidade; tem essa outra questão; tem essa outra forma*”. Teve uma vez que - isso foi até recente - o professor pediu para a gente divulgar na página principal uma notícia sobre uma banca de qualificação de mestrado. Banca de qualificação é importante para o orientador e, especialmente, para a pessoa que está passando por ali (o orientando), mas não me garante nada que essa pesquisa vai ser concluída; é só qualificação. Então, a gente teve que argumentar e ir para o bom senso. “*A gente não faz esse tipo de divulgação porque é o meio do caminho - a qualificação é uma etapa apenas*”. A gente também não vai fazer divulgação de todas as defesas do programa. A gente pode divulgar as primeiras, digamos, como um marco histórico e podemos falar das pesquisas apresentadas em cada trabalho, mas não nesse formato. Então, a gente tem que fazer toda uma volta e explicar para a pessoa que não, que tem outras possibilidades. “*De repente, tal e tal coisa a gente pode divulgar, mas não dessa forma como foi pedido*”. Tem pedidos que chegam que a gente até se espanta um pouco porque parece que a pessoa não compreendeu bem para quê serve a página principal. Às vezes, os pedidos são muito focados na página principal. “*Quero tal coisa*”. Já teve gente que “*eu quero que fique, pelo menos, três horas na página principal*”. São uns pedidos meios estranhos, mas que a gente acaba explicando: “*dá para fazer dessa forma, mas a gente não vai fazer, porque não faz sentido*”; “*o assunto é interessante por outro ângulo, mas não por esse*”. A gente tem diversos pedidos assim. Claro, tem situações que a gente simplesmente acaba ouvindo algum argumento que nos faz pensar “*para a gente não fica insistindo em um processo e gastando energia, a gente faz*”. Teve uma vez que teve um pedido de uma divulgação em que a pessoa estava insistindo para não mudar um determinado termo e não queria indicar o nome dos alunos. A gente estranhou isso, porque todas as pessoas que participam de um projeto de pesquisa são indicadas, são nomeadas. A pessoa nos explicou: “*o motivo para o meu pedido ‘a’ é que na próxima etapa de pesquisa que eu vou chegar à conclusão se eu posso dizer tal coisa. Por enquanto, eu tenho um indício, mas eu não posso afirmar categoricamente que é. O outro pedido é porque eu estou fazendo um levantamento junto ao comércio e eu não quero identificar essas pessoas porque, inclusive, a minha pesquisa pode provocar uma reação violenta por parte das pessoas*”. Era uma pesquisa sobre sanidade do acondicionamento de carnes, que eu já te digo: é péssimo. Então, é complicado! A pessoa está correndo risco, inclusive, de sofrer uma violência no levantamento de dados. Aí, com

determinados argumentos, a gente tende a conceder. *“Tudo bem! A gente divulga, mas a gente toma esses cuidados que é para não colocar ninguém em risco ou não ferir um contrato de confidencialidade”*. Agora, quando o motivo do pedido não tem uma base forte, não tem uma justificativa forte, e é só *“eu quero porque eu quero”*, a gente tende a propor uma outra forma. Geralmente, a gente consegue chegar a um meio termo, que fica bom para todo mundo. Tem ainda aqueles casos que o pedido é tão sem sentido, que a gente acaba negando e o “não” mesmo.

Entrevistadora: Com a Reitoria é mais difícil? Vocês acabam tendo que fazer mesmo ou tem diálogo também?

Entrevistado: A gente até não tem pedidos estranhos vindos da reitoria. É raro acontecer. É raro! Mas entra muito naquela conta de a gente dizer *“tem uma forma melhor; tem um jeito melhor; tem um canal melhor para isso”*. Às vezes, a pessoa está querendo o portal principal, mas o assunto ou a forma que ela está propondo não cabe, não fica bem, mas fica perfeito ou fica muito legal de usar em uma rede social. É interessante no Instagram eu ter notícias de pequenos informes da comunidade e até de conquistas das pessoas da comunidade que tenha a ver com projetos da Universidade. Eu acho que tudo bem! Mas pelo portal, não. O portal já pede outro tipo de conteúdo. Então, às vezes, tem essa negociação. Na reitoria é mais raro de acontecer essa dificuldade de entendimento. É mais comum para a comunidade mesmo.

Entrevistadora: O que te deixa mais chateado ou estressado no seu ambiente de trabalho?

Entrevistado: O que me deixa mais chateado é... Eu diria que tem algumas coisas que me incomodam. Uma delas é quando tem aquelas tentativas de carteirada que, às vezes, vêm no bojo daqueles pedidos que eu te falei. Às vezes, vem uma tentativa de dar uma carteirada. É *“Doutor Professor não sei quem”*. Então, esse tipo de coisa é um troço que me incomoda, porque é um traço de patrimonialismo de *“você sabe com quem você está falando?”*. Outra coisa que me incomoda, que eu acho ruim quando acontece... Eventualmente, acontece; não é uma coisa frequente de todo dia que chega ao ponto de me provocar. Me incomoda quando acontece, mas não é tão frequente. A gente tem, às vezes, aqueles fregueses que fazem com frequência, mas são poucos, graças a Deus! Eu me chateio também com uma certa dificuldade do pessoal em aderir ou compreender a importância dos canais oficiais e dos fluxos de comunicação. As pessoas querem acertar uma pauta, pedindo uma coisa, mas só por telefone; ou não dão continuidade, sem um certo compromisso. A gente aqui, às vezes, tem... Às vezes, não. Vou refazer a frase:

temos aqui uma certa dificuldade do pessoal de aderir ao e-mail institucional. O informativo vai para o e-mail institucional. As pessoas não estão usando o e-mail institucional, que foi um investimento para ter esse canal. É um sinal de que não só o informativo, mas o resto das informações que estão indo estão sendo razoavelmente ignoradas ou lidas com atraso. A gestão toda usa, porém a comunidade interna dá sinais, às vezes, que não usa. Isso é um problema. Você precisa ter um canal oficial para isso. Você precisa ter um meio para fazer funcionar a circulação, porque senão qual é o canal que eu vou usar para passar uma informação que é de interesse do meu público interno? O Facebook? Não dá! Isso, sim, me irrita um pouco mais, porque é uma falta de compromisso. A pessoa, inclusive, se mantém informado sobre o que acontece na instituição. Eu acho que cabe - não é só uma questão da assessoria de comunicação - trabalhar nesse sentido. As pessoas também precisam compreender que é obrigação delas se informar a respeito do local onde elas trabalham. Não é um favor que elas fazem, é uma obrigação. Eu já sou da postura um pouco autoritária. *“É por aí: você tem um canal oficial, você tem um sistema de e-mails, então é sua obrigação; não é nem um favor à assessoria de comunicação. É sua obrigação como integrante daquela instituição se informar”*. Se a pessoa não se informa... Às vezes, a gente tem a tendência de dizer *“a assessoria não está fazendo o seu trabalho”*, *“está faltando comunicação”*. Não! Eu acho que o caso é que as pessoas estão se desinteressando de ler, estão se desinteressando em se informar a respeito do que acontece, e talvez esperam que a gente comece a mandar os informes com emojis do WhatsApp. Isso me preocupa! Isso me irrita! Eu já fico meio irritado só de lembrar, porque a gente, enquanto assessor de comunicação, faz um trabalho para fazer os canais funcionar direitinho. Em instituições novas, com equipes pequenas.... Quando eu entrei na [universidade onde trabalhou anteriormente], eram só dois jornalistas; acho que hoje tem cinco colegas jornalistas. A equipe lá, somando todas as funções, deve ter 19 ou 20 pessoas hoje. Quando eu entrei, acabaram ficando seis e depois o pessoal acabou sendo fagocitados por outros setores e ficaram três pessoas por um bom tempo. É complicado, sabe? Eu acho desrespeito e desinteresse a comunidade interna não consultar seus e-mails e não usar os canais. Eu acho que é complicado. Eu não posso criar um Facebook, uma nova rede social só para a Universidade. Eu não vou conseguir tratar de determinados temas com emoji no WhatsApp. Tem esse fato: as pessoas têm que se informar. De certa forma, eu acho que as redes sociais acabaram... ao fazer aquela promessa *“as coisas vão chegar todas para você”* e desestimulou as pessoas de irem atrás de se informar. Então, todo mundo espera passivamente que a informação caia na sua

coxa, e não vai atrás da informação que deveria buscar e que está sendo oferecida - não é um *Quest*, um RPG, uma coisa difícilíssima ou impossível. Não é um Código da Vinci - ajeitar um enigma. A informação está disponível, mas as pessoas se desobrigaram de consultar os canais oficiais, que não é nenhum mistério e não é nada muito difícil. Eu não vou dizer que é totalmente culpa dessas promessas, mas eu acho que é em peso. “*As coisas vão chegar todas na sua mão. Você não precisa buscar nada*”, então, o que não chegar na mão não existe.

Entrevistadora: Existe alguma pessoa de referência no seu trabalho, que, quando acontece algum problema (esses problemas dessas pautas), vocês recorrem a essa pessoa?

Entrevistado: Que a gente recorre para, digamos assim, pedir um conselho?

Entrevistadora: Para dúvida, para pedir um conselho. Quem é essa figura: é o coordenador ou vocês têm uma outra pessoa?

Entrevistado: A gente recorre à coordenação, sim; a gente recorre. Nós recorremos também muito uns aos outros. Por exemplo, eu não vou prometer uma cobertura com vídeo para alguém, na tentativa de agradar, porque, provavelmente, não sou eu quem vai editar o vídeo; vai ser meu colega e eu não sei a agenda do meu colega. Tem pedidos e dúvidas que chegam que a gente acaba recorrendo primeiro... um jornalista fala com outro e tira uma dúvida e às vezes chega com alguma alternativa e daí expõe para a coordenação. Às vezes, a conversa acontece entre o jornalista e a coordenação e, depois, o outro também é informado para entender. Então, a gente tem uma postura colaborativa nesse aspecto, porque tem pedidos que são diferentes do que a gente está acostumado. A gente sempre fica pensando assim: que tipo de precedente que a gente quer gerar e qual precedente a gente não quer? Tem precedentes que se você abrir, você vai ter dificuldade depois. “*Por que você fez para um e não fez para outro?*”, “*por que esse conteúdo saiu assim para um e não saiu assim para outro?*”. Isso ainda mais em uma estrutura multicampi, em que quem está longe da assessoria de comunicação e está longe da sede tem aquela tendência de se sentir desatendido, desprivilegiado. Hoje, são só seis pessoas na assessoria. A gente não tem uma pessoa que faça assessoria no outro campi, uma assessoria descentralizada; não existe ainda. Acho que vai levar tempo para acontecer isso, bastante tempo. Então, a gente tenta fazer o possível para que o atendimento seja mais igualitário possível. Fazemos o máximo para que todo mundo receba as mesmas oportunidades. Agora, é claro, com o exemplo daqui, a gente vai lá, com uma câmera profissional. Nosso colega está aqui com o vídeo, então ele vai lá fazer o vídeo. São oportunidades que não estão ao alcance dos outros campi. Esse é um cuidado que a gente

tem de evitar um pedido que a gente vai atender muito fácil aqui, de uma maneira mais elaborada, mas a gente não vai conseguir replicar nos outros.

Entrevistadora: As questões mais políticas, geralmente, o coordenador fica mais à frente?

Entrevistado: Sim! A gente acaba sendo informado, às vezes, porque a gente acaba dando esse apoio à gestão. A nossa coordenadora anterior, de vez em quando, fazia alguns textos. Quando ela estava acompanhando alguma atividade, ela produzia, mas a gente sempre entendeu que ela fazia até por gostar da atividade, mas a gente nunca colocava como *“então está tranquilo. Ela vai atender junto com a gente”*. E ela compartilhava bastante informações, justamente, para a gente poder ter uma ideia. *“Determinada questão tem tal e tal direcionamento por conta dos fatos pregressos e por conta de possíveis desdobramentos”*. Para a gente ter uma ideia; até para a gente produzir uma nota oficial ou um atendimento à imprensa. Então, tem um compartilhamento de informações que ajuda. Ao menos as informações que dá para compartilhar são compartilhadas, aí a gente consegue colaborar melhor.

Entrevistadora: Qual foi a última capacitação que tu fez, ou curso ou formação?

Entrevistado: A última que eu fiz na área?

Entrevistadora: Não. Não, necessariamente, na área. Pode ter sido na área ou não.

Entrevistado: Eu fiz umas capacitações por gosto, que não têm necessariamente a ver com a atividade, então eu nem vou mencionar. Eu fiz mais por outros interesses, por *hobby* então não contribui. Faz um tempinho que a gente passou por uma capacitação. Passei por uma capacitação para comunicação ainda na [universidade onde trabalhava antes], que era Produção e Edição Básica de Vídeos. Foi em 2012. Acho que foi a última na área especificamente. Este ano a minha colega e eu ministramos uma capacitação sobre gestão das propriedades digitais - gestão dos sites de campus e setor. Foi nossa primeira oferta. Teve uma adesão baixa - menos do que a gente precisava -, mas *“vamos ter que investir nisso também”*. Além das divulgações todas, a gente tem que compartilhar o conhecimento para ver se a gente consegue acertar em alguma coisa para a cultura de comunicação.

Entrevistadora: Entendi! Você é sindicalizado?

Entrevistado: Não. Não estou sindicalizado.

Entrevistadora: A nenhum dos dois sindicatos: nem dos jornalistas nem o de...?

Entrevistado: O de jornalistas, eu não sou sindicalizado, não.

Entrevistadora: E ao dos servidores públicos você também nunca foi ou já foi, mas deixou de ser?

Entrevistado: Eu também não fui.

Entrevistadora: Certo! Como é que você diferencia a atuação do jornalista - se é que você diferencia - comparada aos outros servidores públicos que trabalham na instituição? É muito diferente a rotina de vocês e de outros servidores públicos?

Entrevistado: Dos outros colegas de outras áreas?

Entrevistadora: Isso!

Entrevistado: Bastante diferente! É diferente! Por quê? Eu vejo que a gente fica bastante conectado às redes sociais. Você precisa estar conectado para gerenciar os perfis da Universidade. É um trabalho que eu acho que o pessoal pode até confundir com “*ah, mas isso é barbada! Isso é tranquilo! É fácil! É até gostoso só ficar nas redes sociais. Você fica ali e não precisa fazer nada*”. É uma compreensão um tanto quanto equivocada. Não é todo mundo que tem, mas tem um pessoal que acha que é “mamão com açúcar”. Mas a gente tem uma... como eu vou te dizer? A gente lida com diferentes matérias-primas para as notícias, para as fotos e tal. Eu acho que a gente tem uma rotina agradável, no sentido de que... Daqui a pouco, por exemplo, tem uma nota oficial da Universidade - é um assunto mais pesado, mas também tem em desenvolvimento umas pautas de pesquisa - que é um assunto mais positivo, mais interessante. Tem atividade de extensão que, em si, pode não ter tanta notícia agora, mas ela rende uma foto e um comentário legal no Instagram, o que gera uma atenção para a Universidade. Eu acho que a gente tem uma matéria-prima bem diferente, mais movimentada, mais interessante. A gente tem setores que fazem um trabalho importante, mas com matérias-primas... eu diria menos interessante para mim, pelo menos. São importantes, mas eu não ia me sentir muito feliz trabalhando com elas.

Entrevistadora: A gente já está chegando ao fim. A última pergunta que eu vou te fazer: em uma situação de cobertura polêmica, que há interesses divergentes dentro da Universidade ou, então, que a Universidade pode ter a imagem manchada, como é que você costuma se posicionar e agir?

Entrevistado: Na experiência que eu tive até o momento, eu não cheguei a pegar, por exemplo... Uma greve ou uma paralisação de uma das categorias ou de duas ou de todas, isso eu já passei. É algo que às vezes é complicado de dimensionar, porque é nessas horas que às vezes chega pedido do sindicato querendo uma divulgação no portal das ações do sindicato. Você tem que dizer para o colega “*não é maldade minha, não é que eu queira*

ser contra a luta, mas não cabe. O sindicato tem que ter o seu canal. A gente vai divulgar as atividades quando tiver a decisão da reitoria, porque a reitoria está divulgando a instituição e o site é da instituição e o sindicato é uma parte, que representa uma parte, uma categoria”. Se eu der esse atendimento para essa categoria, eu vou ter que dar para a outra também, aí eu vou ter a categoria brigando com a instituição. Tem as pautas que são nacionais que aí tudo bem! Mesmo assim tem que ter um cuidado em como vai comunicar, porque, para todos os efeitos, é o reitor ou a reitora que vão ter que escutar uma chamada do Ministro ou do Diretor de Secretaria do MEC, que às vezes vão até ter o CPF deles envolvidos. Agora, quando a pauta é interna, aí você tem que fazer um trabalho de educação para as pessoas entenderem que uma coisa é uma coisa, até para o sindicato não ser mal interpretado - ou o DCE [Diretório Central dos Estudantes]. “Você vai usar os canais oficiais, sendo que você está representando uma categoria dentro?” Não dá! É incongruente! A minha postura é sempre dizer “desenvolve o seu canal de comunicação. Quando tiver alguma divulgação de reunião de reitoria, a gente vai divulgar, a gente vai manter informado. Só que entenda: nessa função, eu estou prestando a informação para a comunidade, mas eu estou trabalhando dentro da instituição, ou seja, a minha comunicação é a partir da Administração da Universidade para a comunidade. O sindicato está com uma outra pauta; é uma outra natureza de associação e tem outras pautas envolvidas, então eu não posso incluir uma coisa na outra, porque a consequência lógica disso é ‘quando convém o sindicato é chapa branca; quando a coisa está ruim, não é mais; depois ele volta’. Você tem que ter independência e coerência”.

Entrevistadora: Em casos que não envolvam sindicato e sim a imagem da instituição... vocês contam muito com essa parceria da reitoria, da Administração Superior?

Entrevistado: Sim! Por exemplo, um caso de fraude?

Entrevistadora: Sim! Por exemplo, um caso de fraude!

Entrevistado: Uma fraude em licitação ou coisa do tipo?

Entrevistadora: Sim!

Entrevistado: Aí entra aquela questão do princípio que eu te falei: eu acho que não dá para simplesmente... Minha posição seria assim: vamos responder todas as perguntas da imprensa que a gente puder responder. Claro, você tem que se respaldar com a Procuradoria Jurídica, que ela vai conseguir compreender e explicar as consequências jurídicas das respostas. Às vezes, na ânsia de dar uma resposta, eu corro o risco de fazer uma acusação, de piorar a situação; ou seja, eu informo, mas eu também gero outro problema. Teria esse cuidado! Mas sempre no sentido de não abafar. “Aconteceu. Já está

*ai!” Não tem mais como abafar; não existe mais isso! Então, tentar abafar eu acho inócuo; é uma coisa que não funciona. Mesmo que funcionasse, eu não acho correto. Eu acho que o adequado é “*vamos ver como a gente vai abordar isso*”, comunicar os fatos e responder as perguntas. Você vai romper esse contato, aí depois você vai conseguir o quê com isso?*

Entrevistadora: Por mais que você trabalhe para a instituição, você não vai você mesmo divulgar isso por conta própria, mas se o problema chegar para a imprensa, por exemplo, você vai responder, na medida do que for possível. É isso?

Entrevistado: É! Até porque a assessoria de imprensa... A minha colega e eu temos uma piada com uma situação que talvez tu verifiques também na sua instituição e que eu já vi na [universidade onde trabalhava antes]: a assessoria de comunicação não é tão bem informada quanto as pessoas pensam. A gente, muitas vezes, é o corno da história: a gente fica sabendo da história depois que está todo mundo comentando. Eu queria que fosse diferente, mas, muitas vezes, é assim. Esse tipo de situação é uma situação que dificilmente vai ser comentado ou falado para a assessoria. Eu acredito que a maioria acaba sendo pega de surpresa. Eu nunca perguntei. Isso até é uma pergunta interessante. Eu acho que a maioria das assessorias de comunicação é pega de surpresa, porque as pessoas nem comentam esse tipo de rolo. “*Deixa! Se sair na imprensa, a gente avisa eles*”. Tem esses casos que acontecem nas instituições, que eu torço para que aqui não aconteça também. Mas esses escândalos são coisas que é mais provável que o setor que está investigando vaze para a imprensa e a gente fica sabendo de tudo depois. Eu sou da teoria... Eu não sei! Seria um dilema ético difícil largar isso para a assessoria de comunicação para saber primeiro de um rolo desses. Eu, pelo menos, nunca vivenciei, nem na Prefeitura. Eu acho que o pessoal, quando está nessas situações, evitam ao máximo qualquer possibilidade de falar isso perto da assessoria de comunicação, por mais que - digamos assim - a gente dê a ideia “*a gente também não vai começar o debate se dando um soco no rosto*”, mas o pessoal acaba evitando. Eu, pelo menos, percebo esse tipo de coisa. De modo que quando a situação se torna conhecida, a gente acaba sabendo junto com todo mundo, aí a gente não tem muito o que fazer. Tem que atender, tem que responder, tem que ajudar nas respostas. Eu, pelo menos, procuro atuar dentro desses parâmetros. Não vou piorar a situação para a Universidade naturalmente, mas eu também não vou tentar abafar, tentar ocultar, de alguma forma constranger algum colega de veículo que entra em contato. Eu acho que não é esse o meu papel. O meu papel é, justamente, ajudar, para que a intermediação seja o mais proveitosa possível, inclusive para a sociedade, que é a grande lesada quando acontece um problema desses.

Entrevistadora: Tá certo! Era isso. Eu agradeço a sua participação e a sua disponibilidade em conversar. Obrigada!

Entrevistado: Tá legal!

Entrevistadora: Bom dia!

Entrevistado: Ok! Boa pesquisa, então. Até mais, Gabriela!

Entrevistadora: Até!

APÊNDICE F - Entrevista 6

MOREIRA, Violeta. **Entrevista 6**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (46 min. e 07 seg.).

Entrevistadora: Alô!?

Entrevistada: Oi! Diga, minha querida. Como vai?

Entrevistadora: Oi! Tudo bem. A gente já está podendo começar?

Entrevistada: Já. Já, sim. Na hora que você quiser.

Entrevistadora: Então, eu ia te pedir para começar falando por que você escolheu ser jornalista e quais foram as suas experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistada: Veja só: na verdade, eu fazer jornalismo foi meio que um acaso, porque, na verdade, meu primeiro vestibular foi para Engenharia Civil, só que o pai de uma amiga minha que era especialista em recursos humanos traçou meu perfil e disse: “*Faz Comunicação Social*”. Então, eu fui fazer Comunicação Social. Lá [na universidade onde estudou] só existiam duas habilitações: Comunicação Social - Habilitação Publicidade e Propaganda; e o Polivalente, que é rádio e TV hoje. Então, eu fiz Publicidade e Propaganda e, no penúltimo ano, eu tive que fazer estágio, porque na minha época era obrigatório. A gente não tinha TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] nem nada, então o estágio era obrigatório por três meses. Então, eu fui fazer estágio no Núcleo de Televisão e Rádio Universitária, que é vinculado à universidade. Quando eu terminei o curso, já estava empregada. Eu entrei lá através de concurso público para nível fundamental; o nível que eles exigiam era o ensino fundamental. Hoje o que vale o ensino fundamental? E aí, eu entrei no concurso. Então, na verdade, eu entrei sem ser jornalista mesmo, atuando como jornalista. Depois, houve mudanças, e eu ascendi para jornalista.

Entrevistadora: Você entrou em que ano?

Entrevistada: Eu entrei em 84. Eu me formei em 84.2, coleei grau em 85 e em 87 eu terminei Jornalismo.

Entrevistadora: Então, você concluiu Publicidade e, depois, fez a outra habilitação?

Entrevistada: Isso! Aí fiz outra habilitação, que foi a de Jornalismo, e Polivalente também, porque, na época, a Federal não tinha Jornalismo. O curso tinha acabado de ser inaugurado na Universidade e não tinha turma no final, as turmas de últimos semestres e

as disciplinas finais do curso. Então, eu paguei algumas disciplinas [em uma universidade particular], para ter direito ao título de jornalista.

Entrevistadora: Você entrou antes de 88, né? Mas, mesmo assim, você prestou um concurso já?

Entrevistada: Já prestei concurso. Meu concurso é do início de 84 e eu fui contratada no final de 84.

Entrevistadora: Aí a mudança de categoria ocorreu quando você estava lá dentro?

Entrevistada: Isso! Quando eu estava lá dentro e eu já tinha o diploma. Então, eu passei, porque houve uma mudança na classificação dos profissionais. Eu era celetista, na verdade; aí o governo na época (se eu não me engano era o Sarney) exclui esses profissionais celetistas e aí todos viram estatutários. Nessa virada para estatutário, nesse pulo para outra classificação, quem exercia a profissão e tinha nível superior ou nível maior equivalente pularia já para esse, se quisesse, se optasse. Eu optei.

Entrevistadora: O que te motivou essa sua escolha por trabalhar na Universidade?

Entrevistada: Primeiro, foi por oportunidade, né? Eu costumo dizer que eu segui as formigas (vamos dizer assim). Eu fui fazer estágio; acabou que o pessoal achou que eu tinha muita vocação para ser jornalista, então o pessoal ficou. Então, eu entrei, na verdade, como estagiária acho que no final de 83. Foi no final de 83. Aí fiz os três meses de estágio, pedi para continuar, aí eles me deixaram continuar mesmo sem obrigatoriedade. Fui mantida ali como estagiária sem remuneração, sem nada - porque o estágio não era remunerado. Aí, quando abriu o concurso e eu vi oportunidade de entrar e conseguir, mesmo que ficando em desvio de função, exercer a minha profissão, eu fiquei! Então, na verdade, foi muito por aí. Foi muito por acaso. Não teve “*Ah, eu tenho um sonho de ser jornalista*”. Não, não foi. Eu queria ser uma boa profissional.

Entrevistadora: Então, você sempre trabalhou na Universidade ou você chegou a trabalhar em outros veículos?

Entrevistada: Eu fiz alguns trabalhos para Prefeituras e trabalhei em campanhas eleitorais, em algumas campanhas.

Entrevistadora: O que você gosta no seu trabalho atual? Em que setor você está atualmente e o que você gosta?

Entrevistada: Olha, é super difícil de dizer a você, porque, na verdade, eu gosto de ser jornalista e gosto de todas as áreas que envolvem o jornalismo, que envolvem ainda a publicidade, né? Porque, hoje em dia, a comunicação e a publicidade estão muito interligadas. Basicamente, com as novas redes a gente viu muitas ações de marketing

vinculadas à comunicação e ao jornalismo em si. Então, para mim, está sendo muito bom. Eu gosto de tudo o que eu faço lá. Já trabalhei com televisão, como eu te disse. Já fui apresentadora, produtora, diretora de programa. Já fui locutora também de rádio, porque tem também a rádio universitária. Na Ascom, também já fiz trabalhos da rádio e dos programas da assessoria de comunicação na rádio. Hoje, não temos mais, porque era rádio AM. Eu já produzi também e já acompanhei alguns trabalhos da Ascom nessa área. Já fiz algumas coisas de edição também de matérias tempos atrás para redes sociais. Hoje em dia eu cuido das redes sociais e...

A entrevista foi interrompida, por causa da ligação que caiu.

Entrevistadora: Oi! Pronto!

Entrevistada: Oi! Agora, né?

Entrevistadora: Isso! Prontinho! Acho que agora vai dar certo. Voltando: vou te fazer a última pergunta, que eu acho que não pegou. Como é a sua rotina de trabalho atualmente? Como é um dia típico de trabalho seu?

Entrevistada: Olha, é tranquilo, tá? A atividade é tranquila. Eu administro duas redes sociais. Eu cuido, aliás, de duas redes sociais da Ascom, que é o Facebook e o Twitter. Ainda sou responsável pelo Fale Conosco e faço também atualizações no site da Agência. Às vezes, também sou procurada porque sou uma das referências para criação de sites dentro do portal, porque ao longo da minha trajetória também acabei me especializando um pouquinho nessa área de web. Então, assim, é tranquilo. Algumas vezes, é necessário viajar para fazer uma matéria fora - geralmente, mais para vídeo, mas é raramente. Mas é tranquilo. Não tem muito estresse, não. Geralmente, são essas atividades. Lógico que no meio do dia sempre aparece uma outra coisa, uma demanda da imprensa que a gente também tem que ajudar. Então, assim, são coisas do dia a dia de uma redação.

Entrevistadora: E você se considera uma jornalista, trabalhando na Universidade?

Entrevistada: Me considero, porque, de qualquer forma, apesar de assessoria ser tida como aquela que faz somente matéria chapa branca, nós temos um lastro muito maior de notícias e a gente também atende um público que também procura informação, então, de certa forma, eu acredito que sim. A gente está lidando com a notícia e a gente tem todo aquele cuidado jornalístico. É verdade que, anteriormente, quando eu trabalhava no Núcleo de TV e Rádio a atividade era bem diferente: era uma atividade mais voltada para programa, com muita consciência de jornalismo. Mas como eu estou dentro do serviço público, então eu posso considerar mais que eu sou jornalista de comunicação estatal. Então, é mais isso: institucional mesmo, porque sempre trabalhei nessa área.

Entrevistadora: Hoje, você trabalha com rede social. Para quem você escreve? Quem é o seu público?

Entrevistada: Na verdade, a maior parte do público que a gente tem hoje é interno. São os estudantes da Universidade o nosso maior público das redes sociais. E tem aqueles que se interessam pela Universidade, que querem conhecer a Universidade e que nos faz perguntas sobre a Universidade. Mas, em geral, é a comunidade acadêmica. Então, nosso público dentro das redes sociais é a comunidade acadêmica.

Entrevistadora: Quando você escrever as postagens, existe uma demanda de você ter que mostrar para alguém de fora do setor de comunicação ou a gestão quer ver essas postagens, algum professor? Acontece isso?

Entrevistada: Como assim? “Ter que mostrar” como?

Entrevistadora: Por exemplo, você vai escrever uma postagem sobre um tema, uma reunião, uma decisão da reitoria ou uma pesquisa mesmo de um professor. Existe uma demanda por parte da reitoria ou do professor que foi fonte de que você mostre o texto antes de ser publicado?

Entrevistada: Não! Não existe isso, porque... Em geral, eles que provocam a gente: em geral, essa demanda vem do próprio professor ou vem da própria reitoria. Aí, a assessora é responsável, junto com [cita outra colega], que é a redatora do nosso boletim, são responsáveis por isso. O que a gente faz, de verdade, é com base naquele texto... O que eu faço, na verdade, é com base no texto que é disponibilizado. Eu faço a postagem e vinculo com nossos canais, entende? Na verdade, meu papel é mais de colocar a coisa no ar do que propriamente dito elaborar uma notícia ou elaborar qualquer coisa que seja, entendeu? Hoje o meu papel é esse. As minhas redações ficam por conta das matérias. Aí, sim, se houver uma matéria para fazer, aí a redação é minha, mas, fora isso, ao compartilhar nas redes sociais, o texto é baseado naquilo que já existe.

Entrevistadora: Quando você faz matéria: já aconteceu ou acontece esse tipo de coisa?

Entrevistada: Algumas vezes, sim. Algumas vezes, é necessário; especialmente aquelas matérias que são comunicados oficiais e as matérias de pesquisa. As matérias de pesquisas que a gente faz, que é exatamente você pegar um trabalho de um mestrado ou doutorado (não é mais doutorando nem mestrando, porque já conseguiu avançar e a dissertação ou a tese já está disponibilizada) e elabora, mas é sempre em parceria com o autor do trabalho, para a gente não cometer nenhum erro de dar uma informação equivocada. Então, em geral, a gente mostra. Essas notas mais oficiais e as matérias de pesquisa que

nós fazemos... E aquelas que exigem um cuidado maior com as pró-reitorias, os pró-reitores também revisam essas matérias.

Entrevistadora: Entendi. E como é a sua relação com os outros jornalistas que também trabalham no setor? É muito dividido o trabalho? Há uma relação de cooperação entre vocês? Como ocorre?

Entrevistada: O trabalho é dividido: cada um tem uma atividade específica. Mas, quando há necessidade, a gente compartilha, até porque isso é fundamental por conta das férias. Por exemplo, a gente tem muitos redatores. Redatores a gente tem mais. Por exemplo, na rádio, a gente tem programas da rádio que a gente tem um jornalista específico para cuidar dos programas de rádio. Nós temos o [programa] vai ao ar toda sexta-feira ao vivo; e nós temos o [outro programa], que são notas curtas (geralmente três notas) e uma entrevista, que vai ao ar às oito da manhã e às seis da tarde. São produzidas pela Ascom. A gente tem um jornalista com quatro estagiários que revezam e fazem esse tipo de trabalho. Então, quando ele está de férias ou ele está impossibilitado, a gente divide o trabalho dele. O mesmo acontece com o meu: quando eu entro de férias ou não posso estar presente, tem sempre uma outra pessoa que pode me substituir. A relação entre a gente é boa, é uma relação bem interessante, talvez até por conta dessa divisão exata de tarefas, de atividades e de funções. Eu me sinto um pouco autônoma na questão do meu trabalho, assim como os demais. Claro que a gente tem um código e a gente sabe o que deve e o que não deve ser feito e como não deve ser feito. Então, a gente já tem. É um grupo bem alinhado, bem coeso - podemos dizer -, bem equilibrado.

Entrevistadora: Essa orientação do que deve ser feito e do que não deve ser feito em relação às coberturas, vocês têm por escrito ou é o que vocês vão aprendendo no dia a dia e vão discutindo no dia a dia?

Entrevistada: Em geral, isso não está escrito. A gente tem uma política de publicação na internet. Eu acho que eu passei para você.

Entrevistadora: Sim, sim. Eu dei uma olhada.

Entrevistada: Ela, mais ou menos, alinha o que a gente tem que fazer. As nossas orientações não são exatamente o que a gente vai colocar, mas é como a gente vai dizer as coisas, porque a gente tem um público que é muito peculiar. Como são estudantes, às vezes, não têm a compreensão de como funciona a Universidade, então a gente tem que ser muito claro, muito preciso nas coisas; a gente tem que explicar, às vezes. Até nas notas que a gente produz a gente tem que explicar direitinho, porque eles não compreendem.

Então, a gente procurar explicar tudo o máximo possível e deixar bem claro, para que não haja dúvida em relação a esse ou aquele determinado assunto.

Entrevistadora: Em relação a esse “como fazer” a cobertura: não só para das redes sociais, mas para a assessoria em geral, vocês precisam fazer algum tipo de negociação com a reitoria, com os pró-reitores? Há algum tipo de orientação?

Entrevistada: Não. Não. Negociação não exatamente. Não posso dizer que haja negociação do tipo “*isso entra; isso não entra. Isso vai; isso não vai*”. Por exemplo, em geral, a gente não publica nada que não tenha vínculo com a Universidade. Então, se você tiver uma nota para mim que vai falar sobre concurso público [no estado vizinho], a gente não tem interesse em divulgar. Em geral, a gente não divulga esse tipo de informação, porque, na verdade, nós não somos uma imprensa convencional; nós não somos a imprensa convencional! Mas, se por exemplo, você tem um exemplo, até fora do país, e que um professor vá participar, a gente, claro, notifica; a gente põe como nota. Então, a gente tem mais ou menos essa linha de produção, essa linha de editoração, de redação. Então, essa é a nossa linha. Não sei se eu fui clara.

Entrevistadora: Sim, sim. Deu para entender. Quando é um assunto muito polêmico institucional, você recorre mesmo à reitoria, aos pró-reitores, a depender do setor que esteja envolvido?

Entrevistada: Isso, isso! Porque a gente tem que explicar. Por exemplo, você está vendo as questões dos cortes nas instituições públicas federais? Então, qualquer nota que a gente vai fazer... A gente tem iniciativa, mas geralmente é a assessora e a gente sugere alguma coisa. Os profissionais sugerem “*vamos fazer uma matéria disso? Vamos fazer uma matéria daquilo?*”, aí a gente faz. Mas é sempre do ponto de vista institucional e procurando a transparência, procurando ser o mais transparente possível. No sábado mesmo, a gente fez... Um incêndio [em um prédio da universidade]... Até tem uma notinha na página da gente na Ascom. Foi porque pegou fogo; ainda não se sabe a origem. Mas a gente informou: “teve! Está suspensa a atividade e a Universidade está empenhando esforços para retornar com as atividades o mais breve possível”. Foi uma nota de comunicado à comunidade. Se daí ocorre alguma outra intervenção, a gente vai atrás. A gente, em geral, procura atender as perguntas e as indecisões que nos chegam. Amanhã mesmo, com a paralisação, alguns estudantes “*vai ter aula?*”. Eu: “*olha, oficialmente, a Universidade está funcionando. Agora, as categorias já informaram oficialmente a Universidade que eles vão paralisar*”. Então, é o estudante que tem que buscar seus cursos. “*Procure seu curso; procure seu professor; procure a coordenação*

do seu curso”. Então, nosso papel é muito esse. Então, a gente faz até um pouquinho de relações públicas nessa assessoria. A gente acaba fazendo um pouco de relações públicas.

Entrevistadora: Sim! Tem outros profissionais, além de jornalistas, na assessoria?

Entrevistada: Tem! Tem, sim. A gente tem técnico em audiovisual (nós temos dois). Acho que só. A gente tem... Deixa eu lembrar aqui. A maior parte é jornalista. A gente tem uma secretária e temos esses dois tecnólogos, que fazem a parte audiovisual com os vídeos no YouTube, que a gente compartilha também no Facebook e no Twitter e no Instagram.

Entrevistadora: Eles dão apoio ao trabalho dos jornalistas, então?

Entrevistada: Na realidade, como a formação deles é em rádio, TV e internet, eles fazem a própria atividade. A editora orienta: *“Olha, a gente vai querer isso, isso e isso”*. Geralmente, eles já são desenrolados, até porque tem um que já teve experiência em imprensa, no jornal local. Então, eles já sabem, realmente, como fazer e já fazem também esse serviço, porque é até informação para eles

Entrevistadora: Entendi! Você tem alguma interação com os jornalistas de fora?

Entrevistada: Não, diretamente. A minha atividade, como está muito restrita às redes sociais e essa parte de Fale Conosco, é mais de contato, realmente, com a comunidade. Eu não tenho. Quem tem mais é o pessoal da redação. E muito mais tem a própria assessora e a coordenadora da assessoria. Elas, na verdade, é que são as porta-vozes junto à imprensa. Os demais não têm tanto contato assim, não. Só na ausência deles é que a gente tem mais esse contato. Mas, fora isso, não. E as demandas? A gente só faz coletar as demandas. A gente tem os estagiários: são quatro à tarde e quatro pela manhã. Eles têm mais esse contato de apuração. De apuração, não! De demanda! De atender as demandas que tem da imprensa, que venha de qualquer um externo e que precise da intervenção da gente.

Entrevistadora: Nessa relação com a imprensa: vocês trabalham como colaboradores e apoiadores do trabalho que a imprensa faz, né?

Entrevistada: Sim, sim, sim, sim. Em geral, a maioria das notícias que vai ser publicada nos jornais locais é junto com a assessoria de comunicação da universidade. Alguns deles são oriundos até das notas que a gente divulga para eles. A gente tem um boletim, que é diário; é um boletim eletrônico. Muitas das nossas coisas são publicadas para e imprensa, exatamente através desse boletim. Às vezes, gera outras demandas. Às vezes, gera uma matéria de pesquisa, gera uma demanda; às vezes, uma nota gera uma demanda maior. Aí, eles fazem uma matéria da nota que a gente publicou.

Entrevistadora: Como é a relação com os públicos internos da Universidades (os gestores, os professores, os técnicos, os estudantes, terceirizados)? Vocês têm contatos com todos ou você direcionam muito as mídias (por exemplo: a rede social é mais para os estudantes; outras mídias são mais para outros públicos...)? Como é esse contato com eles?

Entrevistada: Na verdade, a gente não tem essa delimitação de público dentro das redes sociais. A gente não tem essa delimitação. Então, na verdade, é uma rede social para todos. Ela é, então, uma coisa muito democrática. A nossa relação - se você pergunta sobre uma relação direta, que não seja de notícias, que não seja de informes - é através do Messenger do Facebook e do Fale Conosco, que é onde a gente mantém a interatividade com aqueles que nos procuram. Então, essa é a nossa interatividade. Às vezes, em comentários. Nós acompanhamos muito, nós participamos de grupos dentro do Facebook e acompanhamos também o que está acontecendo - não tudo, porque, realmente, é muita coisa, mas, em geral, a gente está sempre monitorando todas as redes e os comentários e as colocações dos estudantes naquilo que nos dizem diretamente respeito. Aí a gente procura atender as demandas deles, sem entrar em polêmicas, porque essa é a nossa orientação. A gente não entra em polêmica, porque realmente não tem sentido. A gente dar resposta àquilo que a gente pode; aquilo que a gente não pode a gente direciona. A gente procura atender da melhor forma possível quem nos procura.

Entrevistadora: Então, você acaba também tendo contato com os públicos externos da Universidade, por meio desses canais também, né?

Entrevistada: Sim, sim, muito. Até o Fale Conosco é muito de público externo. O (?) tem muito público externo, de pessoas que nos procuram para pegar uma informação, especialmente, de Sisu ou de ingresso e transferência interna (é mais externa do que interna). Nesses períodos de conflito, como, por exemplo, nesses últimos dias, a gente tem tido muita demanda, por conta dessas paralisações, então a comunidade interna nos procura e a externa também porque alguns serviços da Universidade - porque a Universidade oferece também à população... então, eles acabam entrando em contato com a gente - o público externo que utiliza os serviços da instituição. Então, realmente, a gente tenta estabelecer esse contato com o público externo.

Entrevistadora: Como vocês negociam, gerenciam situações do tipo que ficam entre aquela: o que os estudantes ou o que o gestor ou os professores acham que deve ser feito na comunicação e o que vocês, como jornalistas, acham que deve ser feito? Existe um

diálogo sobre isso? Vocês têm autonomia para dizer e para trabalhar em algumas coisas? Como é isso no dia a dia?

Entrevistada: Autonomia a gente tem, respeitando a missão da instituição, respeitando os princípios da instituição. Isso a gente tem. Se você me perguntar “onde tem um código de ética?”. Não, nós não temos um código de ética, mas a gente acaba aprendendo por osmose. Como eu estou há muito tempo dentro da Universidade, eu não tenho nem como te dizer “*se eu chegasse hoje na Universidade, como eu ia aprender?*”. Na verdade, pelo o que eu vejo pelos novatos, todos são bem orientados e todos têm a consciência de que estão na Universidade. Nós temos liberdade, sim. Eu acho que nós temos uma gestão bem democrática, nesse sentido. Lógico que a orientação primária, eu acredito, é “se colocar como instituição; não é você quem está ali; é a instituição que está falando”. É a jornalista, e representante da Universidade, entende? Então, a partir do momento que todo mundo tem essa consciência, então ela acaba trazendo a cultura da Universidade para si, e entendendo que algumas coisas você pode fazer e outras, não. Muitas vezes, a gente olha algumas coisas que... Por exemplo, eu, que trabalho com as redes sociais, vejo alguns comentários que me dão vontade de dar uma resposta, mas você não pode responder, porque não cabe, não cabe resposta nenhuma institucional, até porque é um comentário e não uma pergunta, então não tem como você responder. Então, é você saber o que é você dentro da instituição. Todos, pelo menos lá no departamento, têm essa consciência. “*Estamos falando como instituição, então a gente vai buscar excelência na instituição*”. Se eu tenho resposta para determinada demanda, ótimo; se eu não tiver, eu vou buscar. Eu busco a informação, pego a informação e trago para aquele que está me perguntando ou encaminho aquele que está me perguntando ou provocando a instituição para responder, para ajudar A, B ou C.

Entrevistadora: Em relação à decisão de produtos jornalísticos e das pautas do dia a dia, isso é algo definido entre vocês ou tem uma demanda externa ao setor?

Entrevistada: Não, não. Geralmente, como eu te disse, tem um critério de seleção. A gente tenta unir, como ponto de referência. Alguns fazem solicitações também pelo Messenger do Facebook. O contato de demanda, para gente, geralmente, chega por e-mail e é com base nesse material que a gente recebe por e-mail ou que a gente busca (porque muita coisa a gente busca) nos sites... Por exemplo, o Enade, o Enem... a gente acompanha a página do MEC. Se tiver alguma informação, a gente trás para cá e a gente divulga também, porque às vezes se perde no meio de tantas informações. É um assunto que interessa a nossa comunidade interna e externa que tem interesse na instituição, então

a gente coloca. Então, essas pautas são feitas dessa maneira: por demanda - quando chegam, através do e-mail - e também nessa pesquisa que a gente faz. Aí está a atividade jornalística que eu considero, porque a gente vai em busca da informação e da pauta também.

Entrevistadora: São vocês mesmo que definem o que vai para o ar hoje e o que vai amanhã e que novo produto lançar? São vocês mesmo?

Entrevistada: Isso, isso! Os produtos, alguns a gente decide internamente, quando é aquilo que não precisa de uma verba externa. Aquilo que precisa de uma verba maior, a gente precisa, realmente, procurar algum superior. Aí, como a gente está vinculado ao gabinete, então é o gabinete que a gente vai procurar e o reitor e a assessoria do reitor. Então, a gente procura.

Entrevistadora: Você comentou em alguns momentos sobre a assessora. Ela é uma pessoa de referência dentro do grupo de trabalho de vocês? Existem outras pessoas que vocês usam como referências para tirar uma dúvida ou para resolver uma questão que seja mais polêmica ou mais complicada?

Entrevistada: Ela é a maior referência, mas dependendo do assunto... Por exemplo, se o assunto for de planejamento e orçamento, a gente procura o pró-reitor. Se a gente tem um problema acadêmico, a gente pode procurar o pró-reitor acadêmico. Então, depende muito. Em geral, ela é a nossa maior referência, porque ela está em contato direto com eles, então ela já conhece bem todos esses assuntos. Segundo porque a assessora já tem 18 anos no cargo, então ela conhece a instituição como ninguém. Ela já sabe como as coisas caminham e ela está em contato direto com o reitor. É uma relação muito próxima, entende? Então, realmente, ela tem essa referência; nossa referência maior é ela. Lógico que, dependendo do assunto, conforme for, a gente procura outras referências.

Entrevistadora: Existe alguma situação que te deixa um pouco estressada ou irritada com o seu ambiente de trabalho?

Entrevistada: Talvez mais na demora... É uma coisa muito pessoal, sabe, Gabriela? Talvez na demora que tem em uma decisão que precisa de urgência. Quando a gente trabalha com redes sociais, a gente acaba criando empatia, principalmente com os estudantes. Então, por exemplo, se chove muito e alaga muito os (?), eu fico pensando nos estudantes que moram muito distantes, que moram nas regiões mais alagadas, que às vezes têm provas e às vezes os professores não suspendem ou não cancelam as provas; a Universidade demora a se manifestar se vai ter aula ou se não vai ter aula, se vai ter prova ou se não vai ter prova. Mas é uma coisa muito mais de empatia mesmo e é pessoal do

que propriamente da instituição, porque a gente sabe que... se a gente dorme e quando acordar está tudo alagado, até os dirigentes acordaram com tudo alagado; eles não têm a dimensão de como está a situação, às vezes. Mas é uma coisa muito mais minha. Mas, de restante, de verdade, acho que só são as coisas cotidianas da empresa. A gente, às vezes, queria que fosse de um jeito, mas é de outro, mas tem outras coisas que interferem naquilo. Isso é uma coisa muito mais pessoal do que propriamente profissional. Profissionalmente, eu me sinto em um lugar muito bom. É um lugar bom de se trabalhar, você tem uma certa autonomia, a assessora deixa a gente muito livre. Ela já sabe a capacidade de cada profissional e como cada profissional age e o que cada profissional é capaz de oferecer e quais são as qualidades de cada um - ela conhece muito bem. Ela tem a capacidade também de, se houver algum probleminha, se colocar e resolver a situação de uma maneira bem democrática. Isso é muito importante. Acho que o gestor tem um papel fundamental.

Entrevistadora: Dentro da instituição, você já me disse que tem muito isso em mente - você e os seus colegas - de que lá você fala como alguém que representa a Universidade. Você está falando como alguém que representa a Universidade. No caso de uma cobertura mais polêmica, você vai pensar nesse aspecto: do que vai preservar a imagem da Universidade. Não é isso?

Entrevistada: Aham! Sim, sim.

Entrevistadora: Diante disso, você se sente mais jornalista, mais assessora de imprensa, mais servidora pública, mais divulgadora da ciência? Que tipo de status, desses que eu falei, você acha que tem mais no seu trabalho?

Entrevistada: Isso é difícil, viu? Porque, hoje em dia, está tudo tão misturado. Jornalista hoje fica fazendo tudo, né? Você vê jornalista hoje em tudo quanto é canto. Com essa dificuldade que a gente vê dos impressos, jornalistas acabam fazendo o mesmo que um trabalho de assessoria ou um blog, um site. De verdade, eu me sinto... não sei nem como eu posso dizer como eu me sinto. Como eu estou fazendo muito essa ponte com o público, então eu me sinto muito mais fazendo um trabalho de RP, vamos dizer assim. Então, eu acredito que eu esteja fazendo um trabalho de comunicação - talvez não seja de jornalismo. Questão de ser funcionária pública ou não ser funcionária pública: isso é muito relativo. Acho que ser funcionário público não é uma atividade, não é uma profissão. Eu acho que o funcionário público é apenas o vínculo empregatício que eu tenho. É mais um vínculo empregatício, então, na verdade, eu me sinto jornalista e me sinto assessora, e um pouquinho... no geral, eu vejo muito minha formação como

comunicóloga. Já que eu tenho esse leque tão grande de habilitações, eu me vejo mais como comunicóloga. Então, às vezes, eu faço alguma coisa que está muito vinculada à publicidade e ao marketing; às vezes, eu me vejo fazendo alguma coisa mais de jornalismo (quando é no exercício da função, que eu tenho que fazer uma matéria ou fazer uma cobertura; ou quando estou fazendo uma matéria de pesquisa, porque realmente sou eu ali); e um pouquinho dessa papel de relações públicas quando tem as demandas diárias do público externo, do público interno ou buscando atender as necessidades deles. Então, na verdade, é um pouquinho de cada coisa. Se eu puder englobar tudo em um só, eu acho que seria mais de assessora mesmo, englobando tudo isso. Faço o trabalho de assessoria, que envolve jornalismo, que envolve relações públicas e que envolve o fato que a própria empresa é uma instituição.

Entrevistadora: Você acha, então, que o assessor de imprensa é jornalista? É uma outra função do jornalista?

Entrevistada: Eu acho! Eu acho que sim. Eu acho que sim. Não dá para fugir, não. Aquela fórmula antiga de se fazer release, por exemplo, não é mais bem-vinda. Hoje, acho que por conta de toda essa evolução tecnológica, o aprofundamento esteja... Eu vejo como jornalismo. Eu vejo como jornalismo, apesar de alguns assessores não questionarem. Alguns livros que eu tenho lido têm me dado pistas que jornalista, independente de ele estar em uma assessoria ou de estar em um jornal ou uma redação de jornal ou estar em um blog... isso não vai definir. É a atividade que ele desempenha. Então, eu vejo o jornalismo enquanto atividade e não como “está aqui ou está ali”, mas como atividade. É como se eu fosse fazer uma entrevista e tivesse dentro da Universidade. Eu não deixo de fazer a entrevista por ser servidora pública. Então, eu vejo muito dessa forma. É uma atividade de jornalismo também - eu acredito que seja.

Entrevistadora: Como você diferencia a atuação dos jornalistas (a sua atuação e a dos seus colegas jornalistas) em comparação aos outros servidores públicos que trabalham na instituição? Tem muita diferença, em relação mesmo a horário, à atividade, à autonomia? Você considera diferente?

Entrevistada: É diferente, sim. Mas pode ser que isso mude, porque, como eu te disse anteriormente, tudo depende da gestão, quem está gerindo, que está à frente daquele grupo. Até porque a gente tem uma raiz de jornal, porque ela [a chefe] era jornalista de impresso, então ela trouxe muita coisa de jornalismo para cá. Então, a gente pensa que a gente tem certa autonomia nesse quesito. A questão do jornalismo, se você imaginar os diversos tipos de jornalismo (jornalismo opinativo, jornalismo informativo), se eu

englobar dentro, então as nossas atividade de jornalismo a partir momento em que eu dispense a passagem de fazer matérias, de você fazer um vídeo, de você construir matérias que possam ser publicadas em jornais (muitas vezes, na íntegra, sem nenhuma alteração, porque nossa redação é jornalística). Então, eu acho que tem muito esse direito. Eu vejo dessa forma. Com relação ao restante, eu acho que é até um entrave em relação à própria atividade. Se você for observar a parte de tesouraria ou de finanças, eles realmente têm outra dinâmica. Realmente, a nossa carga horária, enquanto jornalista, é bem menor que as demais - inclusive em relação aos tecnólogos que estão na Universidade. Então, nossa carga horária é menor, há essa flexibilidade maior, mas também eu vejo que nós trabalhamos até mais, por quê? Por termos uma carga horária menos, às vezes, temos que trabalhar dobrado para poder dar conta daquilo naquele horário. O setor é muito dinâmico e muito ativo, então ele, basicamente, abre 07h30 da manhã e vai até 06:30, com a gente trabalhando internamente.

Entrevistadora: Qual foi a última capacitação que você fez? Foi algo relacionado à Comunicação?

Entrevistada: Além da minha formação em Comunicação Social, das habilitações que eu te falei, eu tenho uma especialização em Administração com ênfase em Marketing. Estou fazendo o mestrado e toda a minha capacitação é na área de gestão.

Entrevistadora: Mas [o mestrado] tem a ver com Comunicação?

Entrevistada: É vinculado ao Departamento de Comunicação. Ele é muito pautado em Comunicação, em Inovação, todos esses assuntos que envolvem... É muito focado nas redes sociais, mas também tem design, artes e uma gama de coisas. Depois, faz uma pesquisa sobre essa área de indústrias culturais, para você entender. Mas o meu projeto é voltado para a Comunicação e para a gestão da Comunicação

Entrevistadora: Você é sindicalizada?

Entrevistada: Sou! Sou sindicalizada. Não pago mais sindicato, mas eu sou sindicalizada. Eu tenho o registro no sindicato, o registro de jornalista.

Entrevistadora: Sim! Mas você foi sindicalizada pelo Sindicato dos Jornalistas ou pelo Sindicato dos Servidores Públicos?

Entrevistada: Na verdade, eu não sou sindicalizada, atualmente, não. Já fui. Hoje, eu não sou mais sindicalizada.

Entrevistadora: Mas quando você era, você era de que sindicato: dos Jornalistas ou dos Servidores Públicos?

Entrevistada: Eu era dos Servidores e também do Sindicatos dos Jornalistas. Há muito tempo.

Entrevistadora: Você deixou de ser por conta das reivindicações, que achava que não cobria muito a área que você estava trabalhando?

Entrevistada: Veja só: na verdade, o Sindicato dos Jornalistas não tem muita ingerência no serviço público, né? Eu vim saber mais tarde, por conta das minhas atividades paralelas, que realmente era necessário eu ter o registro do sindicato. A partir do momento que eu deixo de fazer essas atividades, eu também saio do sindicato. Com relação ao Sindicato dos Servidores, eu realmente não vejo muita necessidade. Eu não vejo. É uma questão muito pessoal. Eu não vejo muita necessidade.

Entrevistadora: Está certo. Pois era isso! Eu agradeço a sua participação e a sua disponibilidade de contribuir com a pesquisa.

Entrevistada: Eu espero ter respondido à altura.

Entrevistadora: Está certo! Deu certo!

Entrevistada: Estou muito satisfeita e muito feliz por ser jornalista e pela minha profissão.

Entrevistadora: E de trabalhar na Universidade também? Você gosta?

Entrevistada: E de trabalhar na Universidade! Gosto muito. Eu gosto muito de trabalhar na Universidade, muito mesmo. Não sei se é porque eu estudei lá e acabei ficando lá. E eu gosto de trabalhar no serviço público também. Eu trabalhei para a Prefeitura e gostei também de trabalhar na Prefeitura.

Entrevistadora: Por que você gosta tanto de trabalhar na Universidade e no serviço público?

Entrevistada: Talvez seja porque eu comecei neles e permaneci neles. Eu não sei, mas eu gosto. Eu me sinto bem, sabe? Eu me sinto bem, porque você está trabalhando em prol de terceiros. Servidor público significa servir ao público, e eu gosto disso. Eu gosto de estar em contato com esse público e servir a ele, mesmo que indiretamente.

Entrevistadora: Está certo, então. Obrigada, tá? Boa noite.

Entrevistada: Boa noite. Minha querida, muita sorte para você, tá bom?

Entrevistadora: Tá bom! Tchau!

Entrevistada: Tchau!

APÊNDICE G - Entrevista 7

CAMPOS, Açucena. **Entrevista 7**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (01h e 32 seg.)

Entrevistadora: Alô?

Entrevistada: Tudo bom?

Entrevistadora: Oi! Tudo bem.

Entrevistada: Você está me ouvindo direitinho?

Entrevistadora: Estou! Estou ouvindo. Você está me ouvindo também?

Entrevistada: Estou! Estou ouvindo também.

Entrevistadora: Certo! Pronto! Então podemos começar?

Entrevistada: Pode, sim. Sem problemas!

Entrevistadora: Eu queria que você começasse falando por que você escolheu ser jornalista e resumisse suas experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistada: Certo! A minha escolha por Jornalismo se deu ao longo de um longo processo que eu tive que fazer durante o ensino médio - até mesmo no ensino fundamental isso já se iniciou, mas a princípio foi durante o ensino médio. Eu sempre tive muito interesse por leitura. Ler sempre foi um hábito muito frequente para mim desde a infância. Eu sabia que eu queria alguma coisa na área de Humanas, por conta da possibilidade de leitura, então eu sempre busquei esse campo. Eu pensei, durante o ensino médio em fazer História - foi um dos cursos que eu considerei seriamente em fazer - e o curso de Letras também. Mas durante o vestibular, eu fiz duas opções. Eu tinha interesse em universidades públicas, então eu optei por fazer Letras - Espanhol na Universidade Estadual e o Jornalismo. Eu acabei mudando porque eu achei que o Jornalismo poderia agregar tanto a questão da leitura, da escrita também, com um mercado de trabalho mais amplo, além, por exemplo, de ensinar. Por isso eu mudei de História para Jornalismo. No vestibular da federal, eu prestei para Jornalismo. Eu acabei sendo classificada para os dois, nas duas universidades, só que eu tinha que optar, porque um aluno não poderia ocupar duas vagas de universidades públicas. Eu acabei optando por Jornalismo mesmo pela possibilidade de atividades que poderiam ser desenvolvidas na área.

Entrevistadora: E como foram as suas experiências profissionais até chegar na Universidade?

Entrevistada: As experiências profissionais... Eu comecei a ter experiências profissionais já na faculdade, com estágios. Eu iniciei a faculdade e no segundo semestre eu já fui bolsista, mas logo depois eu deixei a bolsa para começar a ter experiência profissional, ainda que fossem experiências em forma de estágio. Eu queria ter mais a parte prática. Então eu fui bolsista [em um sindicato] e, depois de um ano, fui estagiária em um hospital público. Foram duas experiências muito gratificantes. Quando eu finalizei o curso, eu já tinha uma boa experiência profissional mesmo, na parte prática. Essas duas experiências foram com a área de assessoria de comunicação e assessoria de imprensa. Essa foi uma área que eu acabei escolhendo durante a universidade para atuar. Eu não tive experiência em redação. Então, logo depois que eu me formei, eu comecei a trabalhar junto de uma agência de comunicação, onde eu fui alocada inicialmente em uma ONG. Lá eu passei um tempo, mas foi curto, de mais ou menos seis meses. Depois, eu fui realocada para trabalhos variados dessa agência, por meio de atividades junto aos sindicatos, a clientes individuais - tudo voltado na área de assessoria de comunicação e assessoria de imprensa. Logo depois eu consegui uma vaga no Núcleo de Tecnologia de Educação à Distância de [uma universidade federal], fazendo também a parte de assessoria de comunicação. Fiquei durante um período de mais ou menos oito meses lá. Em seguida, eu fui para uma ONG, que é uma ONG que desenvolve trabalhos de agricultura familiar. Lá eu passei um tempo curto porque, logo depois, eu fui aprovado para o concurso. Lá era tanto assessoria de comunicação, mas tinha também umas atividades voltadas para comunicação popular, então a gente fazia um trabalho um pouco mais diversificado. Aí, depois, mais ou menos em outubro de 2015, eu fui aprovada no concurso e foi quando eu vim trabalhar aqui.

Entrevistadora: Você está aí desde quando?

Entrevistada: Eu estou aqui desde novembro de 2015. Já tem uns três anos e meio aqui, mais ou menos.

Entrevistadora: O que motivou a sua escolha para trabalhar em uma universidade? Foi a oportunidade de fazer o concurso ou tu já tinha a intenção de trabalhar mesmo em uma instituição de ensino?

Entrevistada: Na verdade, foi um pouco dos dois. Eu já estava tentando concurso há mais ou menos um ano. Eu fazia concursos para várias instituições, mas eu confesso que a universidade pública sempre teve meu interesse, porque eu sempre gostei muito dessa área da Educação. Então, eu considero que eu tive uma boa experiência na assessoria de imprensa (?) para o ambiente universitário, então os concursos que saíram para as

universidades sempre me atraíram muito pela possibilidade de trabalhar em um ambiente universitário, em um ambiente de produção de conhecimento. Encaixou os dois. Eu tentei concurso para outros órgãos, que não estavam ligados necessariamente à área de Educação. Mas os concursos voltados para a área de Educação, para as universidades, sempre foram os que me atraíram mais, por conta do meu interesse pela área, então foi uma oportunidade mesmo. Só que eu não esperava passar – não foi uma coisa que eu esperava. Eu já estava fazendo concurso tinha algum tempo e eu não tinha considerado a minha prova muito boa, então eu acabei deixando para lá; achei que o concurso tinha sido ruim mesmo para mim e que não daria para passar. Eu só soube que eu tinha passado quando eu fui convocada e tinha um mês para vir. Então, foi meio que surpresa para mim passar.

Entrevistadora: E quais as diferenças que você percebe de trabalhar na Universidade e trabalhar nesses outros lugares que você trabalhou?

Entrevistada: Tem algumas diferenças, mas eu acho que o principal é a questão da complexidade. Uma universidade é bem complexa, ainda mais aqui, que é uma universidade muito grande, com muitos cursos e tem muitos órgãos, setores e cada um tem sua especificidade e cada um com um trabalho. Essa, eu acho, é a grande diferença: você tentar, dentro daquele universo tão diverso, se encontrar e conseguir fazer um trabalho de jornalismo muito bom. No meu caso, como jornalista, assim como outros jornalistas, a gente não trabalhava em uma área específica; a gente tem que estar próximo um pouco da área de pesquisa, do que estão fazendo na área de extensão, na área de ensino... Dentro dos limites - porque é um número muito pequeno de servidores - tentar dar uma visão do que é produzido na Universidade - e o que é produzido na Universidade é muito diverso, é muito amplo, é muito grande, e a gente sabe que o nosso trabalho não consegue dar conta. Então, eu acho que é o principal diferencial. Eu trabalhei sempre em órgãos não tão grandes, alguns menores, pequenos, uma coisa mais nuclear. Na universidade é um mundo, é uma coisa muito grande, que a gente precisa estar sempre informado, se inteirando e conhecendo. Às vezes, alguns temas são muito complexos e a gente precisa estudar, pesquisar para tentar se aproximar de algum entendimento.

Entrevistadora: Como é a sua rotina de trabalho, atualmente?

Entrevistada: Atualmente, como o meu cargo é de jornalista, a minha carga horária é de 25 horas semanais, então eu faço, normalmente, cinco horas diárias. Atualmente, eu trabalho, normalmente, no período de tarde, porque eu estou com dois estagiários do curso de Jornalismo. São estágios voluntários, onde os meninos estão querendo pegar

experiência na parte mesmo de produção de jornalismo. Normalmente, durante o início da semana (segunda ou terça-feira), eu faço um levantamento de pauta do que é mais importante. Se possível, eu faço até com mais antecedência, na sexta-feira, porque o meu trabalho é mais voltado para um boletim. É um boletim jornalístico curtinho, com informações sobre a Universidade, de eventos e atividades - tanto de divulgação de atividades quanto de cobertura também de eventos. Então, eu faço um levantamento de pauta e organizo de acordo com a agenda, porque, no caso, a universidade, atualmente, só conta comigo como jornalista - não tem outro jornalista com cargo de jornalista. Então, eu tenho que me desdobrar, mas, ao mesmo tempo, tentar manter a qualidade das pautas. Eu faço o levantamento de pautas para as que são possíveis a gente desenvolver uma matéria, seja uma matéria só de divulgação - que é uma matéria mais simples, informando qual é o evento, qual é o objetivo, quais são as datas - ou uma matéria de cobertura mesmo, quando a gente se desloca até o local do evento, faz captação de imagem, faz entrevistas. Depois que termina, volta para a sede da TV, produz o texto, edita e finaliza. Como, no caso, a equipe também é muito pequena, a gente não conta ainda com um editor de imagem, então o processo de produção eu faço inteiro: eu faço a pré-produção, eu faço a gravação e eu faço a pós-produção, que é a parte de edição também, assim como outros colegas que têm outros cargos também fazem atividade parecida, só que, no caso, eu faço mais voltada para o jornalismo. Então é assim: eu faço o levantamento de pauta e durante a semana vou desenvolvendo. A gente fez uma parceria com uma coordenação que existe na universidade, que é a coordenação de tradução. A partir dessa parceria, a gente está conseguindo desenvolver alguns desses boletins que nós produzimos com interpretação em libras, para poder promover acessibilidade, então é mais uma etapa...

Entrevistadora: Alô!? Alô!?

Entrevistada: Oi! Está me ouvindo?

Entrevistadora: Pronto! Deu uma cortada. Então, você estava falando sobre libras, que é mais uma etapa...?

Entrevistada: Isso! É mais uma etapa na produção do vídeo, na produção da matéria, porque após o fechamento da matéria... não são todas, porque, dependendo do prazo, não dá para a gente passar todas para a coordenação de tradução. Mas - vamos dizer assim - 70% do material produzido pela TV a gente passa para eles, grava com eles para poder fazer a inserção do intérprete no vídeo também. Então, é mais uma etapa que a gente trabalha, mas com o objetivo de dar acessibilidade à produção da TV, pelo menos do material jornalístico.

Entrevistadora: Então, você repassa as pautas? Algumas pautas os estudantes vão cobrir e outras você vai: é assim?

Entrevistada: Isso! Normalmente, até agora, eu estou supervisionando os estudantes, inclusive indo para a pauta também. É porque, como são estudantes, não dá para a gente dar total autonomia, já no início para eles já fazerem uma matéria, até porque, às vezes, eles não têm experiência em gravação, em captação de imagem, então a gente precisa estar lá para passar algumas orientações. Mas assim que eles pegam um pouquinho mais de experiência, até saber como é o processo de produção, pegar mais familiaridade, aí eu já deixo eles irem sozinhos enquanto eu vou fazendo outras pautas na sede da TV. Mas, normalmente, em coberturas mais complexas, eu acompanho eles também, para dar orientação, explicar como funcionam as coisas. É um compromisso que a gente procura ter na TV e com os alunos: não deixá-los tão soltos. Não é porque a gente não confia neles - não é isso, mas é porque quando eles vão para o mercado de trabalho eles fazem trabalho de jornalista sem ter a formação, então a gente quer dar para eles uma experiência bem orientada, bem trabalhada e, a partir do momento em que eles vão ganhando confiança, vão aprendendo, a gente vai deixando eles um pouco mais soltos, para acompanhar as pautas sozinhos. Então, a gente faz (?) a distribuição da pauta na outra semana, para saber o que vai ser produzido, o que vai ser matéria mais simples, o que vai ser matéria de cobertura, o que vai precisar de tradução, o que não vai dar tempo. Normalmente, a programação que a gente faz de pautas é semanal.

Entrevistadora: Certo! A TV é tv aberta ou é só para a internet?

Entrevistada: Na verdade, a TV é transmitida pela tv a cabo, porque existe a Lei do Cabo, que obriga as donas de tv a cabo a fornecerem canais com conteúdo público, então são as tvs educativas, tvs legislativas. Todas elas recebem. Claro, desde que haja o interesse da tv de ocupar aquele espaço. Então, a TV é só canal fechado. A gente também coloca o material na internet, principalmente no Facebook e no YouTube.

Entrevistadora: Certo! E vocês trabalham com temáticas só da Universidade ou são temáticas gerais?

Entrevistada: Só da Universidade, por enquanto. Alguns programas trabalham com temáticas gerais, mas demoram um pouco mais para serem produzidos. São séries que a gente faz.. Inclusive uma série que está em andamento, que vai abrir uma nova temporada, aborda a questão da produção artística aqui no estado, então ela é mais ampla; ela pega artistas não só da universidade como também de fora. Mas para a produção jornalística, que é a que eu estou mais vinculada, a gente só faz cobertura do que são temas

relacionados, ligados e realizados, pelo menos em parceria, com a universidade. A gente até queria abrir e fazer algo mais amplo, mas infelizmente a gente não tem corpo funcional, não tem recursos humanos e nem recursos de equipamentos mesmo para poder conseguir abrir mais as pautas, então a gente procura fazer pautas um pouco mais fechadas na universidade, na parte de Jornalismo.

Entrevistadora: Vocês trabalham com pautas de pesquisa e de divulgação científica?

Entrevistada: Sim! Nós trabalhamos. A gente está tentando fazer isso de uma forma mais constante. Mas a gente procura trabalhar, sim, com pesquisa, quando os pesquisadores enviam para a gente; com lançamento de livros também; com pesquisas que têm impacto social. Então, a gente procura fazer a divulgação mesmo dessas pesquisas, desses trabalhos.

Entrevistadora: O que você gosta no trabalho atual?

Entrevistada: No meu trabalho, o que eu mais gosto é a possibilidade de aprender, porque o jornalismo, principalmente quando você está em um jornalismo... É porque eu não posso chamar de jornalismo de redação, porque não é igual a uma redação; a gente não tem tamanho e porte para isso. Mas é um jornalismo muito voltado para a produção de material. Então, quando você está nessa área, você acaba aprendendo muito, tanto no âmbito do jornalismo... Por exemplo, quando eu cheguei na universidade, eu não sabia editar vídeo. Eu aprendi a editar vídeos, com a ajuda dos colegas e sozinha também, tentando, aprendendo. Hoje eu edito vídeos, né? Já fiz materiais, já fiz séries. Então, a possibilidade de aprender na área da comunicação e na produção audiovisual é uma coisa que me interessa bastante no meu trabalho e o aprendizado também sobre a Universidade, sobre a ciência, sobre a produção científica, a produção do conhecimento, os projetos que são desenvolvidos, aquilo que as pessoas se dedicam a vida delas fazendo... então, isso é, para mim, muito gratificante, porque eu estou constantemente aprendendo – eu acho que é o que mais me interessa no meu trabalho, o que mais me motiva, porque eu estou em contato com pessoas que estão ali produzindo conhecimento e o contato com elas me ajuda a aprender.

Entrevistadora: E o que te deixa mais estressada ou desanimada no seu ambiente de trabalho?

Entrevistada: O que me deixa estressada, o principal, é o problema de gestão, que acho que toda instituição pública sofre bastante e na universidade também não é diferente. As questões de gestão, os problemas de gestão, acabam repercutindo no nosso trabalho, porque nós somos a linha de frente da produção. Problemas de gestão acabam acarretando

outros problemas, como, por exemplo, falta de pessoal, falta de recursos humanos, falta de equipamentos. Isso é uma coisa que estressa bastante, porque a gente pega muita vontade, muita dedicação, só que muitas vezes a gente não consegue fazer aquilo que a gente está querendo, com a qualidade que a gente está querendo, porque simplesmente a gente não tem as condições necessárias para o desenvolvimento do trabalho. Mas eu vejo que isso é só uma ponta do iceberg. Acho que o problema maior mesmo é por conta da gestão mesmo, dentro das instituições públicas.

Entrevistadora: Mas você fala de gestão de uma maneira geral, não necessariamente do seu setor?

Entrevistada: De uma maneira geral também. É porque, realmente, é bem complicado. Eu já passei por diferentes gestões e você vê que dentro da Universidade ainda se patina um pouco na questão da gestão. Tem também fatores que são limitadores para o desenvolvimento de uma melhor gestão, que são fatores limitadores, mas que ao mesmo tempo são necessários, que precisam ser revistos, talvez para uma modernização da gestão nas instituições públicas. Como existem leis, o processo é bem mais lento. Se você está em um jornal, em uma televisão, se um equipamento quebrar, esse equipamento vai ser repostado. Tem o setor financeiro que vai verificar, mas esse equipamento vai ser repostado. Dentro de uma instituição pública, se um equipamento quebrar e não tiver outro para substituir, vai ter que passar por um processo de licitação, que pode demorar meses, para poder chegar o equipamento. Esse problema acaba repercutindo na nossa dificuldade de trabalho. É tudo muito demorado, é um tempo que... O jornalismo é muito acelerado, é muito rápido, tudo é para ontem. Às vezes, quando você entra em uma instituição pública, você se impacta um pouco com essa coisa que é muito demorada, aí as coisas ficam soltas e as pessoas não procuram ir atrás e depois é que lembram para tentar de novo. Tem as questões políticas também - que toda instituição tem -, mas as instituições públicas têm uma coisa bem forte de política. É bem complicado. Quando você entra no processo da instituição pública, você vê como é complicado mesmo você conseguir as coisas aqui; não é tão fácil. Não é só querer, não é só a sua vontade. Mas o que eu vejo, realmente, é a questão da modernização da questão de gestão.

Entrevistadora: E você se considera uma jornalista, trabalhando na Universidade?

Entrevistada: Sim! Me considero uma jornalista, sim, porque a gente está trabalhando diretamente com pautas que impactam a vida das pessoas, com informações que são importantes para as pessoas terem conhecimento, informações que fazem diferença na vida das pessoas, além de ser um trabalho que também contribui para a transparência. Por

mais que a gente não consiga dar conta de um universo inteiro de uma universidade. É um trabalho que ajuda na transparência para as pessoas saberem o que está acontecendo dentro da Universidade. “*Como funciona essa Universidade?*”, “*Como é isso?*”. Nem todo mundo tem acesso a uma universidade, então acho que o trabalho de jornalista... Assim como o jornalista de redação também tem esse papel de mostrar o que está acontecendo e levar informação de interesse público, o papel do jornalista de uma Universidade eu não vejo como muito diferente. Eu acho que é esse mesmo papel também: apresentar as informações, apresentar as pesquisas, o que está sendo feito, inclusive as dificuldades e os desafios.

Entrevistadora: Você acha que o assessor de imprensa é jornalista?

Entrevistada: Essa pergunta é capciosa. Eu acho que o trabalho do assessor de imprensa usa e se utiliza de muitos instrumentos do Jornalismo. Eu acredito que um jornalista, quando exerce a função de assessoria de imprensa, talvez não esteja exercendo jornalismo, aquele jornalismo no sentido mais tradicional do termo (aquela coisa da produção de matérias, da investigação), mas ele se utiliza de muitos recursos do Jornalismo. Então, eu acho que ele não é um jornalista quando ele está exercendo a função de assessor de imprensa; eu acho que ele está mais voltado para um comunicador, um comunicador de forma mais geral. Mas ele se utiliza de recursos do jornalismo, porque ele precisa conhecer essa lógica do jornalismo para poder desenvolver suas sugestões de pauta, para trabalhar a imagem da empresa. Mas esse papel que o jornalista tem na redação é diferente do papel de um assessor de imprensa.

Entrevistadora: Você nunca trabalhou na assessoria? Você já foi para a TV.

Entrevistada: Não! Eu trabalhei em assessoria de imprensa, sim. Trabalhei! Eu trabalhei com assessoria de imprensa dentro da agência, que eu comentei que era uma agência de comunicação.

Entrevistadora: Eu estou dizendo dentro da universidade.

Entrevistada: Dentro da universidade? Não, não. Eu não trabalhei. Porque são dois setores; eu até te expliquei nas mensagens, né? São dois setores diferentes: existe a Assessoria de Comunicação, que é vinculada diretamente à Reitoria; e existe a TV que, atualmente, está vinculada à Pró-Reitoria de Extensão. Então, eu nunca fui para a Assessoria de Comunicação, apesar de já ter desenvolvido algumas atividades em conjunto com eles, mas pensando como “jornalista da TV” e não como “assessora de comunicação”, entendeu?

Entrevistadora: Uhum! Então vocês estão dentro da estrutura da Pró-Reitoria de Extensão?

Entrevistada: Isso! Exatamente! Existe muita confusão na universidade. As pessoas não entendem, apesar de a gente insistir milhares de vezes e tocar nesse assunto. A Ascom (Assessoria de Comunicação) é um setor diferente da TV - são dois setores diferentes. São setores que desenvolvem trabalhos em conjunto - apesar de eu achar que são poucos e que deveriam ser mais -, mas são dois setores diferentes. São setores com objetivos diferentes e atividades diferentes. O que a Ascom faz, a TV não responde e vice-versa.

Entrevistadora: Você acha que, na TV, você é mais jornalista do que os seus colegas que trabalham hoje na Ascom?

Entrevistada: Eu acho que eu não sou mais jornalista, não, porque eles também desenvolvem trabalho de produção de notícias do Portal. Eles têm um trabalho a mais, que é a assessoria de imprensa. Eles fazem esse trabalho de contato com a imprensa e divulgação de pauta, envio de release para as redações. Mas eu não me acho mais jornalista que eles, não. Eles têm também um trabalho de jornalismo, que é de noticiar as informações da Universidade - isso também é presente no trabalho deles. Eu acho que, apesar de serem setores diferentes, com atividades diferentes e até abordagens diferentes, eles também fazem jornalismo. Eu acho que talvez o diferencial é que, como eles estão vinculados diretamente com a Reitoria, eles também têm esse papel de trabalhar a imagem da universidade. Eles que emitem notas em nome da Administração Superior. Esse papel da TV não faz. A gente tem essa liberdade (pelo menos, até agora) de cobrir pautas que podem ser delicadas para a Universidade e para tratar de temas que podem ser delicados para a Universidade - pelo menos até agora a gente teve essa liberdade. Nunca houve qualquer tipo de limitação nesse sentido. Então, a gente consegue desenvolver pautas que talvez eles, como assessorias de comunicação, não tomem como atividades deles, porque eles têm que construir uma imagem da universidade como local de produção de conhecimento. A gente também faz isso, mas a gente tem - vamos dizer assim - um leque mais amplo de pautas, em relação a eles.

Entrevistadora: Então, quer dizer que, em uma situação de cobertura polêmica, em que há interesses divergentes dentro da Universidade, você costuma fazer matéria sobre isso?

Entrevistada: Sim! Por exemplo, na semana passada, teve a paralisação e tiveram os atos em todo o país e a universidade também participou - não a Administração Superior, mas os alunos. Foi uma organização da comunidade acadêmica, junto com os sindicatos. Eles fizeram uma paralisação pela manhã e também teve à tarde no centro. A gente cobriu. A

gente foi lá e fez a pauta, fez a matéria. O pessoal da Ascom não cobriu, porque não foi uma atividade organizada pela Administração Superior; não foi uma atividade encabeçada por uma pró-reitoria ou pela própria Reitoria; foi uma atividade feita pelos alunos, pelos professores e por técnicos também. A TV foi lá e fez a matéria. A gente cobriu e fez uma matéria sobre o tema, procurando aprofundar um pouquinho mais. Então, a gente fez uma cobertura e o pessoal da Ascom não fez, porque eles estão muito mais vinculados à Reitoria do que nós estamos. Como nós não estamos diretamente vinculados à Reitoria (nós estamos vinculados a uma pró-reitoria), nunca houve em nenhum momento o pedido de barrar uma matéria ou alguma coisa assim. Então a gente trabalha com isso. Inclusive, nós tínhamos a produção de um programa - que a gente interrompeu por questão de condições de desenvolvimento - de entrevistas, onde a gente tratava de problemas e desafios da Universidade - até mesmo por falta de recursos. A gente pegava vários temas e abordava, convidava pessoas da Universidade para falar. Nunca houve nenhum tipo de interferência nesse sentido.

Entrevistadora: Quem é o seu público? Para quem você escreve e para quem você faz as matérias?

Entrevistada: Eu penso o meu público como a comunidade acadêmica. Eu penso o meu público como os professores, os estudantes e os técnicos. Dependendo do tipo de pauta, eu procuro abordar para algum segmento mais específico. Pautas que são voltadas para os alunos têm uma repercussão maior. Isso é uma prioridade minha que eu dou: procurar priorizar muito as pautas que são voltadas para os estudantes, ou seja, pautas que são de interesse diretamente deles. Por exemplo: assistência estudantil, que é uma política fundamental na Universidade, para manter os estudantes para que eles consigam fazer suas graduações. A gente procura dar prioridade para essas pautas, porque é importante voltar isso para eles e ter um local onde eles possam ter esse tipo de informação. Mas eu penso de forma mais ampla que o nosso público é a comunidade acadêmica. A gente gostaria e tem um interesse muito grande de expandir isso e pensar como a sociedade [da cidade onde a universidade está localizada]. A gente procura de forma muito indireta. Nosso público direto é a nossa comunidade da universidade, porque, infelizmente, por questões estruturais, a gente não consegue fazer para um público mais amplo.

Entrevistadora: Entendi! Hoje, com o trabalho que você desempenha, você se sente mais jornalista, mais assessora de imprensa, mais servidora pública ou mais divulgadora da ciência?

Entrevistada: Eu me sinto mais jornalista, atualmente. Gostaria de me sentir um pouco mais como divulgadora da ciência, mas acho que ainda não consegui chegar a esse ponto, porque eu acho que a divulgação científica precisa ter um trabalho mais aprofundado, que a gente ainda não conseguiu dar para isso, apesar de ter muito interesse - pelo menos da minha parte, eu tenho muito interesse nisso e fazer alguns ensaios em algumas pautas e ensaiar um pouco essa coisa da divulgação da ciência, do trabalho da pesquisa. Mas me sinto mais jornalista mesmo, porque hoje em dia é o que a gente dá conta, mas futuramente gostaria de me sentir mais divulgadora da ciência.

Entrevistadora: Você tinha me falado que vocês não têm orientação por escrito de como deve ser feita a cobertura ou da estrutura que vocês fazem parte. Como são feitas as negociações na hora de pensar essa cobertura ou a atuação de vocês? Você conseguiu me dizer que a assessoria trabalha com determinados assuntos e vocês trabalham com outros - vocês têm um leque mais amplo. Como vocês negociam e trabalham isso no dia a dia, caso a caso?

Entrevistada: É muito no dia a dia, no caso a caso e no instinto também. Para mim, um dos grandes entraves da TV que eu vejo atualmente é a gente não ter consolidado claramente uma linha editorial, objetivos da TV, missão, valores. A gente tentou fazer isso no processo de revitalização, que foi no processo que uma parte da equipe entrou por meio de concurso público. A gente tentou levar isso, mas nunca foi a frente. Realmente, sempre travou muito. A gente tentava fazer reuniões para fechar isso. A gente queria muito ter um conselho de programação, que poderia dar uma diversidade maior para a produção da TV, porque às vezes a gente faz muito o que a gente pensa que é importante fazer. O que eu procuro é conversar com as pessoas na Universidade, saber quais são os projetos. Mas formalizado não existe isso. Antigamente, a TV tinha um conselho de programação. Eu não posso dizer como funcionava, porque eu ainda não estava aqui. Mas o fato de ter um conselho de programação é extremamente importante, para ter uma diversidade e uma pluralidade na nossa programação. A gente, infelizmente, hoje, não conta com um conselho de programação, assim como não conta com documentos que institucionalizem a atividade da TV, seus objetivos, sua missão. Isso é um grande entrave, eu diria, para a TV, porque a gente procura desenvolver o nosso trabalho da melhor forma possível, mas é muito solto; não existe uma linha para se pensar aonde a gente quer chegar, qual é o nosso futuro. É muito na base da sobrevivência. Tenho que te confessar: é muito na base da sobrevivência mesmo. O que é no dia a dia a gente vai sentindo e negociando.

Entrevistadora: Em relação às demandas que chegam, sejam de professores, de técnicos, dos próprios gestores, que vocês entram naquele impasse: às vezes tem a vontade do que a pessoa quer que seja divulgado, mas tem aquilo que o jornalista acha que deve ser feito na Universidade. Isso costuma acontecer muito no seu dia a dia? Como é que tu lida com isso?

Entrevistada: Não costuma acontecer muito, pelo menos até agora. A gente recebe sugestões de pautas. Eu dou prioridade às sugestões que são sugeridas, porque a pessoa teve um esforço de enviar. É uma sugestão de pauta e a pessoa espera que seja divulgada. A gente faz essa abordagem, sim; a gente divulga. Nunca vivenciei uma divergência, como “*you divulged something that was not supposed to be divulged like this*”. Nunca aconteceu! A gente sempre procura conversar com as fontes, pegar mais informações, certificar as informações que são passadas. Existe correção, claro. “*Esse dado aqui não é exatamente esse*”. A gente verifica e “*really it is correct*”. Faz parte do Jornalismo. Pode acontecer o erro e a gente tem o papel de fazer a correção do erro, desde que seja um erro. Mas nunca houve uma divergência nesse sentido de abordagem nem nada. A gente esclarece o que a gente pode fazer. O que pode acontecer é que, muitas vezes, muitas pessoas querem cobertura íntegra de um evento, que grave inteiramente uma palestra ou um evento. O atual diretor da TV aceita alguns tipos de demanda de cobrir integralmente uma palestra, mas aí eu explico que no Jornalismo a gente não faz cobertura integral, a gente faz a cobertura jornalística, que é apresentar os principais pontos do evento, com entrevistas e tudo mais. Então, eu acho que muito uma questão que eu acho que é de diálogo mesmo, de conversar, explicando direitinho como é o processo do jornalismo. As pessoas acham que é muito simples, mas quando você começa a falar elas “*Vixi! Não é tão simples assim*”. Então, a gente faz sempre esse tipo de esclarecimento, de conversa. Do que eu tenho vivenciado da TV, nunca houve alguma divergência de abordagem. O que a gente faz é explicar como a gente vai desenvolver aquela pauta.

Entrevistadora: No geral, vocês têm liberdade para definir as pautas, definir qual vai ser a programação da TV?

Entrevistada: A gente tem, sim. Eu posso falar pelo setor de jornalismo. A programação da TV é construída pelo diretor da TV. A gente dá umas sugestões para ele, mas ele fica mais à frente da questão da programação da TV em si. A programação que eu digo é geral, as 24 horas de exibição. Do jornalismo, a gente, sim, tem liberdade. Chegam sugestões de pauta, chegam sugestões do próprio diretor. “*Olha, vai ter tal evento. Verifica se dá certo alguma divulgação e tudo mais*”, aí eu verifico e vejo se não tem alguma outra pauta

agendada. Se a gente já fez o compromisso de cobrir uma pauta, não tem como a gente ficar desmarcando. Eu faço essa gestão de verificar como está a situação das pautas. Mas tem liberdade, sim. No caso, eu que estou fechando as pautas de jornalismo, sempre conversando com o pessoal para sugestões, verificando, pesquisando, para pensar as pautas mais diversas possíveis. Então, eu estou sempre conversando. Na parte de jornalismo, a gente tem, sim, liberdade na questão das escolhas das pautas.

Entrevistadora: Você já precisou ter que mostrar alguma matéria antes, que o professor pediu?

Entrevistada: Matéria jornalística, não. Eu já tive que mostrar uma produção que foi solicitada pela Reitoria, que foi um minidocumentário. Aí a gente teve que mostrar, até porque tinha parceiros envolvidos. Enfim, a gente mostrou para poder verificar se estava de acordo com a demanda deles. Mas a parte jornalística, não. Eu só faço esclarecimento de dúvidas mesmo. Se eu não entendi tal coisa, eu ligo para o professor ou para a pessoa que sugeriu a pauta ou a pessoa que eu entrevistei e faço só a checagem. “*A informação é essa mesma? Eu não entendi direito. Me explica, por favor?*”. É mais nesse sentido. Da parte jornalística, a gente fecha a pauta e divulga, sempre procurando ter a maior checagem de informação possível.

Entrevistadora: E também não chega a ter tanta influência da Reitoria, né?

Entrevistada: Não. Chegam algumas sugestões de pauta mesmo e até mesmo avisos de pautas importantes. Como eles têm uma agenda bem apertada... Por exemplo, vai vir o Ministro da Educação visitar a universidade e vai ter uma conversa para tentar liberar recursos para tal coisa, aí eles avisam a gente e a gente se organiza para ir. Mas não chega tanta demanda, pelo menos para mim. Diretamente para mim, não chega. O diretor chegou para mim: “*uma demanda da Reitoria*”. Isso é uma coisa muito pontual e até agora as pautas foram relevantes. Não teve nenhuma pauta que “*Meu Deus! Não tem nada a ver*”. As pautas até agora que chegam são pautas relevantes, são pautas claramente jornalística e de interesse da comunidade acadêmica.

Entrevistadora: No seu trabalho, na parte de jornalismo, fica você e, atualmente, mais dois estagiários.

Entrevistada: Isso! Eu e dois estagiários.

Entrevistadora: O que eu queria saber é se existe, dentro da equipe da TV mesmo, se é o diretor que faz esse papel, uma pessoa de referência dentro do seu grupo de trabalho. Quando você está com uma dúvida se determinada coisa vai virar pauta ou não, se vai ter

muito problema em divulgar determinado assunto ou determinado evento, aí você recorre a essa pessoa. Existe alguém assim na TV?

Entrevistada: Muito esporadicamente, eu converso com o meu colega, que é jornalista também, que é diretor de programa, mas é muito esporadicamente. Quando tem pautas mais tensas, pautas para verificar o pensamento do diretor da TV, aí eu verifico com o diretor. Mas isso é muito, muito esporádico mesmo.

Entrevistadora: Entendi! Você disse que tem um outro colega jornalista, com quem você conversa às vezes sobre algumas pautas. Tem outros ou a sua relação é mais com os estagiários e, esporadicamente, com esse colega?

Entrevistada: A minha relação é mais com os estagiários. (?) direção de programa, então ele não está muito na TV. Quando é necessário, eu peço ajuda e ele me ajuda em algumas pautas mais específicas e em pautas mais complexas que vão ser muito tumultuadas, como, por exemplo, com essa dos protestos ele me ajudou, porque realmente não dá para fazer sozinha e os estagiários estavam em outra atividade. Mas o cargo dele é Diretor de Programação, então ele está mais voltado para a produção de programas, que são os grandes fôlegos, programas maiores, mais sérios e tudo mais. Então, eu converso mais com os estagiários mesmo que estão fazendo o curso de Jornalismo. É o contato maior que eu tenho ali dentro.

Entrevistadora: Com outros profissionais? Você não tem muito contato porque você faz todas as etapas, é isso?

Entrevistada: Isso! Só se eu tiver uma dúvida... Eu tinha mais contato com o meu colega, que é designer da universidade, só que ele pediu o afastamento para fazer o mestrado, desde o ano passado, então a gente está com o contato muito reduzido, porque ele não está lá na TV. Mas quando eu tinha uma dúvida de edição ou alguma coisa, eu pedia...

Entrevistadora: Alô!?

Entrevistada: Alô!?

Entrevistadora: Oi?

Entrevistada: Alô!? Está me ouvindo?

Entrevistadora: Sim! Você está falando do seu colega e de que às vezes você tinha dúvidas...

Entrevistada: Porque como ele conhece mais dos softwares e ele tem a visão de designer, a questão de imagem para ele é mais forte, ele me dava sugestões; às vezes, até mesmo de tema. “*O que tu acha de abordar isso?*”, aí a gente conversava um pouco mais. Mas

uma coisa mais na amizade, porque o cargo dele não era em Jornalismo; ele é designer. Mas como ele está afastado para a redação de mestrado, aí eu tenho pouco contato atualmente com ele, porque ele não está diariamente na TV.

Entrevistadora: E você tem algum tipo de interação com os jornalistas de fora, da imprensa?

Entrevistada: Muito pouco, muito pouco mesmo. Acho que é porque, como eu sou relativamente recente aqui, é realmente muito pontual. Eu comecei a ter um pouco mais de contato - mas ainda não é muito - porque eu faço mestrado em comunicação aqui na universidade. Dentro do curso do mestrado, tem jornalistas que estão atuando em redação, tem jornalistas que estão atuando em instituições públicas e privadas. Aí eu tenho alguns contatos, mas é coisa muito pouca, ainda mais agora que as aulas acabaram e a gente está mais na parte de produção mesmo - é uma coisa mais individual - aí, realmente, eu tenho menos contato. Quando a gente tinha aula, a gente trocava algumas conversas e cada um falava como estava o seu setor, um pouquinho da situação do jornalismo, aí a gente conversava um pouco.

Entrevistadora: Mas na sua rotina de trabalho, não, né?

Entrevistada: Não! Na minha rotina de trabalho, não, infelizmente.

Entrevistadora: E como é a relação com os públicos internos da Universidade? Você disse que vocês até priorizam cobrir mais coisas dos estudantes. Como é a relação com os professores e com os técnicos administrativos? Eles contribuem? Você tem algum problema de as pessoas não entenderem o funcionamento do jornalismo e da TV?

Entrevistada: O nosso contato com quem já sugeriu pauta, de forma geral, foi sempre positiva. O contato que eu tive com técnicos e com professores, em geral, sempre foi positivo. Existem alguns casos pontuais... Às vezes, é alguma demanda que a pessoa quer que a gente desenvolva, mas essa demanda ou não é algo que a TV tem condições de assumir ou é uma demanda que, realmente, não faz o menor sentido dentro da Universidade. Às vezes pode ser um pedido muito pessoal da pessoa e não faz sentido a gente divulgar; o interesse é muito pequeno com aquele tema, mas isso é muito pontual. Normalmente, quando dá um conflito - se é que eu posso chamar de conflito -, é mais porque as pessoas querem uma produção e avisam em cima da hora. *“Amanhã vai acontecer um mega seminário com um palestrante muito importante dos Estados Unidos e a gente quer que vocês cubram”*. Aí, realmente, a gente vai ter que dizer... A gente verifica se é possível, mas, normalmente, não é possível, porque, como a gente tem uma equipe muito reduzida, nossas atividades têm que ser muito bem planejadas. Não tem

como você deixar para ver o que tem para fazer no dia. *“Hoje eu vou ver o que eu vou cobrir”*: não tem condições! Nossa equipe é muito reduzida, então tem que ter o máximo de planejamento possível para poder prever e verificar, ver se tem equipamento para levar, ver como estão as funções, enfim, tem todo um processo. Aí a gente explica para a pessoa *“Não dá. É impossível”*. A gente sempre questiona: *“você formalizou a sugestão de pauta por e-mail? Você enviou?”*; aí a pessoa *“Ah não! Como assim?”*; aí a gente diz *“A gente tem uma pauta já agendada. Não temos como desmarcar”*. É uma questão de diálogo mesmo. Umhas pessoas vão entender, outras não. Infelizmente, a vivência da realidade é a gente que tem: a gente sabe o que é possível e o que não é possível. Mas a gente já faz coisas que, às vezes, nem estrutura necessária tem para fazer. A gente procura fazer na fé mesmo, para tentar desenvolver alguma coisa.

Entrevistadora: Você acha que o fato de você ser mulher, jovem e você praticamente está à frente da equipe, porque não tem muita gente, existe alguma diferença de tratamento por conta disso? Você já sofreu algum tipo de preconceito? Algum caso de professores por serem professores e você ser técnica quererem te orientar ou dizer como você deve fazer determinadas coisas?

Entrevistado: Dentro da equipe da TV, eu sou a única mulher e eu nunca senti diferença de tratamento em relação aos meus colegas de trabalho. Em relação aos meus colegas de trabalho, todo mundo sempre foi muito respeitoso comigo, assim como eu trato todos com respeito, todos foram muito respeitosos comigo e eu nunca tive problema com os meus colegas de trabalho. Eu já vivenciei, mas foi uma coisa muito pontual mesmo, algumas questões de assédio em outros ambientes, com pessoas de outros locais da universidade, não da TV. Mas não foi nada que chegasse a se consumir como um fato visivelmente. Foram mais comentários, olhares, esse tipo de coisa, que é desagradável de vivenciar. Um ambiente no ambiente de trabalho não está ali com intenção de paquerar ninguém; a intenção é trabalhar. Então, eu já vivenciei algumas coisas pontuais. Com relação a essa coisa da relação professor e técnico, realmente é como se fosse algo não palpável, mas que existe. Existe uma ideia na Universidade, apesar de não ser algo oficial, de que o professor está acima do técnico. Existe essa ideia em relação ao técnico administrativo. Então, às vezes o técnico acaba se sentindo um pouco limitado até no que você pode desenvolver dentro da Universidade, pelo fato de você ser técnico. Por exemplo, eu, como técnica, não posso coordenar um projeto de extensão. Eu não posso, por mais que eu tenha vontade - e eu realmente tenho muita vontade de desenvolver um projeto de extensão com os alunos do curso de Jornalismo, do curso de Comunicação. Eu

não posso porque eu sou técnica. Sempre tem que ter um professor à frente, como coordenador, para poder desenvolver um projeto de extensão, por exemplo. Existem alguns técnicos que estão tentando mudar isso dentro do regulamento da Universidade, junto aos conselhos universitários, mas é um processo ainda não consolidado. Mas, sim, existe um pouco dessa fixação de que um professor está acima do técnico. Mas no meu desenvolvimento do trabalho, se algum professor tenta... “*O certo é que você escreva assim*”, aí eu vou conversar e, de certa forma, vou ter que usar um pouco da minha autoridade, enquanto jornalista, porque sou eu que estou respondendo pela aquela matéria, sou eu que estou desenvolvendo e quem está fazendo jornalismo ali sou eu, que é formada em jornalismo sou eu (não é ele). Ele é a minha fonte, que vai passar todas as informações e eu respeito as informações que ele me passa, eu checo e eu não tenho nenhum problema de tirar dúvida sobre o que eu não sei, mas a forma como vai ser desenvolvida a pauta quem define sou eu, que estou desenvolvendo a pauta. Então, se for necessário, eu sou a minha - entre aspas - autoridade enquanto técnica especializada naquele trabalho, entendeu?

Entrevistadora: Entendi! Mas não é algo que costuma acontecer?

Entrevistada: Não! Não é o que costuma acontecer. Normalmente, as relações, pelo menos comigo, em relação aos professores, têm sido muito tranquilas mesmo, de colaboração mesmo. Nunca percebi algo impositivo, do tipo “*Ah, faz assim!*”. Eu sempre converso, a gente negocia. Eu digo o que é possível e o que não é possível e a gente vai negociando para fazer um bom trabalho.

Entrevistadora: Você tem relação com o público externo à Universidade?

Entrevistada: Com o público externo? Como assim? As pessoas de fora da Universidade?

Entrevistadora: É, isso!

Entrevistada: Tenho muito pouca. A maioria das pessoas com quem eu tenho contato é mais na Universidade mesmo.

Entrevistadora: Entendi! Você é servidora técnica, jornalista. No seu dia a dia, você deve ter contato com outros técnicos, inclusive fora da TV, de diversas áreas. Você percebe se há algumas diferenças na atuação, pelo fato de ser jornalista, além da diferença da carga horária? Pelo fato de trabalhar com informação, você percebe que há alguma diferença em relação aos outros técnicos da instituição?

Entrevistada: Eu acho que tem uma diferença, por conta que o nosso trabalho é mais ativo. Até o tempo, enquanto jornalista, é diferente. O nosso processo é diferente. É

diferente dos outros técnicos, que têm todo aquele processo burocrático, tem sistema, tem protocolo. São processos que, na nossa visão de jornalista, é um pouco burocrático. Então, acho que essa é a diferença da relação que às vezes acontece de ter que explicar um pouquinho como é o nosso trabalho. Mas as pessoas entendem. No nosso trabalho, a gente não pode esperar um mês para ter uma resposta de alguma coisa que aconteceu agora, porque o tempo do Jornalismo é outro. É um pouco diferente do tempo de uma instituição pública, naquelas atividades mais burocráticas.

Entrevistadora: Sim! Qual foi a última capacitação que você fez ou formação? Você diz que estava no mestrado...

Entrevistada: Eu estou no mestrado. Lá a gente também faz capacitações por fora, até por conta da progressão por capacitação. No Poder Executivo, a gente tem as progressões por capacitação. Eu fiz uma formação recente sobre produção de vídeo, que ajudou um pouco a esclarecer. Mas muito dos elementos, eu já tinha um pouco de noção, porque eu aprendi fazendo. A minha última formação foi essa. Foi em EAD [Educação a distância] mesmo, uma formação em produção de vídeo.

Entrevistadora: E você está fazendo o mestrado em Comunicação?

Entrevistada: Isso! Eu faço mestrado em Comunicação.

Entrevistadora: Você estuda algo que tenha a ver com o seu trabalho ou é bem diferente?

Entrevistada: Eu estudo algo que tem a ver, porque o meu trabalho é sobre popularização da ciência.

Entrevistadora: Você é sindicalizada?

Entrevistada: Não! Não sou sindicalizada, porque eu acho o sindicato um pouco fraco, o sindicato dos técnicos. Eu não me identifico muito com algumas atividades e bandeiras que eles levantam e já ouvi dizer que eles não trabalham muito pelos técnicos. Aí, eu prefiro, realmente, não me sindicalizar por conta disso. Eu só iria me sindicalizar a algo que eu realmente acreditasse e eu não tenho muita fé no pessoal que está à frente do sindicato.

Entrevistadora: E também nem ao Sindicato dos Jornalistas, né?

Entrevistada: Não! Nem ao Sindicato dos Jornalistas. Mas isso daí é um lapso meu. Eu nunca fui atrás aqui para me informar. Foi até bom você falar isso, porque pode ser que eu me informe para poder saber como funciona direitinho isso. Eu nunca fui atrás mesmo de me sindicalizar ao Sindicato dos Jornalistas e até conhecer um pouco mais da questão, quais são as bandeiras de luta e do que eles estão querendo de melhoria para a categoria.

Entrevistadora: Mas você já foi sindicalizada, em alguma época da vida?

Entrevistada: Não. Eu acompanhava as atividades do sindicato, mas, como o meu trabalho lá - vamos dizer assim - não tinha a formalidade... muito dos meus trabalhos eram contratuais, não era CLT, então eu acabava não me sindicalizando mesmo, até porque eu não tinha condições de pagar mesmo a taxa de sindicalização. Mas eu acompanhava o trabalho do Sindicato dos Jornalistas [do estado onde ela morava antes]. Daqui, realmente, eu estou sem saber muito bem quem é, quem está à frente e para o que eles estão lutando.

Entrevistadora: Está certo. Pois era isso! Eu agradeço a disponibilidade e a sua participação na pesquisa, viu?

Entrevistada: Eu agradeço também. Se for possível, depois, a gente ter acesso à sua dissertação, não é isso?

Entrevistadora: Isso! A previsão é que eu defenda no final do ano, em dezembro.

Entrevistada: Ótimo!

Entrevistadora: Pois tá! Obrigada. Boa noite!

Entrevistada: Obrigada! Um abraço. Tchau!

Entrevistadora: Tchau!

APÊNDICE H - Entrevista 8

FIGUEIRA, José. **Entrevista 8**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (37min e 22 seg.)

Entrevistadora: Alô!?

Entrevistado: Oi! Alô!?

Entrevistadora: Oi. É a Gabriela, estudante de mestrado.

Entrevistado: Pode falar.

Entrevistadora: Sim. O senhor está podendo fazer a entrevista agora?

Entrevistado: Posso. Pode falar, pode falar.

Entrevistadora: Tá. Pois vamos começar. Eu queria que o senhor começasse falando por que o senhor escolheu ser jornalista e resumisse suas principais experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistado: A escolha é porque lá a gente é muito apaixonado pela questão do esporte, né? A gente pensou em ser jogador de futebol, essas coisas assim. A gente não conseguiu ser. Eu pensei “*já que não vou ser jogador, vou ser repórter esportivo. Vou estudar jornalismo*”. De fato, isso aconteceu anos depois. O meu primeiro vestibular foi para Jornalismo; depois eu fiz para Ciências Contábeis, para trabalhar em banco; aí depois fiz para Jornalismo novamente, que foi quando eu fui aprovado. Dentro da Universidade, eu já comecei a estagiar na assessoria da imprensa da Universidade e depois estagiei em um jornal semanal. Aí, passei para um jornal diário, antes de me formar ainda. Quando eu me formei, eu permaneci nesse jornal e depois mudei para o principal jornal daqui do estado.

Entrevistadora: Então, você estudou aí? Você sempre estudou e trabalho aí?

Entrevistado: Isso, isso! Exatamente! O lugar onde eu trabalho hoje foi a Universidade onde eu estudei.

Entrevistadora: Depois, como você chegou à Universidade? Você estava no jornal e...?

Entrevistado: Eu estava no jornal, aí “*estou pensando em fazer concurso*”.

Entrevistadora: Você trabalhava com o quê no jornal? Era que editoria?

Entrevistado: Tudo. A gente fazia matérias diversas, né? No jornal semanal, eram matérias especiais. Aí, no [outro jornal], eu trabalhei na Editoria de Economia, mas logo depois passei para Esportes. De lá, eu fui para a rádio, para a rádio do estado - rádio

pública, como todo estado tem. Aí, eu fui trabalhar na rádio, e sempre fazendo concurso. Apareceu o concurso da Universidade daqui e eu fiz.

Entrevistadora: Em que ano?

Entrevistado: 2005. Esse concurso durou quatro anos. Eu passei quatro anos para ser chamado. Aí eu fui para a assessoria de imprensa. Eu trabalhei com televisão também: fui editor de telejornal, editor de rádio-jornal e reportagem. Achei uma experiência boa na área de jornalismo, na rádio e jornal impresso.

Entrevistadora: Qual foi o ano que você entrou na Universidade, que você começou a atuar aí?

Entrevistado: Maio de 2009.

Entrevistadora: E por que foi que você fez essa escolha de fazer concurso e trabalhar na Universidade?

Entrevistado: Eu tentei vários concursos, né? O da Universidade foi mais um. Mas é um lugar legal para a gente trabalhar, é um lugar dinâmico, tem várias comunidades (professores, técnicos administrativos e alunos). É um local muito agradável de se trabalhar. Sempre gostei muito. É melhor do que você ficar preso em uma sala, como em outras áreas. É mais ou menos assim: a Universidade é mais dinâmica, as atividades são dinâmicas.

Entrevistadora: O que você gosta no trabalho atual que você desempenha? É pelo fato de ser dinâmico?

Entrevistado: Na verdade, pela minha experiência em rádio anterior, o pessoal me convidou para trabalhar na implementação. Eu gosto de trabalhar com rádio; é uma forma mais dinâmica de produzir notícia e de construir notícia - é mais dinâmica, mais interessante.

Entrevistadora: Hoje, você é jornalista da rádio. Você trabalha para um programa específico? Qual programa?

Entrevistado: Um específico, que é um de radiojornalismo. Mas eu já tive um programa de esportes, que era para retornar agora. Estamos trabalhando nesse projeto. Mas eu estou só fazendo as inserções de notícias nele durante a programação.

Entrevistadora: O que você gosta do trabalho que você faz atualmente?

Entrevistado: Eu sou um aficionado por notícias, por cravar a notícia, por conferir, ligar na fonte, descobrir, pegar notícias interessantes e passar para o público. Eu gosto de jornalismo. Só que o trabalho de um jornalista público ele é mais racional. Em uma

empresa privada/empresa comercial, a reparação é menor e você é menos valorizado, tem menos perspectiva. Então, o jornalismo público é bem mais interessante.

Entrevistadora: Então, você gosta de trabalhar como jornalista na Universidade, né? Você acha o jornalismo público mais interessante.

Entrevistado: Eu acho.

Entrevistadora: E qual é a diferença que você percebe de trabalhar como jornalista da Universidade e trabalhar nesses outros locais que você trabalhou?

Entrevistado: É mais tranquilo; é mais pela tranquilidade mesmo. E a liberdade também. Lógico que a gente respeita uma linha editorial, mas não tem tanta pressão, porque é uma rádio pública. Ela não está ensandecida pela audiência, para poder vender comercial. Então, isso é uma grande diferença. Tem a questão da satisfação, de poder criar e sugerir programas e de participação em toda dinâmica da rádio, da grade, da emissora, de tudo. A gente tem essa liberdade.

Entrevistadora: Como é a sua rotina atual de trabalho, um dia típico de trabalho seu na rádio? Como que é?

Entrevistado: A gente chega pela manhã, e é responsável pelo boletim das 9 horas. Eu que faço a edição, seleciono as notícias e faço a apresentação. Ele dura, em média, de cinco a seis minutos - no máximo, sete minutos.

Entrevistadora: Você trabalha pela manhã?

Entrevistado: A gente começa pela manhã, logo cedo. O horário é 8 horas, mas eu chego lá às 7, 7h15, 7h30, porque eu gosto de chegar cedo, para produzir tudo logo. Na seleção das notícias, eu dou uma geral nas notícias: vejo aquelas notícias que seguem a nossa linha editorial (porque a gente não publica notícias sensacionalistas, notícias sanguinárias - a gente não entra muito nessa *vibe*, não), provavelmente sobre educação e cultura e uma notícia que é muito importante mesmo para a população (principalmente, matérias de serviços).

Entrevistadora: Então, são notícias gerais e não só voltadas para a Universidade?

Entrevistado: A gente tem notícias da Universidade também. Tem um horário específico. Dependendo da importância da notícia, a gente dilui ela nos outros boletins. Mas é de notícias gerais. Quando eu falei de jornalismo público, eu falei que eu queria trabalhar em um órgão público, mas não que as notícias sejam só da Universidade.

Entrevistadora: Então, você se considera um jornalista trabalhando na Universidade? É um órgão público, mas você faz um trabalho de jornalismo?

Entrevistado: Sim! A gente faz, sim. A gente faz matéria, faz produção, faz entrevista, faz entrada ao vivo, a gente consulta fontes, em um ritmo menor, em uma configuração diferente, mas a gente faz tudo isso.

Entrevistadora: O seu público, para quem você escreve? Para quem você edita suas matérias no dia a dia?

Entrevistado: É uma rádio FM. É muita gente, então o público é bem eclético. Mas a gente tem um público acadêmico também, que são os alunos, os professores e os técnicos. Mas é eclético, por se tratar de FM e tem um alcance interessante.

Entrevistadora: O material que você produz (as matérias que você produz) no dia a dia, você precisa mostrar para alguém, passa por uma edição, a gestão da Universidade se envolve nisso ou você tem autonomia para trabalhar?

Entrevistado: A gente tem autonomia. O pessoal confia bem na gente. Como eu falei, a gente já tem uma linha. Temos tido muito cuidado para não extrapolar ou entrar na questão pessoal, em prol da possibilidade de ter o microfone na frente. A gente respeita os preceitos do jornalismo e a linha editorial da emissora.

Entrevistadora: Essa orientação da linha editorial que você falou, isso está escrito em algum documento ou são coisas que vocês vão aprendendo na convivência do dia a dia?

Entrevistado: A gente, quando foi implementar a rádio - e eu trabalhei nesse processo - elaborou as diretrizes da emissora, em concordância com a missão da Universidade. Então, tem as diretrizes, apesar de não ter o manual. Tem uma diretriz, sim.

Entrevistadora: Na sua equipe de trabalho, você trabalha com outros jornalistas?

Entrevistado: Sim! Nós somos hoje três jornalistas. Aliás, quatro jornalistas e mais estagiários.

Entrevistadora: Todos trabalham no boletim?

Entrevistado: Todos! Tem toda uma produção relativa a texto, à programação.

Entrevistadora: Como é a relação entre os jornalistas, de trabalho? Cada um faz o seu trabalho? Vocês têm alguma colaboração entre vocês?

Entrevistado: Muito boa! A gente tem colaboração, sim. É uma relação boa.

Entrevistadora: Na hora de produzir as pautas, tem ajuda um do outro, quando não estão conseguindo?

Entrevistado: A gente troca ideia, sim. Tem ajuda para trocar ideias, principalmente, sobre o que a gente vai colocar no boletim, se não tem nada repetitivo. Então, a gente sempre está conversando, para ver se vale ou não vale a produção e publicação

Entrevistadora: Vocês recebem alguma demanda do setor de Comunicação da Universidade ou da reitoria?

Entrevistado: Recebemos, sim: sugestão de entrevista, sugestão de matéria e divulgação.

Entrevistadora: Mas são sempre sugestões ou tem alguma coisa que é mais imposição (“*Tem que fazer, porque é da Reitoria!*”)?

Entrevistado: Geralmente, é sugestão. O pessoal respeita bem. Hoje, a gente tem a liberdade de “*Olha, uma entrevista não cabe, só cabe matéria para o site*”. Hoje, a gente tem essa liberdade para fazer isso.

Entrevistadora: Quais são os outros profissionais que trabalham com você, além dos jornalistas?

Entrevistado: Tem o produtor de áudio, que faz as edições de áudio; tem os técnicos da rádio também, que interagem com a gente; tem também o pessoal do audiovisual, que está no mesmo prédio, e a gente sempre troca ideia.

Entrevistadora: Você tem algum chefe ou algum editor, que seja editor-chefe, ou diretor da rádio, que vocês recorrem?

Entrevistado: Tem diretor da rádio. Nós somos subordinados a uma direção.

Entrevistadora: No dia a dia, nas escolhas das pautas, vocês recorrem a ele ou tem a autonomia do jornalista?

Entrevistado: Não. A gente tem autonomia. Ele é publicitário, né? Então, ele deixa mais a cargo da gente, (?) uma questão jornalística dele.

Entrevistadora: Você tem interação com jornalistas de fora, de outras rádios, jornal ou tevê?

Entrevistado: Sim! A gente tem, sim. E com as assessorias também.

Entrevistadora: Como é essa relação com as assessorias e com os jornalistas de fora?

Entrevistado: No caso, é com a checagem de fontes, que passa pela assessoria, para tirar alguma dúvida. Mas é esse trabalho jornalístico mesmo de apuração, quando necessário. É mais com assessoria mesmo.

Entrevistadora: Então, vocês têm contato mais com as assessorias?

Entrevistado: Isso!

Entrevistadora: O setor de comunicação tem muito contato com os jornais e com as TV comerciais, né?

Entrevistado: Exatamente! O setor de comunicação, na verdade, é o contrário: a gente já tem contato com os jornalistas. A gente faz o caminho inverso porque nós somos

veículo. Nós não fazemos assessoria para a Universidade. Nós somos um veículo, se divulga, se veicula.

Entrevistadora: No boletim que você faz ou em outros programas que você tenha feito, quem são os grupos que são as suas fontes? Você recorre a alguém para fazer entrevistas, para esse tipo de divulgação?

Entrevistado: Na apuração, quando a gente faz, da notícia e também das sugestões que chegam, a gente faz esse filtro. A gente vai fazer entrevista, fazer matérias ou dar as notas. Tem todo um trabalho de investigação.

Entrevistadora: Então, essas fontes vão depender da matéria?

Entrevistado: É, depende. Não dá para fazer tudo, né? A gente dá muita ênfase para a questão cultural. O caráter da emissora é educativo e cultural.

Entrevistadora: Vocês contam muito com a participação do público interno da Universidade (professores, servidores, técnicos)?

Entrevistado: Sim, sim. Principalmente, professores, quando querem alguma coisa. (?) faz a divulgação, faz entrevista, faz matéria.

Entrevistadora: A relação é tranquila em relação ao trabalho de vocês ou as pessoas querem ouvir antes, querem saber o que vai ser publicado antes?

Entrevistado: Muitos, por não entenderem como funciona, querem ouvir, querem dar uma olhada no texto (quando é texto). Obviamente, a gente não faz isso, mas já aconteceu várias vezes, tanto quando eu estava na assessoria quanto na rádio agora.

Entrevistadora: Que tipo de resposta você dar quando a pessoa quer...?

Entrevistado: A gente explica como é o nosso trabalho: não é comum a gente fazer uma matéria ou um texto e dar para a pessoa avaliar. Não existe! Ela tem que confiar no trabalho da gente. A gente é profissional e a gente sabe fazer o trabalho.

Entrevistadora: Existe alguém na rádio, que é o local que você trabalha, que seja uma pessoa de referência para o grupo ou que, quando tem algum problema, alguma cobertura polêmica ou uma dúvida sobre o valor notícia vocês recorrem a essa pessoa?

Entrevistado: Uma pessoa mais específica mais que as outras, não. Entre nós, jornalistas, a gente se trata de forma igual. Agora, à direção, a gente comunica, respeitando a hierarquia. Por exemplo, vai ter uma manifestação amanhã, dia 15. “*Vai dar essa notícia? Como é que faz? Que forma dar essa notícia?*”. A gente troca uma ideia com a direção.

Entrevistadora: Hoje, o que te deixa mais chateado ou estressado no seu ambiente de trabalho? Tem alguma coisa?

Entrevistado: Não, não! Chateado, não. Às vezes, a gente quer fazer mais coisas, mas a gente não consegue.

Entrevistadora: Por quê? A equipe é pequena? Não tem muita estrutura?

Entrevistado: Exatamente! A equipe é pequena e a gente deixa um pouco a desejar em estrutura. Aí tem que respeitar; não tem jeito, então tem que ser paciente.

Entrevistadora: “Estrutura” de falta de equipamento, de carro?

Entrevistado: Falta de equipamento, de carro. A nossa área é bem equipada, em relação às rádios universitárias que eu conheço. Mesmo assim, ainda faltam algumas coisas.

Entrevistadora: Você tem contato com o público externo da Universidade? Algum contato com ouvinte?

Entrevistado: Olha, esse contato, às vezes, é pessoal na rua; as pessoas falam com a gente quando encontram; ou via rede social. Às vezes, as pessoas vêm visitar a rádio, porque gosta. Então, é um contato mais dessa forma. A gente não está trabalhando muito ainda a interatividade, essa coisa com o WhatsApp. Mas a gente está no Facebook, Instagram, e-mail. Até temos um WhatsApp, mas como é edição jornalística, não tem o contato de público. Mas nós temos todas as ferramentas. O Instagram nosso é registrado. A gente faz promoção - o contato é mais assim. Muita gente também liga na rádio para dar sugestão.

Entrevistadora: Em uma situação de cobertura mais polêmica (como você falou: amanhã que vai ter essas manifestações), como você costuma se posicionar?

Entrevistado: Olha, eu já fui bem militante, antigamente. Hoje, eu vou ser profissional. Se for para divulgar, eu divulgo. Vou ser bem profissional mesmo. É assim que a gente tem que ser.

Entrevistadora: Então, você não divulga por conta própria; você prefere conversar antes com a direção e entender qual vai ser o posicionamento?

Entrevistado: A gente tem que ter cuidado de se reportar somente ao fato, mas evitar fazer qualquer crítica ou alguma coisa que seja isso, até porque a gente faz parte da estrutura do Executivo Federal. Mas isso não nos põe em posição de represália. Por puro profissionalismo mesmo.

Entrevistadora: Então, para você não tem problema se tiver alguma pauta que não puder ser veiculada por algum motivo?

Entrevistado: A gente vai ter que fazer essa verificação. Por exemplo, o programa de (?), que é o laboratório deles, a gente sempre ouve. Você sabe como é aluno, né? Aluno é meio inconsequente. Quando a gente é aluno, estudante, a gente pensa que a gente vai

mudar o mundo. Então, a gente faz algumas coisas foras dos parâmetros da linha editorial da emissora. Mas nunca censura. Não é censura. É só ter noção, porque, de repente, o pessoal tem alguma coisa lá com o programa pode ser gravado. É incoerente com o perfil da emissora. Pode ser um xingamento, pode ser uma música de duplo sentido ou uma palavra mal colocada.

Entrevistadora: Em relação à imagem da instituição, da Universidade Federal, na hora de publicar alguma coisa na rádio, vocês têm essa preocupação também de preservar a imagem da instituição?

Entrevistado: Com certeza! Com certeza! Por exemplo: você (?) uma época aí, suspeita de tráfico de droga. A gente não tem informação, a gente não vai entrar nessa. É desnecessário. “*Não vou responder!*”. Aí a Universidade, por meio da assessoria, emite um comunicado oficial. Aí já é outra situação. Mas a rádio mesmo não vai entrar nessas questões, não. A gente pode até pegar e divulgar o comunicado. Mas a gente de antemão pegar e dar essa informação, não.

Entrevistadora: Vocês não vão pegar e fazer uma matéria sobre isso, mas divulga o comunicado da reitoria, se sair, né?

Entrevistado: Aham! Havendo necessidade, a gente achando conveniente, a gente divulga.

Entrevistadora: Hoje, você se considera mais jornalista, mais assessor de imprensa, mais servidor público? Como você se considera, trabalhando na Universidade?

Entrevistado: Como eu te falei, desde o início, eu sempre gostei de Jornalismo, sempre gostei de notícia. Então, eu, particularmente, falo por mim, quando eu estou na redação - alguns colegas, não... Se eu vejo uma coisa que vai render pauta, eu ligo na fonte, busco, procuro. Então, eu tenho essa preocupação. Já vejo outros colegas que se acomodam: já pegam notícias prontas, que são notícias mesmo, mas que (?); mas pegam coisas já prontas, não investigam e fazem uma coisa mais tranquila. Eu gosto de saber, gosto de cutucar.

Entrevistadora: Você trabalhou na assessoria também, né, aí?

Entrevistado: Sim!

Entrevistadora: Você acha que o assessor de imprensa é um jornalista?

Entrevistado: Eu acredito que sim, porque ele tem que dar a notícia e o valor vai ser esse. Muita gente acha que qualquer pessoa pode ser jornalista, mas em algum momento, em alguma situação, essa pessoa que não tem a formação ela vai esbarrar em algum problema, seja questão de texto, seja questão ética.

Entrevistadora: E o fato de o assessor fazer matérias da instituição, isso não faz dele menos jornalista - o fato de ele estar defendendo uma instituição?

Entrevistado: Eu acredito que não. Querendo ou não, você encontra excelentes assessores que são excelentes jornalistas. Até porque a gente passa por uma seleção, não é? Então, é um pessoal qualificado.

Entrevistadora: Como você diferencia a atuação dos jornalistas que trabalham na Universidade, comparando com outros servidores que trabalham na instituição? É um trabalho diferenciado dentro do serviço público, o trabalho do jornalista?

Entrevistado: É diferenciado. É diferenciado, porque a gente trabalha livre dos outros funcionários. Muitos não entendem como é a dinâmica da comunicação, que é criação, produção. Tem que ser um serviço mais *light*. Jornalista não fica atravessado em papel, em calhamaço de papel; porém, nós, jornalistas, trabalhamos com conceitos, com imagem institucional, com a forma como a instituição está sendo divulgada lá fora e como está sendo vista. Então, pode ser um trabalho, do ponto de vista concreto/abstrato, porém é muito forte, porque toda vez que tem um problema, quem vai fazer esse meio campo, que vai trabalhar essa situação é a assessoria de imprensa. Então, é muito importante. Por isso que todo mundo... Você pode pegar toda personalidade, todas as empresas, têm uma assessoria de imprensa. Precisa! Muitos (?), mas, em algum momento - como eu falei, vai precisar de um profissional de comunicação ou de profissionais de comunicação qualificados.

Entrevistadora: Você acha que o ideal é que o assessor de imprensa seja jornalista?

Entrevistado: Eu defendo que sim. Principalmente, jornalista com experiência, que esteve lá do outro lado: passou por jornal, TV e rádio etc.

Entrevistadora: Dentro da Universidade, qual foi a última capacitação que você fez, seja de curso técnico ou alguma coisa na sua formação?

Entrevistado: Na minha área... Deixa eu ver aqui. Eu fiz uma pós-graduação, ano passado, sobre Comunicação Estratégica mesmo. Tentei entrar no mestrado para Comunicação Estratégica, que é uma área que envolve não só jornalismo, mas também a publicidade e propaganda. Também envolve a questão da comunicação institucional e a organizacional também.

Entrevistadora: Você está tentando entrar nesse mestrado?

Entrevistado: Estou! E fiz um curso na semana passada. Foi uma “capacitaçãozinha” de um dia só, mas não tinha nada a ver com a área. Eu fiz por interesse mesmo. Foi sobre autismo. Um monte de gente que fez. É bom a gente saber de tudo. Eu não estou

lembrando de cabeça, mas a gente está sempre participando de um outro: redação oficial (esse eu já fiz).

Entrevistadora: Você é sindicalizado?

Entrevistado: Sou! Sou sindicalizado.

Entrevistadora: Dos Servidores e dos Jornalistas?

Entrevistado: Dos Servidores! Dos Jornalistas, eu vou reativar agora, porque estava pagando dois sindicatos.

Entrevistadora: Então, você era dos dois sindicatos e deixou o Sindicato dos Jornalistas?

Entrevistado: Isso! Não foi nem porque eu deixei por deixar. O sindicato era um pouco capenga. Eles tinham conta na Caixa, então toda vez você tinha que sacar da Caixa, ir lá no sindicato, para fazer depósito no Banco do Brasil e levar o comprovante? Melhor ir no sindicato e deixar o dinheiro. É uma situação que é chata. Reclamei! Agora, não. Agora eles regularizaram essa situação e eu posso colocar no débito automático.

Entrevistadora: Você vai voltar e ficar com os dois sindicatos?

Entrevistado: Sim!

Entrevistadora: Por que você acha importante fazer parte dos dois sindicatos?

Entrevistado: Porque precisa (?) o sindicato. Em algum momento, toda categoria profissional precisa ser organizada, para defender a sua própria categoria.

Entrevistadora: Como você avalia a atuação dos sindicatos (tanto o Sindicato dos Jornalistas quanto os Sindicatos dos Servidores) nas reivindicações dos jornalistas que trabalham nas Universidades?

Entrevistado: Para os jornalistas que trabalham na Universidade, isso deixa muito aquém. Dentro da própria Universidade mesmo, não há envolvimento que poderia ter. Eu fui um dos mais - como eu te falei - de militância, bem de militância. Mas só eu. Eu me expus. O reitor já ficou indignado comigo por causa da minha atuação. Eu acho que (?) é esse. A gente colaborou no momento de greve. Então, as pessoas não se envolvem, até porque é um setor estratégico, ligado à Reitoria - a assessoria de comunicação. Então, também é meio complicado. Mas o pessoal não costuma se envolver.

Entrevistadora: E o sindicato em relação aos jornalistas? Também não se envolve muito?

Entrevistado: Qual sindicato?

Entrevistadora: Os dois. Tem alguma relação?

Entrevistado: O outro carece de atuação jornalística, o da Universidade. Carece! É muito fraco. Por isso eu sempre enalteço a atuação jornalística, eu sempre enalteço: é a gente

que abre os caminhos, a gente que tem as fontes, a gente que sabe as categorias, a gente tem o *mailing*, a gente sabe estratégias de rede. A gente sabe os atalhos. O Sindicato de Jornalistas profissionais, hoje, graças a Deus, está bem atuante em defesa da categoria.

Entrevistadora: Então, você acha que o sindicato dos jornalistas é mais atuante que o dos servidores?

Entrevistado: É. Só que o dos servidores não é um sindicato, porque nós não temos um sindicato de jornalista na Universidade. Tem o sindicato dos técnicos. É diferente.

Entrevistadora: Que é para todo mundo, né?

Entrevistado: Isso! Exatamente!

Entrevistadora: Mas o Sindicato dos Jornalistas aí atua mais com os veículos de imprensa ou eles atuam com quem trabalha nos órgãos públicos e empresas?

Entrevistado: Atualmente, essa gestão que vai para o segundo mandato tem atuado bastante em tudo e qualquer questão, referente à nossa categoria, seja órgão público, seja órgão privado. A nossa presidente tem trabalho bastante. Já entrou com pedido contra a Universidade nossa. Fez assembleia em defesa da nossa categoria.

Entrevistadora: Entendi! Está certo. Pois eu agradeço a participação do senhor, viu?

Entrevistado: Eu espero ter contribuído aí.

Entrevistadora: Obrigada!

Entrevistado: Por nada!

Entrevistadora: Boa tarde!

Entrevistado: Boa tarde.

APÊNDICE I - Entrevista 9

JATOBÁ, Gardênia. **Entrevista 9**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (48min e 55 seg.)

Entrevistadora: Alô!?

Entrevistada: Alô? Gabriela?

Entrevistadora: Oi! Isso.

Entrevistada: E aí? Tudo tranquilo?

Entrevistadora: Tudo tranquilo. Você está me ouvindo bem?

Entrevistada: Estou! Estou te ouvindo muito bem. E você está me ouvindo bem?

Entrevistadora: Estou te ouvindo bem. Está certinho. A gente pode começar?

Entrevistada: Podemos, podemos.

Entrevistadora: Eu queria que tu começasse me falando por que escolheu fazer jornalismo e resumisse quais foram as suas experiências profissionais até chegar na universidade.

Entrevistada: Olha, Gabriela, eu decidi fazer jornalismo no ensino médio. Eu sempre gostei da área de comunicação. Desde o fundamental, eu me envolvia com atividades ligadas à comunicação na escola: mural, jornal, enfim, esse tipo de atividades. No ensino médio, eu fiz [curso técnico] para uma área completamente diferente, que era eletroeletrônica. Não me encontrei nessa área e comecei a me interessar pelo jornalismo. Li alguns livros, principalmente de crônicas escritas por jornalistas e me identifiquei com isso. Aí, decidi fazer vestibular na época de jornalismo na federal. Aí, no segundo ano que eu tentei, consegui. Uma vez na Universidade, eu fiz estágio em uma TV comercial - estágio não remunerado, para ter experiência - e também em um jornal impresso e fui bolsista da rádio universitária. Fui bolsista por quatro semestres, se eu não me engano. Foram cinco semestres: do quinto ao oitavo semestre da Universidade. Fui bolsista de extensão na rádio. Quando eu me formei, apareceu a oportunidade de ser contratada como terceirizada, também na rádio universitária, só que eu acabei não ficando na rádio. A universidade está começando um projeto audiovisual, então eu fui contratada terceirizada para trabalhar nesse novo projeto. Fiz parte da equipe que montou o projeto e começou a executar. Isso foi em 2007, que eu fui contratada como terceirizada. Em 2009, teve o concurso de jornalista da Universidade e eu fiz esse concurso. Perdão! Foi em 2008 que

teve esse concurso. Em 2007, eu fui contratada como terceirizada, depois fiz esse concurso, acabei passando e continuei exercendo a mesma função que eu exercia como terceirizada, mas agora como concursada. Então, a minha experiência profissional foi, basicamente, na Universidade. Eu tive poucas experiências além disso, só com estágios não remunerados em uma TV comercial e um jornal impresso.

Entrevistadora: E como você chegou à universidade onde trabalha atualmente?

Entrevistada: Eu tomei posse na [universidade onde trabalhava antes] em 2008. Fiquei lá, fiz especialização, mestrado na universidade e, em 2013, eu comecei o doutorado em Comunicação [na universidade onde está atualmente]. Aí eu fui liberada para fazer o doutorado - afastamento para aperfeiçoamento. Consegui os quatro anos de licença. Eu tinha que pedir anualmente e consegui quatro vezes. O que aconteceu? Eu conheci o meu então marido aqui. A gente viu as opções: se ele iria para [a cidade onde ela morava] ou eu ficaria aqui e, para mim e para ele, profissionalmente, seria mais interessante vir para cá. Eu tentei a redistribuição. Falei com o meu então chefe, sondei a universidade para ver se tinha interesse em me receber e abri o processo para redistribuição. Nessa época [quando saiu a redistribuição], eu já estava há dois meses de volta, porque a minha licença já tinha acabado - o último ano, o quarto ano. Então, a escolha pela [universidade onde ela trabalha atualmente] foi uma escolha motivada por questões pessoais mesmo.

Entrevistadora: E a sua escolha por trabalhar na Universidade? Foi por que você já estava lá dentro, aí veio a oportunidade do concurso e você aproveitou para fazer?

Entrevistada: Eu acho que sim, Gabriela. Quando a gente se forma, a gente quer trabalhar. Quando surgiu a oportunidade de ser contratada como terceirizada na Universidade, então foi a minha primeira experiência profissional após formada. Surgiu a oportunidade de fazer o concurso e continuar. Foi por alguns motivos: o ambiente me era interessante - eu gostava do ambiente da Universidade; o trabalho que eu fazia era legal de audiovisual; eu tinha desafios. Ou seja, o ambiente de trabalho era interessante, trabalhar em uma universidade era algo estimulante do ponto de vista tanto profissional quanto de formação intelectual, me proporcionaria crescimento. Por isso que eu quis permanecer lá. Obviamente, também, a questão financeira, a questão de um salário muito melhor do que eu encontraria no mercado.

Entrevistadora: No trabalho que você desempenha hoje, o que você gosta?

Entrevistada: O que eu gosto no trabalho atual é ainda o que eu gostava desde o início: o fato de eu trabalhar na Universidade e ter contato com tanta gente, com tanto projeto, e tantas pessoas diferentes. Eu, realmente, acho que o que eu faço é importante, de dar

visibilidade aquilo que a Universidade produz, porque eu acho fantástico. É uma infinidade de coisas, de projetos, de ações e eu acho, realmente, que a Universidade é um fator social importante. Isso é o que eu mais gosto. E também tem a questão dos desafios. A gente, no Núcleo de Jornalismo da universidade... Primeiro, quando eu vim para cá, eu não trabalhava com jornalismo diário, então foi um desafio - conhecer um pouco a cidade, cobrir eleições. Agora, a gente está passando por um momento de reformulação da rádio, adaptando os produtos, reformulando, criando produtos para o jornalismo da Universidade. Isso também é desafiante. Seriam essas duas coisas: uma que é que eu acho que o meu trabalho tem uma função social importante; dois é que eu continuo sendo desafiada no meu trabalho.

Entrevistadora: Como é a sua rotina típica de trabalho, um dia típico de trabalho?

Entrevistada: Eu vou te passar, mas agora a gente está em um momento de reformulação. Eu te falo do que foi até agora ou desse momento?

Entrevistadora: Me fala do que foi até agora.

Entrevistada: Eu me apresentei [na universidade] - está fazendo dois anos. Até três semanas atrás, como era o meu dia? De um modo geral, eu inicio o trabalho às 8 da manhã e saio às 13 horas e minha produção é voltada para o jornal de circulação de segunda a sexta, na rádio educativa, que é um jornal de cidades. A gente falava da Universidade, mas não necessariamente - só quando era algo muito relevante factualmente. Então, era cobertura de cidades mesmo: coletivo de prefeitos, grandes questões da capital, grandes questões de ciência e tecnologia, economia, política nacional e estadual. Era jornalismo de cidades, jornalismo diário. Então, sempre 12h30 o jornal iria ao ar. Geralmente, eu produzia uma matéria por dia ou, às vezes, quando a gente se dedicava, passava uma semana produzindo matéria ou uma reportagem mais aprofundada. Essa é a minha rotina. Eu trabalhava tanto na redação quanto externo, cobrindo algum evento que estava acontecendo na cidade.

Entrevistadora: Você era repórter? Era um trabalho de repórter, né?

Entrevistada: Repórter: produção e reportagem. Eventualmente, eu apresentava o programa, substituía o apresentador e apresentava o programa. Eu também substituía ele nas férias - durante todas as férias, eu o substituía. Então, eu editava o programa, fazia o roteiro, gravava com colunistas e apresentava o programa ao vivo. Fora essa cobertura diária de segunda a sexta... Quando segunda ou sexta-feira caía no feriado, a gente trabalhava normalmente - a única exceção era 25 de dezembro e 1º de janeiro. Todos os outros feriados (Semana Santa, Carnaval) a gente trabalhava de segunda a sexta. Fora

isso, a gente tem algumas coberturas, como, por exemplo, o Enem. É uma cobertura especial, o dia inteiro. Se eu não me engano, começava às 9 da manhã e ia até o encerramento das provas, com repórter na rua, entrada de hora em hora no estúdio. A mesma coisa nas eleições. Nesses eventos, eu trabalhava como editora e apresentadora e, por conta das eleições, eu trabalhava também em outros turnos. Eu trabalhei à noite, para cobrir debates dos candidatos aqui, por exemplo.

Entrevistadora: Esse trabalho que vocês fazem em feriado, em fim de semana, isso é compensado com banco de horas? Vocês batem ponto? Como é isso em relação à rotina da instituição pública?

Entrevistada: Aqui a gente tem o sistema de ponto e a hora-extra que a gente fazia era negociada com a chefia para folga. Não existe “*Ah, tenho um banco de horas institucionalizado*”. Você vê lá que você fez 20 horas-extra e fala com a sua chefia para folgar naqueles dias que você pretende. Se tiver o dia, você folga. Nunca foi um problema isso, não. Mas é por folga.

Entrevistadora: Você disse que essa rotina está parada e que está outra rotina, né?

Entrevistada: Isso! Agora, em maio, a gente parou o jornal diário... E lembrando que todas essas matérias que a gente fazia a gente sempre tinha satisfação de ouvir pesquisadores, tanto da [universidade], mas também de outras universidades. Agora, em maio, a gente começou um processo de reformulação do jornalismo da rádio, por alguns motivos: um, porque a gente tem extrema dificuldade de fazer jornalismo factual diário com a estrutura que a gente tem (limitação de carro, pouca gente para fazer). Tanto que esse ano a gente não trabalhou nem Carnaval e nem na Semana Santa, porque não tinha estrutura para fazer cobertura de Carnaval e Semana Santa. Sem redação fica complicado, porque na Universidade você não tem feriado. Fica difícil. Tem essa questão de adaptar o que a gente produz às nossas reais possibilidades. O segundo ponto é também pensar o rádio, o jornalismo de rádio. Tem tanta coisa nova acontecendo, tantos formatos novos sendo experimentados - inclusive a questão dos podcasts. Então, a gente parou para reformular, para pensar. Então, a gente está nesse processo, que deve durar no máximo dois meses. A gente está fazendo alguns pilotos de programas e depois a gente vai passar um tempo fazendo produção em tempo real, tipo um treinamento para ver se os processos estão bem ajustados, antes do jornalismo voltar com novos projetos, novos programas no ar.

Entrevistadora: Então você se considera uma jornalista mesmo, trabalhando na Universidade.

Entrevistada: Sim! Sim! Muito. Eu trabalho com notícia. Mesma após a reformulação, que eu acho que a gente vai ter menos repórter de rua, a gente vai continuar exercendo o papel de jornalista, mas em novos projetos - em programas especiais, em grandes reportagens, em podcasts voltados à comunidade interna. Essas são algumas demandas. O jornalismo da rádio, pelo o que era até abril, não tinha muito espaço para o noticiário institucional. Isso era uma demanda da comunidade. Então, com essa reformulação, a gente vai agregar isso também.

Entrevistadora: Vocês vão passar a fazer, de certa forma, também assessoria para a Universidade - que é o que vocês não faziam?

Entrevistado: Não. Assessoria, não. Tem os assessores de imprensa. Tem a assessoria de imprensa, que já tem a sua função. O que a rádio vai fazer é também... não é priorizar, mas criar um espaço para uma comunicação mais institucional. A rádio quando foi criada, em 2005, se não me engano, ela já teve esse espaço mais institucional; teve um programa mais institucional, dentre outros programas no jornalismo da rádio; só que, por conta de cortes de verbas e foi perdendo gente, bolsistas, esse programa acabou. A ideia é - não que a gente vai retornar esses programas -, mas com esses novos programas que a gente vai criar, a gente deixe um espaço para uma comunicação mais institucional, como, por exemplo, um programa semanal que fale das pesquisas desenvolvidas sobre teses e dissertações defendidas na universidade, para divulgar mesmo a pesquisa feita na universidade, que possa tanto ser um programa na grade da rádio quanto um podcast, um programa mais noticioso. A gente pode incluir um bloco de notícias da universidade, como no antigo programa. Mas isso a gente ainda está pensando. Ainda está sendo testado.

Entrevistadora: Dentro da Universidade tem os jornalistas que ficam na assessoria de imprensa, rádio, TV e o trabalho acaba sendo diferente a partir do veículo que você está. O jornalista que trabalha na assessoria de imprensa, você considera que é jornalista também?

Entrevistada: Sim! Eu considero. Considero, sim. Só que com outra rotina e outros desafios, que são bem diferentes dos meus. A minha interlocução com a assessoria de imprensa, inclusive, é grande. Quase que diariamente eu entro em contato com eles, porque eles têm um repertório de fontes muito maior que o meu, então eles me ajudam, inclusive, nas pautas. Quando eu estou pensando em uma reportagem ou em um programa especial, eu recorro à assessoria de imprensa para achar fonte. Eles têm um repertório de

fontes muito maior que o meu. Eu penso que eles são jornalistas, sim, só que com outra rotina e com outros desafios, diferentes dos meus.

Entrevistadora: Hoje, dentro da Universidade, você se considera... Pensando na função que você estava fazendo - o novo a gente ainda não sabe como vai ficar exatamente -, você se considera mais jornalista, repórter, assessora de imprensa, servidora pública, divulgadora da ciência? Que status você acha que está mais presente na sua atuação?

Entrevistada: Olha, eu me defino e me apresento como jornalista da Universidade, da rádio. É assim que eu me apresento para fonte, ao telefone. É assim que eu me reconheço: como jornalista.

Entrevistadora: E na rádio, quem é o público de vocês? Para quem vocês escrevem?

Entrevistado: Isso aí é uma questão de ouro. A gente fala que a gente trabalha com a lista presumida, porque não há recurso para fazer pesquisa de audiência. A gente não sabe. A gente não sabe. A gente não sabe quem é que nos escuta, pelas ondas de rádio. Pela internet, a gente tem de onde vêm os acessos, mas a gente não tem como saber a porcentagem que esses acessos da internet representam do total de ouvintes. Então, a gente presume. A gente presume que é a comunidade universitária e a gente presume que é uma parcela da cidade e região. Mas é presumida. A gente trabalha presumindo essa audiência.

Entrevistadora: Nessa produção diária, vocês têm autonomia dentro da rádio ou existe algo do tipo de uma interferência da Reitoria na produção ou textos que vocês tenham que mostrar ou isso não existe na rádio?

Entrevistada: Olha, no dia a dia, isso não existe. Agora, quando o tema é a Universidade, aí as coisas mudam. Por exemplo, no jornalismo diário, a gente não dava muita notícia do dia a dia e de agenda da Universidade. A gente, às vezes, cobria algum evento importante, com uma temática interessante; a gente entrevista uma participante e fazia uma reportagem bacana sobre aquele tema. Mas quando é uma questão mais institucional... Por exemplo, eu cito que... Foi em 2017? Não lembro. Eu acho que foi em 2017 quando a Polícia Federal fez uma ação na universidade por conta de uma suposta irregularidade em um projeto, que era financiado com dinheiro público, via Fundação. O reitor e a vice-reitora, na época, foram levados em condução coercitiva, então, obviamente, isso era notícia para o jornal. Aí, nesse momento, há um direcionamento da diretoria de Comunicação. Também quando a gente tem que entrevistar a reitora, para uma matéria específica sobre financiamento das instituições federais de ensino. A gente não tem autonomia de ligar diretamente para o gabinete; a gente tem que passar pela

diretoria de Comunicação. A mesma coisa no caso de alguns pró-reitores: a gente tem que comunicar os diretores que a gente quer entrevistar algum pró-reitor. Então, parece que quando a fonte é ligada à Administração Superior da Universidade, há esse... como fala? Eu não sei como definiria. A gente tem que passar pela diretoria. Não há uma ação de jornalista e fonte, caso seja da Administração Superior, entende?

Entrevistadora: Sim! É intermediado pela diretoria. No caso, é uma diretoria de comunicação? É uma secretaria?

Entrevistada: Hoje em dia, a gente tem uma diretora.

Entrevistadora: Ah! É um centro de comunicação então?

Entrevistada: É, um [centro], que é a rádio com uma TV, assessoria, o boletim, a web. Então, tem uma diretora e tem dois diretores executivos, que são as pessoas que estão no dia a dia do centro. Então, quando a gente precisa... quando a Administração Superior é a fonte, tem o intermédio desses diretores executivos.

Entrevistadora: Entendi! Agora, nesse caso que você falou, dessa prisão e tudo mais, vocês fazem a matéria ou vocês deixam de fazer?

Entrevistada: A gente faz. A gente foi, foi à Polícia Federal, na época. Cobrimos a coletiva da Polícia Federal e, nos dias seguintes, cobrimos a recepção na Universidade (as manifestações, reunião de conselho universitário sobre a temática, tudo isso). A gente faz, porque é notícia.

Entrevistadora: Vocês fazem, então, notícias sobre greve, movimento de greve, esse tipo de coisa também.

Entrevistada: Boa pergunta! Eu creio que sim, mas desde que eu entrei, não houve nenhuma greve na Universidade. Não sei te falar.

Entrevistadora: Mas, então, nesses casos, vocês divulgam uma notícia e vocês escutam os lados envolvidos, como se faz em uma rádio comercial, por exemplo?

Entrevistada: Exatamente! No caso da condução coercitiva, nós fomos à Polícia Federal cobrir a entrevista coletiva. Tinha sonora, fala do delegado e a posição oficial da Universidade.

Entrevistadora: Exista uma orientação da Comunicação, mas eles não impedem que vocês façam esse tipo de coisa?

Entrevistada: Não. Muito pelo contrário! Muito pelo contrário. A noção que você tem lá é que você não pode ignorar esse tipo de notícia.

Entrevistadora: Nesse sentido, vocês têm autonomia, então, para definir as pautas do jornal?

Entrevistada: Não! Eu não diria que é autonomia, porque se a diretora executiva ou o diretor executivo falar que a gente não faz, a gente não faz. A gente tem liberdade para propor, mas eu não acredito que a gente tenha autonomia.

Entrevistadora: O diretor executivo, que você fala, é o diretor da rádio ou da [Comunicação]?

Entrevistada: Comunicação. A rádio não tem direção. É tudo vinculado à estrutura de Comunicação. A rádio tem coordenador: coordenador de jornalismo, coordenador técnico, coordenador de programação.

Entrevistadora: Entendi! Então, vocês têm uma certa autonomia no jornalismo diário e nos temas gerais - que não são temas voltados para a Universidade -, mas quando se fala sobre algum tema específico da Universidade, pode ou não ter alguma posição, algum direcionamento por parte da diretoria executiva.

Entrevistada: Exatamente! Eu não falo nem tanto da Universidade - a gente vive fazendo pauta sobre as criações da Universidade, eventos, discussões -, mas, especificamente, as matérias que envolvem pessoas da Administração Superior.

Entrevistadora: Entendi!

Entrevistada: É isso o que eu noto.

Entrevistadora: Essa cobertura que vocês fazem, seja de tema da Universidade, seja de temas de fora, vocês não têm uma orientação por escrito, né? Você já até me adiantou no e-mail.

Entrevistada: Não, não tem. Quando você me perguntou... Eu, por exemplo, nunca fui apresentada a nenhum tipo de documento, seja ele formal ou informal, que contém as diretrizes. Eu fui atrás de saber. O que se tem, em linhas bem gerais, para a comunicação é o PDI [Plano de Desenvolvimento Institucional] da Universidade, que tem uma seção de comunicação institucional. Não fornecem diretrizes específicas para a atuação do jornalista, mas fala qual é o objetivo da comunicação institucional da Universidade. De alguma forma, isso é um guia.

Entrevistadora: Essa definição de pautas - o que é ou não notícias e até a forma de cobrir -, como é que você, por exemplo que entrou há dois anos, foi entrando em contato com isso? Foi a partir da vivência dos colegas, da orientação verbal entre a equipe?

Entrevistada: Isso! Exatamente! Com as nossas experiências com os colegas e entrando na rotina da rádio mesmo. A gente tem a coordenadora de jornalista como responsável pelas pautas diárias, por designar quem faz o quê, mas nisso a gente tem muita liberdade de propor, de mudar. Isso a gente tem muita liberdade. Mas em relação ao que vira pauta

ou não, tem uma coordenadora de jornalismo responsável por designar a pauta dos repórteres, mas a gente tem muita liberdade para propor mudanças e alterações e propor reportagens sérias.

Entrevistadora: Como é a relação entre vocês, jornalistas da equipe? Tem alguma hierarquia? Você falou que tem uma coordenadora. Tem as hierarquias, como tem em uma redação? Vocês trabalham muito em conjunto? Como é essa relação?

Entrevistada: No jornalismo da rádio, a gente tem a coordenadora de jornalismo, que é uma jornalista terceirizada (não é concursada). A equipe, hoje, é composta por uma coordenadora de jornalismo, cinco jornalistas (contando comigo). Então, uma coordenadora e outros cinco jornalistas. Só eu e outro colega, que entrou depois de mim, somos concursados. Então, a coordenadora de jornalismo é terceirizada, três outros jornalistas são terceirizados e eu e outro colega somos concursados. Nunca houve qualquer tipo de problema ou dificuldade de comunicação por conta dessa diferença entre terceirizado e concursado na rádio. Nunca houve! Eu nunca presenciei e nunca senti. A gente, realmente, trabalha como igual e como equipe. Tem a hierarquia da coordenadora, aquela que pauta, aquela que direciona os produtos. Nas dúvidas é a ela que a gente recorre. Mas é uma relação extremamente profissional e a gente tem muita liberdade para propor, mudar, negociar. E acho que eu me sinto extremamente bem ouvida pela equipe, por exemplo. Sempre que eu quis propor mudanças, criticar algo ou fazer algo no jornalismo da rádio, eu fui ouvida e nunca encontrei resistência, mas sempre encontrei diálogo. Converso muito com os meus colegas na hora de elaborar uma pauta, de fazer.

Entrevistadora: Vocês têm estagiários também?

Entrevistada: Sim! No momento, acho que a gente tem... deixa eu ver. A gente tem uma média de quatro estagiários - quatro bolsistas. No momento, são todos da universidade, mas não necessariamente. A gente já teve bolsistas jornalistas de outras universidades.

Entrevistadora: Eles atuam como? Como repórter? Vocês orientam? Ou eles ficam ligados à coordenadora de jornalismo?

Entrevistada: Não! Eles atuam como repórteres - claro, depois de um certo tempo. Primeiro, eles vão um pouco aprender a linguagem do rádio (fazem oficina de locução); depois eles passam a acompanhar o jornalista quando o jornalista vai para a rua fazer matéria; depois eles passam a ir sozinhos. Tem esse processo. Claro que eles estão sob a coordenação da coordenadora de jornalismo, mas a gente, como jornalista, acompanha muito o trabalho dos bolsistas. Eles estão em direto contato com a gente. Agora, com essa

reformulação, a gente trabalha por meio de grupo de trabalho semanais, então o nosso trabalho é muito ligado aos bolsistas. A gente sempre está em contato.

Entrevistadora: Vocês, então, têm o contato direto, toda a orientação também, com eles, de orientar o trabalho, tirar todas as dúvidas deles?

Entrevistada: Sim! Sempre! Sempre! Obviamente que a coordenadora de jornalismo está mais próxima. Quem está editando o programa, naquela semana, está mais próximo. Mas todos os jornalistas têm contato com os bolsistas e orientam e acompanham, tiram dúvidas, dão sugestões.

Entrevistadora: Tem outros profissionais que trabalham na equipe ou a equipe são só vocês?

Entrevistada: No jornalismo da rádio, somos nós: uma coordenadora, cinco jornalistas e uma média de quatro bolsistas - varia muito por conta de configuração de bolsa.

Entrevistadora: Então, vocês mesmos que gravam? Vocês mesmos que editam as entrevistas?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Vocês mesmos que fazem, né?

Entrevistada: A gente mesmo que faz. Inclusive, quando a gente vai para o estúdio, a gente que altera a mesa de som no estúdio. Claro, tem a equipe técnica da rádio, que auxilia a gente na questão da qualidade do áudio, e também quando a gente faz uma reportagem especial ou uma série, a gente recorre à equipe técnica para fazer vinhetas, para fazer uma montagem legal de produtos. Mas, no dia a dia, é com a gente: a gente que grava, a gente que edita.

Entrevistadora: Como é a relação de vocês com os jornalistas de fora? Tem alguma relação como a assessoria tem ou é mais parecida com o trabalho de redação (colegas que vocês encontram em pauta)?

Entrevistada: É muito mais parecida com a relação de colega de rua mesmo, colega de redação, porque como a gente faz (fazia até tão pouco tempo atrás) um jornalismo muito próximo ao que faz as outras rádios, como CBN, BandNews, então a gente encontra esse pessoal nas mesmas pautas, às vezes. É mais uma relação de colegas e de, às vezes, ajudar um ao outro que chegou atrasado (aí pega o áudio do outro) e por aí vai.

Entrevistadora: Como vocês fazem o jornalismo factual também, as fontes são diversas, né? Vocês têm fontes dentro da Universidade, mas também têm fontes bem gerais.

Entrevistada: Sim, bem gerais! Se a pauta é bem factualzão, obviamente que a fonte é de todo mundo: é o prefeito que dá entrevistas coletivas, é o secretário, é o morador de

alguma localidade. Quando a gente decide fazer uma reportagem sobre algum tema específico que não seja tão factual... na verdade, se o gancho é factual... por exemplo, a reforma da previdência: a gente vai em busca na Universidade de fontes, mas não necessariamente só da universidade e não necessariamente só de universidades. A gente vai atrás de fonte do mercado financeiro, de outras instituições de pesquisa. A gente sempre tenta colocar alguém da universidade sempre que é possível, porque, no jornalismo mais factual, a gente também tem um *deadline* mais apertado. Nem sempre o pesquisador da universidade que fala sobre aquilo, a gente consegue contato com ele a tempo.

Entrevistadora: Como é a relação de vocês com os públicos internos da Universidade? Vocês acionam muito? Você falou que de vez em quando chama um professor. A pergunta é: se eles deixam vocês... é vocês que direcionam o trabalho da rádio? Tem alguma interferência de algum professor? Algum professor, que é professor da Universidade, quer ter alguma interferência ou alguma prioridade? Porque você já me falou como é em relação à educação superior, mas como é em relação aos professores, estudantes e servidores técnicos?

Entrevistada: Olha, a gente sempre teve uma boa relação, mas o pesquisador, o estudante, o servidor técnico, quando é fonte da matéria, ele é fonte da matéria! Nunca houve qualquer interferência, sabe? Eles entendem porque, quando a gente entra em contato, a gente identifica que é do jornalismo da rádio e que é uma reportagem sobre tal assunto e a gente explica a rotina. “*A gente vai gravar, vai editar e vamos colocar isso na reportagem*”. Às vezes, a matéria sobre um projeto específico... por exemplo, já fiz matéria sobre pesquisas que envolvem o WhatsApp e *fake news*. É um tema que saiu do laboratório da Universidade, então eu só ouvi fontes da Universidade. Nunca houve nenhum tipo de interferência, de eles, por exemplo, “*será que eu tenho acesso antes ao texto?*”. Nunca! Pela minha experiência, após a gente ter acesso, eles entendem bem essa rotina do jornalismo de rádio. E não há também interferência de diretores, contra esse aspecto, não. O pesquisador, o estudante, o servidor técnico é nossa fonte, como qualquer outra.

Entrevistadora: Entendi! Vocês têm contato com o público externo da Universidade, contato com ouvintes que ligam e sugerem pautas? Como é essa relação de vocês?

Entrevistada: Sim! Tem ouvinte que liga, tem ouvinte que manda mensagem no Facebook, tem ouvinte que manda e-mail ou elogiando... sugerindo pauta é muito difícil. Eles mandam ou elogiando ou criticando uma matéria. Eu não sei te falar de números de

retornos dos ouvintes que a gente tem por mês, mas eu mesma já ouvi telefonema de ouvintes e já li alguns e-mails. A coordenadora de jornalismo repassa para a gente algumas opiniões que eles mandam, via e-mail, via rede social.

Entrevistadora: Você falou que a coordenadora de jornalismo é meio uma referência quando vocês têm alguma dúvida, alguma questão sobre a matéria, sobre como cobrir aquilo. Existe alguma outra pessoa dentro do grupo também, alguém que está lá há muito tempo, ou é mesmo com ela? Só ela faz o papel de pessoa de referência?

Entrevistada: A gente sempre conversa muito, dentro do jornalismo. A gente sempre discute. A pauta pode ser de um jornalista específico, mas a gente sempre conversa com o outro para trocar uma ideia. Isso é uma rotina. É uma atitude que eu vejo em todos os jornalistas da rádio. Mas, obviamente, a coordenadora de jornalismo é a nossa referência, como se fosse a nossa editora-chefe. Então, é nossa referência para tirar dúvidas, trocar uma ideia. Também o editor e apresentador do programa - que foi até abril -, porque ele já está na rádio tem algum tempo e conhece mais a rotina e tal. A gente sempre conversa com ele, troca uma ideia. Há essa interlocução.

Entrevistadora: Existe alguma situação ou algo que aconteça que te deixa chateada ou um pouco estressada com o ambiente de trabalho?

Entrevistada: É mais uma questão de estrutura; é mais questão de estrutura mesmo: falta de computador, computador que você chega às 8 horas e ele só vai ligar 8h30. Eu fico chateada, porque não acho justo o governo me pagar para eu ficar esperando o computador ligar. Isso me deixa chateada. Às vezes, também, eu estou fazer uma matéria mais trabalhada, uma externa, e a qualidade da gravação fica complicada. Então, a questão da qualidade técnica das coisas é algo que me chateia. Eu penso, de alguma forma, que o que eu posso, eu posso contornar. Por exemplo, eu levo o meu teclado e meu mouse e meu fone de ouvido, porque são três coisas importantes que vão fazer a diferença no meu trabalho, então eu levo os meus. Eu deixo lá teclado e mouse e levo todo dia o meu fone de ouvido (fone de ouvido *anti-noise*/ quem trabalha com audição, isso faz muita diferença). Então, de alguma forma, eu tento melhorar a estrutura do meu trabalho. Nesse aspecto, a questão de estrutura me deixa mais chateada - de, às vezes, não tem o ambiente ideal para trabalhar. É mais a questão da estrutura mesmo (questão de equipamento e tal), mas o que é possível eu tento contornar.

Entrevistadora: Nesse processo agora que vocês estão trabalhando na reformulação do jornalismo da rádio, esses GTs ficam a cargo de vocês ou tem gente da Comunicação trabalhando? Como está sendo esse processo?

Entrevistada: O planejamento está todo sendo feito pela equipe do jornalismo da rádio. A gente teve uma reunião com outros jornalistas da Comunicação, para informá-los: “*olha, a gente está fazendo isso... esse é o nosso cronograma de trabalho*”. Todo mundo sabe que a gente já está pensando em projetos, então quando a gente já tiver formatos mais definidos e alguns pilotos, a gente vai se reunir novamente com todos os jornalistas da Comunicação (TV, boletim, assessoria), para socializar o que a gente produziu e ouvir opiniões.

Entrevistadora: Mas o que vocês estão planejando? Vocês vão precisar passar pela aprovação da Reitoria ou dos jornalistas do centro?

Entrevistada: Aprovação da Reitoria, não, mas eu acho que da diretoria, sim. Eu acho que a gente vai conversar com a diretoria antes ou, no mínimo, socializar com os outros jornalistas, para ver o que eles pensam dos produtos que a gente fez. Claro, a ideia inicial já passou por eles - a gente já teve essa reunião com a diretoria executiva. Falamos para eles que ideias a gente tinha pensado. Aí, depois, teremos uma próxima reunião para mostrar/apresentar a eles o que a gente produziu, de piloto e ouvir sugestões.

Entrevistadora: Mas não tem uma dependência da Administração Superior, né? E mais um diálogo entre a Comunicação e vocês.

Entrevistada: Não! É mais dentro da Comunicação. Não creio que vai haver qualquer interferência da Administração Superior, não.

Entrevistadora: A universidade tem uma infinidade de servidores públicos. Quem trabalha na Comunicação trabalha com uma atividade um pouco mais diferente, até em termos de horário, de tempo e de tudo mais. Como é que você diferencia a atuação do jornalista dentro da Universidade dos demais servidores públicos?

Entrevistada: Olha, Gabriela, é uma boa pergunta! Eu nunca parei muito para pensar nessa diferenciação, não. Eu me considero mais uma. Eu me considero mais uma servidora da Universidade. Agora, eu tenho as minhas especificidades de rotina e de horário, da mesma forma que o técnico de laboratório do estudo de Ciências Biológicas tem a rotina dele e as especificidades dele. Mas não vejo com uma categoria diferente, não. Eu me sinto mais uma mesmo.

Entrevistadora: Entendi! Qual foi a última capacitação que você fez (capacitação ou formação)? Você falou que fez até o doutorado. Foi em Comunicação também?

Entrevistada: Foi em Comunicação.

Entrevistadora: Tinha alguma relação com o trabalho que você desempenha?

Entrevistada: Não! Nenhuma relação. O meu tema de doutorado foi muito na área de Comunicação Política e internet.

Entrevistadora: Você teve algum curso de capacitação nesse período que você está na rádio?

Entrevistada: Não. Nem aquele curso de recepção para quem chega na Universidade. Nada!

Entrevistadora: Você é sindicalizada?

Entrevistada: Não! Não sou. Eu era na [universidade onde trabalhava antes], mas na [na universidade atual] não sou.

Entrevistadora: Nem ao Sindicato dos Jornalistas nem o dos Servidores?

Entrevistada: Não. Se eu me sindicalizar (eu tenho vontade, mas eu preciso tirar um tempo para ir ao sindicato), eu me sindicalizaria ao Sindicato dos Servidores da Universidade; não ao Sindicato dos Jornalistas.

Entrevistadora: Por quê?

Entrevistada: Porque eu me considero servidora pública da educação, antes de me considerar jornalista. É uma questão de identidade profissional. Para mim, isso foi sempre muito caro. Pelo local onde eu trabalho, eu me considero servidora pública da educação. Claro que eu exerço a função de jornalista.

Entrevistadora: Mas, primeiro, vem ser servidora?

Entrevistada: Sou servidora pública da Universidade.

Entrevistadora: Não sei se você já teve a oportunidade de conhecer um pouco mais o sindicato, tem alguma situação que seja mais voltada aos jornalistas ou você não tem muito conhecimento ainda?

Entrevistada: Eu não tenho muito conhecimento. Eu nunca ouvi falar que houvesse uma atuação que os jornalistas se envolvessem mais, mas eu também não tenho como precisar essa informação, porque eu não sou sindicalizada e não conheço a fundo o sindicato daqui.

Entrevistadora: Entendi! Está certo. Pois era isso. Eu agradeço a sua disponibilidade de poder contribuir um pouquinho com a pesquisa, tá bom?

Entrevistada: Está ótimo! Eu que fico feliz. Se tiver ajudado, eu já fico feliz.

Entrevistadora: Está bom! Ajudou, sim. Obrigada e boa noite.

Entrevistada: Boa noite! Boa pesquisa.

Entrevistadora: Tá. Tchau!

Entrevistada: Tchau!

APÊNDICE J - Entrevista 10

OLIVEIRA, Petúnia. **Entrevista 10**. [mai.2019]. Entrevistadora: Gabriela Silva Meneses. Fortaleza, 2019. 1 arquivo .m4a (1h e 52 seg.)

Entrevistadora: Alô!?

Entrevistada: Oi?

Entrevistadora: Alô? Bom dia.

Entrevistada: Bom dia, Gabriela. Falhou um pouquinho no começo. Está me ouvindo bem?

Entrevistadora: Estou! Estou ouvindo bem agora. E você, está me ouvindo?

Entrevistada: Estou! Está falhando, mas só um pouquinho. Está bom. Acho que dá para a gente conversar tranquilo.

Entrevistadora: A gente pode começar?

Entrevistada: Pode! Pode, sim. Qual é a universidade da sua pesquisa mesmo? Onde você faz o mestrado?

Entrevistadora: Na UnB.

Entrevistada: UnB! Está certo.

Entrevistadora: Eu trabalho em outra Universidade, mas o mestrado eu faço na UnB.

Entrevistada: Ah, entendi! E você é jornalista também, né?

Entrevistadora: Isso! Eu sou jornalista também.

Entrevistada: Ah, está certo! Então, está bom. Então, vamos lá!

Entrevistadora: Eu queria que você começasse falando por que você escolheu ser jornalista e resumisse as suas experiências profissionais até chegar na Universidade.

Entrevistada: Certo! Eu escolhi ser jornalista porque sempre tive muita aptidão para a escrita e sempre gostei muito de ler, então, na época do vestibular, eu acabei optando pelo Jornalismo, embora, antes, eu tenha feito um ano de Ciências Biológicas. Eu passei, no terceiro ano, para Ciências Biológicas, aí comecei o curso e vi que não gostava muito. Aí fiz orientação vocacional e acabei optando por Jornalismo. Eu me formei em 2014. Desde então, eu trabalhei mais como *freelancer*. Eu fiz pós-graduação em Comunicação, Marketing e Mídias Digitais. Na época, já estava bem em alta o marketing digital e eu optei por fazer essa pós. Então, eu entrei direio: formei em março e, em abril, eu comecei a pós. Nesse período, eu trabalhei com uns trabalhos de *freelancer*, até mesmo em um

jornalzinho da cidade. Eu moro no interior. Ajudei também em organização de eventos. Mas foi tudo trabalho *freelancer*, porque o mercado já estava muito difícil nessa época. Até que eu decidi estudar para concurso, em 2016, logo depois que eu terminei a pós. Aí eu prestei alguns concursos. Em 2017, eu ingressei como assessora de comunicação na prefeitura da minha cidade, quando mudou a gestão. Foi a única experiência mesmo formal, depois da minha formatura. Aí, no mesmo ano que eu estava lá, passei no concurso da universidade. Assim, basicamente, todas as minhas experiências são com redes sociais, assessoria de imprensa e organização de eventos.

Entrevistadora: A sua escolha para trabalhar em uma Universidade: você pensou nisso ou foi a oportunidade que apareceu, o concurso que apareceu? Foi algo que você quis por algum motivo, trabalhar na Universidade, ou foi uma oportunidade?

Entrevistada: Eu gosto da área da Educação. Me atrai muito. Eu gosto muito. Eu sou filha de professora e funcionária pública também, e eu sempre tive esse exemplo da minha mãe. Também tem a questão das cinco horas, que é um dos poucos campos, o jornalismo, que a gente trabalha cinco horas. Isso me atraiu um pouco também, porque a nossa vida é bem estressante, né? Aí eu fui nas duas coisas. Ser da área de educação, o clima de uma Universidade, eu sempre gostei muito. Eu sempre imaginei que seria mais dinâmico. E é um pouco. Todo início de semestre a gente parece que se revigora com a chegada de novos alunos. Isso já me atraiu desde o início.

Entrevistadora: Você acha diferente da Prefeitura? Quais são as diferenças que você percebe entre o trabalho que você desempenha hoje na Universidade e o da Prefeitura?

Entrevistada: É muito diferente, porque na Prefeitura não era concurso, né? Era um cargo de confiança do prefeito. Eu tinha uma colega de trabalho na época - eu não era sozinha - e tinha o Secretário de Comunicação também. Então, a gente tinha que fazer as vontades deles e não trabalhava muito com notícia. Por conta de minha pós-graduação, eu ficava mais por conta das redes sociais, que era só administração de crise e uma ou outra cobertura jornalística que fazia, mas eram poucas notícias. No período que eu estava lá, não tinha muita demanda. Não tinha uma estrutura do quê noticiar, porque não tinha nenhuma regra de jornada, não existe. Agora que teve um concurso lá com o cargo de jornalista. Até a época que eu estava lá, não tinha nenhuma continuidade de trabalho de anos anteriores. Cada vez que mudava o prefeito, mudava a pessoa responsável pela comunicação e daí se começava algo novo. Então, todos os funcionários reclamavam muito de não ter nenhuma ação de comunicação interna, da forma que a cidade via a Prefeitura. Na época que eu estava lá foi uma época que teve um escândalo na gestão

anterior de corrupção. Então, foi uma fase bem de administração de crise mesmo! Fiquei lá de janeiro a setembro - nove meses. Aí, eu passei, fui nomeada e já vim para a universidade. Lá era basicamente assim. Aqui na universidade nós temos uma estrutura muito pequena também. Eu sou a segunda jornalista da universidade, que tem três campi. Só que aqui a gente já tem um pouco mais de estrutura. Tem os equipamentos - a gente tem máquina fotográfica, tem notebook, tem os computadores bons para a gente poder trabalhar -, coisas que a Prefeitura não oferecia. Embora tenha muitos desafios, a gente conseguiu aprovar o regimento do nosso setor. A gente tem um diálogo muito bom com a chefia, que é ligada diretamente à Reitoria. Eles escutam muito a gente, pedem opinião; não impõem as coisas. *“Eu quero que seja assim”*, eles não fazem isso. Eu acho que é isso. A gente faz as notícias, porque notícias é o que não falta. O nosso site é atualizado todos os dias. Uma queixa que eu tenho dessa parte é que a gente queria poder fazer mais coisas; a gente queria ter um boletim interno; a gente queria poder sair mais da nossa sala, do nosso ambiente, para poder correr atrás das notícias, conversar mais com as nossas fontes e professores. Isso é algo que a gente não consegue ainda, por conta da equipe ser muito pequena. Mas já é um ambiente de trabalho que eu considero muito melhor do que o meu anterior.

Entrevistadora: Você disse que na Prefeitura vocês tinha que fazer o que o prefeito queria, muitas vezes. Na Universidade, isso é diferente. Vocês não têm que fazer o que o reitor quer. Vocês se dão bem; eles escutam vocês. Como é essa relação?

Entrevistada: É muito raro o dia em que ele exige alguma coisa. *“Eu quero que isso seja publicado”*. Ele pergunta como está a nossa demanda daquele dia, o que a gente acha de divulgar determinada notícia. Por exemplo, o que sai no site da Andifes [Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior]. A gente acompanha pelo grupo dos comunicadores [whatsApp] e a gente tem essa liberdade para gerir o nosso conteúdo. Mas, às vezes, ele pede que algo específico que a gente não fez ou do dia anterior ou uma coisa que a gente considerou que não era próprio para a nossa realidade... ele às vezes pede para que seja publicado ou pede cobertura de algum evento específico que o responsável não fez solicitação. Mas é raridade, é raridade quando isso acontece. Eu acho que vem mais de pedidos de pessoas para ele e ele repassa para a gente. A impressão que a gente tem é mais essa.

Entrevistadora: Entendi! Como é a sua rotina de trabalho, atualmente? Eu queria que você descrevesse um dia típico de trabalho.

Entrevistada: Um dia típico de trabalho?

Entrevistadora: É! Você chega e o que você faz? Quais são as demandas que você tem no trabalho?

Entrevistada: Certo! Como eu te falei, somos duas jornalistas. Uma entra às sete, de sete ao meio dia. Esse é o nosso horário, digamos, mais oficial, porque a gente está lá o dia todo. A gente sempre fica mais tempo, porque sempre tem cobertura de evento à noite - esse tipo de coisa. Mas o acertado é: [uma jornalista] de sete ao meio dia e eu de meio-dia às cinco. Então, eu chego ao meio-dia. Elas, [a jornalista e a terceirizada], me passam o que aconteceu pela manhã. Eu acesso o e-mail da diretoria de comunicação, vejo as demandas do dia, o que chegou de novo, vejo o que ficou da semana anterior ou do dia anterior. Analiso se chegou algo novo que é mais importante que ficou do dia anterior. Em seguida, eu dou prosseguimento a alguns textos ou revisões de material que chegam para a gente divulgar. A gente faz atendimento também de público, de pessoas que chegam e conversam com a gente, para pedir cobertura de algum evento ou informação de como solicitar a divulgação de notícias. Tudo isso é a gente que faz também, jornalistas. Deixa eu ver o que mais. Tem as demandas de imprensa, que... Pelo menos nesses últimos dias, teve semanas que, como nossa equipe é pequena, a gente ficou só por conta de assessoria de imprensa, por conta dos cortes. Então nossas notícias ficaram um pouco acumuladas, porque a gente não conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo, porque correndo atrás de informações para passar para as redações dos jornais. É, em média, uns três contatos de assessoria, por semana. Eles ligam, pedem indicação de fontes, essas coisas. Também somos eu e a [a outra jornalista] que fazemos isso. Ela durante a manhã e eu durante a tarde. Tem as coberturas de eventos. A gente pede para que seja feito com 48 horas de antecedência, no mínimo. Então, se naquele dia tem evento, eu saio para cobrir também. É isso! Tem os retornos dos e-mails. É muita atividade ali dentro.

Entrevistadora: Quais são os canais que vocês têm? O site...?

Entrevistada: Tem os processos no SEI [Sistema Eletrônico de Informações] também - eu já estava esquecendo do SEI. Tem também a parte do SEI, que também somos nós que respondemos. Tem uma demanda administrativa que é grande, que sobrecarrega a gente e o nosso horário - que já é um pouco curto. Aí tem a nossa atualização do site, as coberturas de eventos e atendimento ao público. Acho que é basicamente isso que é feito todos os dias.

Entrevistadora: Vocês têm algum outro canal, além do site?

Entrevistada: Tem um perfil no Facebook, a página, que só compartilha as notícias do site. A gente não consegue produzir conteúdo específico para o Facebook ainda.

Entrevistadora: Entendi!

Entrevistada: Porque nós não temos também nenhum profissional da área visual, de designer, programador visual. Não tem nenhum. Então, ainda tem essa parte da produção dos banners, fotos - somos nós que editamos.

Entrevistadora: Vocês que fazem fotos também, quando vão aos eventos?

Entrevistada: Exatamente! Somos nós que fazemos. A gente faz a cobertura fotográfica, levamos o gravador. Enquanto a gente tira foto, o gravador grava o evento. Raramente, a gente consegue entrevistar as pessoas durante o evento, o que é muito ruim. Tanto eu quanto a [outra colega jornalista], a gente não gosta disso. Dá muito mais trabalho depois para escrever o texto, fazer a notícia. A gente tem que transcrever todo o áudio e acaba que foca muito mais na palestra, em quem compôs a mesa. Depois o pessoal faz o pedido e a gente está fazendo foto. É muito difícil a gente conseguir entrevistar pessoas em eventos.

Entrevistadora: O que você gosta no seu trabalho atual? O que mais te agrada?

Entrevistada: Eu vou ser bem sincera com você, Gabriela: quando eu entrei, eu estava bem mais motivada do que eu estou no momento, mas eu gosto muito, sim, do meu trabalho. Eu gosto da parte de revisar os textos, transformar as informações que chegam em notícias que sejam interessantes para o nosso público. Aqui a gente tem uma dificuldade muito grande que as pessoas confundem o que é divulgação da instituição, de programas e de projetos com a sua divulgação pessoalmente, que é algo que a gente tenta não fazer - promoção pessoal de professores, de pessoas da gestão. Chegam muitas notícias assim. “*Professor lançou livro assim, assado*”. Então, a gente tem que virar de cabeça para baixo as informações que chegam para se tornar uma notícia interessante. Então, acaba que é um desafio diário. Mas o que eu gosto mesmo é de fazer as notícias. Eu sou muito mais ligada nessa parte digital e eu queria poder me dedicar um pouco mais às redes sociais da Universidade. Agora, a gente está selecionando estagiários. Estamos com o plano de tentar conseguir criar o nosso canal no Instagram e poder alimentar com conteúdo específico. Mas é mais a parte das notícias o que me agrada mais de fazer.

Entrevistadora: O que te deixa mais estressada hoje com o seu trabalho, alguma coisa que te desagrada?

Entrevistada: O que me desagrada é a parte administrativa. Tem reuniões... Eu esqueci de mencionar também: a gente tem que ir nas reuniões. Tem reuniões que duram horas e

horas e eu vejo que não levam a lugar nenhum. Enquanto eu estou ali naquela reunião, está chegando novidade. Às vezes tem demanda de imprensa. E eu sinto que eu estou perdendo tempo. Então, essa parte administrativa era algo que eu imaginava... A menos que eu quisesse assumir um cargo de gestão, que fosse convidada, eu imaginava que era algo que não teria. Resposta de processo, tudo isso é uma coisa que me chateia um pouco.

Entrevistadora: Vocês hoje não têm um chefe no setor?

Entrevistada: Não. Nós não temos um chefe ainda dentro do setor. Não foi nomeado ninguém para ser o diretor de comunicação ainda, o que dificulta um pouco, porque todo mundo que chega lá, às vezes, para pedir alguma coisa. Tem alguns professores que pensam que podem mandar lá. Pessoas que às vezes auxiliam a reitoria em alguma coisa chegam e passam demandas, como se fossem da equipe. Quando a gente vai atrás do Reitor e do Vice-reitor para saber do que se trata aquilo, o que é aquilo, a gente vê que são ordens deles. As pessoas foram lá, conversaram com eles e eles “*Ah não! Passa para a Comunicação*”. Então, acontece muito isso também. Eles não nomearam ainda esse diretor, para ter uma conversa mais direta lá; e a gente fica um pouco perdida, sem saber o que fazer, diante de certas situações.

Entrevistadora: Mas são os gestores que procuram vocês dessa forma ou os professores, de uma maneira geral?

Entrevistada: Tem alguns professores, mas a maioria são gestores. Tem pró-reitora, tem professores, diretores de outras unidades que, às vezes, chegam lá com demandas que a gente nem imaginava e, quando vê, a gente tem que parar tudo o que a gente está fazendo para atender a pessoa.

Entrevistadora: Como se hierarquicamente eles estivessem acima do setor de vocês, é isso?

Entrevistada: Exatamente!

Entrevistadora: Com professores, de uma maneira geral, que não estão na gestão, os pesquisadores, como é a relação?

Entrevistada: Com a maioria nós temos um relacionamento muito bom. É bem amigável. Eles nos ajudam muito nas unidades, porque, às vezes, a gente não tem como sair e fazer entrevista pessoalmente, gravar, facilitar a vida deles. Muitas vezes a gente pede as informações por e-mail mesmo e eles respondem. Quando a gente tem mais de um evento para cobrir e não consegue cobrir o outro de alguém, aí eles conseguem fazer foto e mandam para a gente também o material para ser publicado. Então, nós temos nos

docentes e nos discentes muitas vezes (participante de algum projeto) parceiros da comunicação.

Entrevistadora: Com os servidores técnicos acontece o mesmo também?

Entrevistada: Sim! A maioria ajuda, porque eles convivem com a gente ali. Eles veem o quanto a equipe é pequena. Então, a maioria das pessoas compreende quando a gente fala “*Infelizmente, hoje, a gente não vai conseguir cobrir tal evento*” ou, então, “*a gente vai e faz uma foto e depois você envia as informações para a gente*”. A maioria entende. Nesse aspecto o relacionamento é bom.

Entrevistadora: Como é a sua relação dentro do setor? Você tem uma outra jornalista e uma assistente. Como é a relação entre vocês?

Entrevistada: A relação é muito boa. É de parceria mesmo. A [outra jornalista] está na Universidade desde 2012 e ela trabalhou até 2017 sozinha. Então, quando conseguiu mais uma vaga para jornalista, foi uma grande vitória e uma pessoa para ela dividir todas essas responsabilidades. Então, nosso relacionamento é de parceria. É muito bom.

Entrevistadora: E com o outro profissional que trabalha com vocês? Ela é assistente, né?

Entrevistada: Isso! Ela é nossa terceirizada. Ela está na Universidade há mais tempo ainda que a jornalista. Ela trabalhou na biblioteca e da biblioteca ela foi passada para o setor de comunicação, que, na época, quem era assessora era uma advogada que assumiu a comunicação da Universidade, o site e processos administrativos (uma comissão lá). Tinha um outro jornalista, que foi nomeado na época. Ela conta essa história. Esse jornalista foi exonerado. Aí foi quando a [jornalista atual] entrou. A [assistente terceirizada] ajuda muito a gente. Por exemplo, no nosso site tem a parte das notícias, tem uma agenda de evento e tem uma outra área de editais. Ela nos ajuda muito na alimentação da agenda dos editais. Ela, praticamente, faz sozinha - e não é um trabalho que deveria ser dela. É uma pessoa que está ali tem muito tempo e já conhece a dinâmica e o que está ao alcance dela ela consegue fazer.

Entrevistadora: Vocês têm relação com jornalistas de fora ou é uma relação mais de telefone e de solicitar fontes?

Entrevistada: Da imprensa que você fala?

Entrevistadora: Sim!

Entrevistada: É mais por telefone.

Entrevistadora: E como é essa relação? É complicada? Eles publicam muitas coisas que não deveriam publicar? Ou é uma relação tranquila?

Entrevistada: Não. É uma relação favorável até, porque aqui nós temos a [afiliada da Globo] perto e tem a [afiliada do SBT] e tem também Record. Então, a gente já sabe o tipo de assunto que eles compram a pauta ou não. Então, quando as pessoas dizem “*manda para a imprensa para ver se eles vêm cobrir e tal*”, a gente avisa: “*esse evento, geralmente, não cobre*”. Mas a gente envia. Se interessar... Pode ser que eles estejam sem pauta ou algo caiu e eles entram em contato com a gente. Mas sempre tem inauguração de prédio, prestação de serviço. Coisas novas acontecendo, a gente manda para eles e eles, na maioria das vezes, atendem e veem cobrir, principalmente a [afiliada da Globo]. Nós temos [dois jornalistas], que fizeram mestrado na universidade. Então, eles conhecem a universidade e conhecem, mais ou menos, as áreas em que podem buscar fontes (professores). O nosso reitor também, acho que ele foi até professor de um dos repórteres de lá. Aqui tem um mestrado [em história] que atrai muito o pessoal de Comunicação da região. Então, tem um relacionamento bom. Eles nos procuram também para ter uma fonte especialista. Nós somos quase sempre a primeira opção deles na região, porque, aqui perto, de universidade pública, nós temos outra universidade e só. Depois, se eles não conseguem com a gente alguma fonte especialista para o assunto que está sendo abordado na notícia, aí que eles buscam com pesquisadores das particulares da região.

Entrevistadora: Trabalhando na Universidade, você se considera uma jornalista?

Entrevistada: Alô!?

Entrevistada: Oi. Aqui sumiu um pouquinho.

Entrevistadora: Pronto! Com esse trabalho que você desempenha na Universidade, você se considera uma jornalista?

Entrevistada: 50% jornalista. Não é total jornalista, não. A dificuldade que é para a gente entrevistar e cobrir um evento, isso tudo faz parte da composição da notícia. E tem a parte administrativa, que acaba que ocupa uma boa parte da nossa carga horária. Mas, sim. Me considero, em parte, jornalista. Não sou uma jornalista 100%.

Entrevistadora: Você acha que o assessor de imprensa é jornalista?

Entrevistada: Oi?

Entrevistadora: Você acha que o assessor de imprensa é jornalista?

Entrevistada: Sim! É, sim. É uma das áreas que a gente mais atua aqui também. A gente não tem como dividir em quem vai atuar só com notícias e quem vai fazer só *releases* e contato com a imprensa. Nós fazemos as duas coisas.

Entrevistadora: Falando de uma maneira geral, você considera que um assessor de imprensa é um jornalista?

Entrevistada: Considero! Ele é um jornalista.

Entrevistadora: Por que você considera isso?

Entrevistada: Nossa! Essa é uma discussão desde a época da graduação, né? O assessor de imprensa... Esse é um assunto sempre tão complicado. Mas o assessor de imprensa faz uma outra parte do jornalismo, na minha visão. Por quê? Nós que trabalhamos em Universidade, se a gente for ver, nós temos muito mais o papel de assessor de comunicação; não vou falar só de imprensa, para tentar englobar toda essa parte de produção de notícias, de alimentação de redes sociais, de contato com imprensa e redação. Tudo isso faz parte do nosso dia a dia. Um jornalista de redação só lida com as notícias. Um assessor de imprensa mesmo é responsável por coletar dados e identificar o que é de interesse para ser visto, para quem ele representa ser visto. Na minha opinião, isso também faz parte do trabalho do jornalista, sim. Então, é um outro lado. O jornalista de redação faz isso sem ter que representar uma instituição. É ele que fica com um pouco mais de poder nas mãos, de decisão. Mas o assessor de imprensa, para mim, é jornalista, sim. Ele tem um trabalho tão expressivo quanto um jornalista de redação.

Entrevistadora: Hoje, na atuação que você tem hoje, você se considera mais jornalista, mais assessora de imprensa, mais servidora pública, mais divulgadora da ciência? Você se considera mais o quê?

Entrevistada: Hoje, eu me considero mais assessora de comunicação.

Entrevistadora: Por que você se considera mais assessora?

Entrevistada: Pela falta de ida a campo mesmo. Nós fazemos uma comunicação muito mais reativa do que proativa. A gente depende das informações chegarem até o setor e tem a parte de auxiliar na gestão. Nosso reitor pede muita opinião a respeito de como se comportar em entrevistas. Sempre que surge alguma crise... Aqui, nós estamos com problemas de alunos que estão se suicidando. Então, tudo isso faz parte do nosso trabalho, toda essa gestão, esse auxílio. Então, é muito mais um assessor do que um jornalista, propriamente dito. A gente se divide entre essas duas tarefas.

Entrevistadora: E para quem você escreve, quando você escreve algum texto? Quem é o público?

Entrevistada: Quando eu escrevo, para o site?

Entrevistadora: Sim.

Entrevistada: Para o site, a gente escreve direto para o público externo.

Entrevistadora: E você passa por alguma situação de ter que mostrar o texto para alguma pessoa, fora a [outra jornalista]? Antes de publicar, tem esse tipo de pedido para vocês?

Entrevistada: Raramente! Normalmente, a gente não mostra; só se a gente estiver com alguma dúvida a respeito de algum assunto, por exemplo, alguma pesquisa ou algo do tipo. Mas nesse um ano e meio que eu estou aqui, eu devo ter mandado meu texto para a fonte, no máximo, uma ou duas vezes - nem me lembro.

Entrevistadora: E quando é com a gestão? Eles solicitam muito o texto, para ver antes?

Entrevistada: Notas públicas: essas são enviadas para a reitoria aprovar.

Entrevistadora: Mas vocês já encaram isso como natural: enviar essas notas para eles aprovarem?

Entrevistada: É. O vice-reitor e o reitor são a nossa chefia, né? Então, tendo o aval deles... Ainda mais porque a gente não tinha uma regulamentação, um regimento. Essa semana, nós aprovamos também nossa linha editorial do site, o que também já foi uma grande vitória. Mas a gente tem que enviar para eles, porque é o posicionamento deles. Muitas vezes, eles pedem para a gente escrever em nome deles. Eles passam, mais ou menos, a mensagem que o texto precisa passar; a gente escreve, para ele aprovar - o que não é muito legal, mas a gente faz. Já é da cultura da Universidade ser desse jeito; está enraizado já.

Entrevistadora: O que você fala? Você escreverem o texto?

Entrevistada: É, escrever como se fosse uma outra pessoa; representando a reitoria, por exemplo.

Entrevistadora: Entendi!

Entrevistadora: Vocês têm o regimento interno, mas não têm orientações aprovadas, por escrito, de como vai ser a cobertura e do que vai para o portal, né?

Entrevistado: Nós aprovamos na semana passada a portaria da linha editorial do nosso site.

Entrevistadora: Ah tá! Foi aprovada, então?

Entrevistada: Foi, foi aprovada. Nosso novo site entrou no ar em novembro, aí ficou em trâmite esse tempo todo a linha editorial nova. Aí, agora, conseguimos aprovar.

Entrevistadora: Já está disponível no site?

Entrevistada: Ainda não está disponível. Vai ser publicado com o site novo.

Entrevistadora: Entendi, entendi. Esses direcionamentos foram tirados da prática de vocês. Foi você e [a outra jornalista] que...?

Entrevistada: Escrevemos. Foi! Nós duas escrevemos juntas, tanto o regimento quanto a linha editorial. Aí passou por algumas pequenas correções - quase não teve alterações - pela nossa chefia, pela reitoria.

Entrevistadora: Até então, as negociações que vocês fazem sobre “*vamos cobrir isso ou não vamos?*”, “*vamos publicar isso no outro dia ou não vamos?*”, é caso a caso que vocês têm feito?

Entrevistada: Caso a caso! Exatamente. É preciso discutir, principalmente quando vem um pedido que não é formalizado pelo nosso formulário ou pelo nosso e-mail, quando não chega diretamente para a gente. Quando chega, a gente administra internamente e resolve se vai ou se não vai e como vai ser feito. Agora, quando chega por meio de telefonemas, da chefia, a gente tem que conversar com eles. Aí é caso a caso.

Entrevistadora: Como é que vocês negociam, muitas vezes, essa vontade do que as pessoas querem ver publicado com o que vocês acham que é o trabalho do jornalista?

Entrevistada: É por meio de conversa mesmo. A gente vai tentando mostrar o que é mais importante para a instituição, para divulgar o trabalho ou o serviço. A gente tenta mostrar. Essas conversas, quando é um pedido que a gente considera que não propósito e é algo que não tem necessidade de ser publicado ou de ter cobertura, e eles insistem, a gente tenta mostrar que aquilo não é interessante para o nosso público. É por meio de conversa, são argumentos que a gente tem que usar. Muitas conversas acontecem por WhatsApp também. Nem sempre é só por telefone. Eles nos chamam na sala deles. Muita coisa acontece pelo WhatsApp.

Entrevistadora: Vocês vão tentando argumentar: algumas vezes dá certo e outras, não.

Entrevistada: Exatamente!

Entrevistadora: Outras vocês acabam tendo que ceder mesmo.

Entrevistada: É, algumas vezes a gente tem que ceder.

Entrevistadora: Isso acontece mais com a gestão ou com os professores, em geral?

Entrevistada: Mais com a gestão.

Entrevistadora: Com os professores, como você falou, é mais tranquilo?

Entrevistada: Com os professores é mais tranquilo. Como as meninas já estão há mais tempo, elas já conhecem muitos professores e já sabe como lidar com determinada pessoa. A gente já sabe um pouquinho. “*Com essa professora a gente tem que fazer de tal forma*”, “*esse outro é mais tranquilo*”. Então, a gente consegue lidar com as solicitações de uma forma mais prática, eu acho.

Entrevistadora: A equipe de vocês é pequena, composta de mulheres e jovens, e vocês não são professoras - são jornalistas. Vocês já perceberam algum tipo de preconceito de serem mulheres, não serem professoras, por serem jovens? Há alguma situação dessas de gente querendo usar de autoridade com vocês por esses motivos?

Entrevistada: Olha, pelas minhas colegas, eu não tenho como responder isso, mas, por mim, sim. Eu já percebi. Eu tinha acabado de completar 28 anos e as pessoas me tratam - principalmente, os mais velhos, os professores - como se eu fosse aluna deles. É perceptível. A gente fica até sem acreditar. Uma pessoa, aprovada em concurso público, que está ali, tem toda uma formação e eles encaram a gente como *“Não! Você tem que fazer assim”* ou *“Isso não é dessa forma que você vai divulgar. Você precisa divulgar assim”*. Só que eu não faço. Eu faço do jeito que eu acredito que é o certo. Só que muitas gente a gente tem que *“engolir seco”*, porque, senão, você acaba discutindo com a pessoa. Mas eu já passei por situações assim, sim, pelo fato de ser mulher e de ser jovem.

Entrevistadora: Você acha que pelo fato de não ser professora também? Você acha que se você fosse professora eles já falaria mais de igual para igual ou mesmo sendo professora, sendo mulher e sendo jovem tem isso?

Entrevistada: Ai, não sei, porque tem toda essa diferença ali. Por exemplo, aqui tem uma cultura de que professor tem que ser chamado de *“professor”* na conversa. Você está conversando com a pessoa... Tem muitos professores que são jovens, que estão aqui na universidade, que a gente vê que eles chegam e estranham esse comportamento, porque parece que técnico e terceirizado têm uma subordinação muito grande em relação aos docentes. Eu noto isso. Eu estou aqui há um ano e meio e eu entrei e eu já fiquei assustada. Você se dirige às pessoas pelo nome, exceto se forem mais velhas, aí tem toda uma consideração, um respeito muito grande. Mas um pró-reitor, que é um pouco mais velho que eu, eu ficar tratando ele tão formalmente? Às vezes, eu sinto que isso é até afasta; o relacionamento fica muito distante. Eu não ser professora, não sei se mudaria. Não sei! Sinceramente, eu não sei. Por exemplo, se eu tivesse um mestrado, um doutorado e atuasse como técnica, mais ou menos isso? Ou se eu fosse, realmente, professora, e não fosse técnico administrativo em educação?

Entrevistadora: Se você fosse professora mesmo.

Entrevistada: Eu acredito que não teria muita diferença no tratamento, não. Eu acredito que as professoras jovens, em relação aos professores mais antigos da instituição, também sofrem esse tipo de ação, de serem consideradas um pouco mais *“insuficientes”*. Parece que a gente não tem experiência, que a gente não tem pulso. Eu vejo muito isso. Aqui é

uma Universidade que tem mais de cem anos e ela tem uma cultura muito engessada ainda.

Entrevistadora: É por que é uma Universidade que tem uma formação mais recente como universidade, mas já existia, né?

Entrevistada: É, exatamente! Ela foi transformada em Universidade recente. A maioria dos cursos são novos. Ainda está se formando uma cultura, só que está todo mundo herdando algo que já acontecia antes, que tinha os cursos - que são mais antigos. Esses professores que compõem o Conselho Universitário. Muita coisa mudou com a mudança da gestão, no ano passado, mas eu percebo que tem, sim, esse tratamento diferenciado entre mulheres, jovens, principalmente as mulheres mais jovens.

Entrevistadora: Entendi! É porque a formação da Universidade é nova, mas a cultura é antiga, né? Ela vem desde...

Entrevistado: A cultura é antiga, exatamente!

Entrevistadora: Hoje, vocês não têm um chefe, mas tem uma pessoa de referência dentro do seu grupo de trabalho? Você acha que é a [outra jornalista]? Por exemplo: quando vocês têm alguma situação para resolver você pergunta a quem ou você debate com quem?

Entrevistada: É, ela responde pelo setor. É mais ela, por ter mais tempo de instituição. O patrimônio todo é no nome dela. Muitas das reuniões, normalmente, quem vai - a menos que seja no meu horário... a maioria das reuniões são agendadas com ela. Então, ela responde mais pelo setor do que eu.

Entrevistadora: Quando você tem dúvida sobre uma cobertura, sobre uma pauta, você conversa com ela?

Entrevistada: Converso!

Entrevistadora: Mas acontece a troca também: ela também conversa com você e vocês discutem isso?

Entrevistada: Sim! A gente decide muitas coisas juntas. A gente troca muita opinião uma com a outra.

Entrevistadora: Em uma situação de alguma cobertura polêmica - não sei se você já chegou a passar -, mas que tenha interesses divergentes dentro da mesma universidade ou, então, uma situação em que a universidade pode ficar com a imagem manchada, como você costuma se posicionar ou atuar?

Entrevistada: Aqui ainda não passei por uma situação assim. Desde que eu entrei, não teve nenhum evento com esse tipo de repercussão, mas quando eu identifico -

principalmente, contato da imprensa - algo que pode prejudicar, eu converso com a chefia - com o Reitor - para pedir o respaldo dele e ver se ele concorda comigo. Na maioria das vezes, eles nos escutam, porque a gente tem uma visão um pouco melhor de como isso vai ser abordado na mídia, e decidimos juntos que resposta dar ou como negar. Foram algumas situações que eu passei: foi mais com a imprensa. No ano passado, no período eleitoral, nós tivemos também algumas medidas de eventos que não poderiam ser publicadas, devido à restrição do período, mas tudo foi conversado com a chefia.

Entrevistadora: Entendi! Eu acredito que tenham algumas diferenças em relação aos outros servidores públicos da Universidade, né? Quais são as diferenças que você percebe na atuação do jornalista da Universidade, em comparação com os outros servidores públicos de outras áreas?

Entrevistada: De outras áreas?

Entrevistadora: É!

Entrevistada: Como assim? Me dê um exemplo.

Entrevistadora: Outros técnicos administrativos.

Entrevistada: A atuação nas diferentes áreas dos técnicos?

Entrevistadora: Isso! Você acha que para o jornalista a diferença é só a carga horária? Vocês acham que têm mais responsabilidade por lidar com informação?

Entrevistada: Certo! Eu não conheço ainda todos os setores, mas o que eu percebo é que na comunicação nós temos uma regra de responsabilidade um pouco maior que os demais técnicos que estão na mesma situação que a gente, de não gestor. Como a gente não tem uma chefia ali dentro... A reitoria não fica nem próxima do lugar onde a gente fica. Para você conversar com o Reitor ou com o Vice-reitor, normalmente, você tem que marcar um horário ou então mandar um WhatsApp e tentar resolver por ali. Então, a gente tem que assumir, às vezes, responsabilidades que não seriam nossas, que seriam de um gestor e que, na verdade, nós não somos gestores. Eu não vejo muito isso nos setores que eu já conheço, por exemplo, gestão de pessoas, administração, planejamento. Eu vejo que os técnicos ali, que são apenas técnicos, e que não têm um cargo de direção ou uma função gratificada, eles não têm essa carga de responsabilidade que nós temos.

Entrevistadora: Na Universidade de vocês, os gestores podem ser professores ou técnicos? É bem misturado?

Entrevistada: Sim. Inclusive o nosso pró-reitor de planejamento é técnico, é economista. Nosso pró-reitor adjunto de administração também é técnico.

Entrevistadora: Não há um predomínio dos professores, né?

Entrevistada: A maioria são professores. Tem um ou outro técnico. Eu percebi que de uma gestão para outra não mudou: estão nas áreas de administração, de TI e de planejamento - prevalecem técnicos do que professores.

Entrevistadora: Entendi! Qual foi a última capacitação que você fez? Foi a pós-graduação?

Entrevistada: Isso! Foi a minha pós-graduação. No momento, eu faço inglês.

Entrevistadora: Você, hoje, é sindicalizada?

Entrevistada: “Fiscalizada”?

Entrevistadora: “Sindicalizada”.

Entrevistada: “Sindicalizada!”. Não tinha entendido. Não!

Entrevistadora: Nem ao Sindicato dos Jornalistas, nem ao dos Servidores?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Mas já foi em algum momento?

Entrevistada: Não. Eu não participei ainda de nenhuma reunião do sindicato aqui dos servidores.

Entrevistadora: E também nunca foi do Sindicato dos Jornalistas?

Entrevistada: Não!

Entrevistadora: Por algum motivo específico? Você acha que eles não atendem as reivindicações dos jornalistas? Você nunca teve interesse?

Entrevistada: Falta um pouco de interesse, sim, da minha parte, confesso. Aqui, no caso da universidade, eu recebo as informações por e-mail, os informativos, os dias das reuniões. Só que, normalmente, as reuniões... Eles até fazem algumas ações com advogados, só que são sempre em horários que a gente não consegue participar. Talvez seja mais por isso que eu não esteja sindicalizada.

Entrevistadora: Entendi! Pois era isso. Eu agradeço a sua participação e a disponibilidade para contribuir com a pesquisa.

Entrevistada: Que bom! Espero ter ajudado de alguma forma. Deixa eu te perguntar: na sua dissertação, você vai citar nosso nome completo? Como vai ser?

Entrevistadora: Não, não! Os nomes não vão ser identificados. Provavelmente, vão ter nomes, até para “pessoalizar” mais, mas vão ser nomes fictícios.

Entrevistada: Por favor! Como eu estou em estágio probatório ainda, a gente fica com um pouco de receio de alguma coisa que a gente tenha falado chegar no ouvido de gestores. Então, é um pouco preocupante. Mas eu fico feliz em contribuir, porque eu acho importante a gente falar como é a nossa realidade.

Entrevistadora: Inclusive, a ideia de nomes fictícios para pessoas, como para a própria universidade, porque, às vezes, pode ter alguma identificação pela universidade que a pessoa trabalha.

Entrevistadora: Porque tem equipes muito reduzidas.

Entrevistada: Aqui é muito reduzida. Está bom! Qualquer coisa que você precisar a mais, Gabriela, estou à disposição. Você pode me mandar um WhatsApp, está certo?

Entrevistadora: Está certo, então. Obrigada, tá? Bom dia!

Entrevistada: Tchau e boa pesquisa.